



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 9 - Nono levantamento | **JUNHO 2016**



Presidente da República

Michel Temer (interino)

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Arno Jerke Júnior

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Arno Jerke Júnior (interino)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 9 - Nono levantamento | **JUNHO 2016**

Monitoramento agrícola – Safra 2015/16

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 9 Safra 2015/16 - Nono levantamento, Brasília, p. 1-178, junho 2016.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-6852

Tiragem: 50

Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)

Rogério Dias Coimbra (Geint)

Leonardo Amazonas (Geole -soja)

André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)

Danielle Barros Ferreira (Inmet)

João Marcelo Brito Alves (Geint)

Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)

Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)

Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)

Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)

João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)

Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)

Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Barbosa, Paulo Cláudio Machado Júnior, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com/> Marisson de Melo Marinho

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário



1. Resumo executivo	08
----------------------------	-----------



2. Introdução	10
----------------------	-----------



3. Estimativa de área plantada	12
---------------------------------------	-----------



4. Estimativa de produtividade	15
---------------------------------------	-----------



5. Estimativa de produção	17
----------------------------------	-----------



6. Crédito rural	20
-------------------------	-----------



7. Monitoramento agrícola	44
----------------------------------	-----------



8. Análise das culturas	70
--------------------------------	-----------

8.1. Culturas de verão	70
------------------------	----

8.1.1. Algodão	70
----------------	----

8.1.2. Amendoim	77
-----------------	----

8.1.3. Arroz-----	81
8.1.4. Feijão -----	88
8.1.5. Girassol -----	107
8.1.6. Mamona -----	110
8.1.7. Milho -----	112
8.1.8. Soja-----	123
8.1.9. Sorgo-----	133
8.2. Culturas de inverno-----	136
8.2.1. Aveia -----	136
8.2.2. Canola-----	138
8.2.3. Centeio-----	139
8.2.4. Cevada -----	141
8.2.5. Trigo-----	142
8.2.6. Triticale-----	147



9. Balanço de oferta e demanda----- 149



10. Preços ----- 151



11. Câmbio ----- 159



12. Exportação e importação -----161





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRAS 2015/2016

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 196,5 milhões de toneladas. Redução de 5,4% em relação à 2014/15, mas ainda superior a safra 2013/14 (193,6 milhões de toneladas).

A área plantada prevista é de 58,17 milhões de hectares, crescimento previsto de 0,4% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pelo decréscimo de área na Região Norte/Nordeste, e queda de produtividade, afetada pelo estresse hídrico e altas temperaturas. A produção deve ser a menor das últimas duas safras, mas ainda superior à safra 2012/13.

Amendoim: a estimativa é de crescimento da área em relação a 2014/15, impulsionado pelo aumento significativo da área plantada em São Paulo. Aumento na produtividade média e na produção total.

Arroz: houve redução na área plantada em quase todos os estados produtores e o excesso de chuvas ocasionou plantio fora da janela ideal e baixa luminosidade, refletindo em queda de produtividade na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul. Produção inferior à obtida em 2014/15.

Feijão: redução na área e na produção das culturas de primeira e segunda safras. Para a terceira safra, estima-se área semelhante à cultivada na safra anterior. Plantio ainda em andamento.

Mamona: estimativa de queda na produção, sobretudo em função do menor plantio na Bahia, maior estado produtor. Eram aguardados um expressivo aumento de área em relação à safra anterior, no entanto, a baixa incidência de chuvas e a falta de sementes desestimularam os produtores.

Milho: consolidou-se a queda de área e de produtividade no milho primeira safra, refletindo na redução de 3,85 milhões de toneladas na produção em relação à safra 2014/15. Entre as safras 2006/07 e 2012/13 a produção de milho primeira safra esteve acima dos 33 milhões de toneladas. A queda consecutiva nas últimas três safras é reflexo do aumento no plantio de soja, fazendo com que a safra de milho fosse concentrada no segundo período, após a colheita da soja. Para o milho segunda safra, apesar do ganho de área

(7,6%), a queda de produtividade em função do estresse hídrico em abril impactou a produção, redução de 8,4%. A produção total (milho primeira e segunda safras) deve ser de 76,2 milhões de toneladas na atual safra, mas no mesmo patamar da safra 2013/14.

Soja: houve atraso no plantio em diversos estados e também veranico, o que impactou a produtividade média, inferior à safra passada. Mesmo com ganho de área, a safra 2015/16, estimada em 95,6 milhões de toneladas, é inferior em 0,6% à safra 2014/15. A redução de 0,13% em relação ao levantamento anterior é resultado das condições climáticas desfavoráveis no Matopiba e término da colheita na maior parte dos estados produtores.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de verão de primeira safra, que se encontram na fase final de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela

Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral, e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Desta maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,17 MILHÕES DE HECTARES)

Para o nono levantamento da safra brasileira de grãos, a estimativa é de que a área plantada alcance 58,17 milhões de hectares (Tabela 1). No total, representará 0,4% de aumento, que equivale a 243,9 mil hectares, frente à safra passada, que chegou a 57,93 milhões de hectares.

A cultura da soja, responsável por 57% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento de 3,4%, passando de 32.092,9 mil hectares cultivados em 2014/15, para 33.176,9 milhões na atual safra. O algodão apresenta redução de 1,8%, estimada em 958,5 mil hectares. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a área foi reduzida em 11%, posicionando-se em 5,47 milhões de hectares. Para o milho segunda safra a expectativa é de aumento de área de 7,6% (628,6 mil hectares), totalizando 10,28 milhões de hectares. A área do feijão apresentou redução de 8,9%, situando-se em 959,9 mil hectares. O feijão segunda safra apresenta redução de 0,8%, passando para 1.308,3 mil hectares, já o feijão terceira safra apresenta redução de 0,4%, estimada em 665,9 mil hectares.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

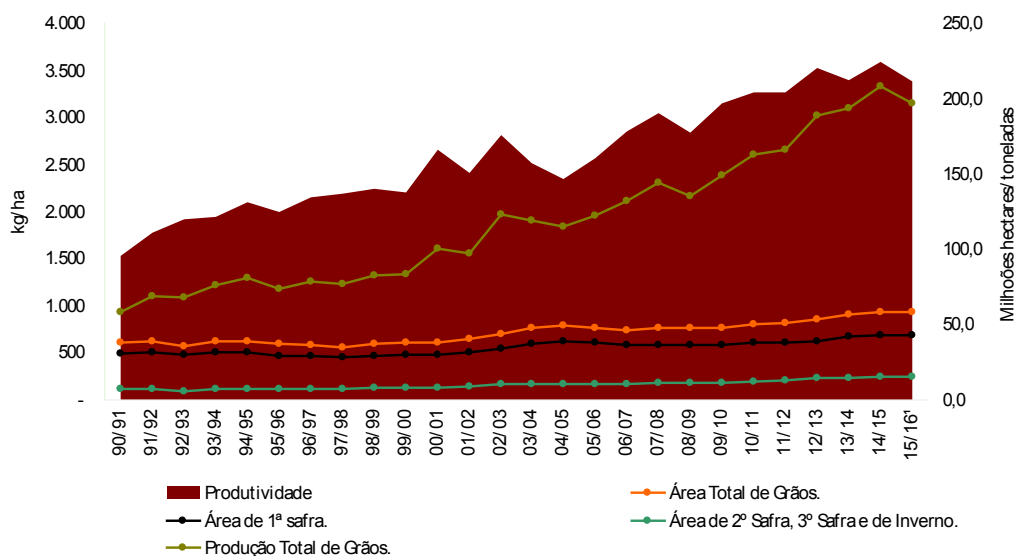
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	MAI/2016 (c)	JUN/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	960,4	958,5	(1,8)	(17,7)
AMENDOIM TOTAL	108,9	121,0	121,3	11,4	12,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	110,1	110,5	13,1	12,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	10,9	10,8	(3,6)	(0,4)
ARROZ	2.295,1	2.000,1	1.978,1	(13,8)	(317,0)
FEIJÃO TOTAL	3.040,0	3.030,0	2.934,1	(3,5)	(105,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	976,2	959,9	(8,9)	(93,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.341,6	1.308,3	(0,8)	(10,2)
FEIJÃO 3ª SAFRA	668,3	712,2	665,9	(0,4)	(2,4)
GIRASSOL	111,5	42,5	41,1	(63,1)	(70,4)
MAMONA	82,1	72,0	65,4	(20,3)	(16,7)
MILHO TOTAL	15.692,9	15.655,1	15.746,5	0,3	53,6
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.488,8	5.467,3	(11,0)	(675,0)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	10.166,3	10.279,2	7,6	728,6
SOJA	32.092,9	33.082,3	33.176,9	3,4	1.084,0
SORGO	722,6	640,0	610,1	(15,6)	(112,5)
SUBTOTAL	55.122,2	55.603,4	55.632,0	0,9	509,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	MAI/2016 (c)	JUN2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	261,5	261,8	38,2	72,3
CANOLA	44,4	42,4	45,3	2,0	0,9
CENTEIO	1,7	1,6	1,6	(5,9)	(0,1)
CEVADA	102,4	95,2	94,8	(7,4)	(7,6)
TRIGO	2.448,8	2.103,0	2.119,7	(13,4)	(329,1)
TRITICALE	21,5	20,9	19,2	(10,7)	(2,3)
SUBTOTAL	2.808,3	2.524,6	2.542,4	(9,5)	(265,9)
BRASIL	57.930,5	58.128,0	58.174,4	0,4	243,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2016.

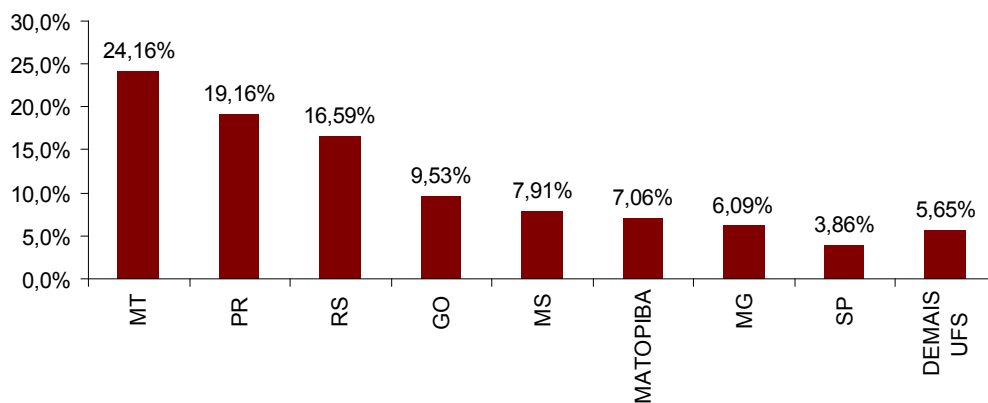


Grafico 1 – Área, produtividade , produção total de grãos (absoluto)



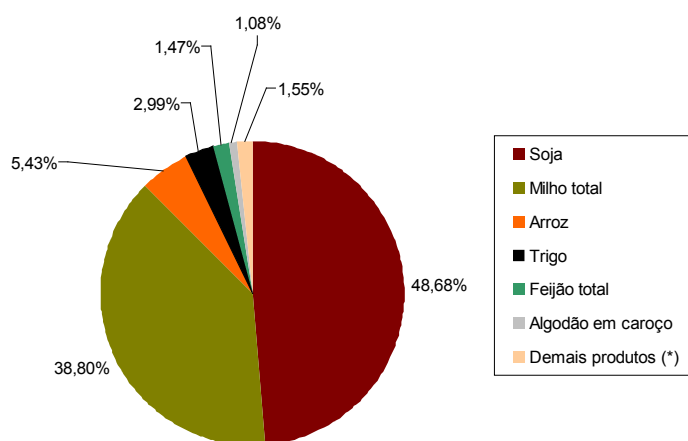
Fonte: Conab.

Grafico 2 – Brasil - Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Grafico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto



Fonte: Conab.





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A Conab utiliza metodologia estatística baseada em séries temporais para estimar a produtividade das culturas que ainda se encontram em fase de plantio, tendo em vista a escassez de informações de campo, especificamente para as culturas de segunda safra. Nas culturas que se encontram em desenvolvimento/colheita são levadas em consideração as informações de produtividades apuradas nos trabalhos de campo, no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado auxilia na redução de riscos e no aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento, a estimativa é de que a produtividade seja superior à safra passada.

Para as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) e feijão terceira safra, tendo em vista que o plantio se inicia a partir de meados de abril e término em junho, as estimativas de produtividade permanecem aquelas calculadas na metodologia estatística, lembrando que esses valores são sobrepostos, com os pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	MAI/2016 (c)	JUN2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.406	2.255	2.212	(8,1)	(194,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.501	1.472	(8,1)	(129,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.389	3.380	6,2	197,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.505	3.517	7,6	249,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.499	5.388	(0,6)	(30,7)
FEIJÃO TOTAL	1.025	1.050	997	(2,7)	(27,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.153	1.073	(0,1)	(1,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	858	877	782	(8,9)	(76,4)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.276	1.237	1.311	2,8	35,6
GIRASSOL	1.374	1.474	1.503	9,4	129,7
MAMONA	573	581	533	(7,0)	(40,3)
MILHO TOTAL	5.396	5.107	4.841	(10,3)	(555,0)
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.928	4.797	(2,0)	(100,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.716	5.204	4.864	(14,9)	(852,2)
SOJA	2.998	2.929	2.882	(3,9)	(116,0)
SORGO	2.844	2.733	2.372	(16,6)	(472,1)
SUBTOTAL	3.654	3.515	3.407	(6,8)	(247,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	MAI/2016 (c)	JUN2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	2.507	2.506	35,2	653,0
CANOLA	1.236	1.531	1.530	23,8	294,0
CENTEIO	1.706	2.063	2.063	20,9	357,0
CEVADA	2.568	3.300	3.291	28,2	723,0
TRIGO	2.260	2.770	2.775	22,8	515,0
TRITICALE	2.647	2.679	2.719	2,7	72,0
SUBTOTAL	2.230	2.741	2.744	23,0	514,0
BRASIL ⁽²⁾	3.585	3.482	3.378	(5,8)	(207,0)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2016





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (196,5 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa para a produção brasileira de grãos é de que alcance 196,5 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse decréscimo equivale a 5,4% ou 11,2 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 207,7 milhões de toneladas (Tabela 3).

As culturas de milho de primeira e segunda safras, apresentam as maiores reduções absolutas, o milho primeira safra, com menos 3,85 milhões de toneladas, e o de segunda safra com retração de 4,6 milhões de toneladas.

Para as demais culturas, exceção das culturas de inverno a estimativa também é de queda na produção, impulsionada pela redução na área de plantio e, principalmente das adversidades climáticas, como estiagens prolongadas, e às altas temperaturas durante o ciclo das culturas.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	MAI/2016 (c)	JUN2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.348,6	2.165,4	2.119,9	(9,7)	(228,7)
ALGODÃO EM PLUMA	1.562,8	1.441,1	1.411,1	(9,7)	(151,7)
AMENDOIM TOTAL	346,8	410,0	410,1	18,3	63,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	385,9	388,7	21,7	69,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	24,1	21,4	(22,2)	(6,1)
ARROZ	12.436,1	10.998,1	10.657,4	(14,3)	(1.778,7)
FEIJÃO TOTAL	3.115,3	3.182,7	2.925,7	(6,1)	(189,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.125,1	1.030,0	(9,0)	(101,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.131,1	1.175,9	1.022,5	(9,6)	(108,6)
FEIJÃO 3ª SAFRA	852,5	881,3	873,3	2,4	20,8
GIRASSOL	153,2	62,6	61,8	(59,7)	(91,4)
MAMONA	47,0	41,8	34,8	(26,0)	(12,2)
MILHO TOTAL	84.672,4	79.955,2	76.223,0	(10,0)	(8.449,4)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	27.046,6	26.227,3	(12,8)	(3.854,7)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	52.908,2	49.995,5	(8,4)	(4.595,0)
SOJA	96.228,0	96.905,1	95.630,9	(0,6)	(597,1)
SORGO	2.055,3	1.748,7	1.447,4	(29,6)	(607,9)
SUBTOTAL	201.402,7	195.468,8	189.510,9	(5,9)	(11.891,8)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	MAI/2016 (c)	JUN2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	655,5	656,2	86,8	305,0
CANOLA	54,9	64,9	69,3	26,2	14,4
CENTEIO	2,9	3,3	3,3	13,8	0,4
CEVADA	263,0	314,2	312,0	18,6	49,0
TRIGO	5.534,9	5.825,5	5.882,2	6,3	347,3
TRITICALE	56,9	56,0	52,2	(8,3)	(4,7)
SUBTOTAL	6.263,8	6.919,4	6.975,2	11,4	711,4
BRASIL ²	207.666,5	202.388,2	196.486,1	(5,4)	(11.180,4)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.498,3	0,3	3.205	2.777	(13,4)	7.979,2	6.936,6	(13,1)
RR	44,7	38,9	(13,0)	3.559	3.910	9,9	159,1	152,1	(4,4)
RO	463,3	468,4	1,1	3.295	3.301	0,2	1.526,8	1.546,3	1,3
AC	55,5	52,0	(6,3)	1.953	2.108	7,9	108,4	109,6	1,1
AM	24,4	11,4	(53,3)	2.148	1.912	(11,0)	52,4	21,8	(58,4)
AP	5,0	5,0	-	880	960	9,1	4,4	4,8	9,1
PA	648,9	712,3	9,8	2.947	3.026	2,7	1.912,3	2.155,1	12,7
TO	1.248,0	1.210,3	(3,0)	3.378	2.435	(27,9)	4.215,8	2.946,9	(30,1)
NORDESTE	8.120,7	7.535,6	(7,2)	2.049	1.488	(27,4)	16.643,2	11.213,5	(32,6)
MA	1.728,7	1.368,8	(20,8)	2.392	1.883	(21,3)	4.134,2	2.577,2	(37,7)
PI	1.410,6	1.371,4	(2,8)	2.222	1.136	(48,9)	3.134,3	1.558,1	(50,3)
CE	907,7	866,4	(4,5)	336	461	37,1	304,8	399,1	30,9
RN	59,3	68,2	15,0	373	365	(2,1)	22,1	24,9	12,7
PB	122,9	180,8	47,1	299	454	51,9	36,8	82,1	123,1
PE	460,1	461,9	0,4	320	318	(0,5)	147,4	147,0	(0,3)
AL	79,9	88,7	11,0	841	755	(10,2)	67,2	67,0	(0,3)
SE	214,8	216,9	1,0	3.389	3.125	(7,8)	728,0	677,8	(6,9)
BA	3.136,7	2.912,5	(7,1)	2.572	1.950	(24,2)	8.068,4	5.680,3	(29,6)
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.370,5	2,2	3.855	3.521	(8,7)	88.167,1	82.282,7	(6,7)
MT	13.586,9	13.810,9	1,6	3.803	3.437	(9,6)	51.670,2	47.462,1	(8,1)
MS	4.043,7	4.209,5	4,1	4.150	3.691	(11,1)	16.782,4	15.538,1	(7,4)
GO	5.100,4	5.191,6	1,8	3.718	3.606	(3,0)	18.961,2	18.721,5	(1,3)
DF	142,4	158,5	11,3	5.290	3.539	(33,1)	753,3	561,0	(25,5)
SUDESTE	5.105,3	5.252,0	2,9	3.772	3.738	(0,9)	19.257,4	19.632,4	1,9
MG	3.227,1	3.261,5	1,1	3.662	3.678	0,4	11.818,8	11.995,4	1,5
ES	32,5	29,7	(8,6)	1.105	1.714	55,1	35,9	50,9	41,8
RJ	4,8	3,9	(18,8)	1.875	2.026	8,0	9,0	7,9	(12,2)
SP	1.840,9	1.956,9	6,3	4.016	3.873	(3,6)	7.393,7	7.578,2	2,5
SUL	19.341,3	19.518,0	0,9	3.910	3.915	0,1	75.619,6	76.421,2	1,1
PR	9.585,7	9.752,3	1,7	3.920	3.860	(1,5)	37.579,8	37.647,9	0,2
SC	1.300,8	1.273,6	(2,1)	4.936	4.855	(1,6)	6.421,0	6.183,5	(3,7)
RS	8.454,8	8.492,1	0,4	3.740	3.838	2,6	31.618,8	32.589,8	3,1
NORTE/NORDESTE	10.610,5	10.033,9	(5,4)	2.321	1.809	(22,1)	24.622,4	18.150,1	(26,3)
CENTRO-SUL	47.320,0	48.140,5	1,7	3.868	3.704	(4,2)	183.044,1	178.336,3	(2,6)
BRASIL	57.930,5	58.174,4	0,4	3.585	3.378	(5,8)	207.666,5	196.486,4	(5,4)

Legenda: Legenda: (*) Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em junho/2016.



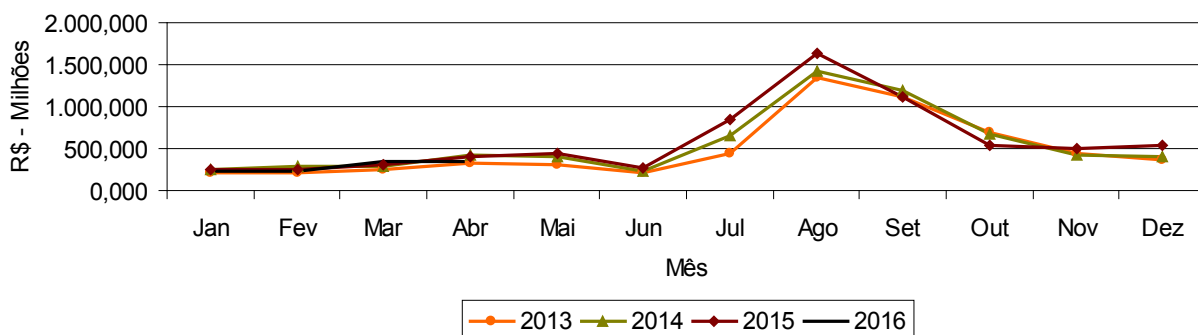


6. CRÉDITO RURAL

A Conab utiliza as informações do crédito rural obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro Sicor do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi em 03 de maio de 2016, como parte do processo de avaliação do plantio da safra 2015/16. No presente texto será objeto de análise os anos de 2013 a 2016 (até abril), para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja.

A análise utiliza informações dos financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF e Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. Importante registrar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

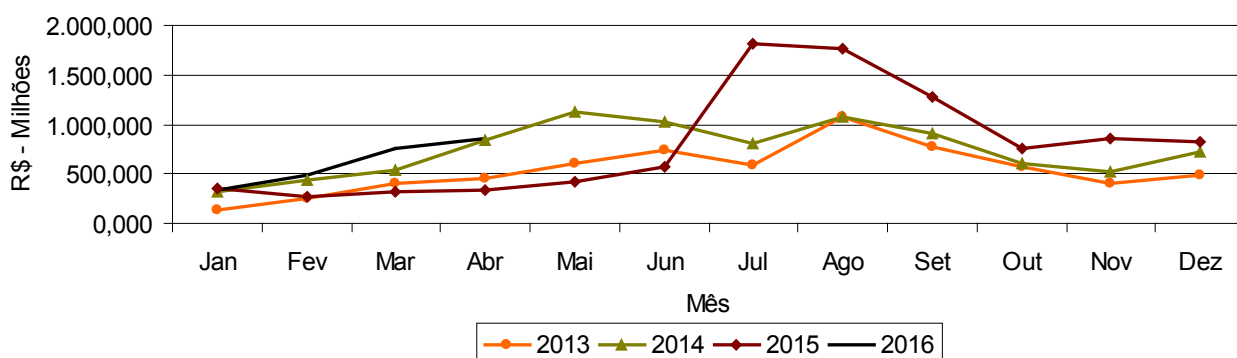
Gráfico 11 – Financiamento Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

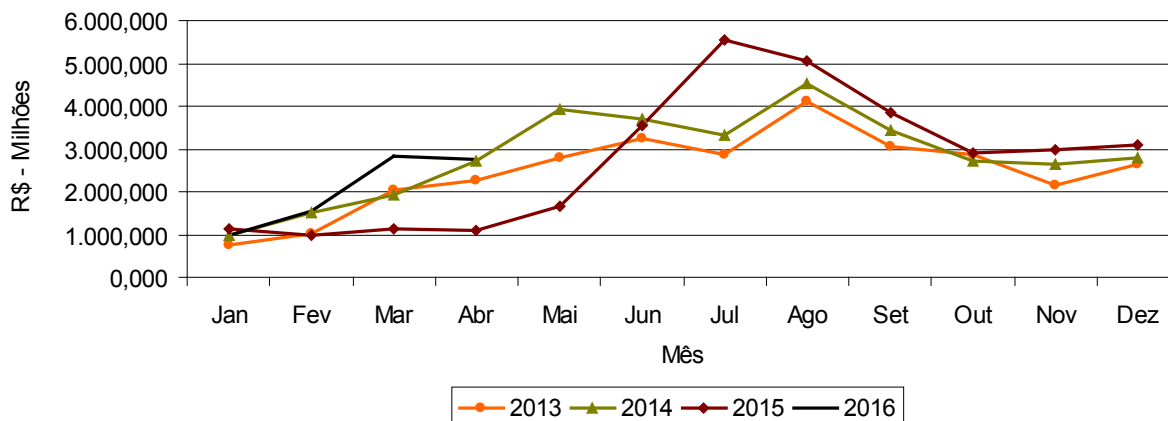
Gráfico 12 – Financiamento Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 13 – Financiamento sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Os recursos disponibilizados pelo Pronaf entre janeiro e abril de 2016 (Gráfico 11) indicam comportamento do crédito semelhante aos anos anteriores. No caso do crédito das linhas do Pronamp (Gráfico 12) e do financiamento sem vínculo a programa específico (Gráfico 13), observa-se que o volume de recursos é superior aos

anos anteriores. O comportamento do crédito retoma o procedimento natural, pois em 2015 houve atrasos na sua disponibilidade ao público-alvo.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.



6.1. ARROZ

A Tabela 5 e os gráficos 14 a 17 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto arroz.

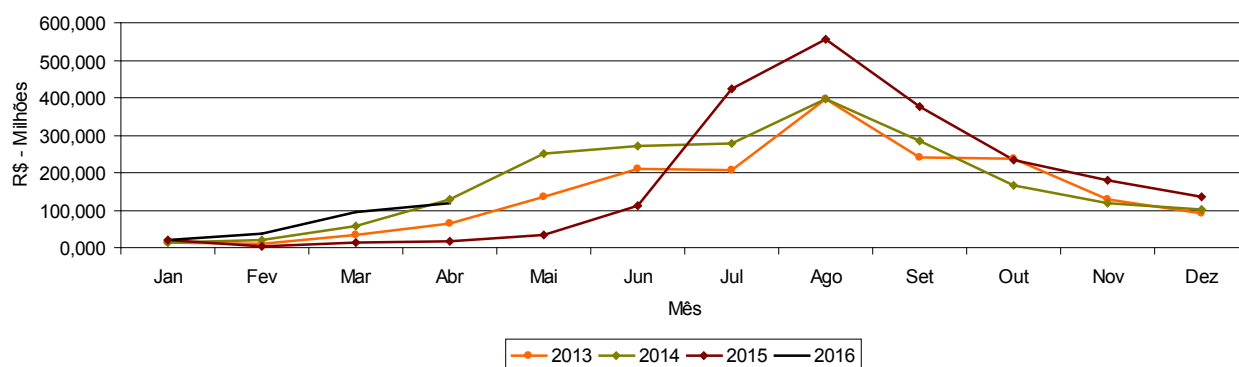
Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774	160,837
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930	455,695
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716	1.151,842
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778	171,399
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,098	557,347
Sem Vinc. Espec.	6,086	16,419	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306	1.357,460
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	37,890	26,089	26,982	19,486	163,122
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	120,663	61,099	41,620	30,567	578,567
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	216,506	147,112	112,377	87,060	1.361,318
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,029	1,587	0,294	0,238									6,148
Pronamp	3,371	6,985	20,970	30,528									61,854
Sem Vinc. Espec.	12,147	30,121	73,082	88,960									204,309
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,725									272,311

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 14 – Arroz – Total de financiamento

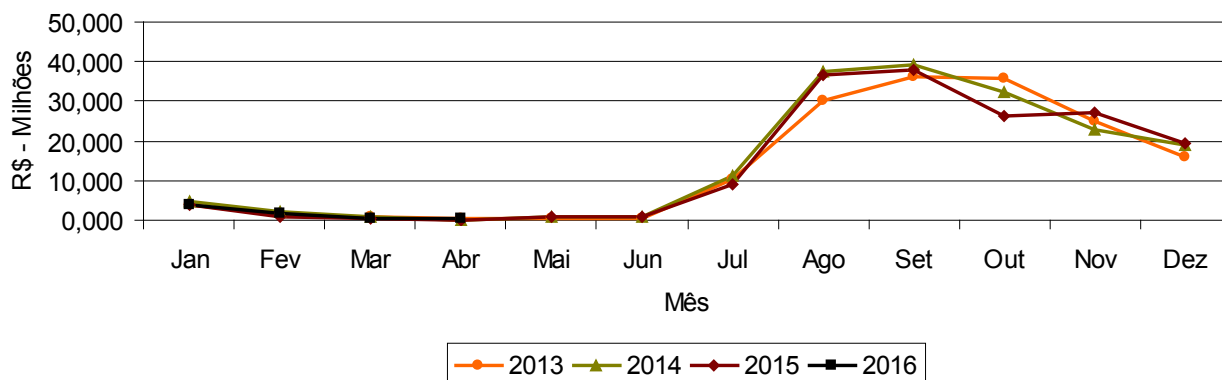


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



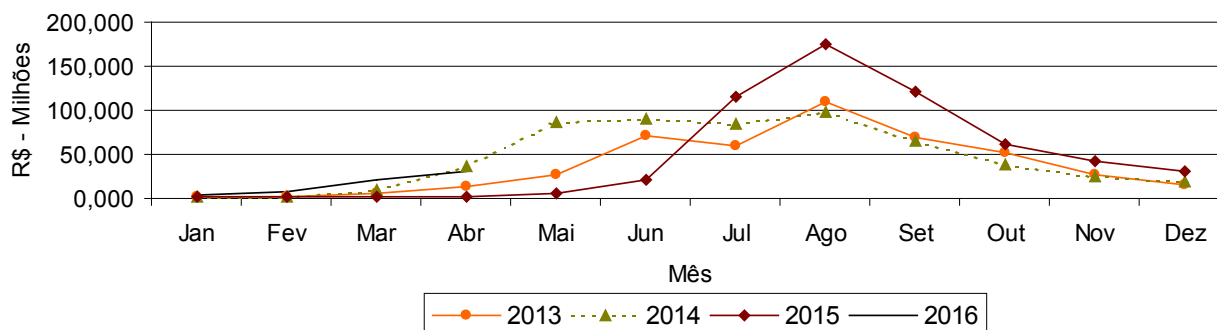
Gráfico 15 – Arroz – Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

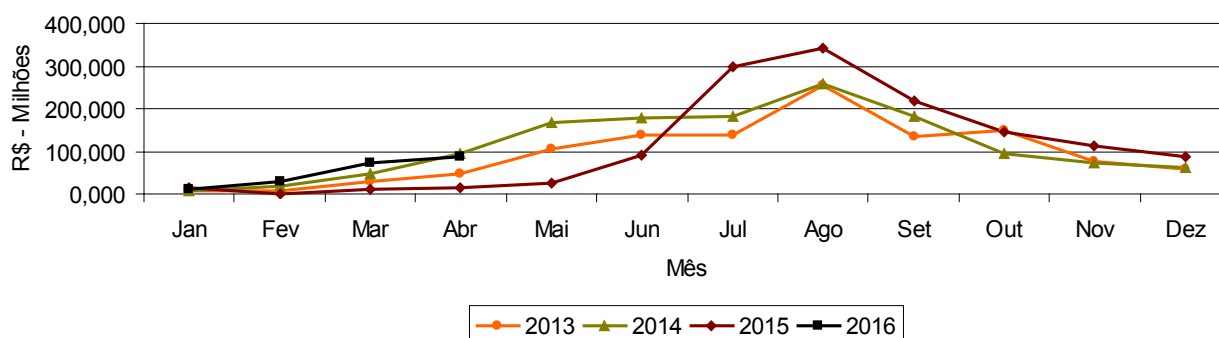
Gráfico 16 – Arroz – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 17 – Arroz - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Sob a ótica do Pronamp e do Financiamento Sem Vínculo a programa específico, percebe-se que o comportamento da utilização do crédito nos meses de janeiro a abril de 2016 é superior aos dos anos sob análise. Na linha do Pronaf o comportamento é o semelhante a 2013, 2014 e 2015. A situação pode ser explicada pela procura de recursos para o custeio da próxima safra e

pelo uso de recursos para o plantio de acordo com o calendário agrícola.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz e os gráficos 8 a 12 representam tal distribuição.



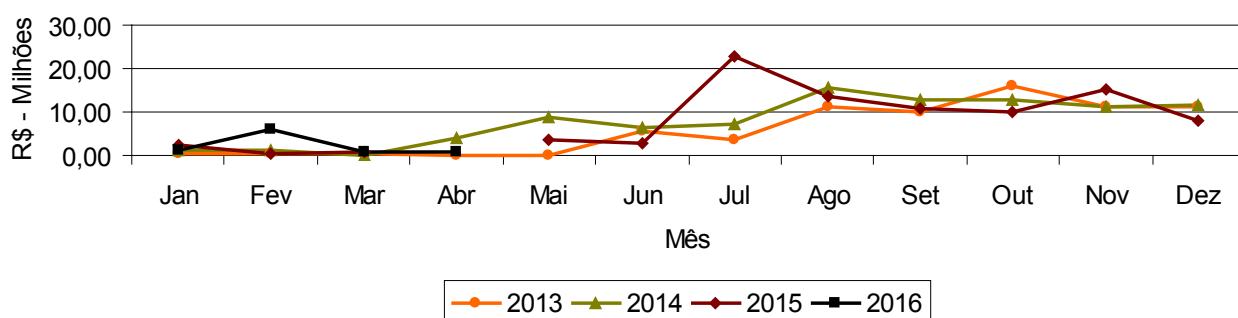
Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666	49,346
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088	35,410
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330	70,746
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440	5,330
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897	1.607,542
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957	59,280
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703	34,998
NORTE	1,371	1,304	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797	92,852
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688	6,104
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037	1.892,973
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702	35,427
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650	21,510
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975	90,487
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930	6,244
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855	1.949,339
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	2,172	0,613	2,002	5,612									10,398
NORDESTE	2,763	1,274	0,936	0,223									5,195
NORTE	1,292	6,190	0,781	0,865									9,128
SUDESTE	0,036	0,012	0,100	0,130									0,278
SUL	13,284	30,605	90,527	112,897									247,312
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,725									272,311

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 18 – Arroz – Norte - Crédito

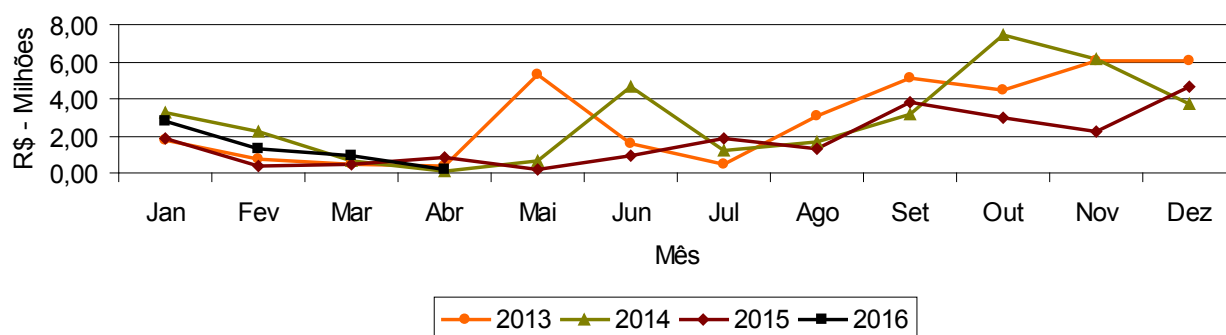


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



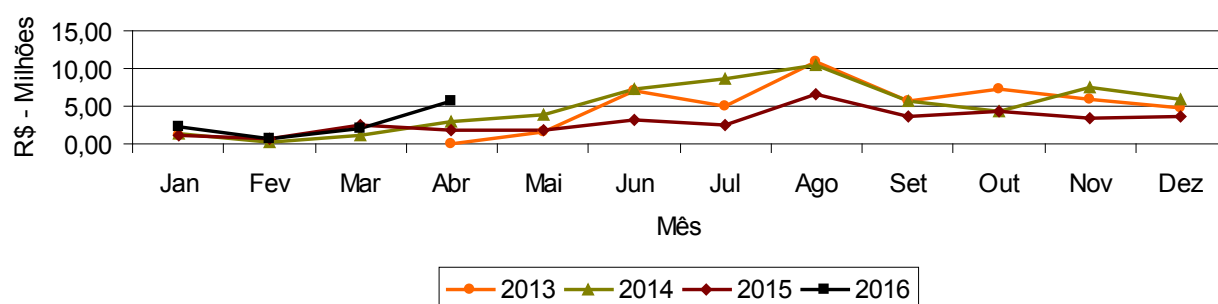
Gráfico 19 – Arroz – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

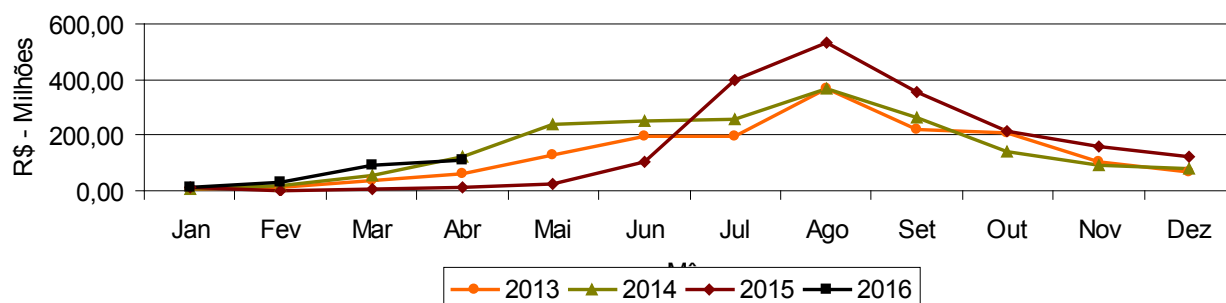
Gráfico 20 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

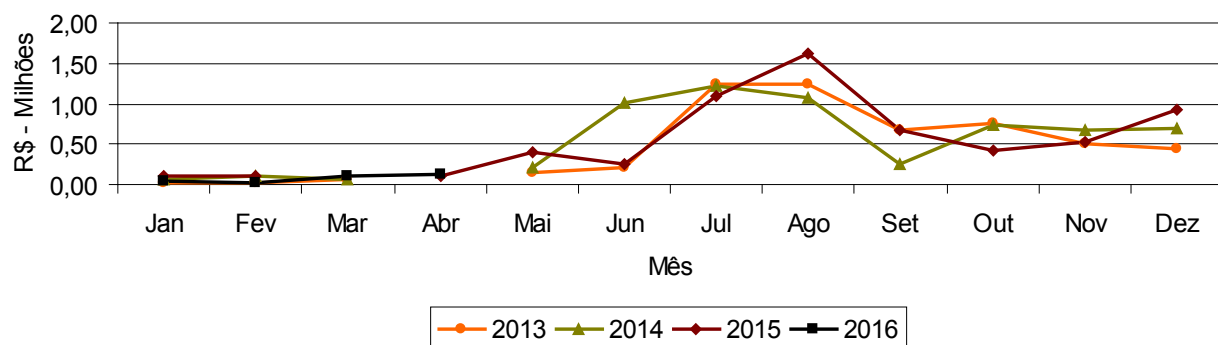
Gráfico 21 – Arroz – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 22 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



O aumento da utilização de recursos na Região Sul pode ser explicado pela obtenção de recursos para a próxima safra. Na região Norte o atraso no plantio, em razão das condições climáticas, pode indicar os investimentos e sua estabilização no período. Para as demais regiões tem-se observado que o uso do arroz

para abertura de área de produção tem se reduzido. Outro fato que se observa é o menor investimento do produtor no plantio do arroz em razão, principalmente, pela opção por culturas mais rentáveis e por problemas climáticos.

6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho e os gráficos 13 a 16 re-

presentam a distribuição dos valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

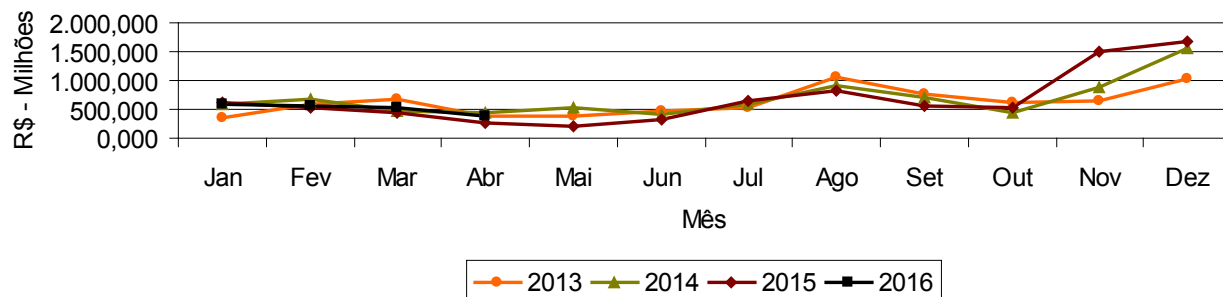
Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	94,760	110,298	64,880	29,523	27,278	7,913	129,519	476,370	367,170	192,774	93,979	99,481	1.693,944
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,512	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772	1.244,952
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385	4.604,946
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491	1.637,981
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482	1.528,743
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,703	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,291	218,811	645,995	1.088,766	4.976,346
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368	1.625,211
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234	1.590,029
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415	4.929,028
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	105,102	94,447	75,964	44,867									320,379
Pronamp	140,320	163,391	119,268	83,247									506,226
Sem Vinc. Espec.	342,664	314,096	319,889	240,319									1.216,968
Total Global	588,086	571,934	515,121	368,432									2.043,573

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 23 – Milho– Total de investimento



Fonte: Bacen.

Nota: Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 24 – Milho - Pronaf - Crédito

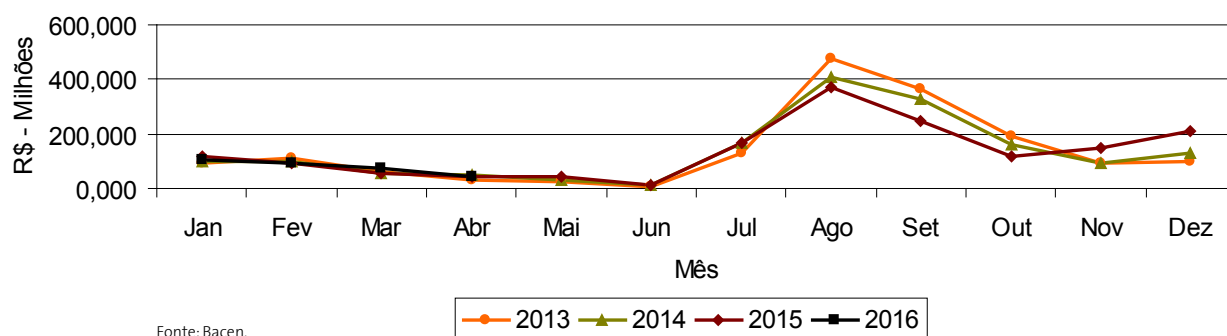


Gráfico 25 – Milho - Pronamp - Crédito

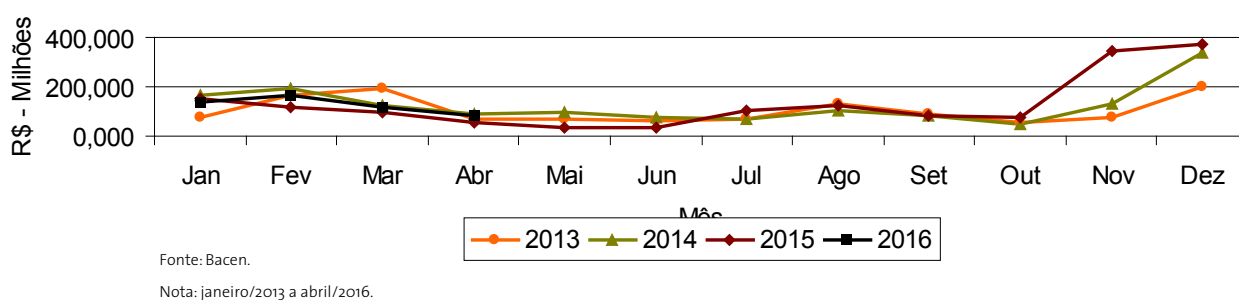
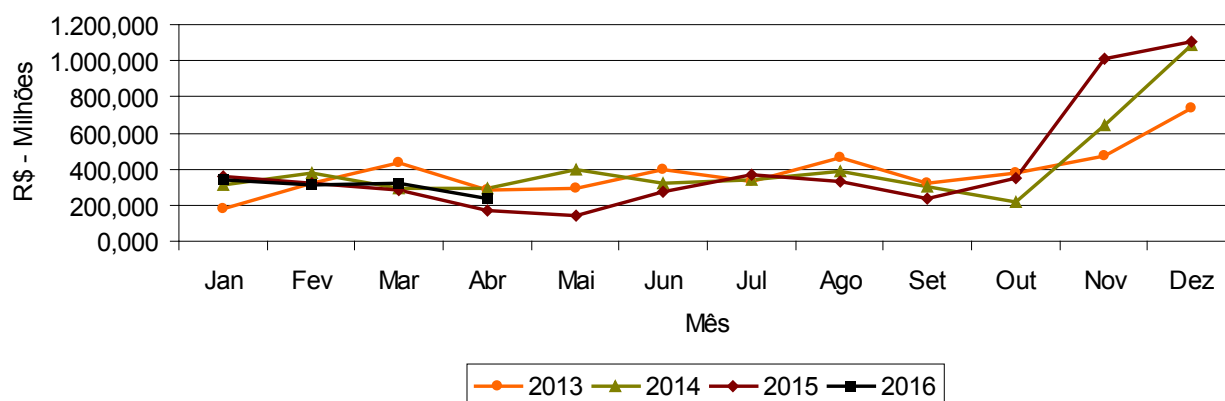


Gráfico 26 – Milho - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Observa-se que o crédito disponibilizado em 2016 tem semelhança com os anos anteriores. O movimento observado é compatível com o período de plantio da segunda safra e nas Regiões Norte e Nordeste. Outro indicativo é a possibilidade da procura de recursos

para o custeio da próxima safra.

A Tabela 8 e os gráficos 17 a 21 apresenta os valores de crédito disponibilizados por região brasileiras.



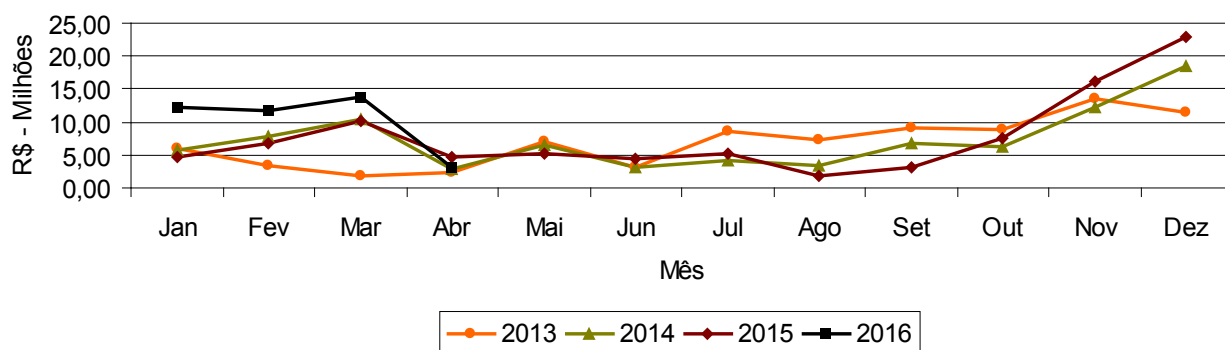
Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925	2.192,395
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658	608,955
NORTE	6,039	3,258	1,915	2,266	7,102	3,067	8,543	7,380	9,167	8,780	13,617	11,465	82,598
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534	1.306,135
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055	3.353,759
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397	2.555,928
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689	722,146
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411	87,735
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469	1.365,894
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774	3.411,367
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840	3.029,158
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089	655,995
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874	92,444
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514	1.081,388
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701	3.285,284
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	295,349	225,408	173,599	116,570									810,926
NORDESTE	11,352	15,222	70,307	92,987									189,868
NORTE	12,369	11,689	13,784	3,126									40,967
SUDESTE	71,467	70,702	78,929	43,774									264,872
SUL	197,550	248,914	178,501	111,975									736,940
Total Global	588,086	571,934	515,121	368,432									2.043,573

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 27 – Milho – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 28 – Milho – Nordeste - Crédito

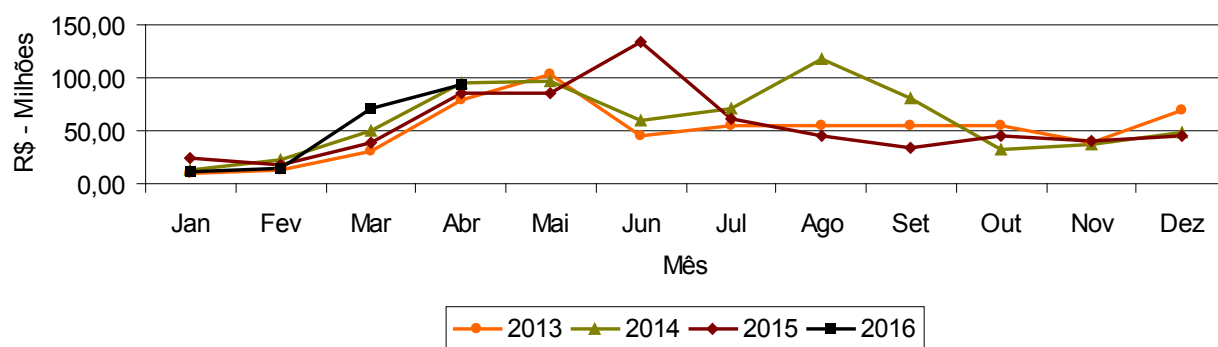


Gráfico 29 – Milho – Centro-Oeste - Crédito

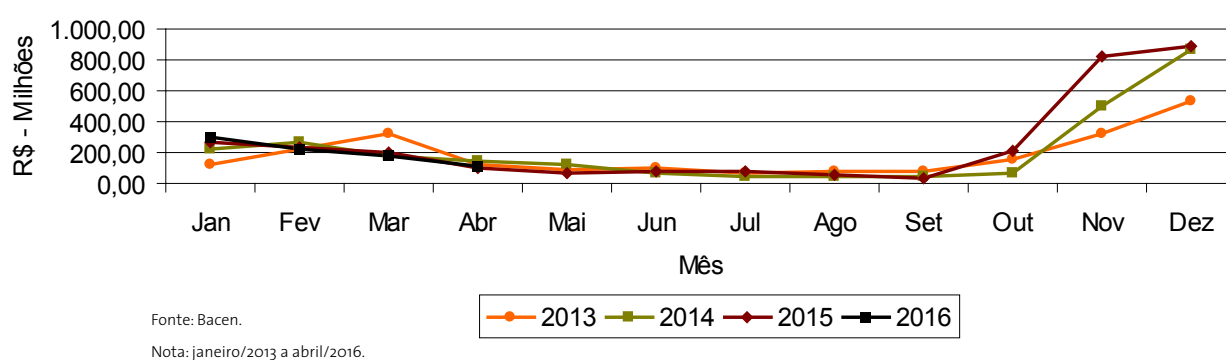


Gráfico 30 – Milho – Sul - Crédito

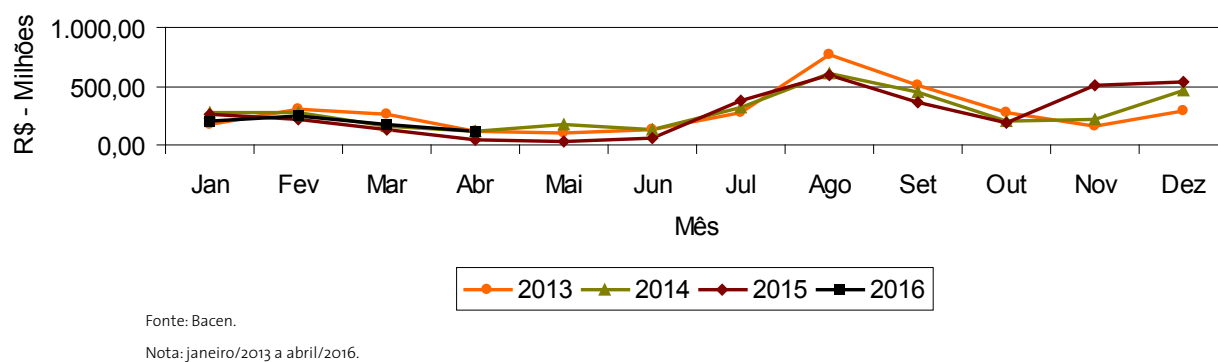
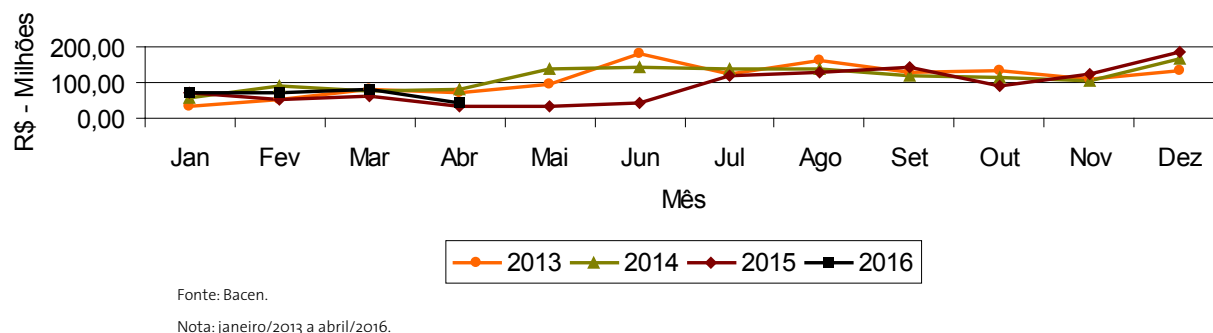


Gráfico 31 – Milho – Sudeste - Crédito



As informações são compatíveis com o calendário de plantio do milho em todas as regiões do País. Na região Norte e Nordeste, o uso dos recursos disponibilizados atendem à demanda pelo plantio nas regiões, na forma do calendário agrícola. A tomada de decisão do produtor em virtude da redução da produção de

milho em outras regiões e os reflexos da demanda na região nordeste e nos preços do produto são fatores que ratificam a procura do crédito. No Sul, o Paraná tem investimentos na segunda safra de milho e nos demais estados e regiões pode-se inferir que os recursos são para custeio da próxima safra.

6.3. SOJA

A Tabela 9 e os gráficos 22 a 25 apresentam os valores de crédito por tipos de financiamentos exclusivamen-

te para o produto soja.

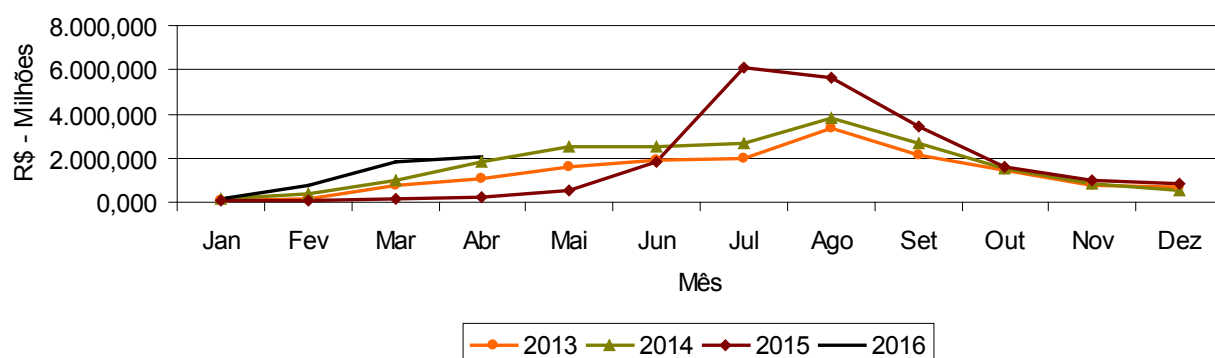
Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,741	1.770,528
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234	2.827,493
Sem Vinc. Espec.	86,942	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,532	1.388,044	2.048,040	1.204,194	938,132	552,896	566,786	11.226,145
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087	2.182,912
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652	3.772,721
Sem Vinc. Espec.	116,339	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484	14.459,477
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	637,686	240,261	129,106	62,993	2.659,541
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	726,419	286,496	152,344	91,275	4.269,058
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.048,741	1.079,141	706,980	691,338	14.648,612
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,646	2,366	0,573	1,570									11,155
Pronamp	11,745	111,419	332,896	452,902									908,962
Sem Vinc. Espec.	127,606	653,454	1.498,528	1.637,528									3.917,114
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.092,001									4.837,231

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 32– Soja– Total de financiamento

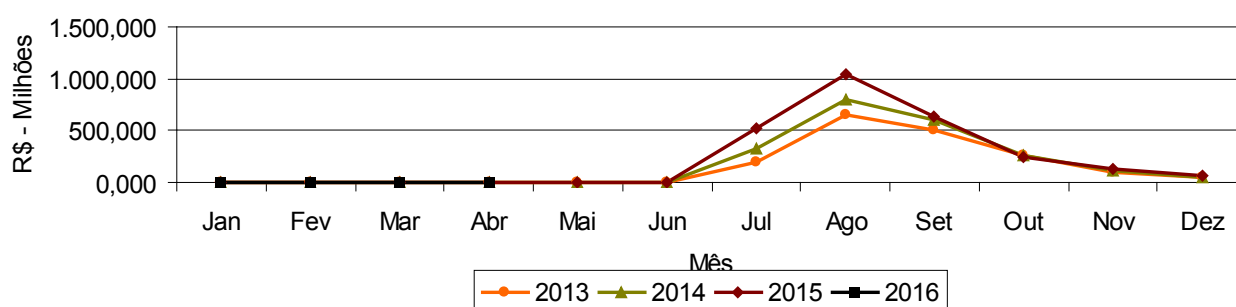


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



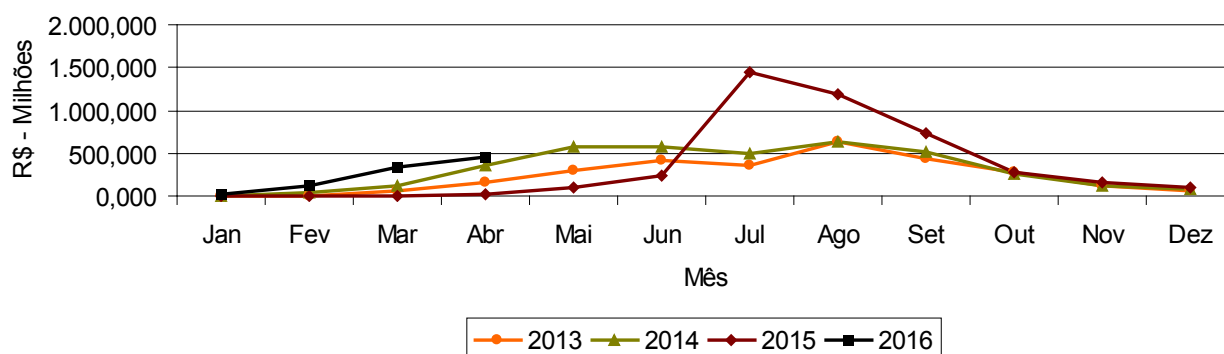
Gráfico 33– Soja - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

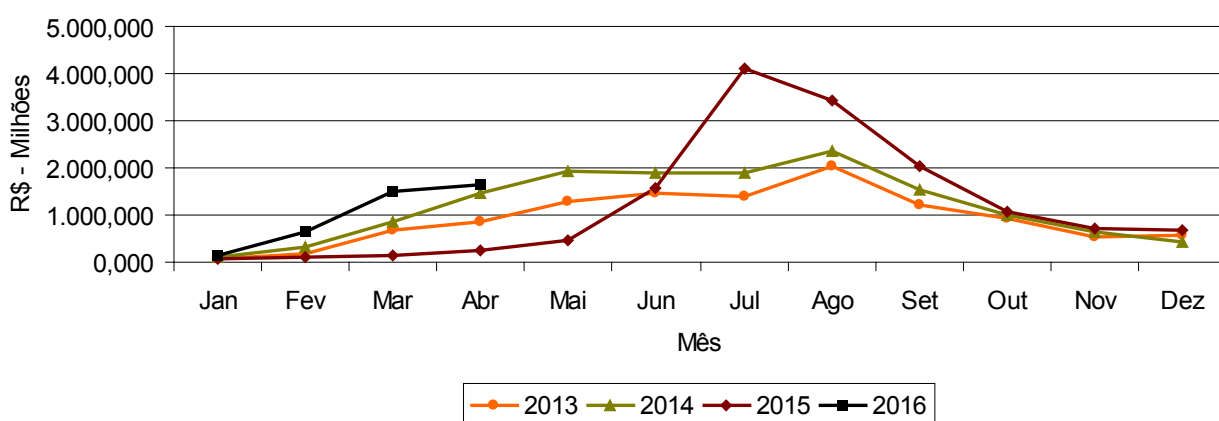
Gráfico 34 – Soja - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 35 – Soja - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilidade de crédito mostra-se superior a todos os anos sob análise, onde se destaca o uso dos recursos do Pronamp e do Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. Essa situação tem relação com os investimentos na produção dessa oleaginosa, em

grande parte para o custeio da próxima safra.

A Tabela 10 e os gráficos de 26 a 30 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.



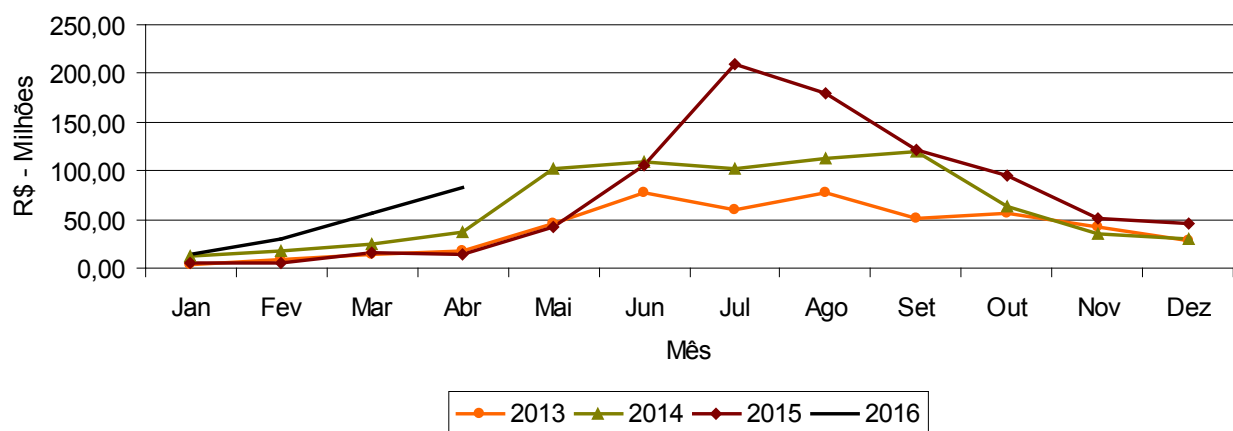
Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490	6.240,585
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757	1.711,796
NORTE	3,849	8,610	13,671	17,962	45,696	76,984	60,380	77,688	51,742	55,856	42,905	27,868	483,209
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463	1.259,368
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184	6.129,208
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272	8.201,402
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441	2.218,858
NORTE	11,681	16,982	24,083	37,368	101,423	108,503	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611	762,140
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277	1.691,010
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624	7.541,699
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.056,975	509,224	365,716	300,088	7.857,188
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	310,622	213,012	121,071	227,928	2.361,494
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	120,828	94,343	50,618	45,446	888,792
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	361,239	188,116	129,697	99,134	1.833,642
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.563,182	601,202	321,328	173,010	8.636,095
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	42,913	513,134	1.158,593	1.196,622									2.911,262
NORDESTE	62,263	44,046	96,596	154,232									357,136
NORTE	13,533	29,477	56,890	82,282									182,183
SUDESTE	13,192	27,854	82,266	123,987									247,299
SUL	14,096	152,727	437,651	534,877									1.139,351
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.092,001									4.837,231

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 36 – Soja – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 37 – Soja – Nordeste - Crédito

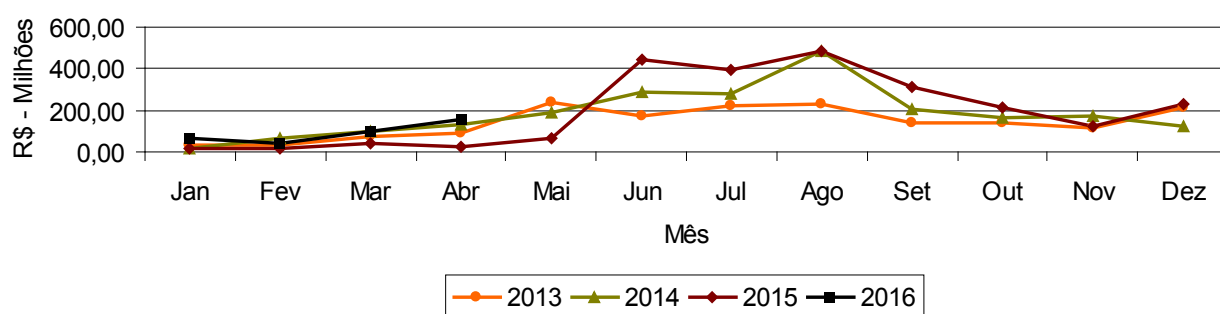


Gráfico 38 – Soja – Centro-Oeste - Crédito

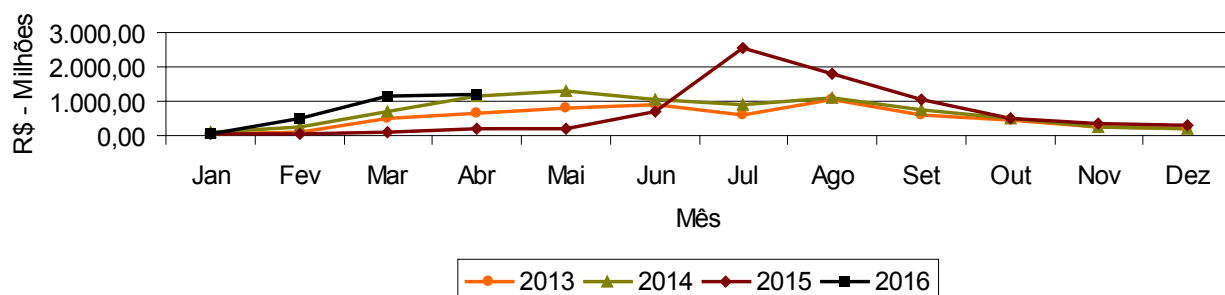


Gráfico 39 – Soja – Sul - Crédito

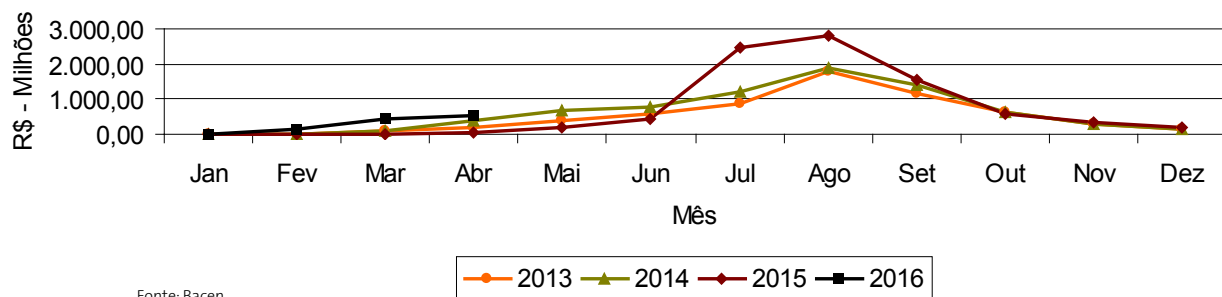
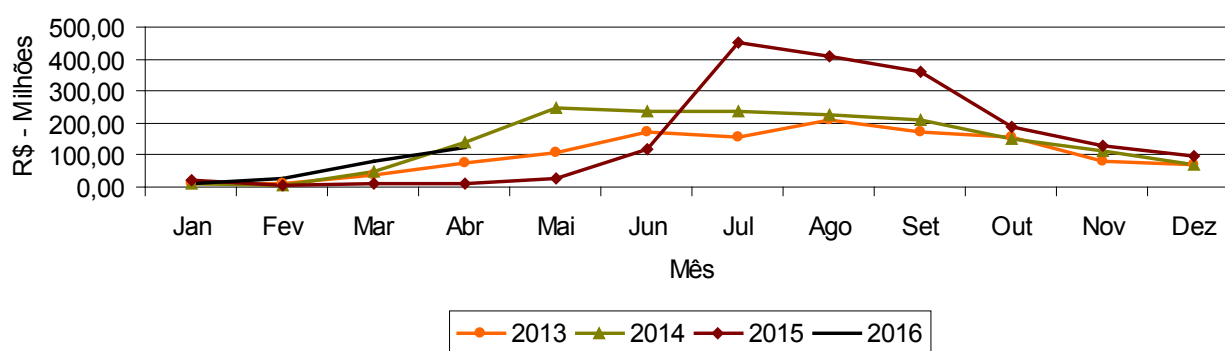


Gráfico 40 – Soja – Sudeste - Crédito



As informações destacadas na tabela e gráficos indicam a tendência observada nos últimos plantios onde a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. Além das informações

anteriores, o aumento do uso de recursos pode ter relação com a obtenção de crédito de custeio para a próxima safra.

6.4. ALGODÃO

A Tabela 11 e os gráficos 31 e 32 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

Tabela 11 – Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005	0,039
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,162	2,695
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588	1.739,270
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									0,009				0,009
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236			2,429
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617	2.104,524
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									1,113	174,549	244,101	187,791	607,554
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	0,375	2,505
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	212,972	198,344	139,209	225,294	1.611,209
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf													0,000
Pronamp			0,400	0,441									0,841
Sem Vinc. Espec.	20,386	16,486	60,087	42,859									139,818
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300									140,659

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 41– Algodão – Total de financiamento

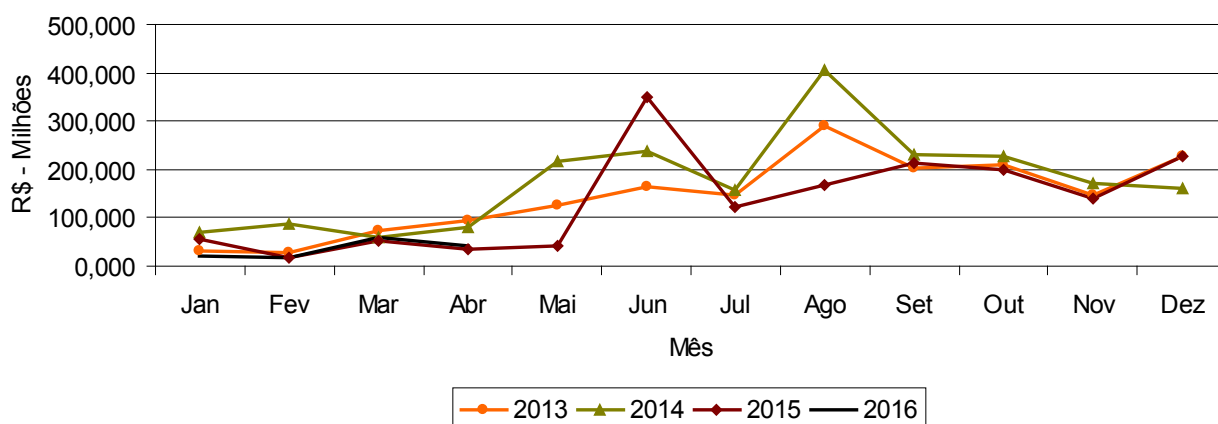
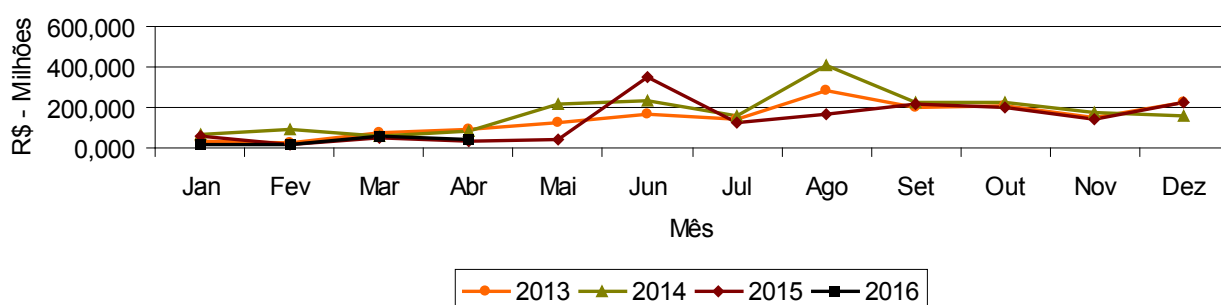


Gráfico 42 – Algodão - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Observa-se que os aportes financeiros para a lavoura de algodão têm como destaque o tipo de financiamento sem vínculo específico com programa. Observa-se que em março e abril há registros de financiamento da cultura com recursos do Pronamp. É de se registrar que o plantio de algodão exige investimentos de alta

tecnologia e os recursos disponibilizados são compatíveis com o calendário agrícola.

A Tabela 12 e os gráficos 33 e 34 representam os valores de crédito disponibilizado por região brasileira.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

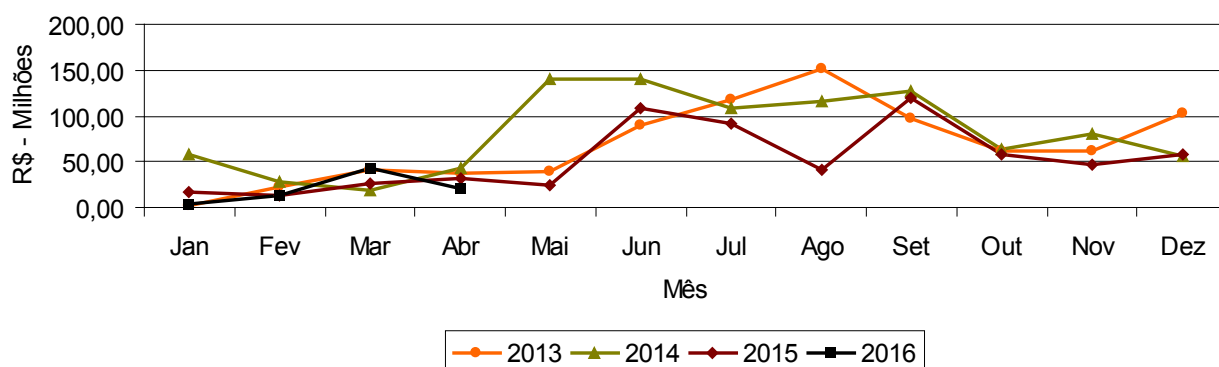
2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663	827,117
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812	855,769
NORTE								0,200	0,472		3,335		4,007
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280	55,110
SUL													
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890	977,907
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516	1.045,324
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775	24,792
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436	56,134
SUL				2,803									2,803
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,330	58,571	46,319	58,361	634,374
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	164,471	931,542
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609		15,230
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	2,837	32,568
SUL													
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	4,295	13,345	43,459	19,834									80,933
NORDESTE	14,406	1,578	13,927	17,466									47,378
NORTE	1,685	0,763	2,600										5,049
SUDESTE		0,799	0,500	6,000									7,299
SUL													0,000
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300									140,659

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



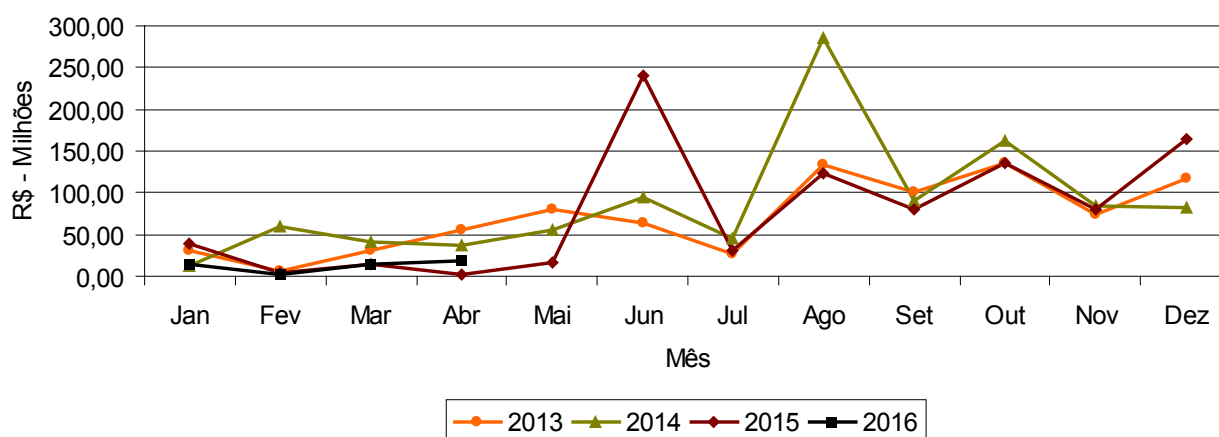
Gráfico 43 – Algodão– Centro - Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 44 – Algodão– Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A Bahia e Mato Grosso se destacam como os principais produtores de algodão. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o calendário dessa cultura, inclusi-

ve com o padrão de se buscar os recursos antecipados para custeio da safra. Deve-se observar que neste ano, diferente dos anteriores, houve procura de recursos para a Região Norte.

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 e os gráficos 35 a 38 apresentam os valores

de crédito por tipo de financiamento.



Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307	91,845
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593	58,571
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,918	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382	378,225
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912	94,739
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807	70,701
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521	325,940
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382	103,269
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546	75,784
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858	287,360
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	11,828	10,510	3,609	2,461									28,408
Pronamp	6,995	6,733	5,256	3,827									22,811
Sem Vinc. Espec.	18,467	20,236	23,726	25,400									87,830
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,689									139,049

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 45 – Feijão – Total de financiamento

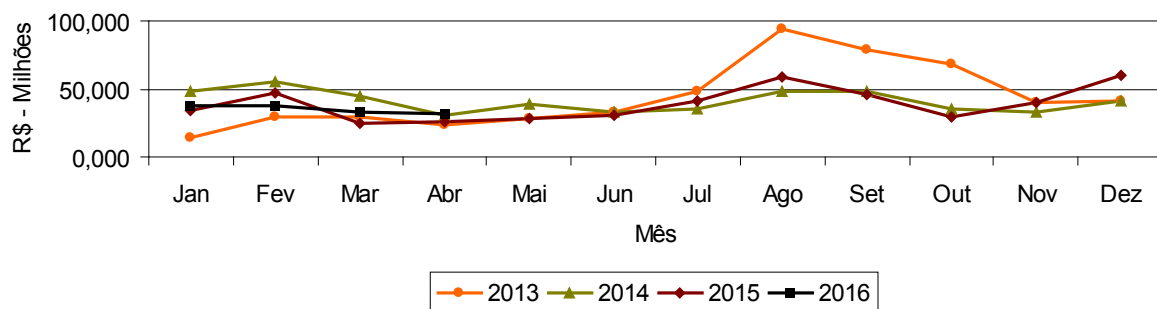


Gráfico 46 – Feijão - Pronaf - Crédito

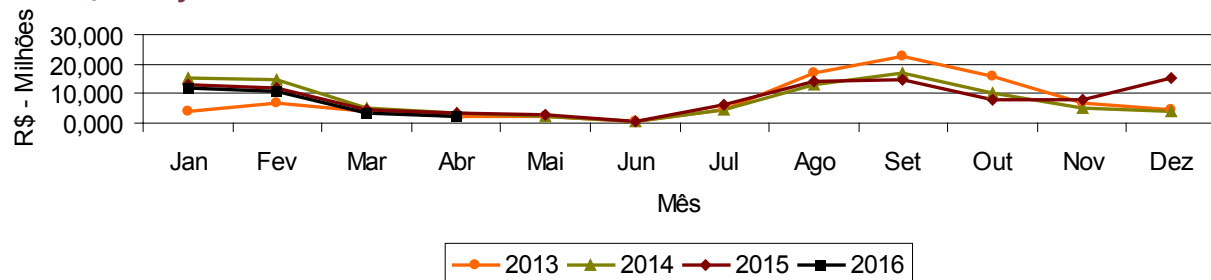
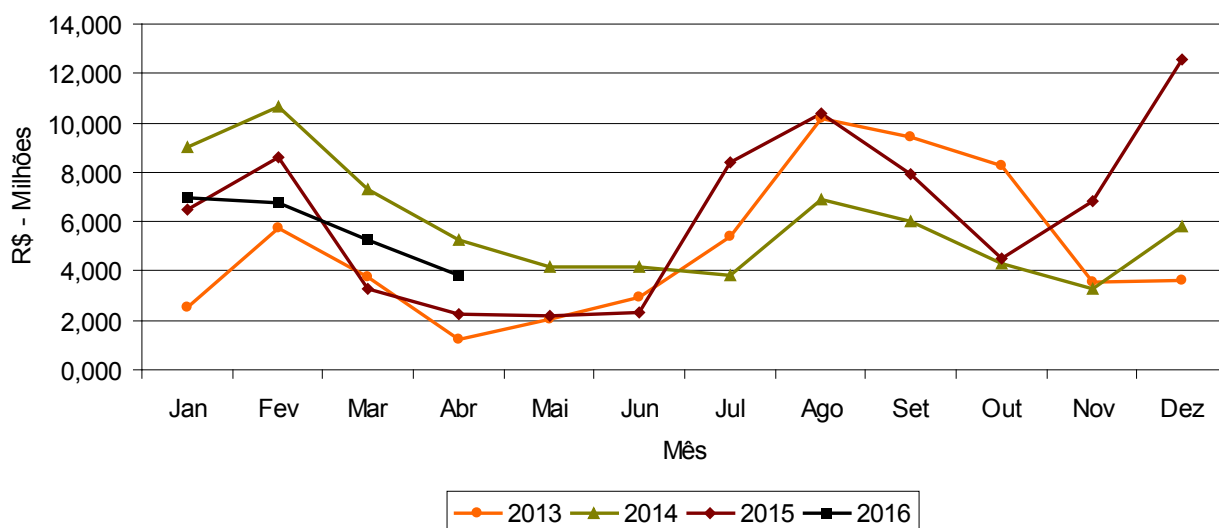


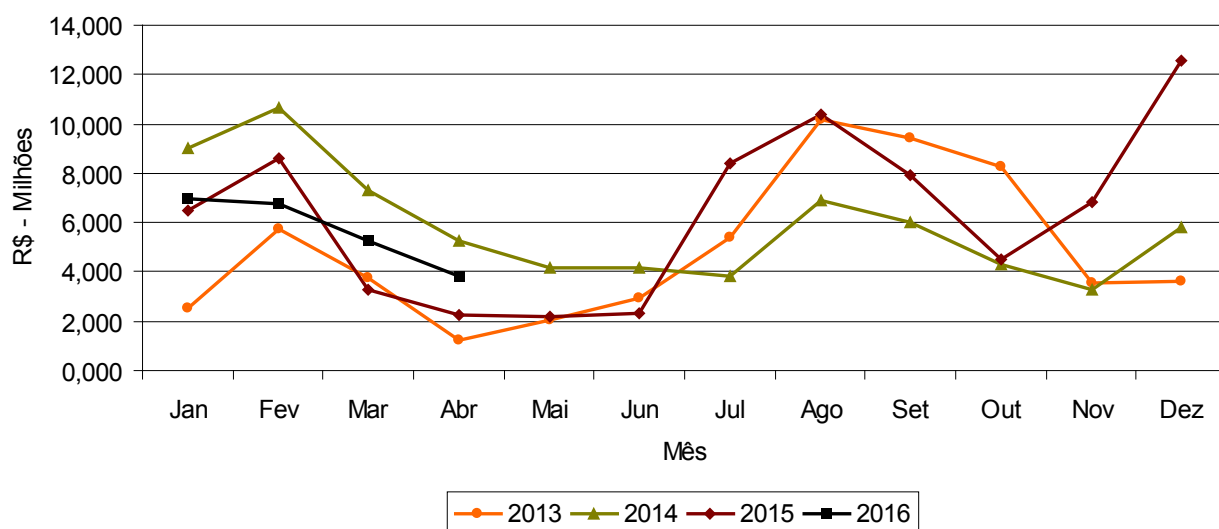
Gráfico 47 – Feijão - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 48 – Feijão - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilização de crédito no ano de 2016 é inferior a 2015 e 2014, o que é observado nos valores oriundos do Pronaf, do Pronamp e do Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. Tem-se observado a redu-

ção de área no plantio do feijão o que pode explicar o menor uso de crédito.

A Tabela 14 e os gráficos 39 a 42 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.



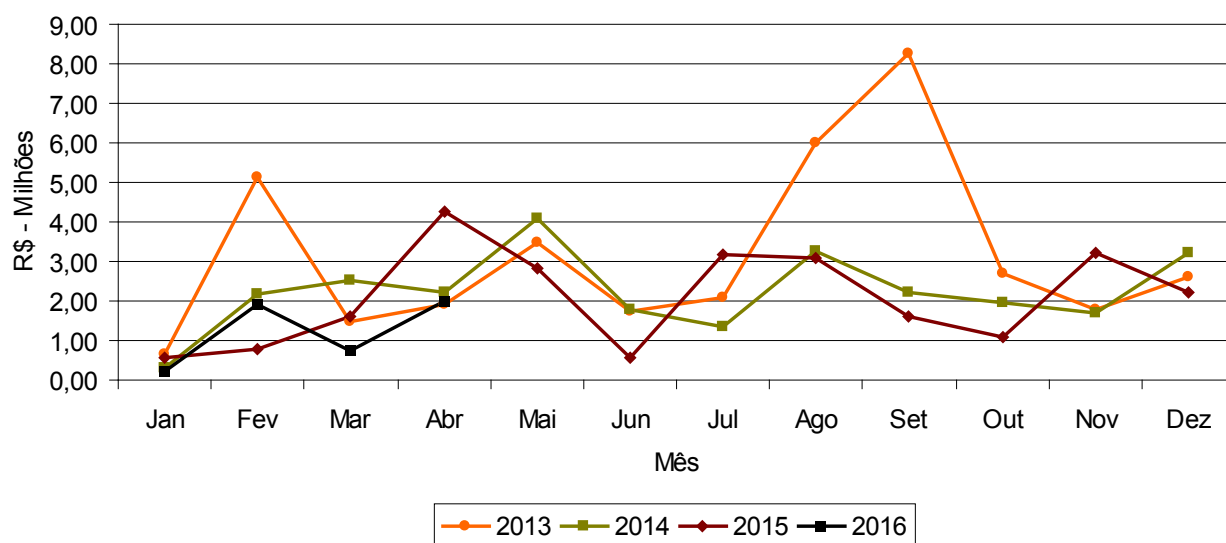
Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865	100,318
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591	37,760
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500			3,725
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445	184,115
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382	202,722
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157	86,849
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226	26,805
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200			5,086
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431	181,230
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427	191,410
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020	57,331
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217	25,054
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052		7,162
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756	148,554
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794	228,311
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	6,913	5,320											12,233
NORDESTE	0,226	1,929											2,156
NORTE	0,381	0,000											0,381
SUDESTE	8,727	13,184											21,911
SUL	21,269	18,141											39,411
Total Global	37,517	38,575											76,092

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 49 – Feijão – Nordeste - Crédito

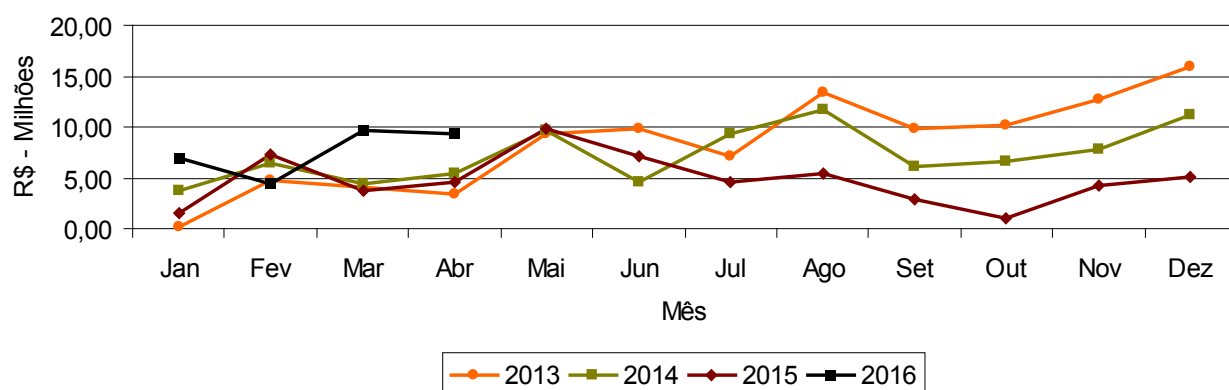


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



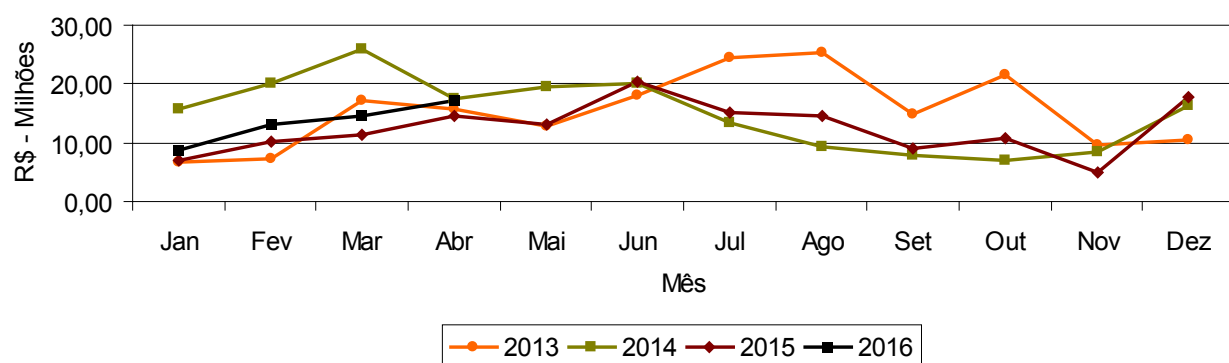
Gráfico 50 – Feijão– Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

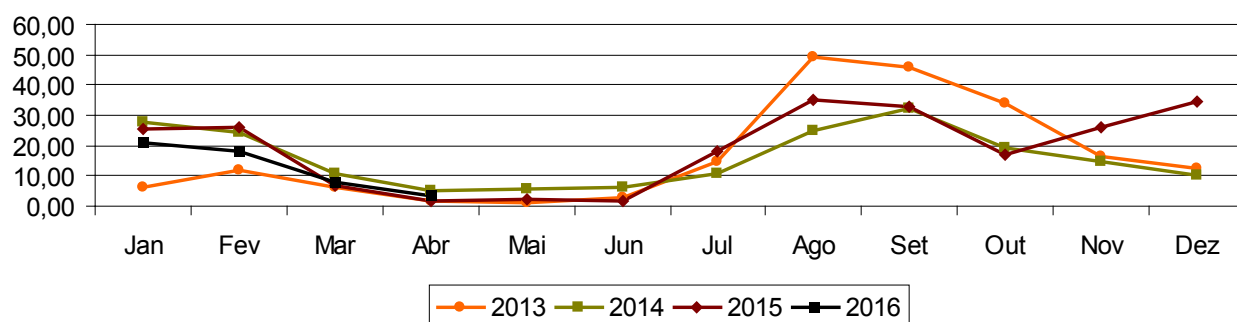
Gráfico 51 – Feijão– Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 52 – Feijão– Sul - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

As informações destacadas na tabela e nos gráficos, em 2016, indicam a disponibilidade de recursos para o plantio da segunda e terceira safra. Observa-se que

há tendência de redução do uso do crédito para a cultura do feijão, o que é compatível com a redução da área da cultura.



6.6. TRIGO

A Tabela 15 e os gráficos 43 a 46 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

Gráfico 53 –Trigo -Tipo de financiamento – Crédito - Janeiro de 2013 a abril de 2016

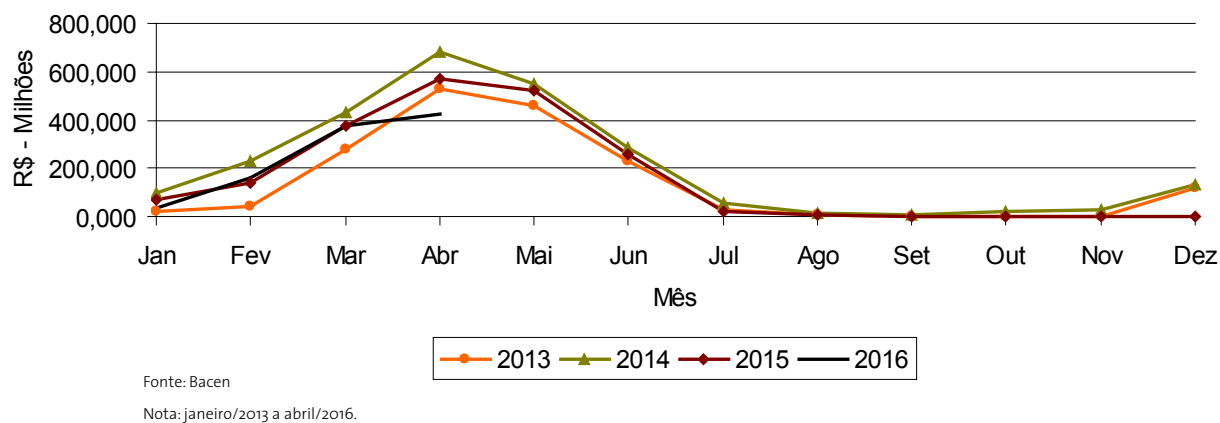


Gráfico 54 –Trigo - Pronaf - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016

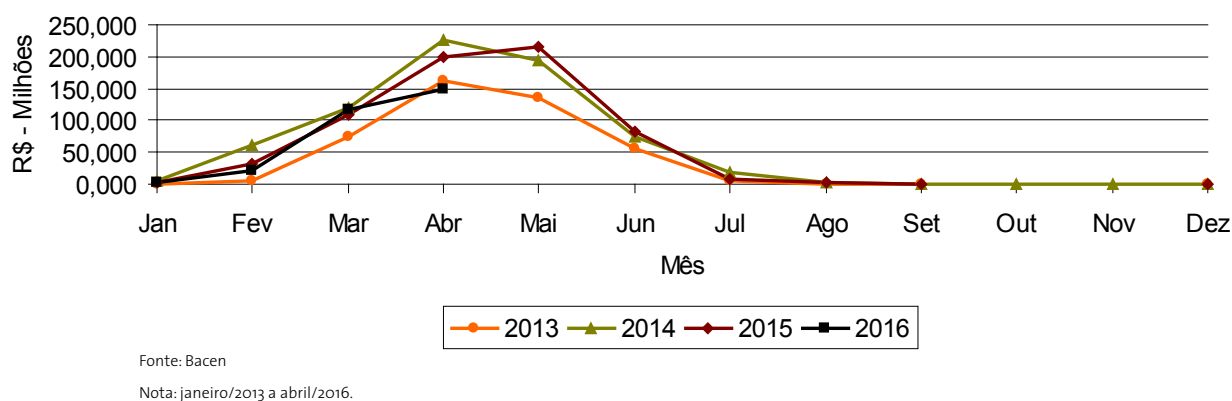


Gráfico 55 –Trigo - Pronamp - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016

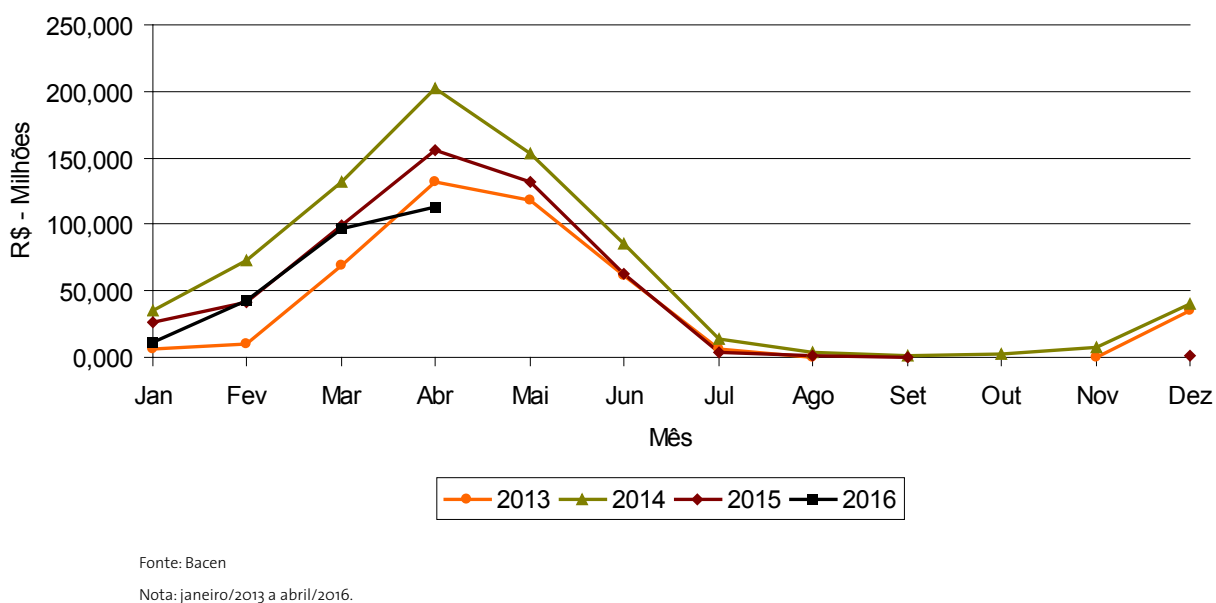
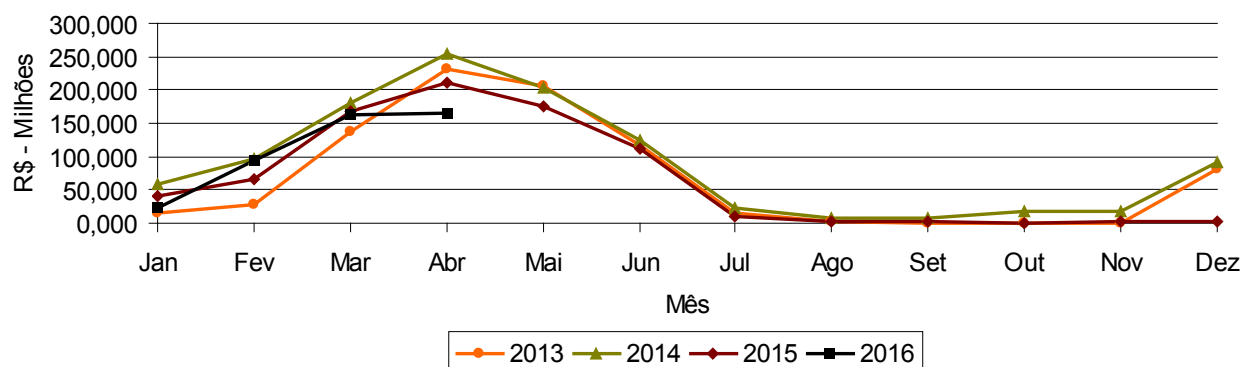


Gráfico 56 –Trigo - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016



Fonte: Bacen

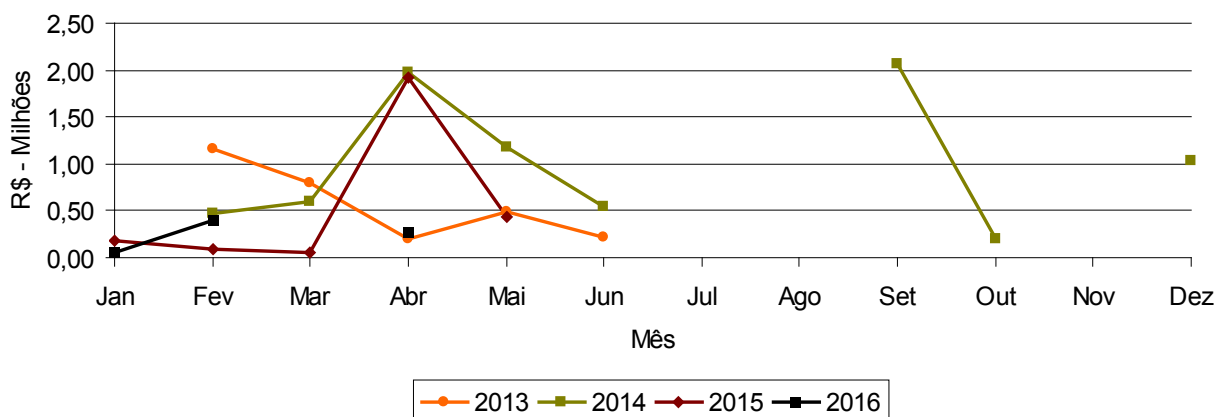
Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilização de crédito no ano de 2016 é inferior a 2014 e semelhante a 2015, o que é observado nos valores oriundos do Pronaf, do Pronamp e do Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. Tem-se observado a redução de área no plantio do trigo em

razão de problemas climáticos, o que pode explicar o menor uso de crédito.

A Tabela 16 e os gráficos 47 a 49 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.

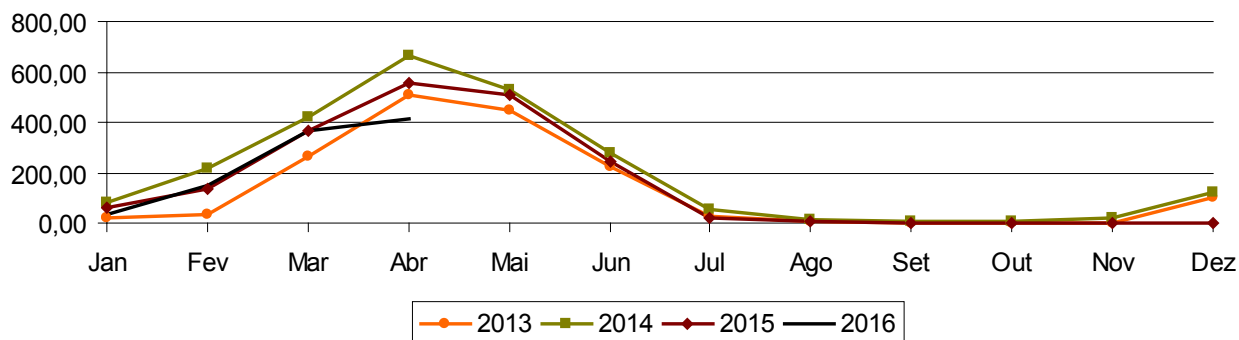
Gráfico 57 –Trigo– Centro-Oeste - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 58 –Trigo – Sul - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016

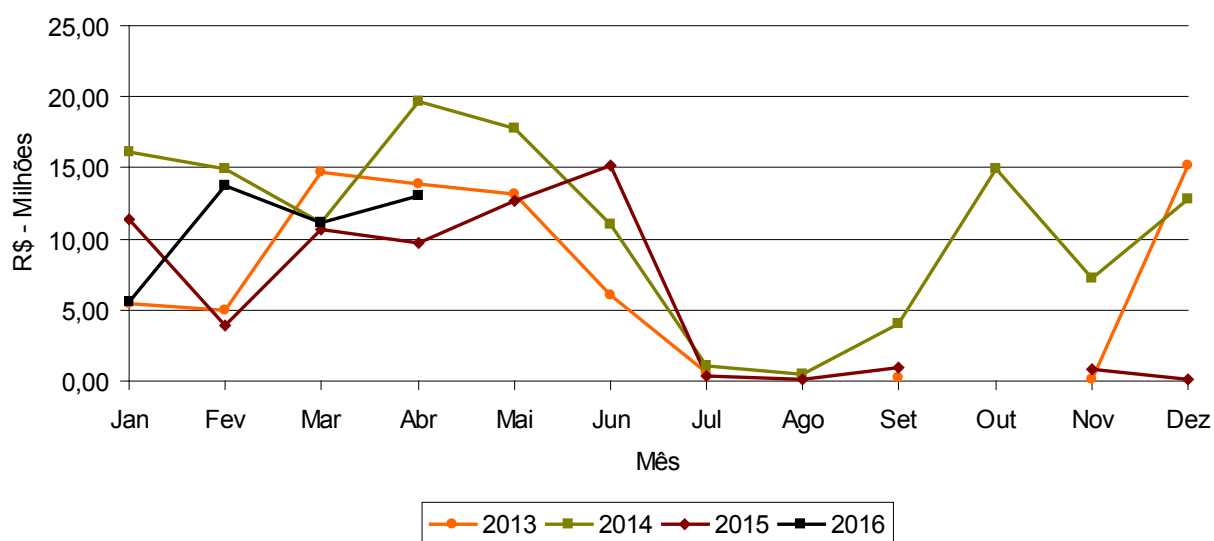


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 59 –Trigo – Sudeste - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilidade de recursos está compatível com a concentração da produção na Região Sul. A Região

Centro-Oeste e Sudeste são produtoras potenciais de trigo.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2015/16) – ABRIL DE 2016

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena (ou semana) e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, feijão segunda e terceira safra, girassol, milho primeira e segunda safra, sorgo, trigo e aveia

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

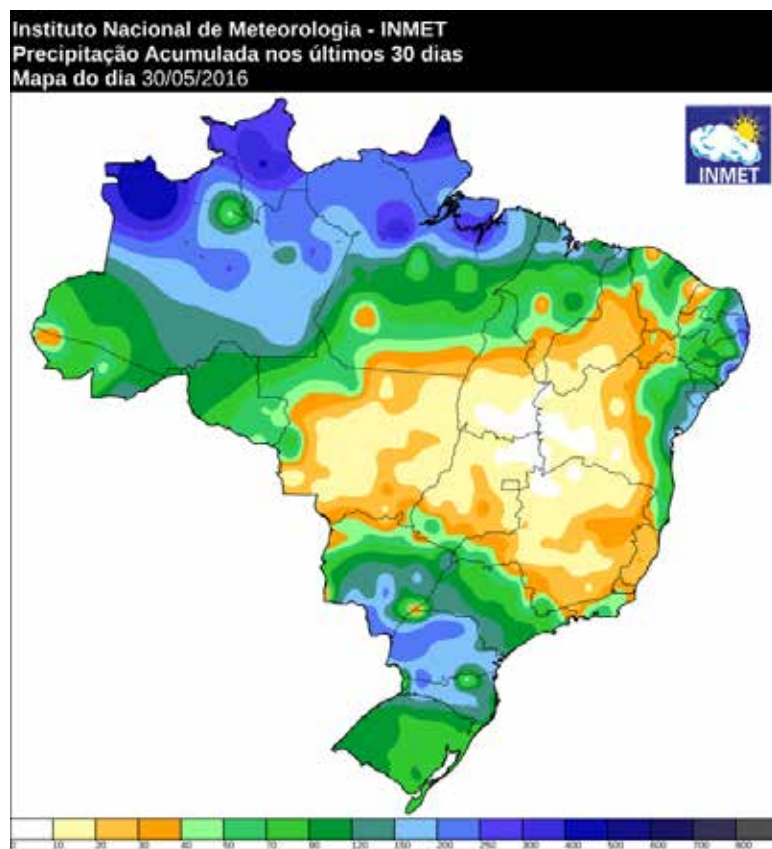
7.1. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS RECENTES²

Durante o período final de desenvolvimento das culturas de segunda safra, a região do MATOPIBA foi afetada pela baixa pluviosidade em praticamente todas as localidades. No município de Correntina, Bahia, por exemplo, não houve registro de precipitação na estação meteorológica do INMET durante os meses de abril e maio, e em Santa Rita de Cássia, também na Bahia, choveu apenas 0,3 mm no mesmo período. Vale salientar que o mês de maio na maior parte da região é um período tipicamente seco, apresentado em 2016 acumulados de precipitação predominantemente abaixo de 40 mm (Figura 1). As chuvas mais intensas na segunda metade do mês de maio contribuíram para a redução do déficit hídrico ocasionado

pelo baixo volume de chuvas no mês de abril e início de maio no nordeste da Bahia e nos estados de Alagoas e Sergipe.

No centro-sul do Brasil, as condições de chuva foram mais favoráveis, principalmente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, que apresentaram volumes acima da média em maio. Os acumulados do mês ficaram entre 70 e 250 mm, com maior concentração no oeste do Paraná e no sul do Mato Grosso do Sul. Em Maringá, no Paraná, o acumulado foi de aproximadamente 250 mm, cerca de 110 mm acima da média histórica do mês de maio.

Figura 1 - Precipitação acumulada (mm) no mês de maio/2016



Fonte: CDP/Inmet

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



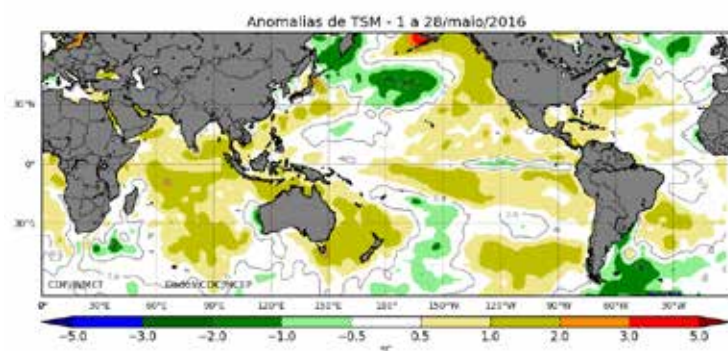
7.2. CONDIÇÕES DE EL NIÑO RECENTES E TENDÊNCIA EM 2016³

O processo de enfraquecimento fenômeno El Niño se intensificou em maio com o surgimento de uma extensa área no Oceano Pacífico em torno da linha do equador com anomalias negativas de TSM (temperatura da superfície do mar). Os desvios são da ordem $-0,5^{\circ}$ a -1°C (Figura 2) e, em persistindo a tendência de resfriamento no Pacífico Tropical, poderá ocorrer uma transição de um fenômeno El Niño para uma La Niña (resfriamento das águas do Pacífico Equatorial) nos

próximos meses.

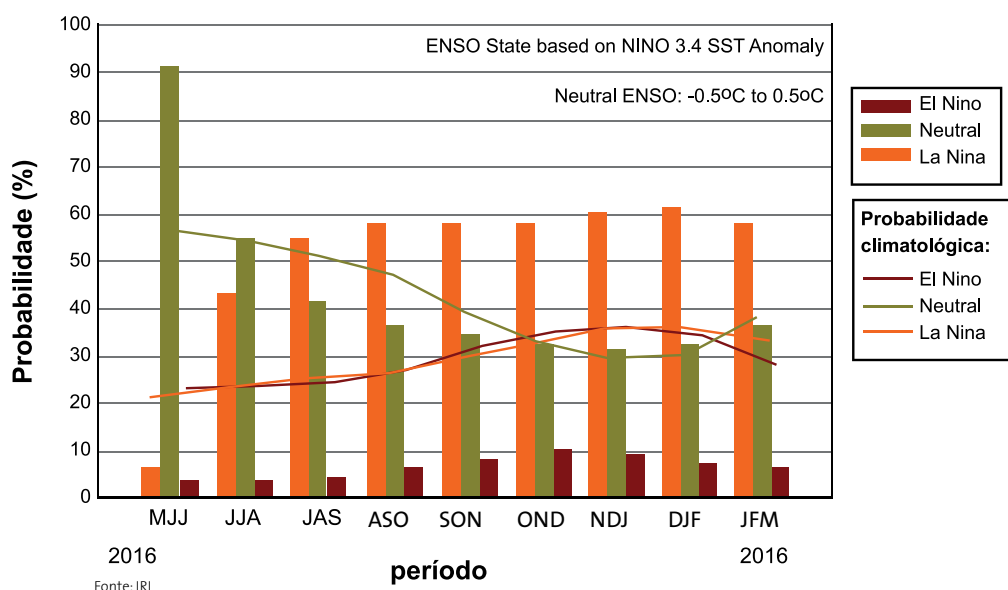
Essa transição deve continuar, segundo a maioria dos modelos de previsão de TSM, como os do IRI (Research Institute for Climate Society), que indicam que há uma forte probabilidade de resfriamento na faixa equatorial do Oceano Pacífico (área do El Niño 3.4), com possível formação de uma La Niña a partir do trimestre julho-agosto-setembro (Figura 3).

Figura 2 - Mapas das anomalias de TSM de maio/2016



Fonte: CDP/Inmet

Gráfico 60- Previsão probabilística de El Niño



Fonte: IRI

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL DE 2016⁴

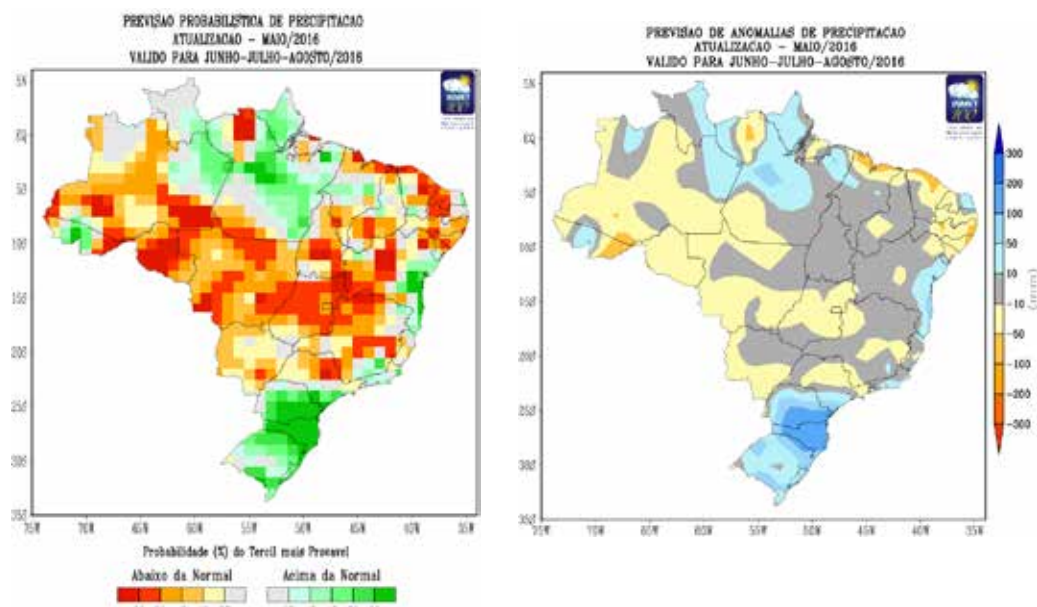
Os mapas do modelo climático estatístico do INMET (Figura 3) indicam que na Região Nordeste predominam as áreas com maior probabilidade de os totais pluviométricos no trimestre junho-julho-agosto/2016 ocorrerem na categoria da faixa normal ou abaixo, exceto no leste da Bahia, onde as probabilidades são de chuvas acima da média. Ressalta-se, contudo, que mesmo com probabilidades previstas de chuva abaixo ou acima da faixa normal, o modelo também indica que os desvios em relação à média poderão ser pouco acentuados, o que aumenta a chance de um trimestre com chuvas acumuladas dentro da faixa normal.

Para a Região do MATOPIBA, o modelo indica que o

trimestre junho-julho-agosto será dentro da sua característica climatológica típica que é de baixa probabilidade de ocorrência de chuvas significativas.

Na Região Sul, as probabilidades indicam que devem prevalecer as áreas com totais acima da média do trimestre, principalmente no Paraná e em Santa Catarina, onde as chuvas podem exceder a média em mais de 100 mm. As temperaturas do trimestre nessa região devem ficar na faixa normal do período, porém com grande variabilidade intrasazonal, o que significa ocorrência de episódios de massas de ar frio que provocam quedas acentuadas na temperatura e potencializam o risco de geadas.

Figura 3 - Previsão climática (probabilidades e anomalias) para o período maio, junho e julho de 2016



Fonte: Inmet.

7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de maio de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver

4 Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



- problemas pontuais;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

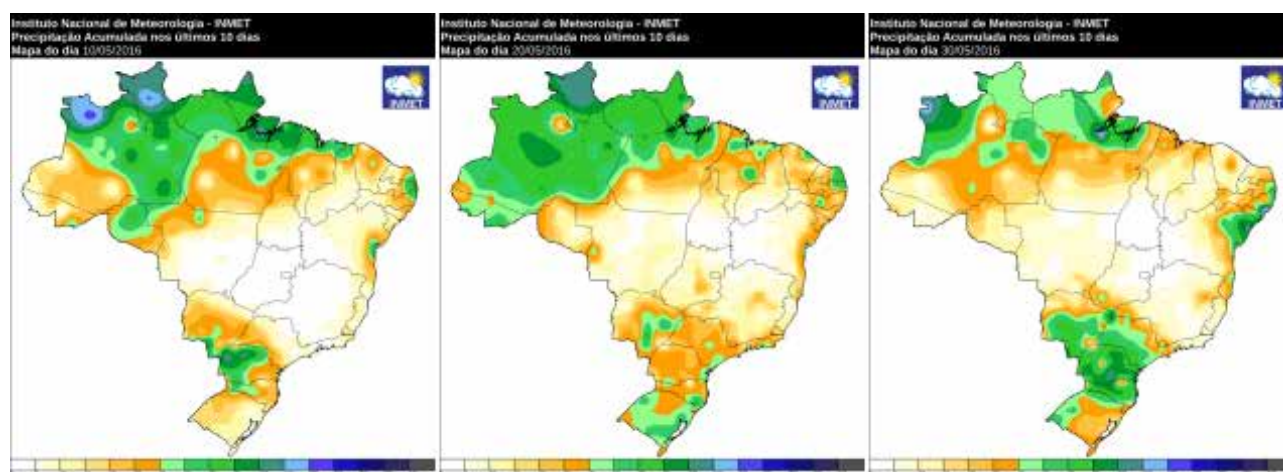
No Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, predomina-

ram baixas precipitações e altas temperaturas que resultaram em baixo armazenamento hídrico do solo (Figuras 1, 4, 5 e 6). Essas condições climáticas resultaram em impactos às lavouras de segunda safra, que foram prejudicadas pela falta de chuva também em abril. Nas regiões produtoras do médio-norte e nordeste do Mato Grosso, verificaram-se maiores temperaturas máximas (Figuras 5). Em Goiás e Minas Gerais, a região noroeste dos respectivos estados apresentaram as maiores temperaturas máximas (Figuras 5).

No Mato Grosso do Sul e São Paulo, principalmente ao sul desses estados, e no Paraná, o cenário climático (Figuras 1, 4 e 5), ao contrário do observado em abril, favoreceu as lavouras de segunda safra em frutificação. No entanto, no Paraná, para lavouras em maturação e colheita, houve restrições por excesso de chuvas (Figuras 1 e 4). Dentre os cultivos de segunda safra, o feijão foi mais impactado devido ao maior percentual de lavouras nesses estádios e à maior sensibilidade da cultura ao excesso de precipitação. As chuvas foram mais intensas no norte e oeste do estado (Figuras 1 e 4).

Em relação às culturas de inverno, chuvas regulares favoreceram as regiões norte e oeste do Paraná (Figuras 1 e 4), onde as lavouras estão em desenvolvimento. Em regiões produtoras do sudoeste e leste do Paraná e de outros estados da região Sul, onde houve o início da janela de plantio, as condições também foram benéficas devido ao bom armazenamento hídrico do solo (Figuras 6). No Rio Grande do Sul, chuvas reduzidas (Figuras 1 e 4) favoreceram operações agrícolas relacionadas ao plantio.

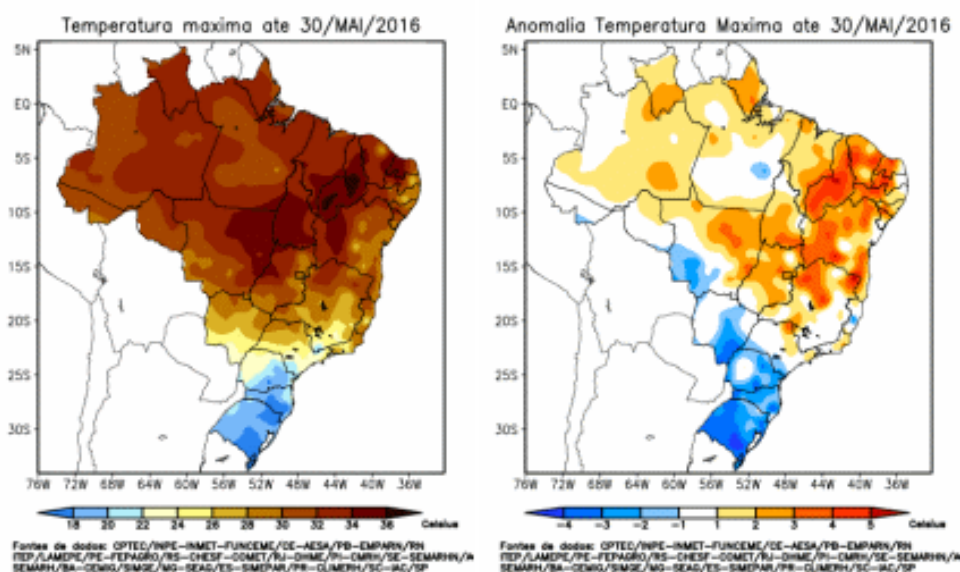
Figuras 4 – Precipitação pluviométrica acumulada de 01 a 10, 11 a 20 e de 21 a 30 de maio/16



Fonte: Inmet.

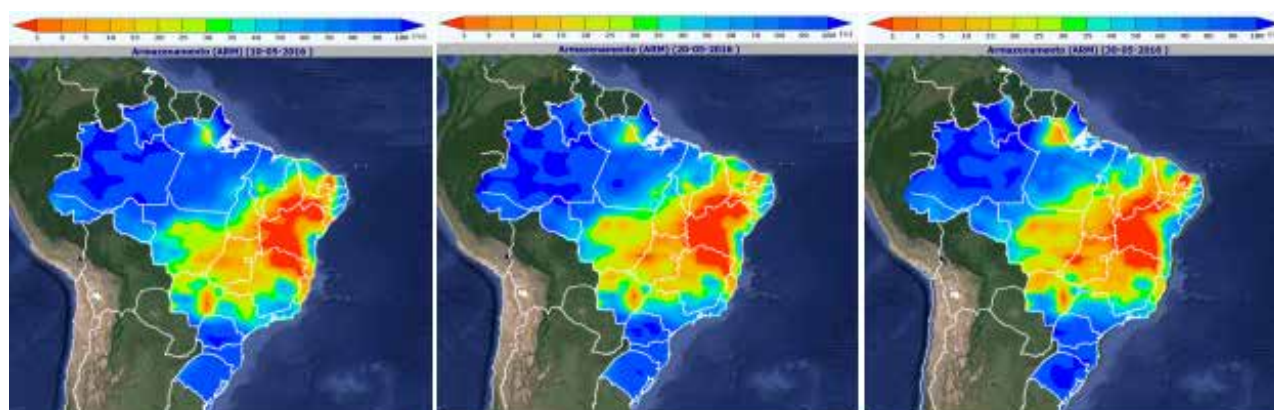


Figuras 5 - Temperatura máxima e anomalia da temperatura máxima em maio/2016



Fonte: Cptec

Figuras 6 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 30 de maio/16.



Fonte: SISDAGRO/Inmet

7.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL

O propósito do monitoramento espectral é avaliar o estado atual das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de outros eventuais fatores que influenciam o desenvolvimento dos cultivos, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento, o foco principal é os cultivos de segunda safra e de inverno.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite do período 8 a 23 de maio dos respectivos anos-safra nos estados do Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais, São Paulo e Maranhão. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas

de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média dos 6 últimos anos nas faixas de baixos, médios e altos valores do índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos-safra.

No monitoramento, estão sendo analisadas mesor-regiões dos estados mencionados que cobrem juntas mais de 75% do milho segunda safra e do trigo (Tabela 2). Os resultados cobrindo uma maior extensão



do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão

disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, divulgados mensalmente no site da Conab.

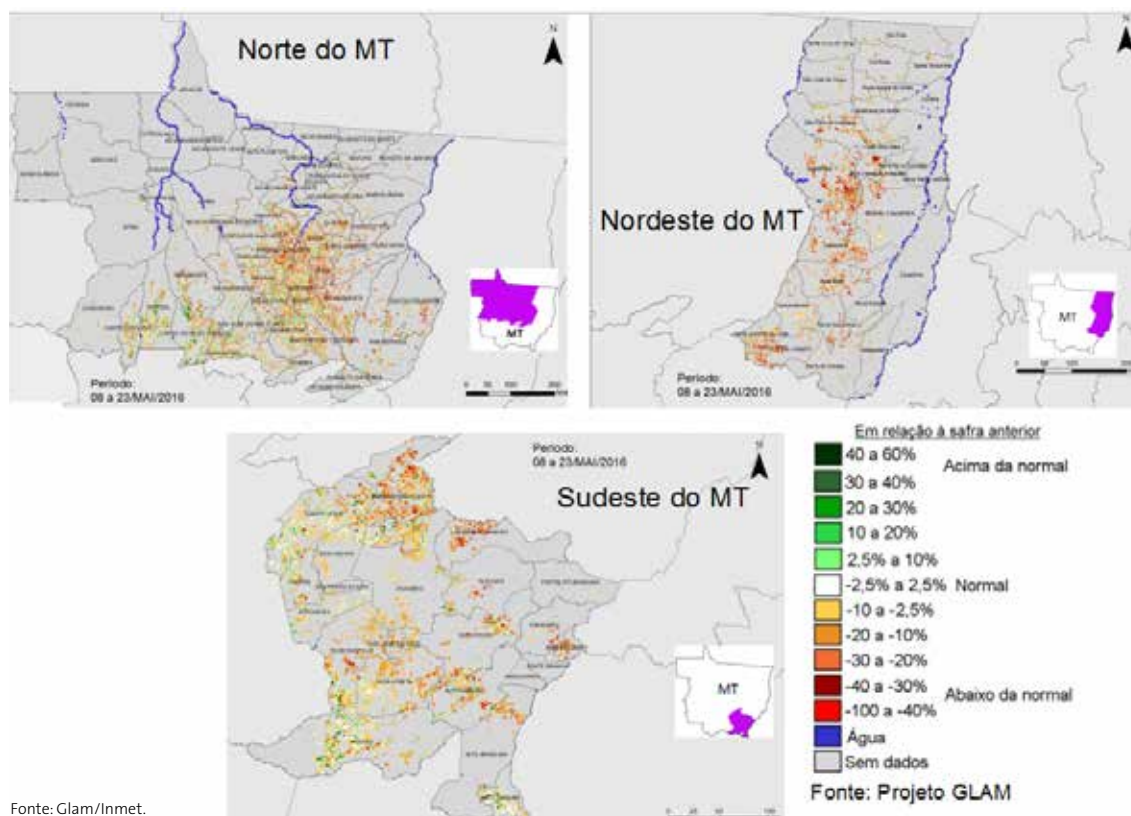
Tabela 2 – Mesorregiões monitoradas em estados produtores de milho 2ª safra

Mesorregião		Área em hectares		Total (a+b)	
		Milho 2ª (a)	Trigo (b)	(ha)	(%)
1	Norte Mato-grossense - MT	2.359.362		2.359.362	19,2
2	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.241.273	9.357	1.250.630	10,2
3	Sul Goiano - GO	1.007.967	1.550	1.009.517	8,2
4	Oeste Paranaense - PR	737.998	131.437	869.435	7,1
5	Norte Central Paranaense - PR	533.138	192.153	725.292	5,9
6	Sudeste Mato-grossense - MT	597.953		597.953	4,9
7	Nordeste Mato-grossense - MT	487.184		487.184	4,0
8	Centro Ocidental Paranaense - PR	317.256	108.218	425.474	3,5
9	Norte Pioneiro Paranaense - PR	241.969	153.834	395.803	3,2
10	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	332.389	371	332.759	2,7
11	Leste Goiano - GO	185.349	4.448	189.797	1,5
12	Sul Maranhense - MA	187.266		187.266	1,5
13	Assis - SP	174.555	4.018	178.573	1,5
14	Noroeste Paranaense - PR	149.723	3.634	153.357	1,2
15	Noroeste de Minas - MG	111.378	1.561	112.938	0,9
Total 15 mesorregiões		8.664.761	610.580	9.275.341	75,5
Total Brasil		9.444.520	2.836.786	12.281.306	100,0

Fonte: IBGE/Conab

7.5.1. MATO GROSSO

Figura 7 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



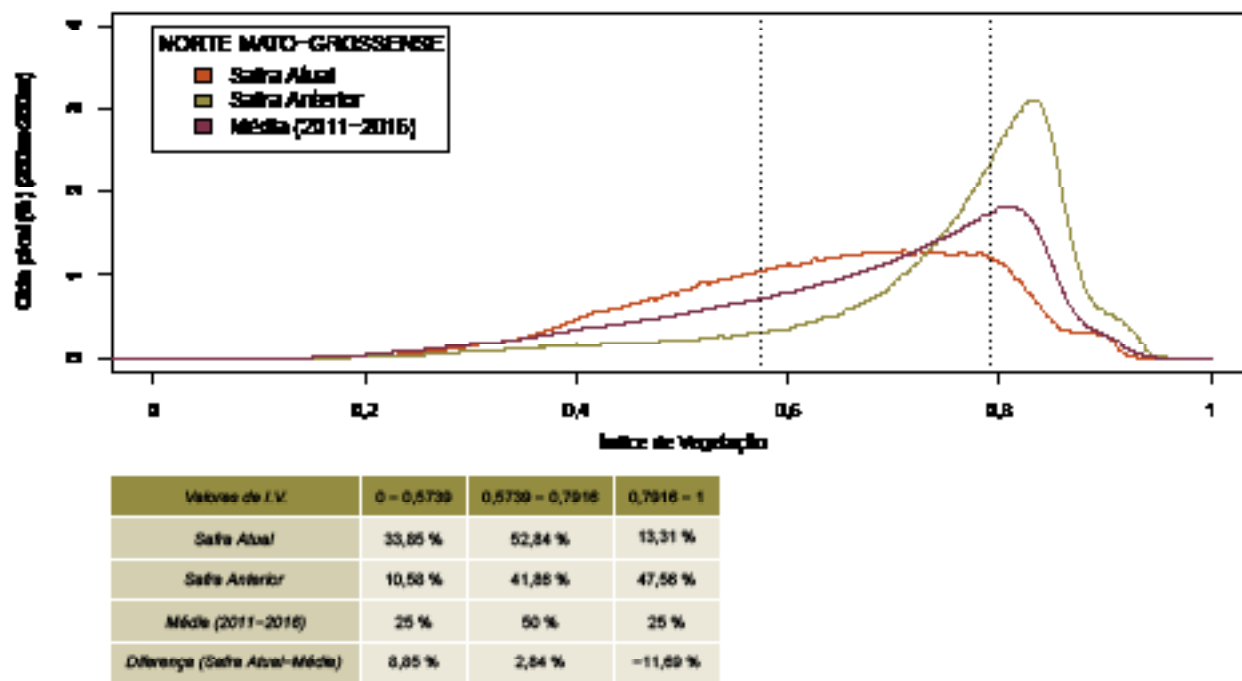
Fonte: Glam/Inmet.



As cores em amarelo, laranja, e marrom, com maior nos mapas, mostram onde as atuais lavouras, principalmente do milho segunda safra, apresentam padrão inferior ao ano passado. Pouca disponibilidade hídrica em fases críticas dos cultivos, principalmen-

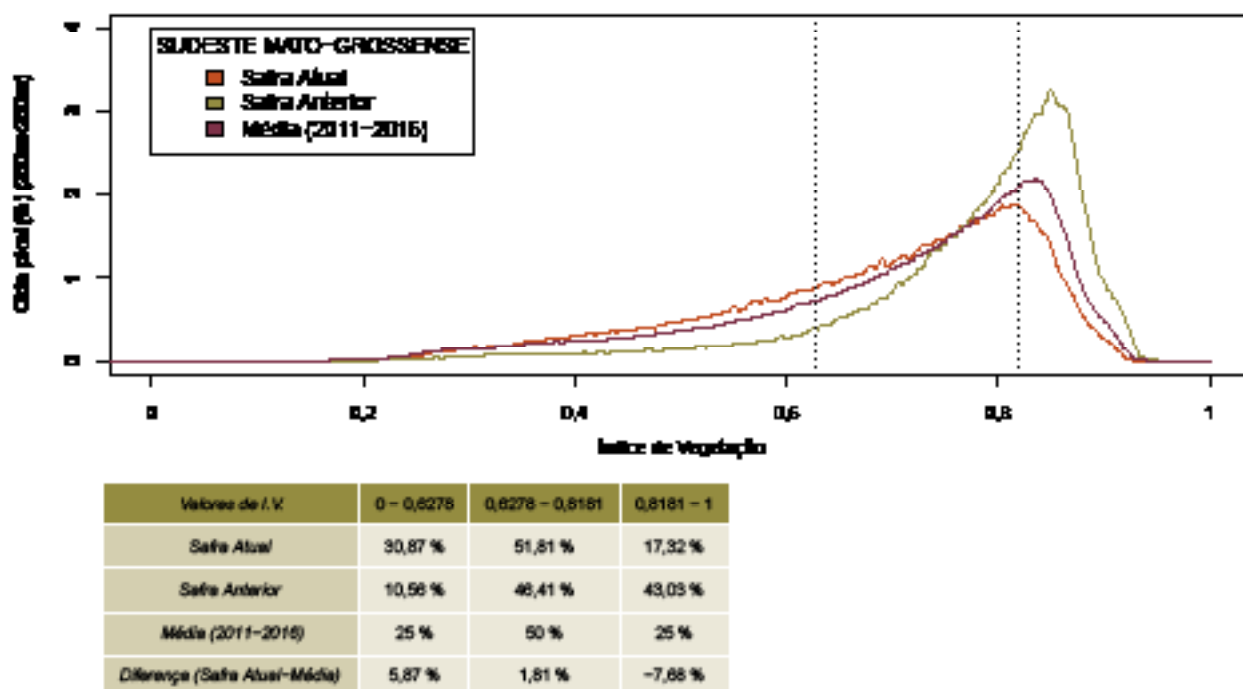
te do milho segunda safra, é a principal causa desta anomalia negativa. Em branco, estão as áreas com padrão similar ao ano anterior. Em verde, em menor quantidade, são lavouras com padrão superior ao ano de 2015.

Gráfico 61 – Gráficos de quantificação de áreas - Norte-mato-grossense



Fonte: Glam/Inmet.

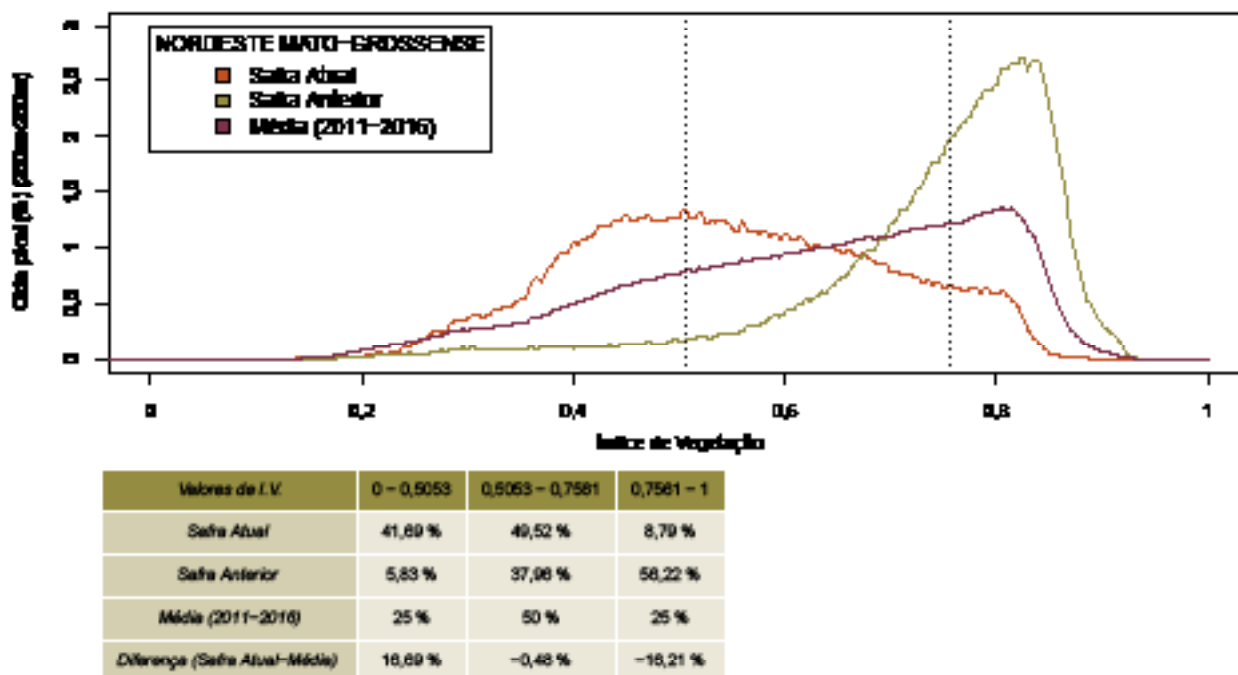
Gráfico 63 – Gráficos de quantificação de áreas - Sudeste-mato-grossense



Fonte: Glam/Inmet.



Gráfico 64 – Gráficos de quantificação de áreas - Nordeste-mato-grossense



As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram os percentuais de lavouras com médias e altas respostas do IV da seguinte forma: no Norte são 66% da safra atual contra 89% no mesmo período do ano passado; no Nordeste são 58% em 2016 contra 94% em 2015; no Sudeste são 69% agora contra 89% no ano passado. Conclui-se que, no estado do Mato Grosso, a presente safra tem, em relação à safra passada, uma menor quantidade de lavouras respondendo com médios e altos valores de IV. Esta condição decorre do déficit hídrico em boa parte das lavouras.

Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam as condições da atual safra nas regiões:

- Norte, 8% abaixo da média dos 6 últimos anos e 16% abaixo da safra anterior;
- Nordeste, 14% abaixo da média dos 6 últimos anos e 25% abaixo da safra anterior;
- Sudeste, 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e 11% abaixo da safra anterior.

Gráfico 64 – Evolução temporal - Norte-mato-grossense

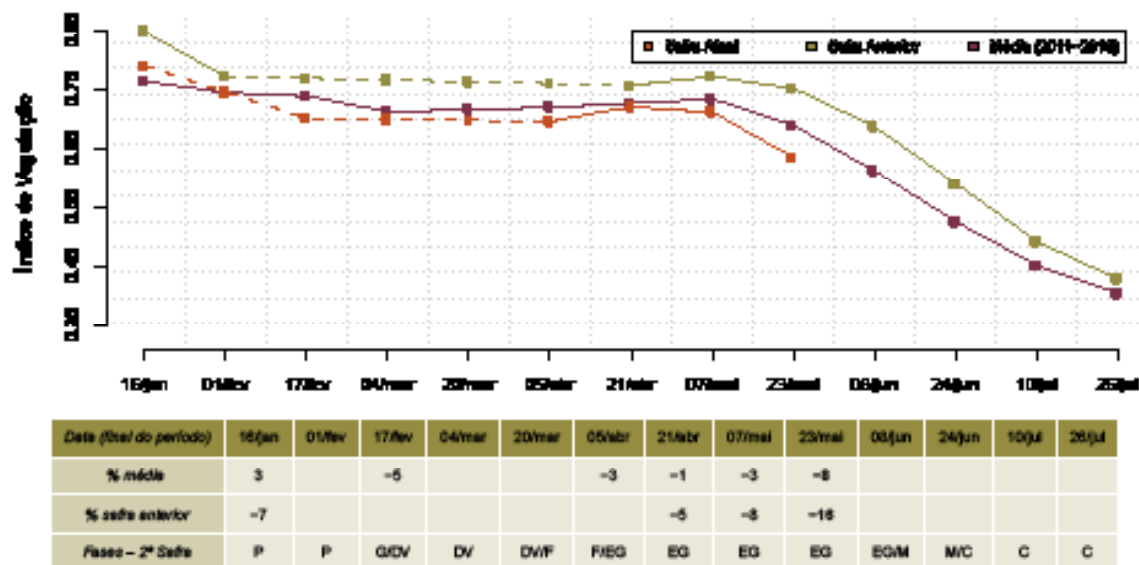
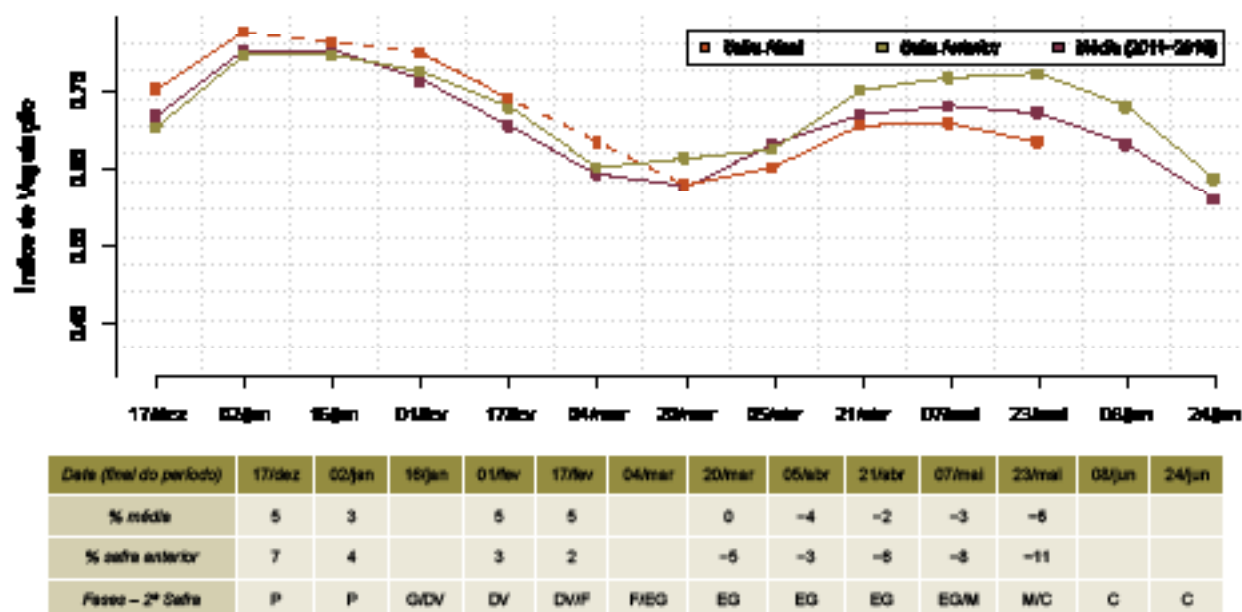
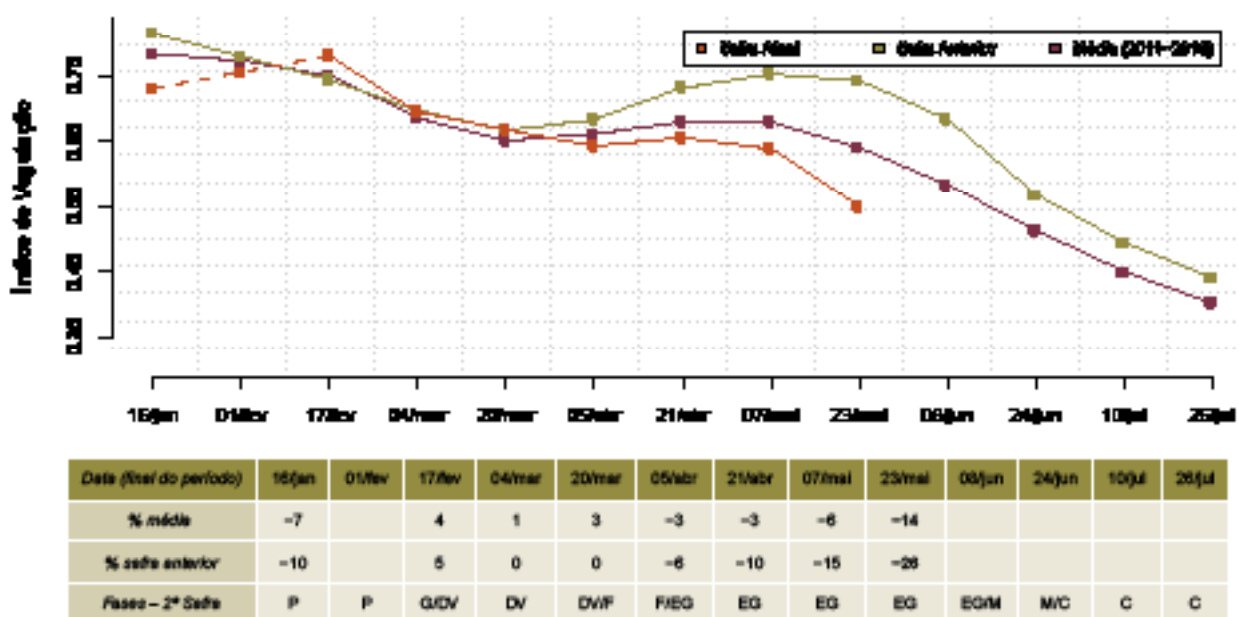


Gráfico 65 – Evolução temporal - Sudeste-mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 66 – Evolução temporal - Nordeste-mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

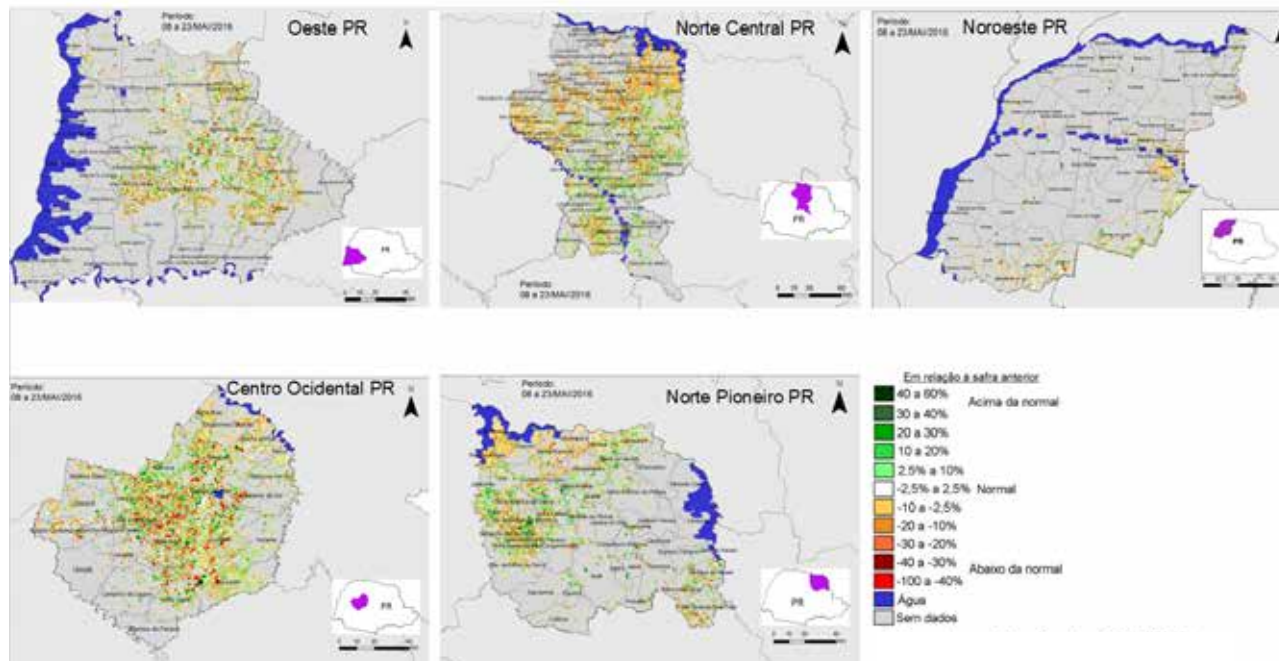
Os gráficos das 3 regiões mostram, pelos baixos valores de IV desde abril, que as lavouras vem respondendo com atividade fotossintética inferior aos anos-sa-

fra anteriores. Trata-se do reflexo da falta de chuvas em boa parte do estado em período de muita demanda hídrica das atuais lavouras de segunda safra.



7.5.3. PARANÁ

Figura 10 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam

As áreas com anomalia negativa, mostradas em cores amarelo, marrom e vermelho nos mapas podem ser em decorrência da maturação, principalmente, do milho segunda safra, possíveis atrasos no início do plantio do trigo, e, principalmente, pela escassez de chuvas em abril. As áreas em verde mostram onde o IV das lavouras atuais, inclusive cultivos de inverno, são su-

periores ao do ano passado. A reserva hídrica do solo e chuvas em maio contribuíram para manutenção de áreas nesse padrão em relação à safra anterior. Além disso, esse padrão relaciona-se com a substituição de culturas com o aumento da área de milho e redução da área de trigo, e o cultivo do milho realizado mais cedo na safra atual.

Gráfico 71 - Quantificação de áreas - Oeste Paranaense

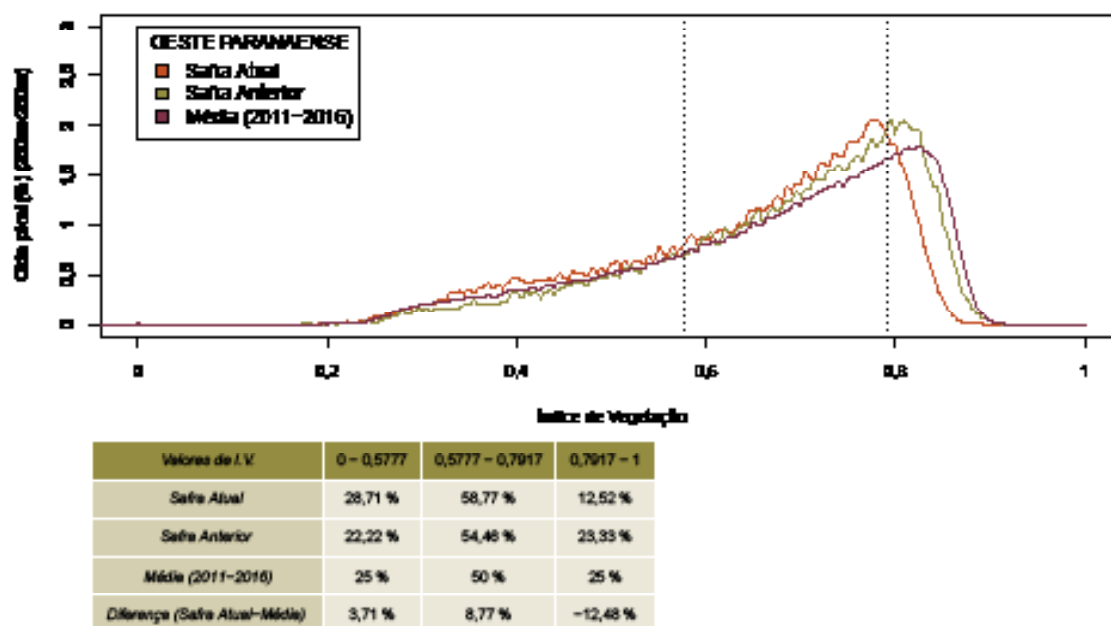
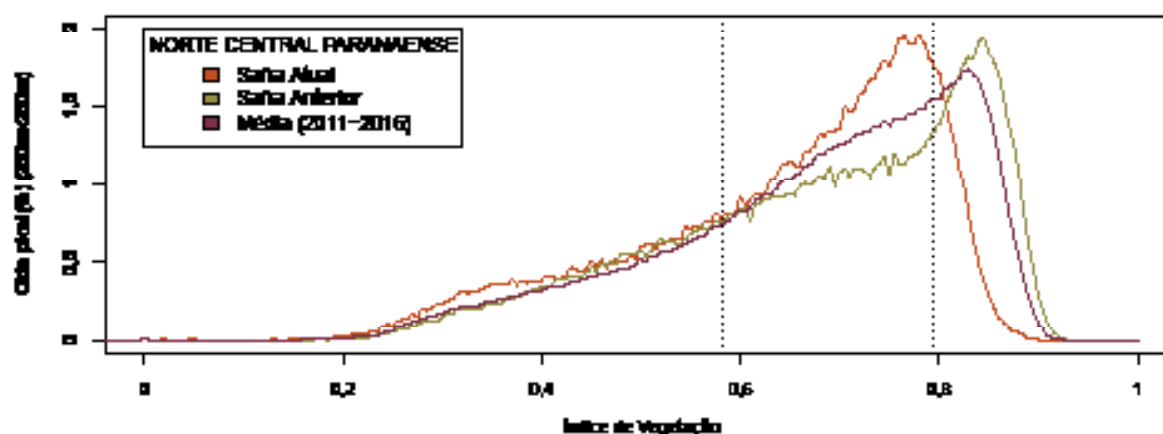


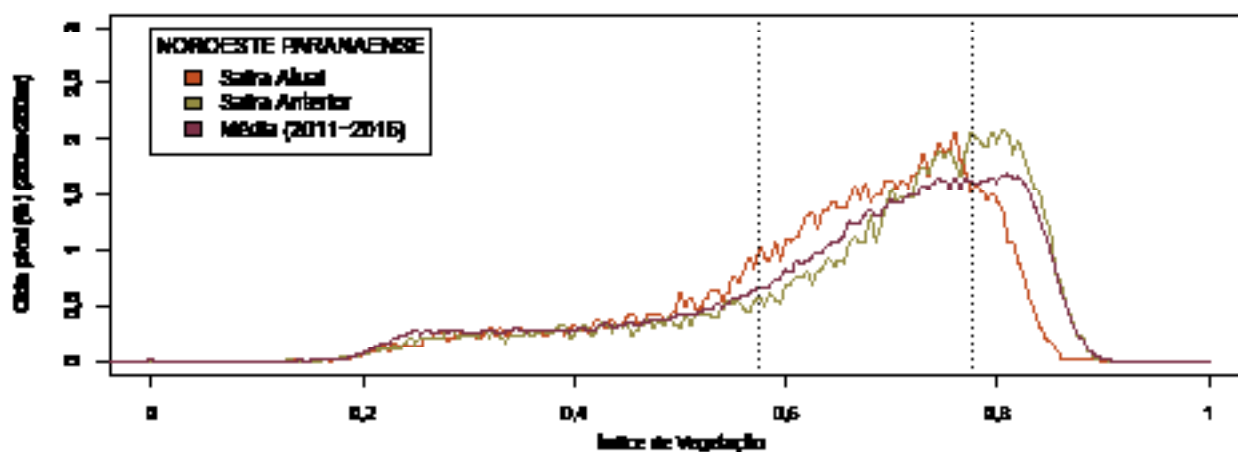
Gráfico 72 - Quantificação de áreas - Norte Central Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,5807	0,5807 – 0,7931	0,7931 – 1
Safra Atual	29,92 %	58,22 %	11,88 %
Safra Anterior	26,09 %	43,5 %	30,4 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	4,92 %	8,22 %	-13,14 %

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 73 - Quantificação de áreas - Noroeste Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,5758	0,5758 – 0,7767	0,7767 – 1
Safra Atual	28,5 %	59,49 %	14,01 %
Safra Anterior	21,8 %	48,99 %	29,21 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	1,5 %	9,49 %	-10,99 %



Gráfico 74 - Quantificação de áreas - Centro-Oriental Paranaense

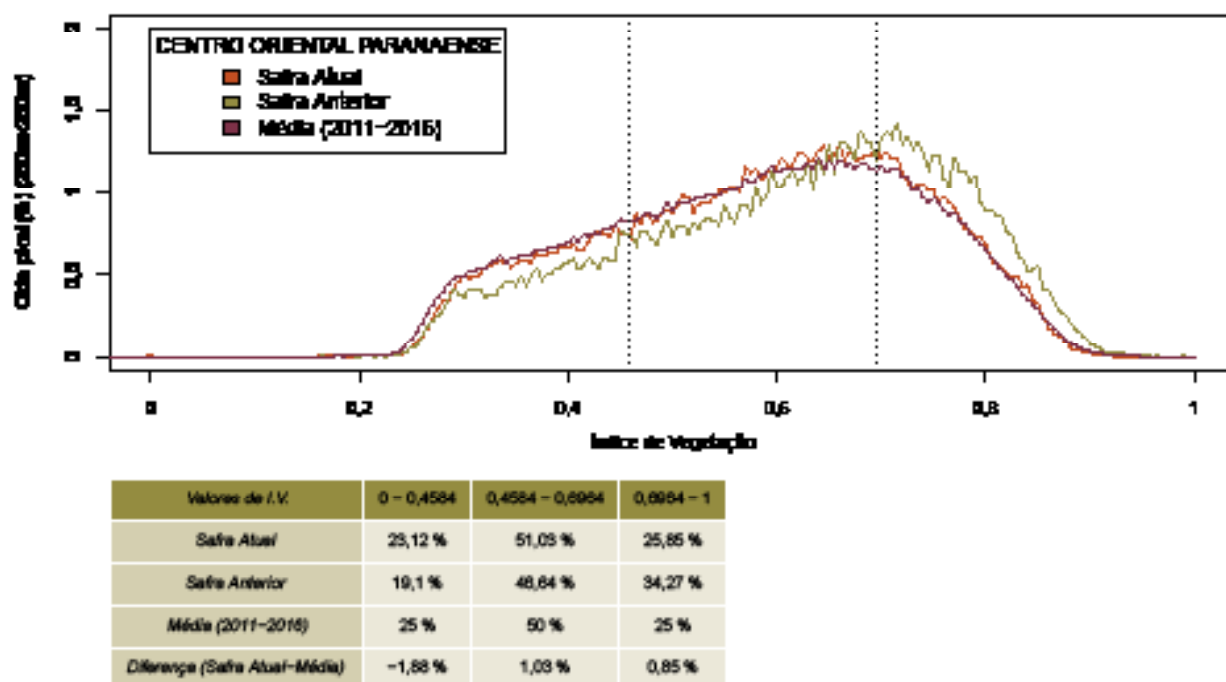
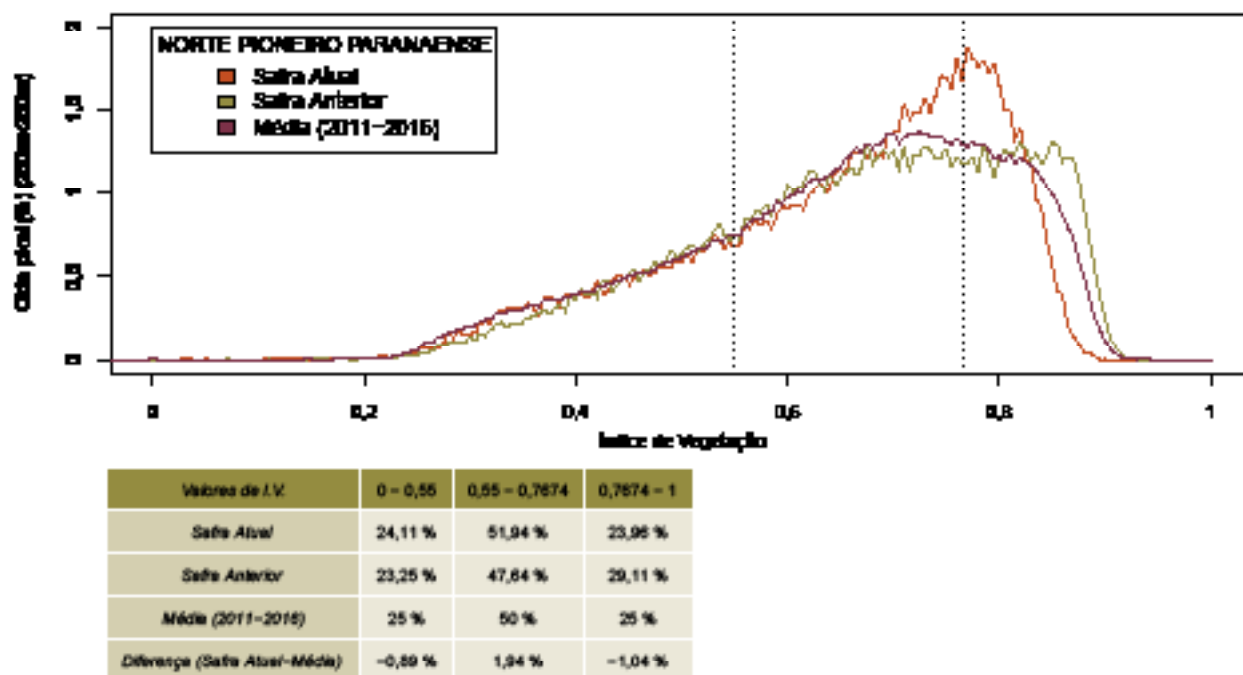


Gráfico 75 - Quantificação de áreas - Norte Pioneiro Paranaense



Fonte: Projeto Glam

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) no Oeste são 71% na atual safra contra 78% na safra passada; b) no Norte Central são 70% neste ano contra 74% no ano passado; c) no Centro Ocidental são 71% em 2016 contra 74% em 2015 e; d) no Norte Pioneiro são 76% na

atual safra contra 77% na safra anterior; f) no Noroeste são 73% na presente safra contra 78% no ano passado. Os complementos destes percentuais são áreas com baixas respostas de IV.

Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam as condi-



ções da atual safra nas regiões:

- Oeste: 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e da safra anterior;
- Norte Central: 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e 6% abaixo da safra anterior;

- Centro Ocidental: 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e da safra anterior.
- Norte Pioneiro: equivalente à média dos 6 últimos anos e 2% abaixo da safra anterior.
- Noroeste: 3% abaixo da média dos 6 últimos anos e 5% abaixo da safra anterior.

Gráfico 76 - Evolução temporal - Oeste Paranaense

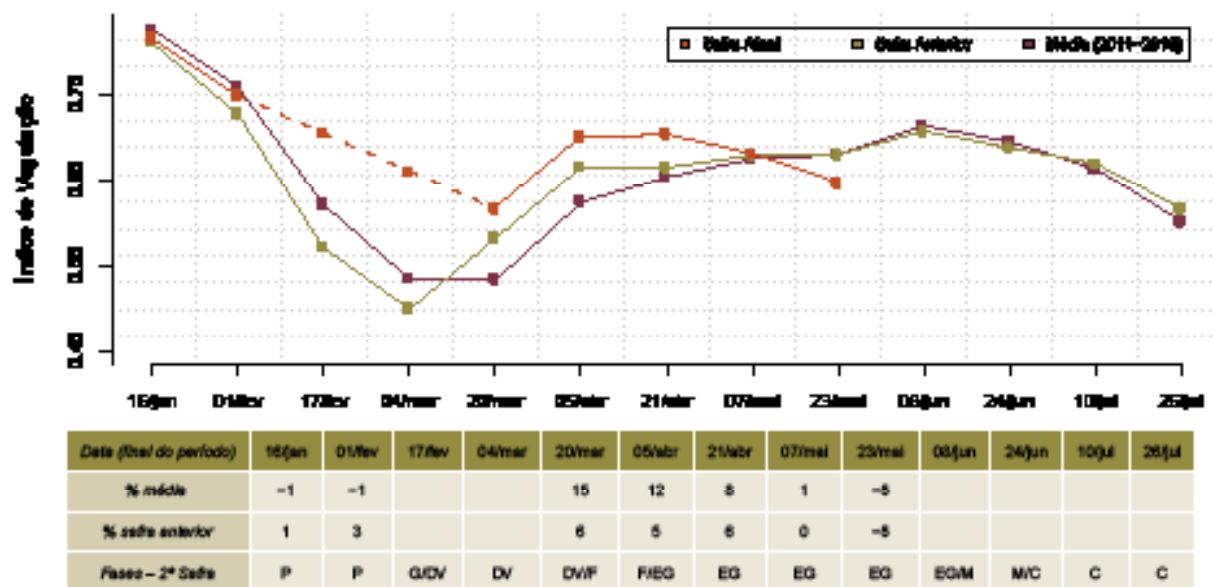
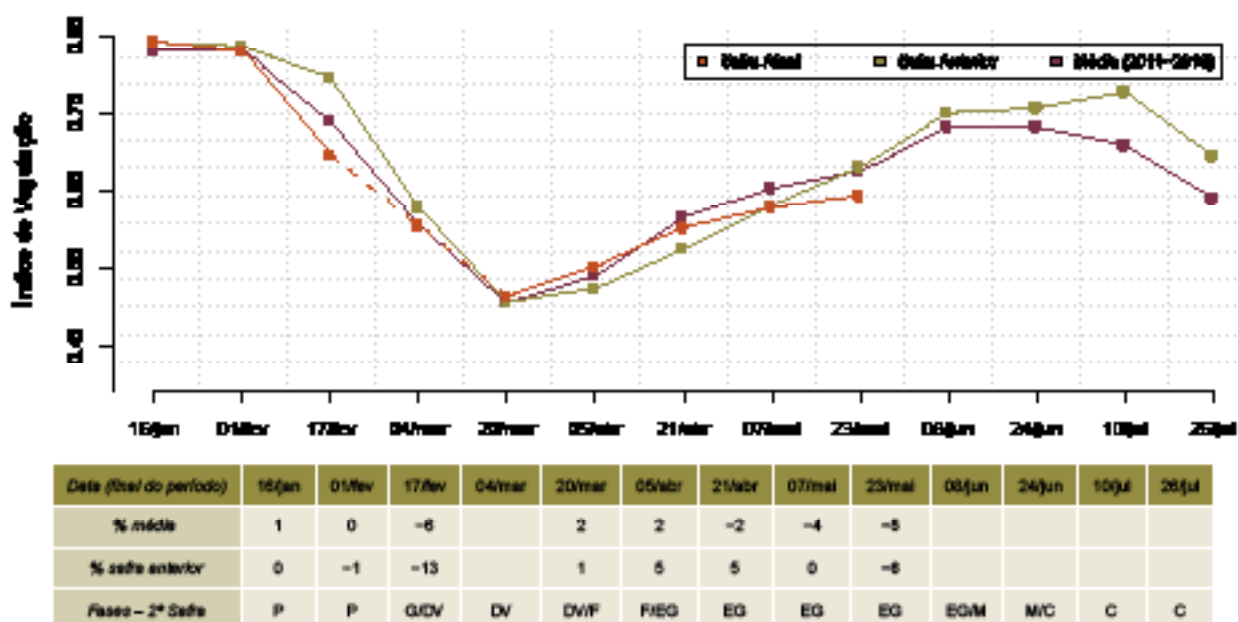


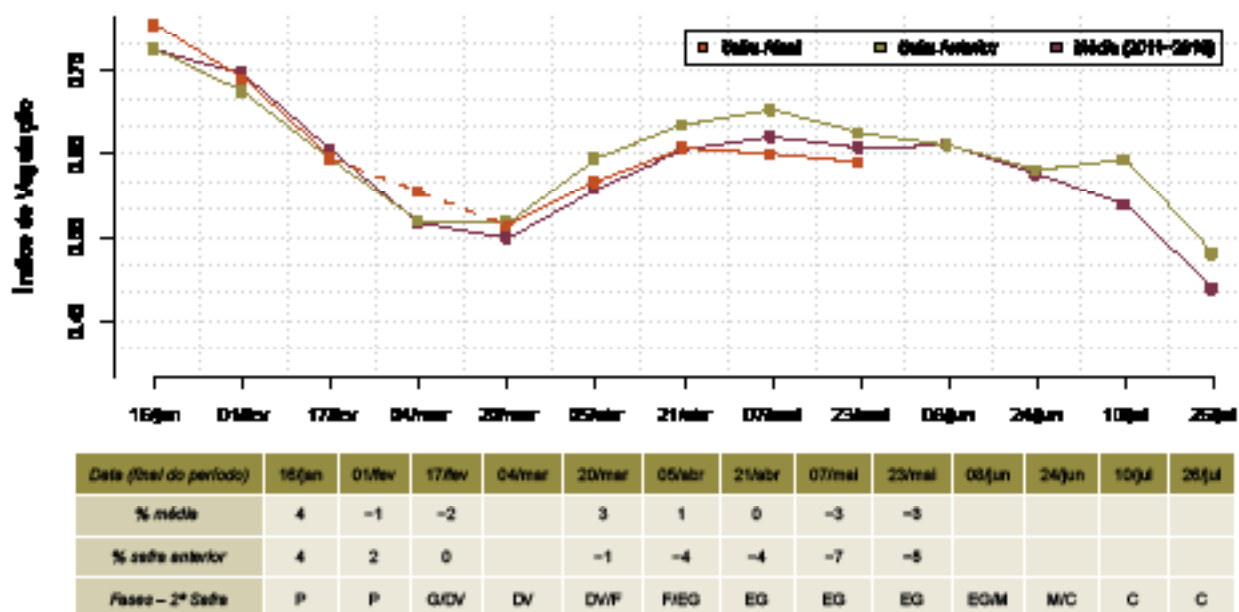
Gráfico 77 - Evolução temporal - Norte Central Paranaense



Fonte: Projeto Uiam



Gráfico 78 - Evolução temporal - Noroeste Paranaense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 79 - Evolução temporal - Centro-Occidental Paranaense

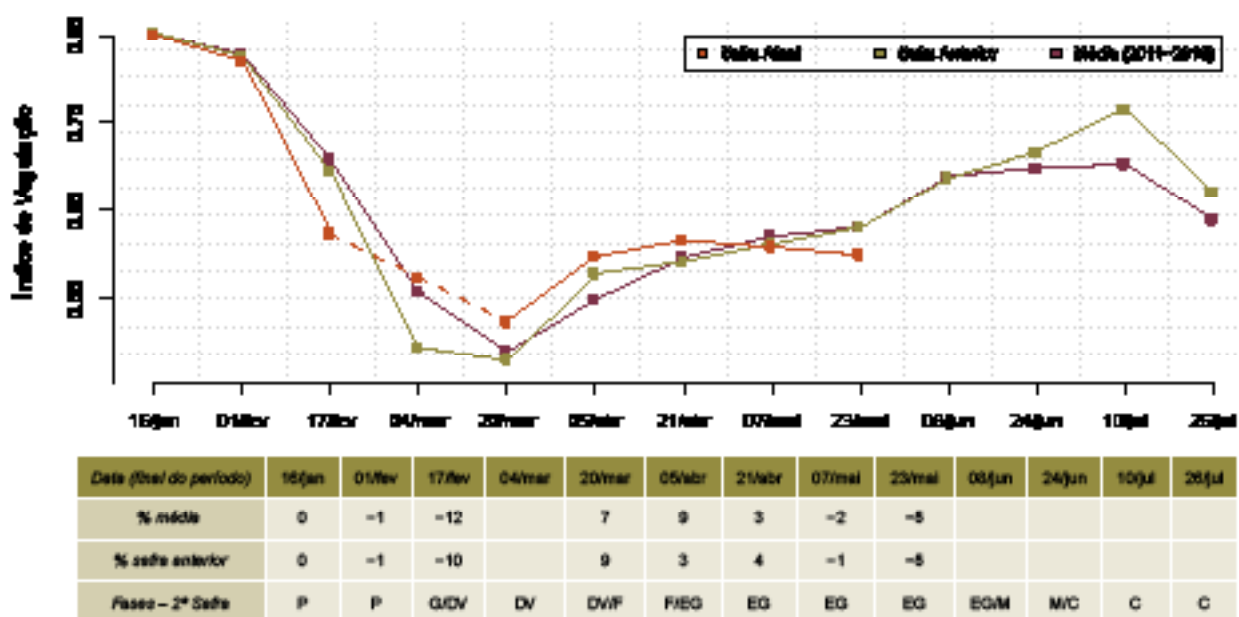
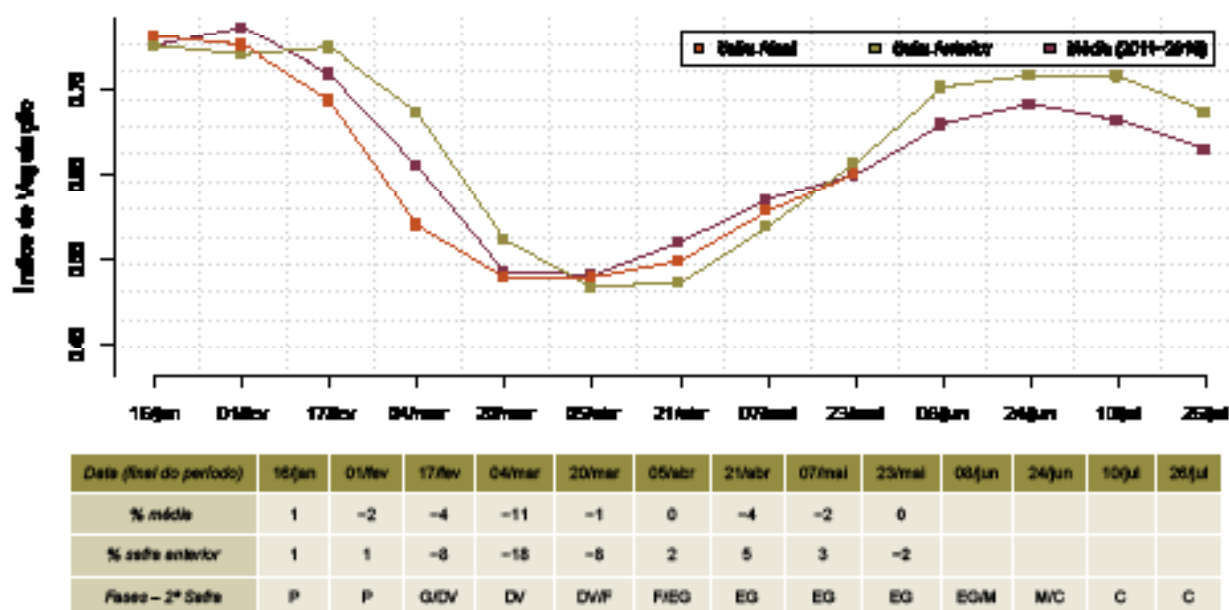


Gráfico 8o - Evolução temporal - Norte-Pioneiro Paranaense

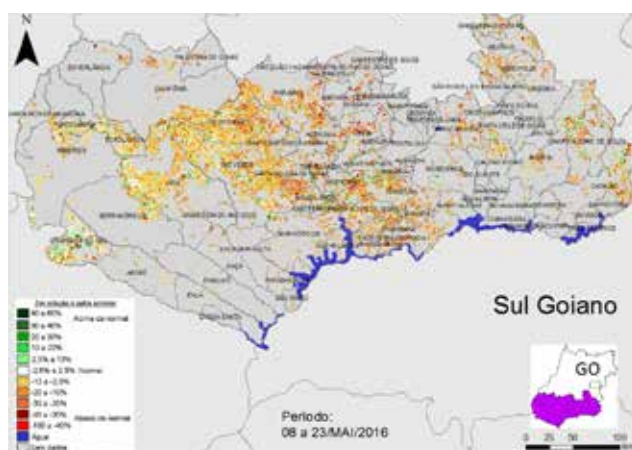


Os trechos em descida desde janeiro até o início de março correspondem às fases de maturação e colheitas da soja e do milho primeira safra. Os últimos trechos das linhas vermelhas nos gráficos acima em declínio ou tendendo a inclinação negativa, mostram a redução na atividade fotossintética das lavouras

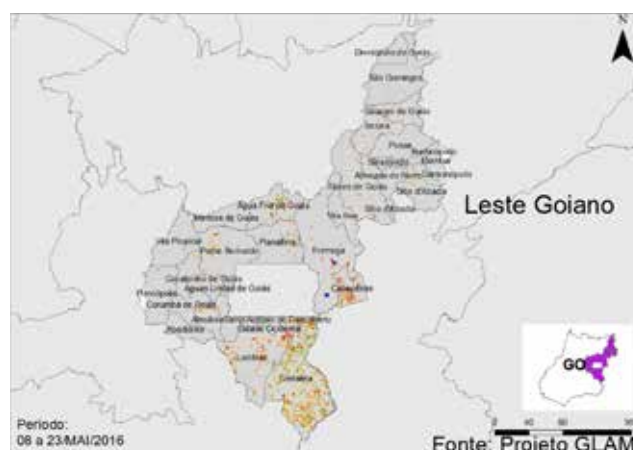
atuais. Isso é resultado da falta de chuva em abril que afetou cultivos de segunda safra em desenvolvimento e atrasou o plantio do trigo. Além disso, há relação também com a maturação de cultivos de segunda safra.

7.5.4. GOIÁS

Figura 11 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



O predomínio das cores amarelo, marrom e vermelho, mostra que as áreas agrícolas deste ano apresentam padrão de desenvolvimento inferior ao ano passado. A escassez de chuvas é a principal causa desta anomalia negativa. As lavouras de milho segunda safra



plantadas fora da janela ideal de semeadura são as áreas mais penalizadas. Áreas em branco estão com padrão similar à safra passada. Em verde, em menor quantidade, estão as lavouras com padrão atual acima do ano anterior.

Gráfico 81 - Quantificação de áreas - Sul goiano

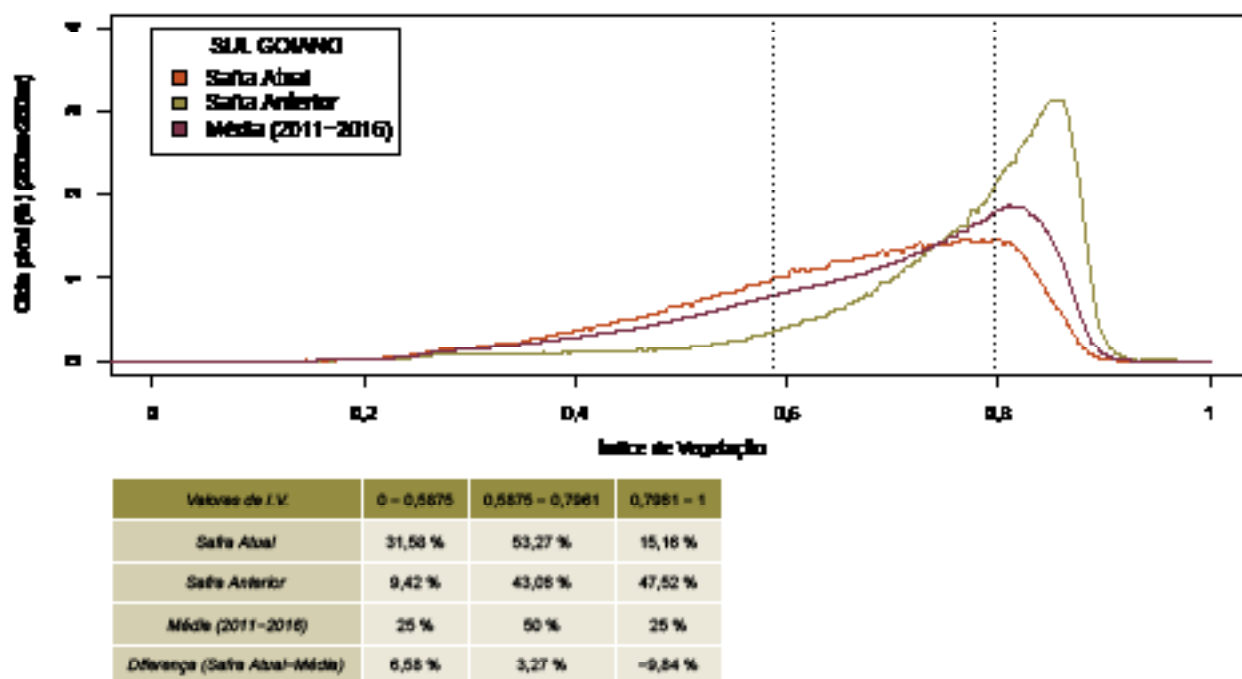
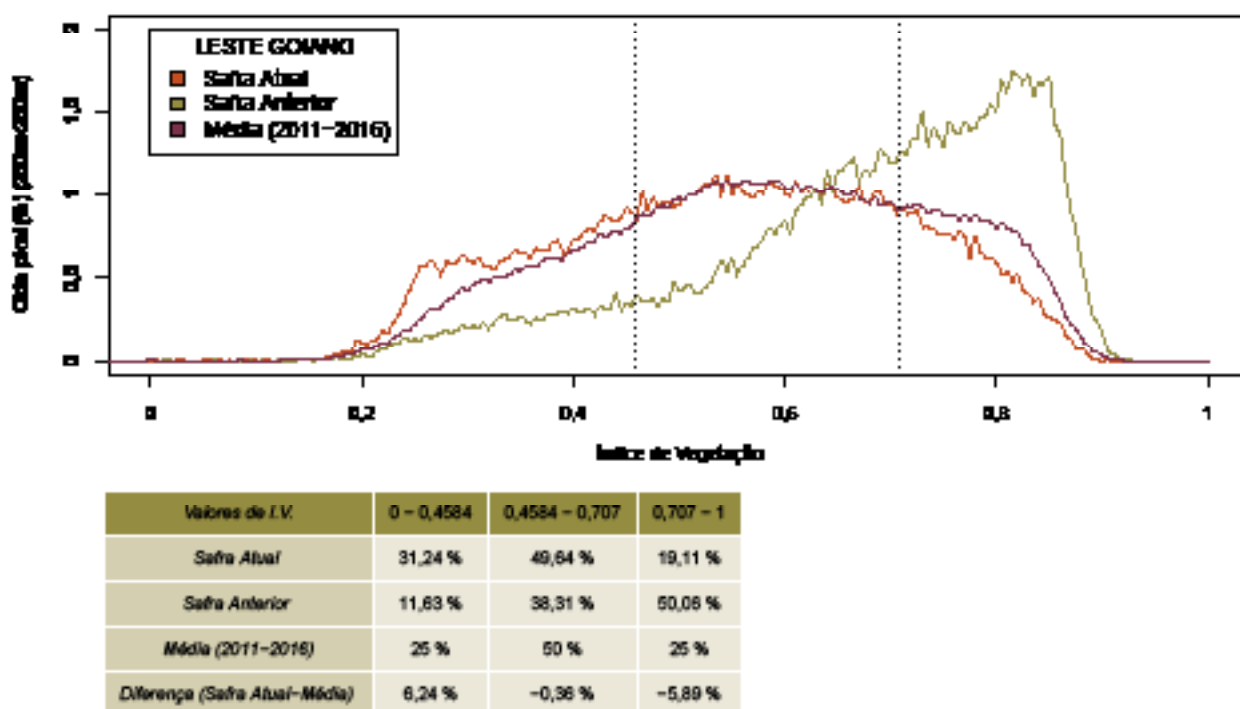


Gráfico 82 - Quantificação de áreas - Leste goiano



Fonte: Projeto Glam

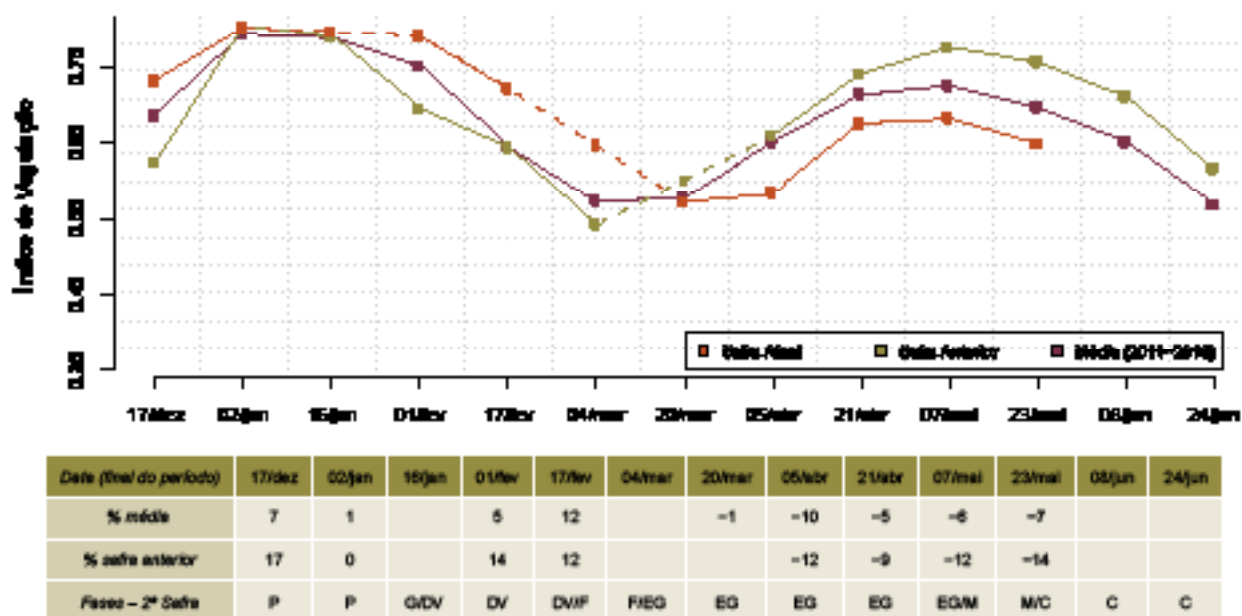
As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram, que no Sul Goiano, a atual safra tem 68% de suas lavouras com médias e altas respostas de IV contra 91% no mesmo período do ano passado. E no Leste são 69% da atual safra contra 88% no mesmo período do ano anterior. Consequentemente, a safra atual tem,

nas 2 regiões, mais lavouras em baixo padrão que a safra passada teve no mesmo período. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra nas regiões:



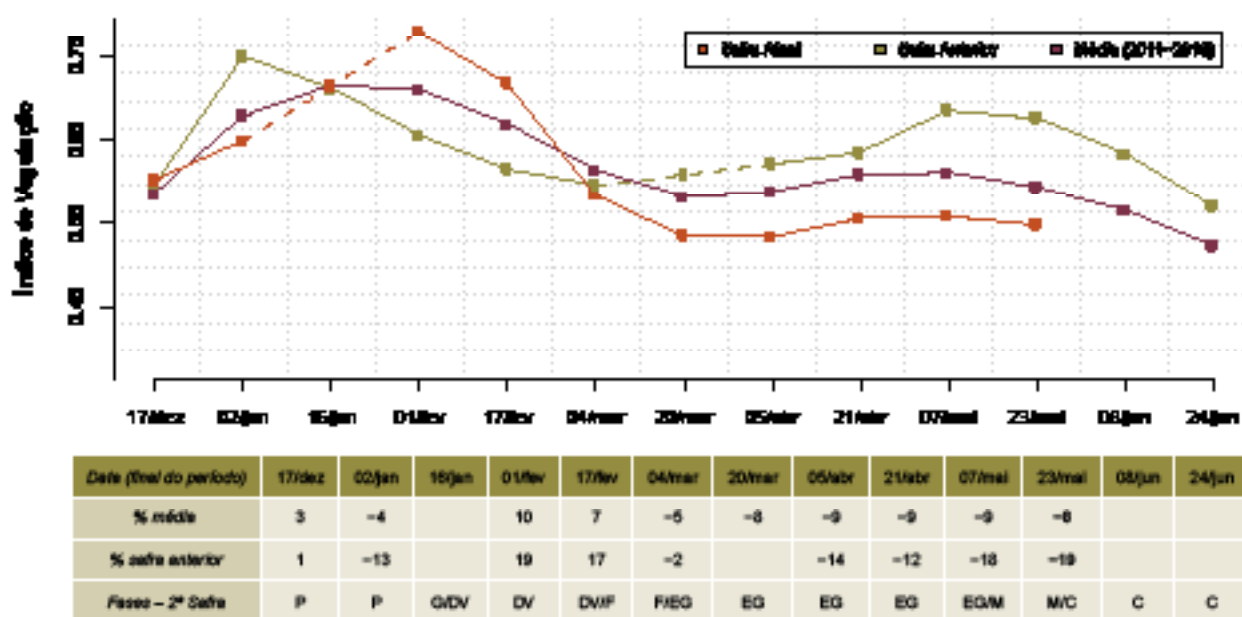
- Sul, 7% abaixo da média dos 6 últimos anos e 14% abaixo da safra passada.
- Leste, 8% abaixo da média dos 6 últimos anos e 19% abaixo da safra passada.

Gráfico 83 - Evolução temporal - Sul goiano



Fonte: Projeto Grão

Gráfico 84 - Evolução temporal - Leste goiano



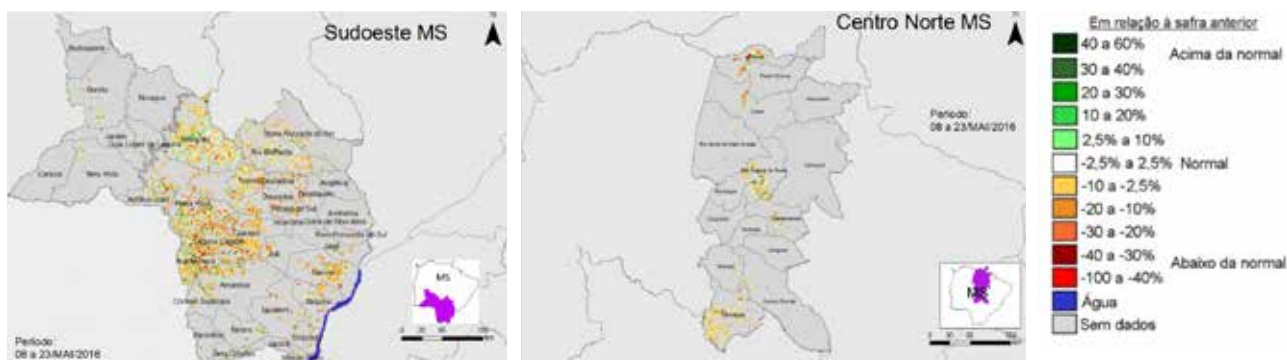
Nos gráficos acima, o traçado da linha vermelha abaixo dos anos anteriores, desde março, mostra forte redução do padrão de desenvolvimento das lavouras

da atual safra, principalmente, do milho de segunda safra. Reflexo da falta de chuva em período de grande demanda de água pelas plantações.



7.5.5. MATO GROSSO DO SUL

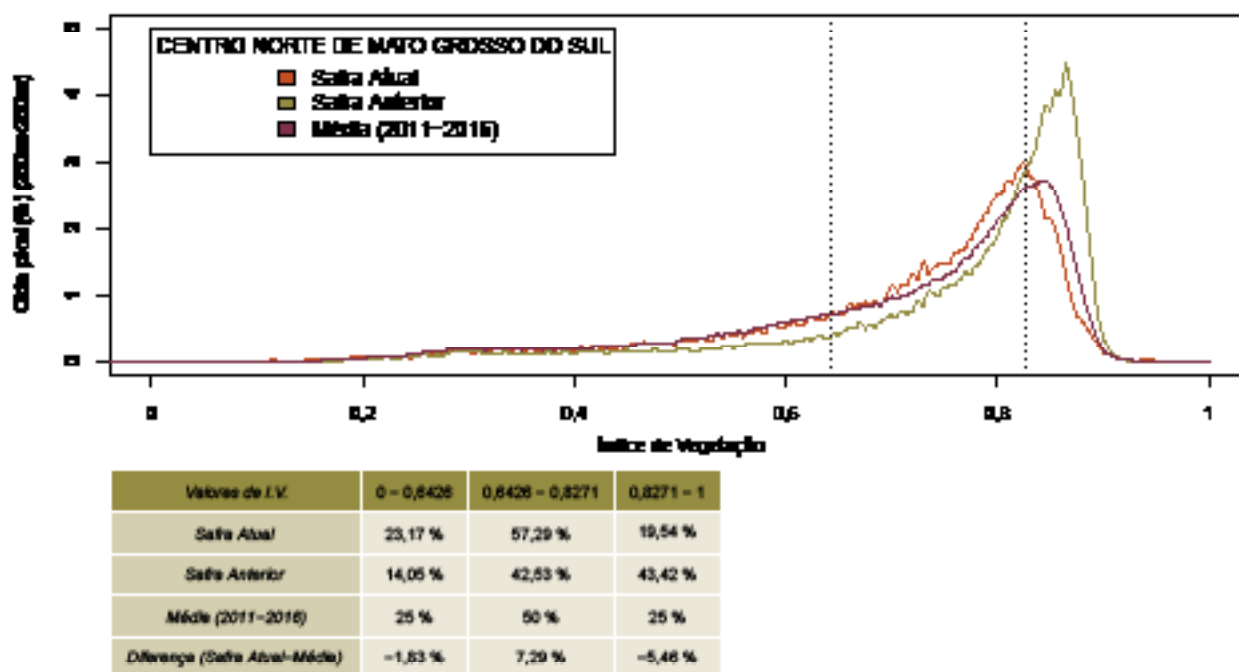
Figura 12 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Os mapas acima mostram predomínio das áreas em amarelo e marrom indicando onde as atuais lavouras respondem com IV inferior ao ano passado. Essa condição decorre do atraso no início do plantio do milho na região Sudoeste e da escassez de chuvas e temperaturas elevadas, principalmente em abril, em grande

parte do estado. Os municípios de Aral Moreira, Ponta Porã, Laguna Carapã, Caarapó e vizinhos foram bastante afetados. As poucas áreas em verde mostram onde os cultivos de segunda safra estão, no momento, com IV superior ao do ano passado.

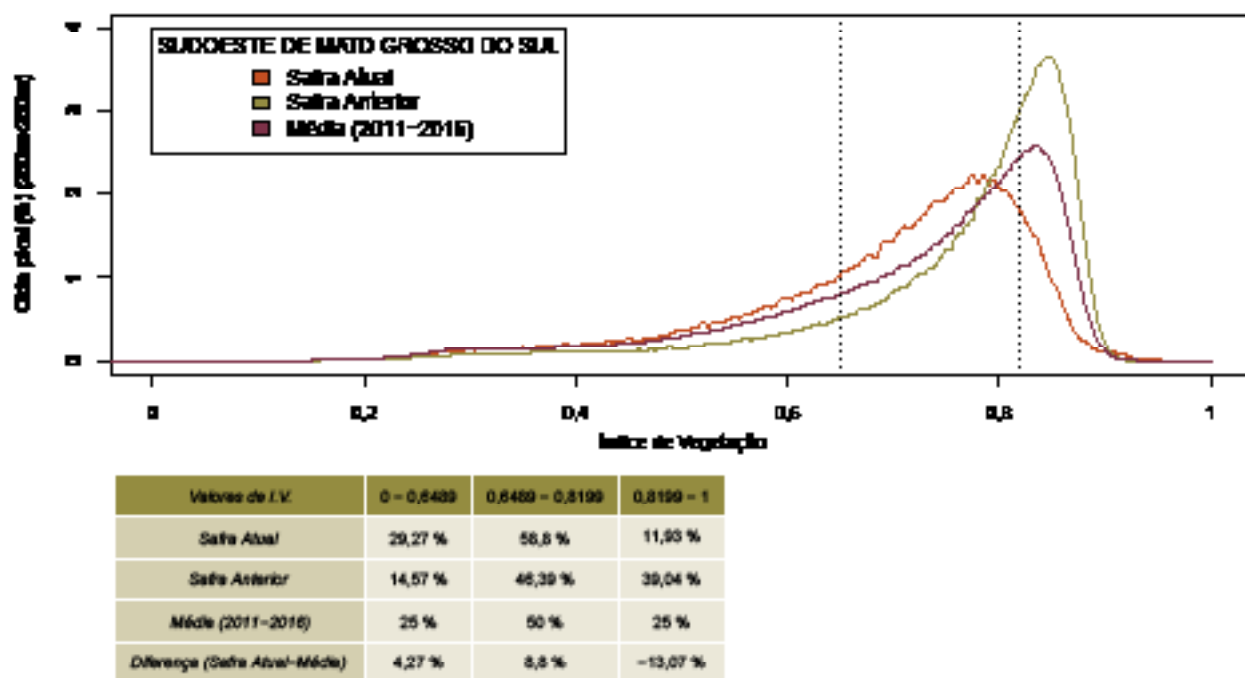
Gráfico 86 - Quantificação de áreas - Centro-Norte do Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 86 - Quantificação de áreas - Sudoeste do Mato Grosso do Sul



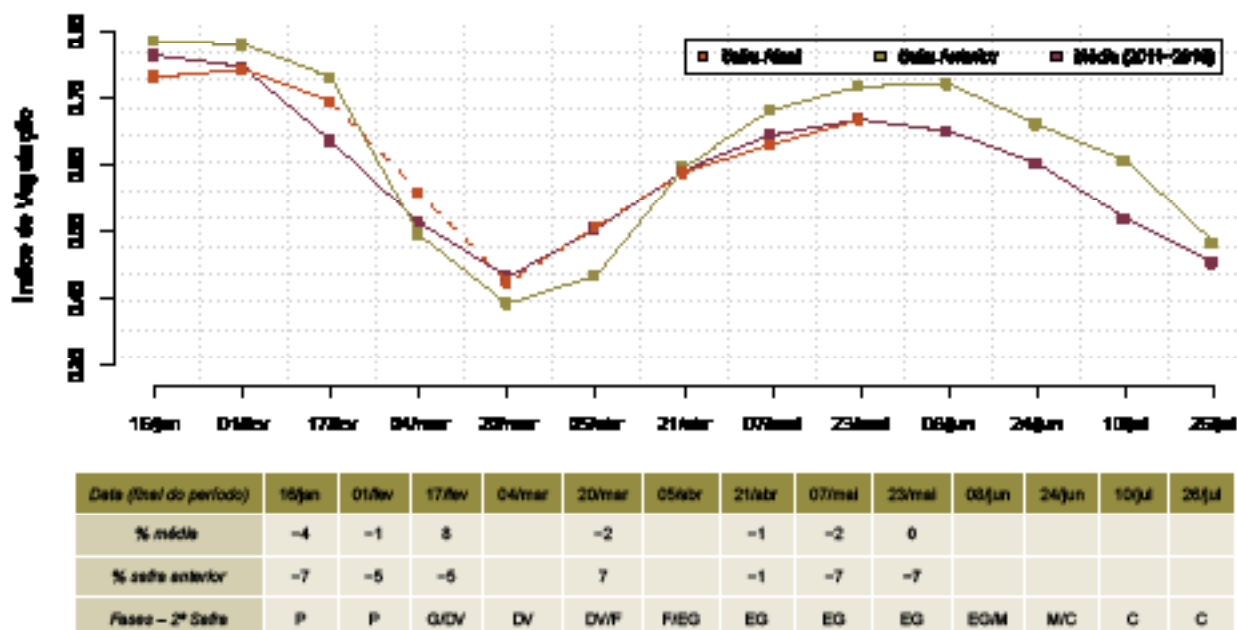
Fonte: Projeto Glam

Os traçados da linha vermelha nos gráficos de quantificação de áreas mostram que: no Sudoeste a safra atual tem 71% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 85% no mesmo período do ano passado e; no Centro Norte os correspondentes percentuais são 77% da safra atual contra 86% da safra passada. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respec-

tivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra nas regiões:

- Sudoeste: 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e 9% abaixo da safra passada.
- Centro Norte: equivalente à média dos 6 últimos anos e 7% abaixo da safra passada.

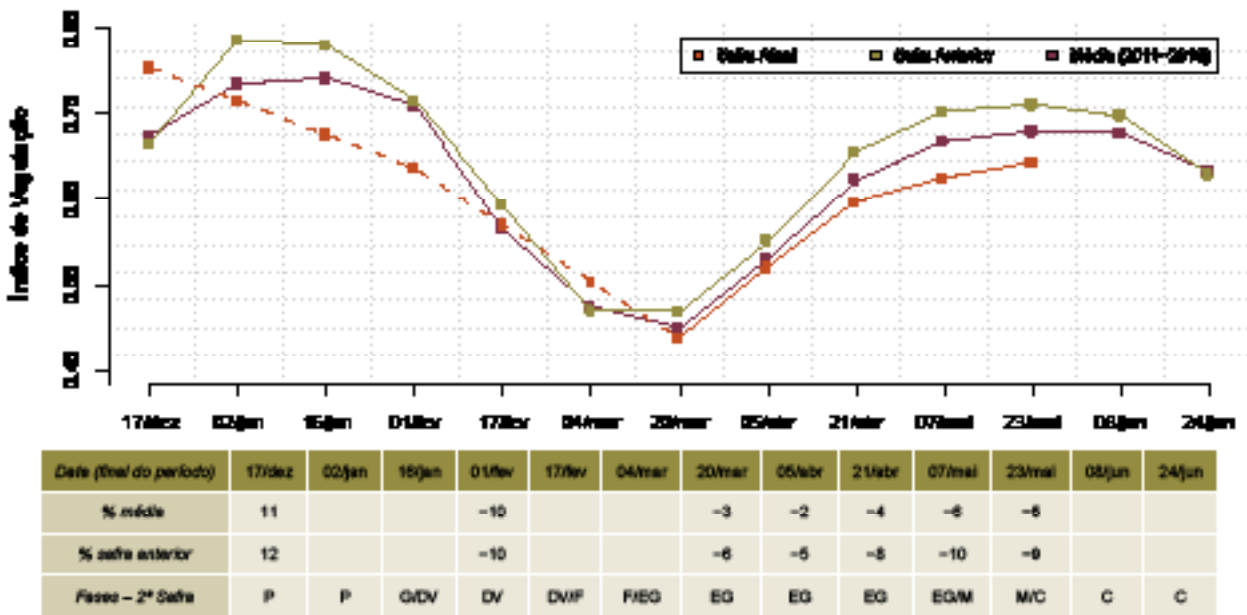
Gráfico 87 - Evolução temporal - Centro-Norte do Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 87 - Evolução temporal - Sudoeste do Mato Grosso do Sul



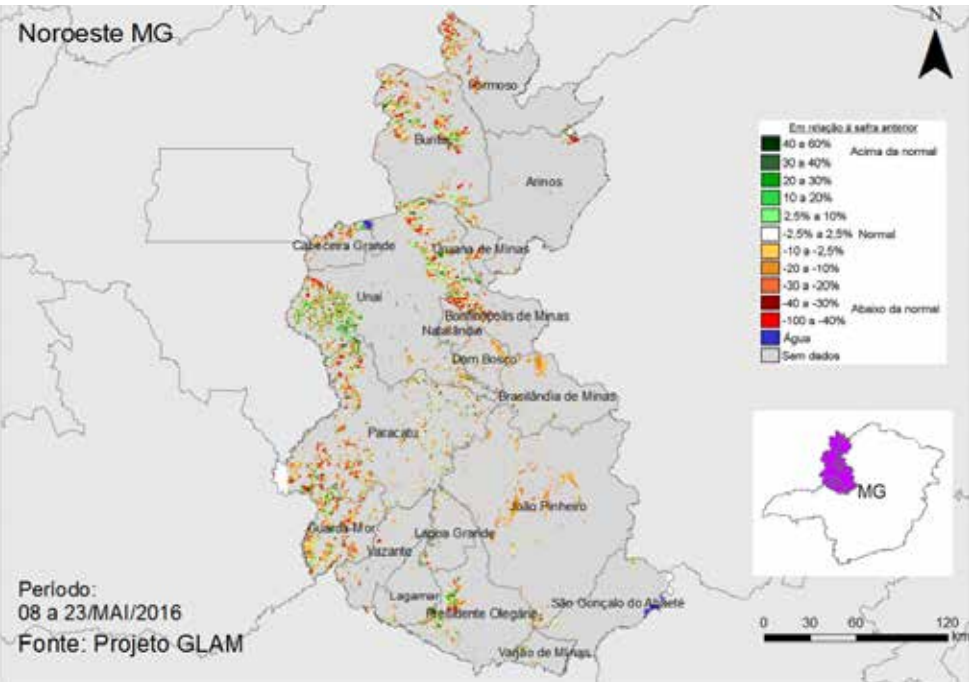
Fonte: Projeto Glam

Os traçados dos últimos trechos da linha vermelha, abaixo dos anos anteriores desde o início de março, principalmente no Sudoeste do estado, mostram que a atual safra tem comportamento inferior aos das safras passadas. A falta de chuvas, principalmente, em

abril afetou o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra. No entanto, o aumento do IV no último período relacionou-se com as chuvas em maio, que favoreceram as lavouras.

7.5.6. MINAS GERAIS

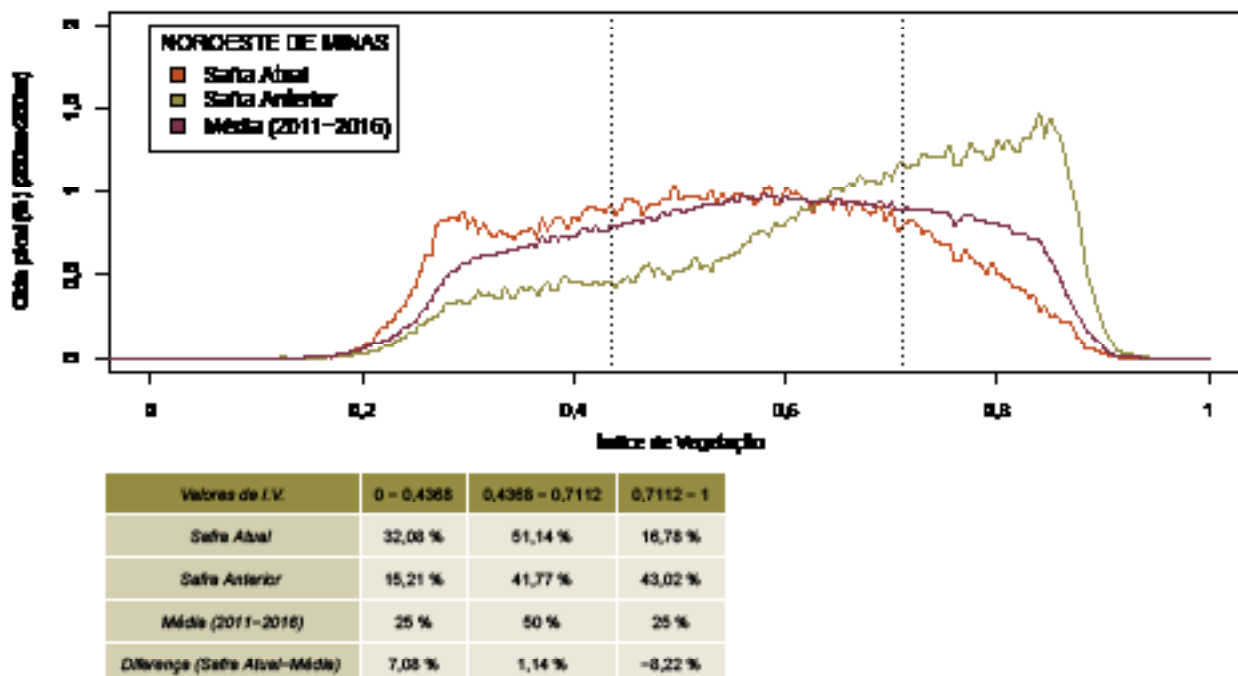
Figura 13 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



O mapa mostra predomínio de áreas em amarelo, laranja e marrom. São lavouras da atual safra com anomalia negativa em relação ao ano passado. A falta de chuva é a principal causa desta redução do padrão de

desenvolvimento em 2016. Em verde, são cultivos de segunda safra menos afetados pela estiagem, inclusive cultivos irrigados.

Gráfico 86 - Quantificação de áreas - Noroeste Minas Gerais

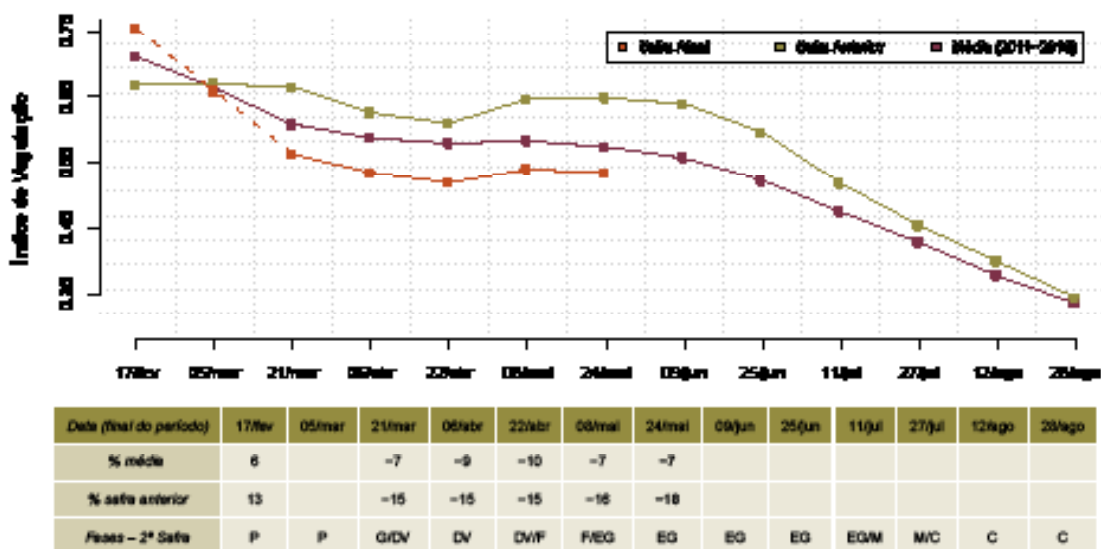


Fonte: Projeto Glam

No gráfico acima a linha vermelha mais deslocada para a esquerda em relação às demais indica que a atual safra tem uma maior quantidade de lavouras com baixas respostas de IV em comparação aos outros anos-safra. Em termos percentuais de lavouras com médios e altos valores de IV a tabela mostra que

a atual safra tem 68%, contra 85% da safra passada. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra: 7% abaixo da média dos 6 últimos anos e 18% abaixo da safra passada.

Gráfico 87 - Evolução temporal - Noroeste Minas Gerais

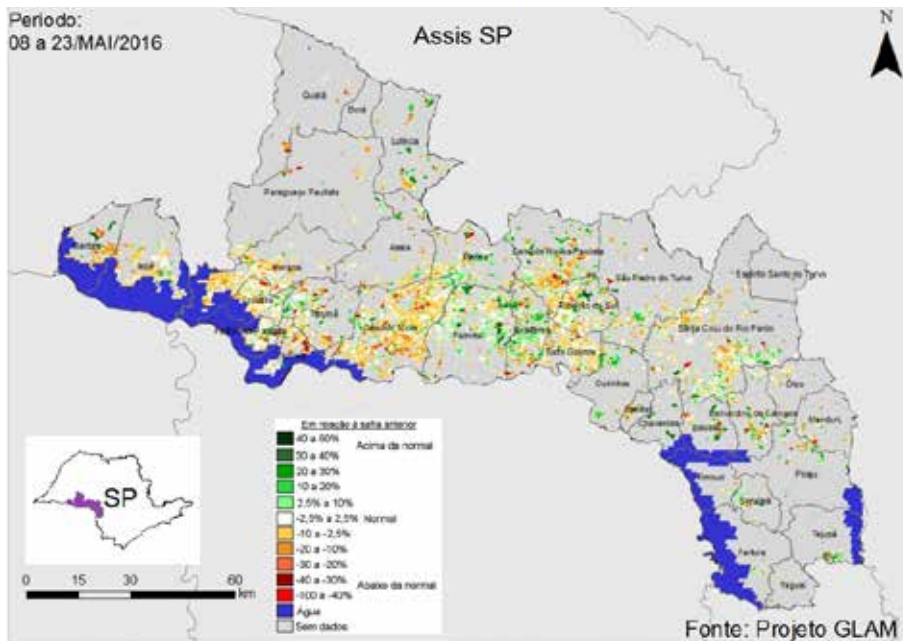


Fonte: Projeto Glam



7.5.7. SÃO PAULO

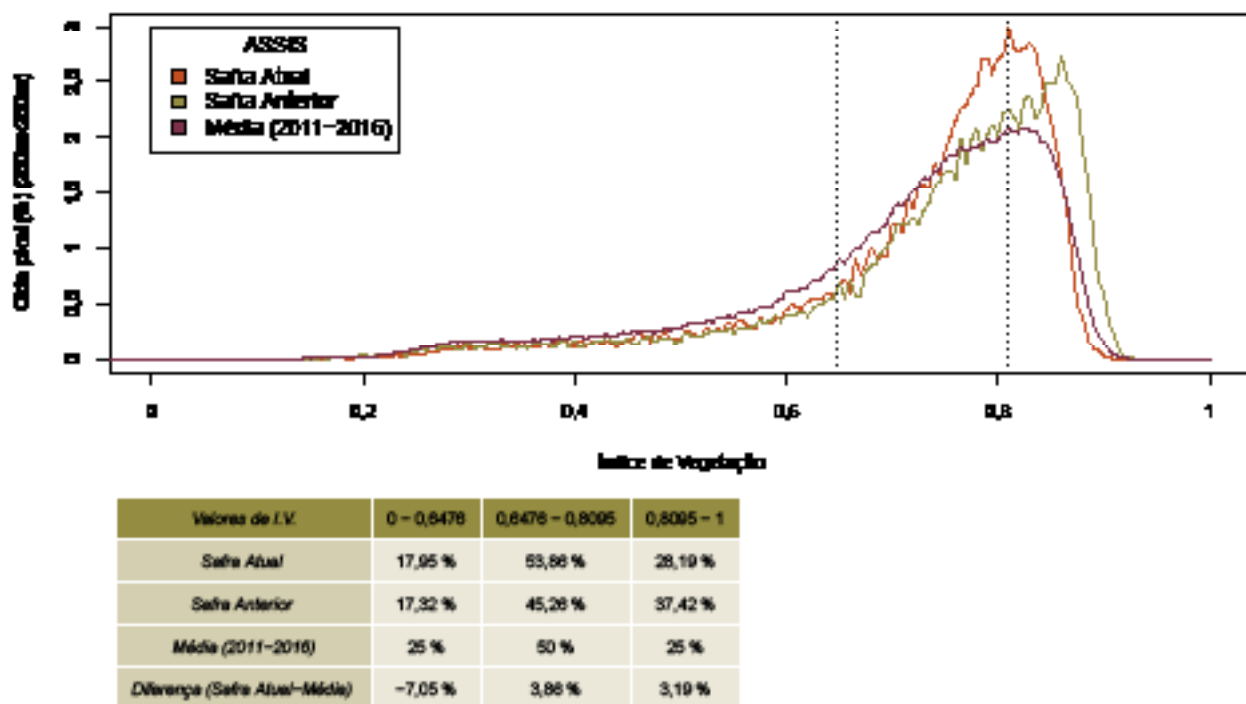
Figura 13 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



O mapa mostra um pequeno predomínio de áreas em amarelo, laranja e marrom. São lavouras da safra atual com anomalia negativa em relação ao ano passado. O clima um pouco desfavorável, falta de chuvas em abril, foi a principal causa das baixas respostas de IV nestas

áreas. Em branco são cultivos com padrão semelhante à safra passada. Em verde são lavouras de segunda safra menos afetadas pela estiagem e eventualmente áreas irrigadas.

Gráfico 89 - Quantificação de área - Assis SP



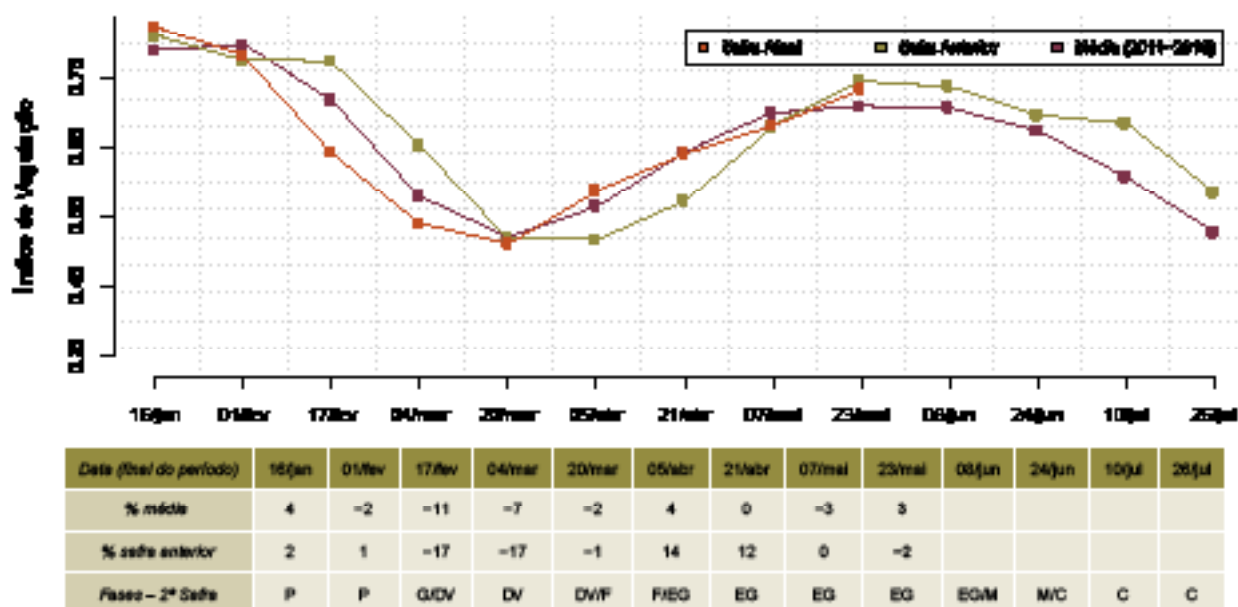
Fonte: Projeto Glam



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 82% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 83% da safra passada. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas

as faixas de valores de IV, e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra: 3% acima da média dos 6 últimos anos e 2% abaixo da safra passada.

Gráfico 87 - Evolução temporal - Assis SP



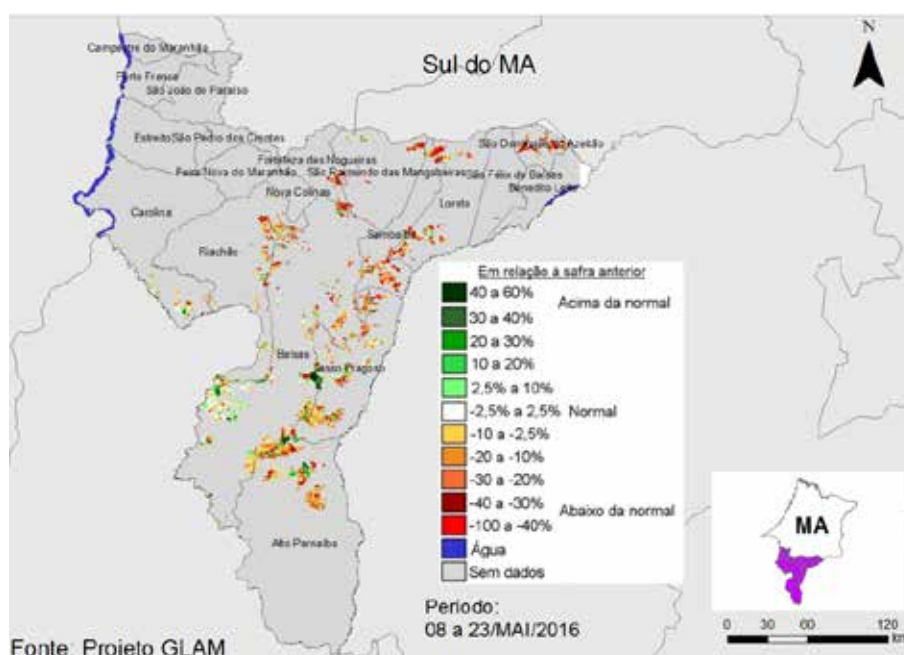
Fonte: Projeto Glam

O traçado da linha vermelha no gráfico acima mostra que a atual safra teve padrão de desenvolvimento melhor que no ano anterior no período de meados de março a meados de abril. Em abril, a queda do IV re-

lacionou-se à falta de chuvas. No entanto, no último período, reagiu positivamente conforme indica a forte ascensão do último trecho da linha.

7.5.8. MARANHÃO

Figura 13 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



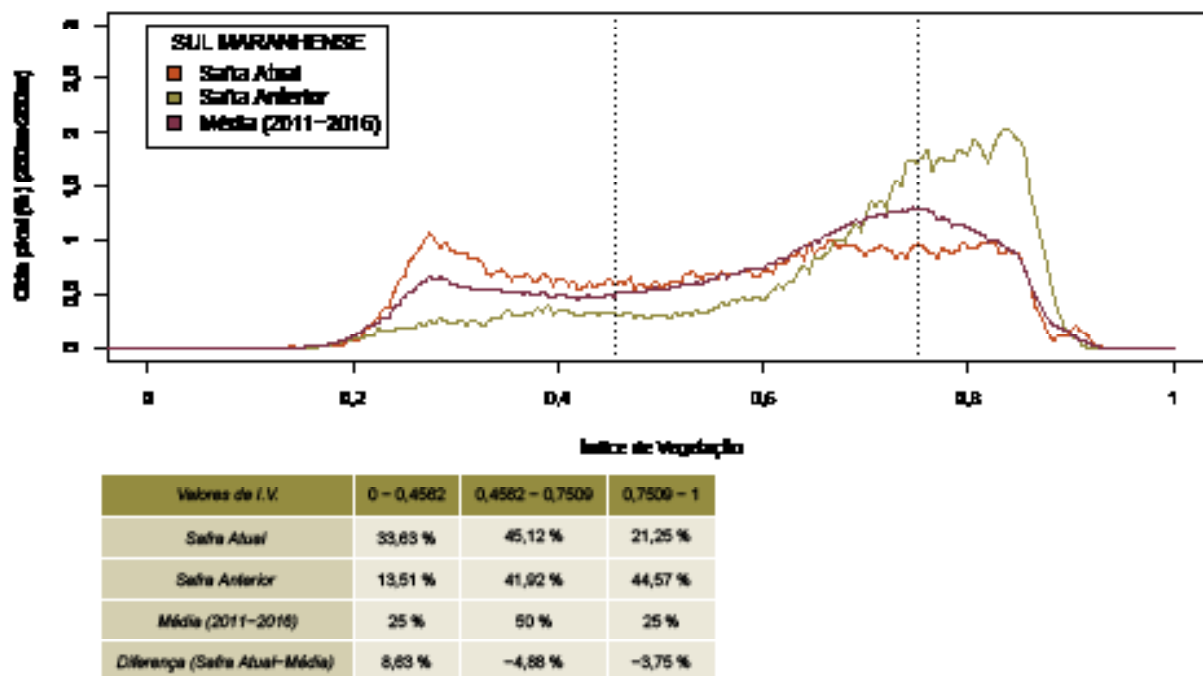
Fonte: Projeto GLAM



O mapa mostra predomínio de áreas em amarelo, laranja e marrom. São lavouras da atual safra com anomalia negativa em relação ao ano passado. O clima desfavorável foi a principal causa das baixas respostas

de IV nestas áreas. Em branco são cultivos com padrão semelhante à safra passada. Em verde são lavouras de segunda safra menos afetadas pela estiagem e eventualmente áreas irrigadas.

Gráfico 89 - Quantificação de área - Sul Maranhense

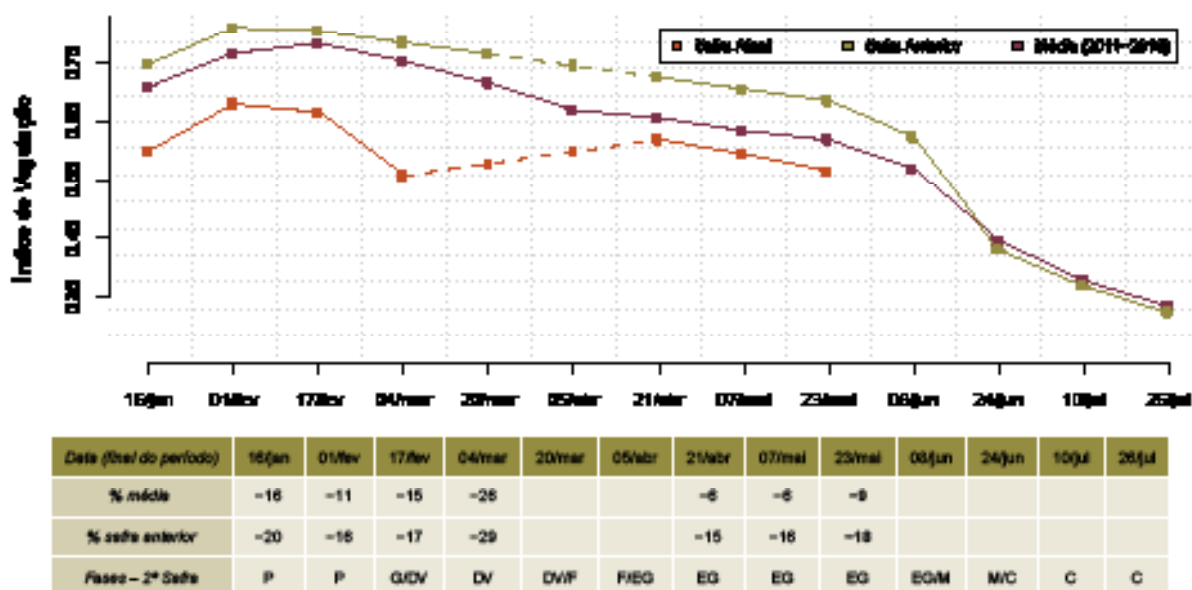


Fonte: Projeto Glam

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 66% de suas lavouras com médios e altos valores de IV, contra 86% da safra passada. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas

as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra: 9% abaixo da média dos 6 últimos anos e 18% abaixo da safra passada.

Gráfico 93 - Evolução temporal - Sul Maranhense



Fonte: Projeto Glam



No gráfico, o traçado da linha vermelha, abaixo das demais desde janeiro, mostra que no geral, as lavou-

ras da presente safra, vêm apresentando comportamento inferior aos demais anos safra





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O nono levantamento aponta para a redução na área plantada de 1,8% na temporada 2015/16, atingindo 958,5 mil hectares, comparada com 976,2 mil hectares do exercício anterior. Caso se confirme a produtividade de 3.684 kg/ha, a produção nacional de algodão em caroço deverá atingir 3.531 mil toneladas, representando um decréscimo de 9,7% em relação à safra anterior. Em Mato Grosso a área plantada de algodão da primeira e segunda safras registrou aumento de 6,2% em relação à safra passada, totalizando 597,6 mil hectares. A variação positiva decorreu dos ajustes de área no município de Sapezal em ambas as safras cultivadas e ao incremento nas áreas de importantes municípios produtores da região sudeste, como Primavera do Leste. O atual estágio da cultura de ambas as safras se encontra predominantemente em maturação, com os capulhos já formados e abertos. As condições da lavoura foram avaliadas como boas, apesar das intempéries climáticas e ocorrência da mosca-branca em algumas áreas. A colheita inicia-se em junho em todo o estado.

Em Goiás as perdas já são estimadas atingir entre 20 a 30% da área plantada, especialmente na região sul do estado. As chuvas ocorridas no final de abril amenizaram as condições das lavouras anteriormente apresentadas no levantamento anterior. Inicialmente as chuvas esparsas e de pouca intensidade colaboraram no desenvolvimento dos ponteiros das plantas.

No entanto, a falta de chuvas por mais de 25 dias ocasionou o abortamento de flores e redução do porte da planta em grande parte das lavouras, trazendo como consequência, a redução da quantidade ideal de capulhos e maçãs que refletirá numa expectativa de menor produtividade. Em Chapadão do Céu, grande produtor municipal, a estiagem ocorrida em abril não provocou quebras no algodão de primeira safra, mas trouxe um indicativo de quebra para o algodão de segunda safra (que é mais representativa - estima-se quase 10 mil hectares cultivados na região). As chuvas ocorridas na segunda quinzena de maio poderão ajudar na recuperação parcial de algumas áreas.

Em Mato Grosso do Sul a área com a cultura para esta safra no estado deve atingir aproximadamente 29.500 hectares. A região norte do estado, compreendida pelos municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica e Alcinópolis, estava no período de vazio sanitário entre 15 de setembro e 30 de novembro, ou seja, mesmo que houvesse precipitação favorável e manejo adequado, não seria possível o plantio em decorrência dos impedimentos legais. O plantio da cultura na referida região somente ocorreu em dezembro de 2015 e terminou no final de janeiro de 2016. Nessa região, onde ocorre a maior área cultivada no estado, a lavoura encontra-se em processo de frutificação e maturação, com aproximadamente 170 dias de idade. Como o algodão é uma cultura que não se desenvolve bem em períodos de alta nebulosidade e chuvosos (o que ocorreu na região em janeiro), as plantas ficaram comprometidas, porém, como o ciclo da cultura é longo, espera-se que haja recuperação sem grandes problemas de quebras de produtividade. Na região centro sul do estado apenas nos municípios de Aral Moreira e Sidrolândia planta-se a cultura. Nestes dois municípios o plantio ocorreu mais cedo, em comparação com o norte do estado, em decorrência do vazio sanitário terminar antes e também porque as precipitações se estabilizaram em meados de outubro e novembro. Em Sidrolândia a cultura está em processo de maturação e o excesso de chuva ocorrido no final de 2015 e início 2016 deverão reduzir a produtividade. Em Aral Moreira a cultura está praticamente colhida e a produtividade foi muito aquém do esperado, em decorrência do apodrecimento das maçãs.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão deverá apresentar incremento de 7,2% na sua área plantada.

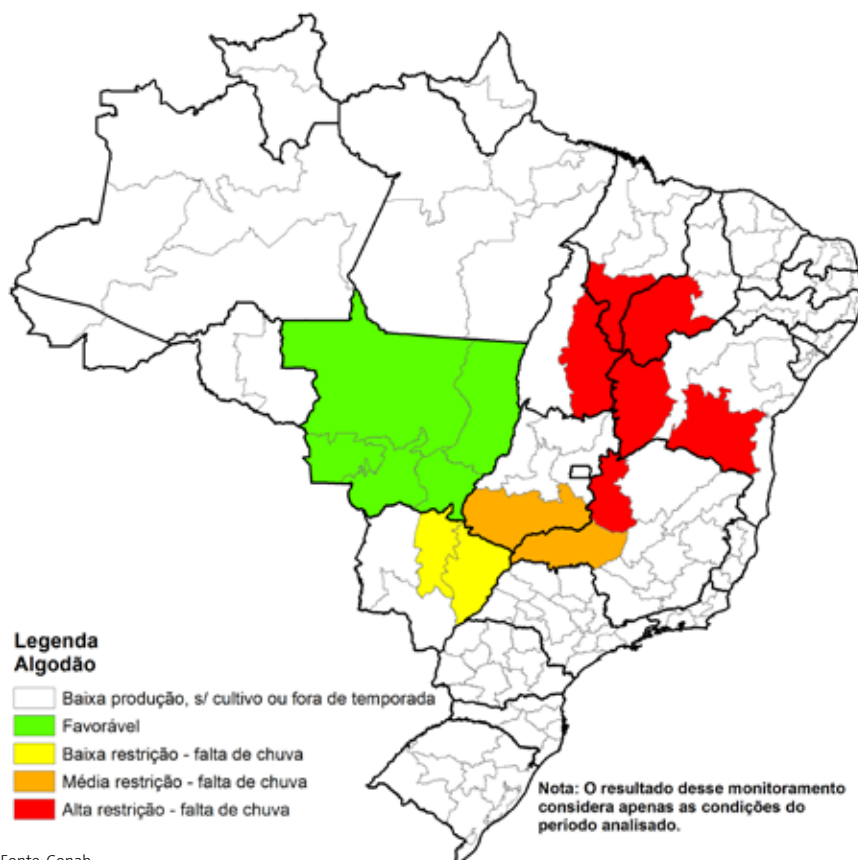
Em Minas Gerais, principal produtor regional estima-se um crescimento de 4,3% na área de algodão, que deve passar de 18,8 mil hectares em 2015 para 19,6 mil hectares na safra atual, somando-se os plantios da safra de verão e da safrinha nas diversas regiões produtoras – Noroeste, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Norte de Minas. Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas no norte de Minas a cotonicultura ainda é explorada, também, por agricultores familiares. O plantio foi iniciado em dezembro, mas a maior concentração ocorreu em fevereiro. As lavouras de verão se encontram predominantemente em fase de maturação e a safrinha em fase de floração. Se confirmada a expectativa de que a produtividade se mantenha em torno de uma média de 3.724 kg/ha, a produção poderá atingir 73 mil toneladas de algodão em caroço, representando crescimento de 7,8% relativamente à safra anterior.

A Região Nordeste, segunda maior produtora do país, será a responsável pela maior redução percentual na área plantada com algodão nesta temporada – 15,1%. Na Bahia, segundo maior produtor nacional, estima-se uma área de 242,6 mil hectares, representando decréscimo de 13,7%, comparando com o exercício passado. Estima-se que 20.000 hectares da área mencionada acima estejam sendo cultivados em sucessão à soja irrigada, sob pivô central, com a estimativa de produtividade próxima a 300 arrobas/ha. A estiagem que vem ocorrendo desde fevereiro influenciou negativamente o crescimento vegetativo dos algodoeiros, sendo possível encontrar plantas completamente secas no campo. As previsões mais otimistas são de redução de 17,7% na produtividade estimada inicialmente, que deverá repercutir numa forte redução da produção, saindo de 1.086,4 mil toneladas para 765,9 mil toneladas de algodão em caroço, estimados nesta safra.

No Maranhão a concentração da área plantada com algodão situa-se no entorno dos municípios de Balsas, Alto Parnaíba e Tasso Fragoso, localizados no sul do estado. As fortes chuvas beneficiaram os campos agrícolas, com exceção do plantio no município de Alto Parnaíba, causando um retardamento no desenvolvimento da cultura. Assim, estima-se que a produtividade desta safra seja melhor do que a ocorrida no ano anterior.



Figura 14 – Condição hídrica geral em maio para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16.



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em maio.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	- metade sul do centro-norte e leste do MS (FR)		- todo estado do MT (1ª e 2ª safra) (M) - centro-norte e leste do MS (M) - sul de GO (1ª e 2ª safra) (M) - Triângulo e noroeste de MG (M)	- leste do TO (FR) - sul do MA (FR) - sudoeste do PI (FR) - oeste e centro-sul da BA (FR) - metade norte do centro-norte e leste do MS (FR) - sul de GO (1ª e 2ª safra) (FR) - Triângulo e noroeste de MG (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Algodão

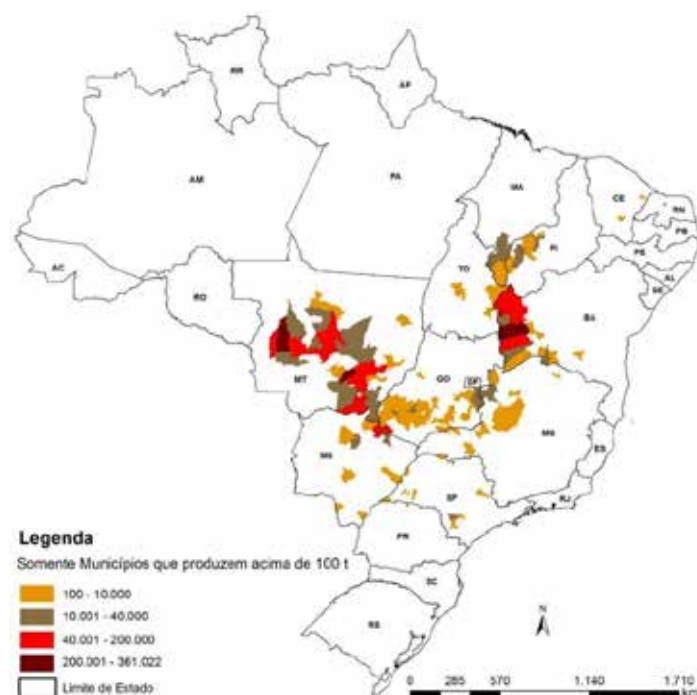


Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	3.830	3.432	(10,4)	29,5	25,0	(15,3)
TO	7,7	7,3	(5,1)	3.830	3.432	(10,4)	29,5	25,0	(15,3)
NORDESTE	317,8	269,9	(15,1)	3.851	3.206	(16,7)	1.223,7	865,3	(29,3)
MA	21,4	20,9	(2,3)	3.984	3.949	(0,9)	85,3	82,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	3.536	2.756	(22,1)	50,2	15,2	(69,7)
CE	0,4	0,3	(25,0)	306	588	92,2	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.500	4.000	(11,1)	1,4	1,2	(14,3)
PB	0,2	0,3	50,0	1.210	1.115	(7,9)	0,2	0,3	50,0
PE	0,1	-	(100,0)	512	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	490	495	1,0	-	-	-
BA	281,1	242,6	(13,7)	3.836	3.157	(17,7)	1.086,4	765,9	(29,5)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	4.106	3.886	(5,3)	2.576,8	2.551,8	(1,0)
MT	562,7	597,6	6,2	4.095	3.886	(5,1)	2.304,3	2.322,3	0,8
MS	31,1	29,5	(5,1)	4.500	4.230	(6,0)	140,0	124,8	(10,9)
GO	33,8	29,5	(12,7)	3.919	3.550	(9,4)	132,5	104,7	(21,0)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	3.574	3.653	2,2	79,4	86,9	9,4
MG	18,8	19,6	4,3	3.600	3.724	3,4	67,7	73,0	7,8
SP	3,4	4,2	23,5	3.432	3.319	(3,3)	11,7	13,9	18,8
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	277,2	(14,8)	3.850	3.212	(16,6)	1.253,2	890,3	(29,0)
CENTRO-SUL	650,7	681,3	4,7	4.085	3.876	(5,1)	2.658,2	2.640,7	(0,7)
BRASIL	976,2	958,5	(1,8)	4.007	3.684	(8,1)	3.911,4	3.531,0	(9,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Tabela 22- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	1.532	1.370	(10,6)	11,8	10,0	(15,3)
TO	7,7	7,3	(5,1)	1.532	1.373	(10,4)	11,8	10,0	(15,3)
NORDESTE	317,8	269,9	(15,1)	1.540	1.283	(16,7)	489,4	346,2	(29,3)
MA	21,4	20,9	(2,3)	1.594	1.580	(0,9)	34,1	33,0	(3,2)
PI	14,2	5,5	(61,5)	1.414	1.102	(22,1)	20,1	6,1	(69,7)
CE	0,4	0,3	(25,0)	107	206	92,5	-	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.710	1.520	(11,1)	0,5	0,5	-
PB	0,2	0,3	50,0	424	390	(8,0)	0,1	0,1	-
PE	0,1	-	(100,0)	179	-	(100,0)	-	-	-
AL	0,1	-	(100,0)	172	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	242,6	(13,7)	1.546	1.263	(18,3)	434,6	306,4	(29,5)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	1.640	1.553	(5,3)	1.029,2	1.019,5	(0,9)
MT	562,7	597,6	6,2	1.638	1.554	(5,1)	921,7	928,9	0,8
MS	31,1	29,5	(5,1)	1.778	1.671	(6,0)	55,3	49,3	(10,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	1.544	1.399	(9,4)	52,2	41,3	(20,9)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	1.428	1.458	2,1	31,7	34,7	9,5
MG	18,8	19,6	4,3	1.440	1.490	3,5	27,1	29,2	7,7
SP	3,4	4,2	23,5	1.356	1.311	(3,3)	4,6	5,5	19,6
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	277,2	(14,8)	1.540	1.285	(16,6)	501,2	356,2	(28,9)
CENTRO-SUL	650,7	681,3	4,7	1.631	1.548	(5,1)	1.061,6	1.054,9	(0,6)
BRASIL	976,2	958,5	(1,8)	1.601	1.472	(8,1)	1.562,8	1.411,1	(9,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Tabela23 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroto de algodão


















































































































REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	2.298	2.059	(10,4)	17,7	15,0	(15,3)
TO	7,7	7,3	(5,1)	2.298	2.059	(10,4)	17,7	15,0	(15,3)
NORDESTE	317,8	269,9	(15,1)	2.311	1.924	(16,7)	734,3	519,1	(29,3)
MA	21,4	20,9	(2,3)	2.390	2.369	(0,9)	51,2	49,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	2.122	1.654	(22,1)	30,1	9,1	(69,8)
CE	0,4	0,3	(25,0)	199	382	92,0	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.790	2.480	(11,1)	0,9	0,7	(22,2)
PB	0,2	0,3	50,0	787	725	(7,9)	0,1	0,2	100,0
PE	0,1	-	(100,0)	333	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	319	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	242,6	(13,7)	2.319	1.894	(18,3)	651,8	459,5	(29,5)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	2.466	2.334	(5,4)	1.547,6	1.532,4	(1,0)
MT	562,7	597,6	6,2	2.457	2.332	(5,1)	1.382,6	1.393,4	0,8
MS	31,1	29,5	(5,1)	2.723	2.559	(6,0)	84,7	75,5	(10,9)
GO	33,8	29,5	(12,7)	2.375	2.151	(9,4)	80,3	63,5	(20,9)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	2.147	2.194	2,2	47,7	52,2	9,4
MG	18,8	19,6	4,3	2.160	2.234	3,4	40,6	43,8	7,9
SP	3,4	4,2	23,5	2.076	2.008	(3,3)	7,1	8,4	18,3
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	277,2	(14,8)	2.310	1.927	(16,6)	752,0	534,1	(29,0)
CENTRO-SUL	650,7	681,3	4,7	2.453	2.328	(5,1)	1.596,6	1.585,8	(0,7)
BRASIL	976,2	958,5	(1,8)	2.406	2.212	(8,1)	2.348,6	2.119,9	(9,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Quadro 2 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) significantes mudanças ocorreram no quadro de oferta e demanda relativamente ao ano safra 2015/16 e para a previsão de 2016/17. De acordo com o relatório semanal de 31 de maio de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 deverá ser de 21.810 mil toneladas e de 23.010 mil toneladas para a safra 2016/17. Esses números, em comparação à safra 2014/15, indicam redução de 16,49% e 11,89%, respectivamente. Uma avaliação dos cinco maiores produtores mundiais, ou seja, Índia, China, USA, Paquistão e Brasil, nesta ordem, demonstra que todos eles reduzirão sua produção de algodão, fato explicado pelo grande volume de estoque mundial que se manteve em crescimento até a safra 2014/15.

O consumo mundial segundo o comitê deverá ser

de 23.650 mil em 2015/16 e 23.730 mil toneladas em 2016/17. Esses números indicam decréscimo no consumo global de 2,81% e 2,48%, respectivamente, em comparação à safra 2014/15. A menor demanda mundial se justifica no menor crescimento da economia chinesa, maior consumidor mundial de algodão, e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas. Em valores absolutos a retração do consumo total será de 680 mil de toneladas de pluma em 2015/16.

Posto esses números, cabe aqui destacar que a produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo do globo em 1.840 mil toneladas, ou seja, menor em 7,8%, fato que não ocorre desde a safra 2009/10. É necessário lembrar que o título de maior consumidor mundial de algodão continua com



a China. Estima-se que aquele país irá consumir de 7.080 mil toneladas de pluma da safra 2015/16, seguido da Índia com 5.230 mil toneladas e Paquistão com 2.190 mil toneladas.

Posto essas alterações, é imperioso enfatizar que o menor volume de produção mundial contribuirá para uma redução de 8,29% nos estoques mundiais de

passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20.380 mil toneladas contra 22.222 mil toneladas em 2014/15. Assim, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 86,17% em 2015/16 contra 91,32% na safra 2014/15. Contudo, é necessário lembrar que cerca de 58,93% dos estoques mundiais, no biênio 2015/16, estarão concentrados apenas na China contra 57,94% da safra anterior.

Panorama nacional

O nono levantamento de avaliação da safra 2015/16, elaborado pela Conab, aponta para redução de 9,7% na produção de pluma em comparação com 2014/15. A justificativa para esse movimento de queda na produção reflete a grande valorização do dólar frente o real em 2015 e início de 2016. Apesar da moeda estadunidense apreciada permitir que o excedente da produção de pluma não consumida pela indústria doméstica seja exportado a preços mais remuneradores, eleva com magnitude o custo dos insumos importados que, representam, aproximadamente, segundo as estimativas mais recentes da Conab, 55% do custo total. Assim, maneira, o saldo dessa operação traz pouco ou nenhum incremento na remuneração do cotonicultor.

Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da indústria têxtil que segue reduzindo seu consumo, ora estimado em 720 mil toneladas para a safra 2015/16. Cabe ainda indicar outros indicadores da redução que indicam tão forte redução no consumo nacional de pluma, segundo pesquisa industrial realizado pelo

IBGE a variação percentual acumulada da produção física de produtos têxteis nos últimos 12 meses indica redução de 17,4%.

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional.

Em princípio, para 2016, a Conab mantém uma estimativa de embarque de 750 mil toneladas para o mercado externo; redução explicada pela perspectiva de retração da produção interna e menor consumo da pluma em 2016 pela China, Paquistão e Turquia que são tradicionais compradores do produto brasileiro. Por outro lado, a Conab mantém a atenção aos grandes volumes já exportados desde janeiro de 2016 e não descarta a possibilidade de aumentar essa estimativa.

Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.411,1mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.490 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem

para o encerramento de 2016 passa a ser de 290,1 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir e abastecer a indústria nacional, bem como, também, honrar compromissos pelo curto período de aproximadamente dois meses e meio.



Tabela 24 - Algodão - Oferta e demanda
































DISCRIMINAÇÃO (mil t.)	2011	2012	2013	2014	2015 (1)	2016 (2)
O F E R T A (1+2+3)	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.780,1
1. Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0
2. Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.411,1
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	1.077,4
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	403,3
3. Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	20,0
4. D E M A N D A (5+6)	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.490,0
5. Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	750,0
6. Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	740,0
7. Estoque Final (1-4)	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	290,1
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	2,3

Fonte: Conab.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Tabela 25 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

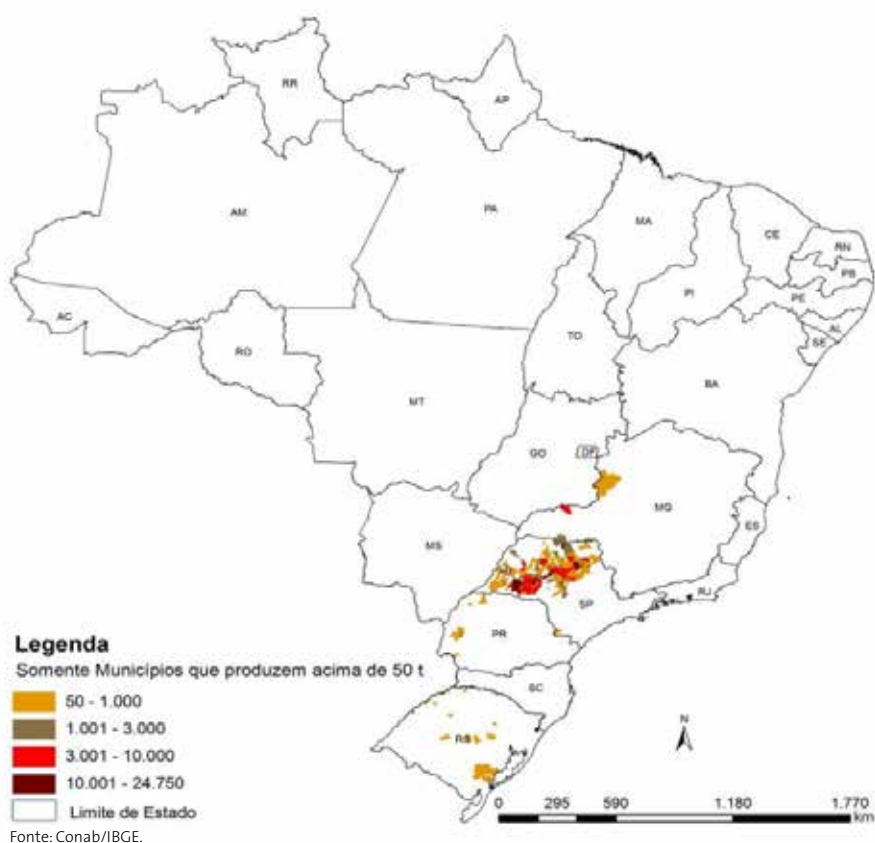
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	105,2	13,7	3.315	3.538	6,7	306,6	372,2	21,4
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	4.000	19,8	9,0	8,0	(11,1)
SP	89,8	103,2	14,9	3.314	3.529	6,5	297,6	364,2	22,4
SUL	5,2	5,3	1,9	2.429	3.096	27,5	12,7	16,5	29,9
PR	2,2	1,9	(13,6)	2.400	2.553	6,4	5,3	4,9	(7,5)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
CENTRO-SUL	97,7	110,5	13,1	3.268	3.517	7,6	319,3	388,7	21,7
BRASIL	97,7	110,5	13,1	3.268	3.517	7,6	319,3	388,7	21,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Figura 16 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*



8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
TO												
Nordeste												
CE												
PB												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
Sudeste												
SP												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



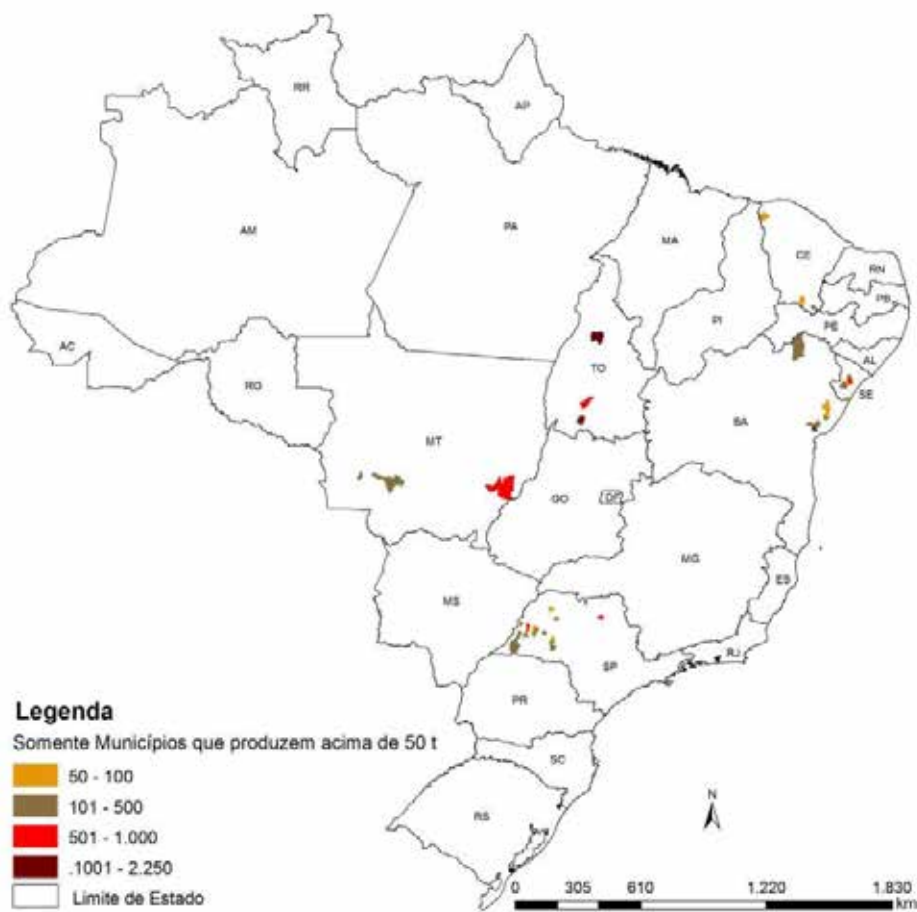
Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
TO	2,4	1,4	(42,0)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
NORDESTE	3,3	3,6	9,1	1.156	1.051	(9,0)	3,9	3,8	(2,6)
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	621	(6,2)	0,3	0,2	(33,3)
PB	0,3	0,7	133,0	609	803	31,9	0,2	0,6	200,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,6	5,7	2.615	2.472	(5,5)	13,9	13,8	(0,7)
SP	5,3	5,6	5,7	2.615	2.472	(5,5)	13,9	13,8	(0,7)
NORTE/NORDESTE	5,7	5,0	(12,3)	1.893	2.299	21,5	13,2	7,2	(45,5)
CENTRO-SUL	5,5	5,8	5,5	2.587	2.511	(2,9)	14,3	14,2	(0,7)
BRASIL	11,2	10,8	(3,6)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	21,4	(22,2)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Figura 17 - Mapa da produção agrícola - amendoim segunda safra

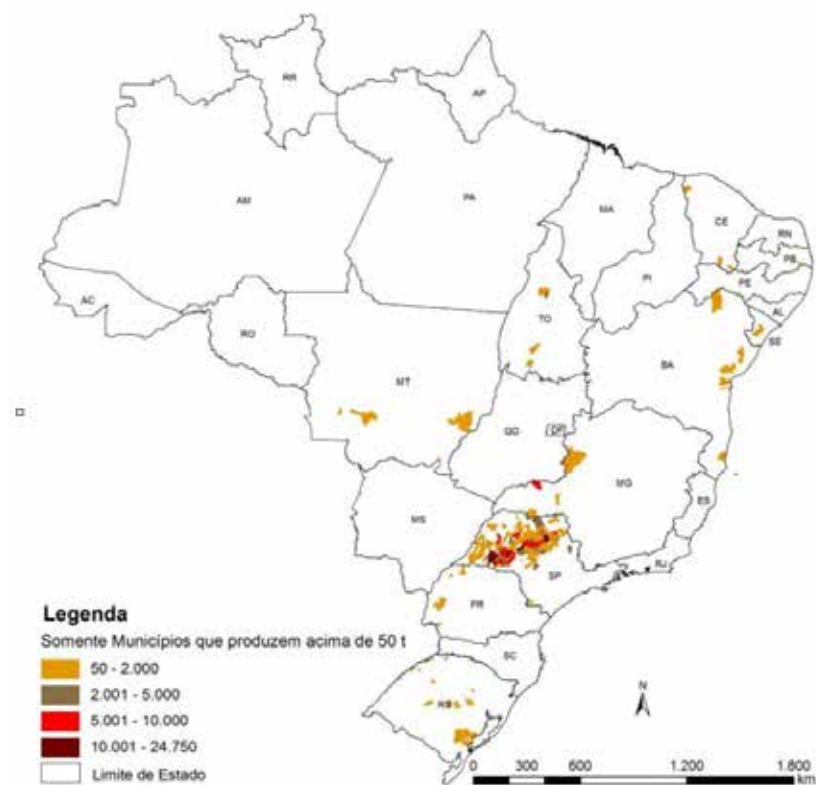


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 18 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
TO	2,4	1,4	(41,7)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
NORDESTE	3,3	3,6	9,1	1.156	1.051	(9,0)	3,9	3,8	(2,6)
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	621	(6,2)	0,3	0,2	(33,3)
PB	0,3	0,7	133,3	609	803	31,9	0,2	0,6	200,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	110,8	13,3	3.277	3.484	6,3	320,5	386,0	20,4
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	4.000	19,8	9,0	8,0	(11,1)
SP	95,1	108,8	14,4	3.275	3.475	6,1	311,5	378,0	21,3
SUL	5,2	5,3	1,9	2.429	3.096	27,5	12,7	16,5	29,9
PR	2,2	1,9	(13,6)	2.400	2.553	6,4	5,3	4,9	(7,5)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
NORTE/NORDESTE	5,7	5,0	(12,3)	2.300	1.429	(37,9)	13,2	7,2	(45,5)
CENTRO-SUL	103,2	116,3	12,7	3.231	3.464	7,2	333,6	402,9	20,8
BRASIL	108,9	121,3	11,4	3.183	3.380	6,2	346,8	410,1	18,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



8.1.3. ARROZ

A safra 2015/16 de arroz indica redução de 14,3% na produção em relação à safra 2014/15. Isso se deve à redução da área plantada, menos 13,8% e da produtividade média nacional, que será 0,6% inferior em relação à safra passada.

No Rio Grande do Sul, consolidada a área da lavoura de arroz, na safra 2015/16 foram semeados 1,08 milhão de hectares, incluindo a área perdida, que não foi ressemada. Isso significa 3,9% a menos do que a safra passada. O número final será apurado no final da colheita após a análise da lavoura de cada município produtor. A colheita no estado aproxima-se do final, onde, na fronteira oeste e planície costeira externa, a colheita está finalizada e na zona sul é a região mais atrasada. Restam aproximadamente 11 mil hectares a serem colhidos, por isso o número ainda não é final.

A estimativa de produtividade vem decrescendo, tendo em vista o atraso no plantio das lavouras que retardaram o ciclo, saindo do período ideal recomendado e afetou o desenvolvimento das lavouras. Com isso, a produtividade média estimada da safra será de 9,2% menor do que a safra passada. Cabe-se destacar que na metodologia de levantamento de safra da Conab é utilizada a área total semeada e não somente a área remanescente após as perdas. Somando-se à redução de 3,9% na área, a produção final no estado será 12,8% menor.

Em Santa Catarina a área destinada à cultura do arroz reduziu 0,3% nesta safra, em relação à safra passada. O clima quente no final de agosto possibilitou que muitos agricultores antecipassem a semeadura do arroz. Entretanto, estes sofreram com o excesso de chuva e baixa luminosidade em setembro, outubro e novembro, que prejudicou o desenvolvimento das plantas. Em decorrência do excesso de chuvas também houve necessidade de replantio em algumas áreas. Assim, as primeiras lavouras colhidas apresentaram rendimento bem abaixo do esperado. Já as lavouras semeadas mais tarde apresentaram rendimentos satisfatórios, com qualidade de grão superior às primeiras, pois no restante do ciclo da cultura as condições climáticas foram favoráveis para o desenvolvimento das plantas.

De uma forma geral, a produtividade média das lavouras de arroz no estado teve leve redução de 0,6% em relação à safra passada, ficando em 7.108 kg/ha. No momento do levantamento de informações 100% das lavouras já haviam sido colhidas, restando apenas algumas áreas de rebrota, também conhecida como soca, para serem colhidas. Estima-se que mais de 50% do produto colhido já foi comercializado pelos produtores.

Nesta safra observou-se duas situações bem distintas no estado: os municípios do norte tiveram queda de aproximadamente 10,3% na produtividade em relação à safra anterior e, nesta safra, a produtividade média da região foi de 7.130 kg/ha. Além disso, a qualidade dos grãos colhidos foi ruim, com baixo rendimento na indústria e muitos grãos gessados. Isso se deve, além das condições climáticas, a ataques de pragas e doenças no final do ciclo. Já a região sul, maior produtora do estado, apresentou aumento de aproximadamente 2,4% na produtividade em relação à safra passada, apresentando uma média de 7.100 kg/ha. Na maioria das localidades dessa região a qualidade dos grãos colhidos foi boa, em muitas delas até superior à safra passada.

No Paraná há os dois sistemas de cultivo de arroz: sequeiro e irrigado. O arroz de sequeiro é uma cultura de subsistência, com tendência de queda na área plantada e caracterizada por não receberem tratos culturais adequados, às vezes, nem adubação. O arroz de sequeiro está com a colheita finalizada. Na região norte do estado cultiva-se em pequenas áreas, intercaladas entre o café, com a colheita já concluída nas regiões de Apucarana, Jacarezinho e Maringá. Na região oeste o plantio é “pulverizado” em pequenas propriedades, sendo mais utilizado para subsistência e a área foi colhida. Na região centro-sul a cultura de sequeiro é de total subsistência, com tendência a acabar. A área plantada diminui a cada ano e pode ser ainda menor que a declarada, em todas as regiões visitadas.

Já o arroz irrigado no Paraná concentra-se no noroeste, especificamente na região de Querência do Norte. A área da cultura atingiu 19,6 hectares no estado e foi completamente colhida. Quanto ao arroz irrigado, a região de Umuarama tem 90% da área do roteiro nas proximidades do rio Ivaí. Também para essa cultura as áreas ainda são remanescentes de regiões de várzea e devem desaparecer, permanecendo apenas as áreas de cultivo em canteiros autorizados.

Em média, a área cultivada com arroz no Paraná será 3,7% menor do que a safra passada e a produtividade 7,7% menor. Com isso a produção total no estado será 11% menor do que a safra passada.

No Maranhão serão cultivados 178 mil hectares de arroz, 49,1% a menos do que a safra 2014/15 e produtividade média de 1.430 kg/ha, 0,8% superior à safra passada.

Há inúmeras variações de cultivos de arroz em solo maranhense, desde alta tecnologia até cultivos de



subsistência. No mesmo sentido há variações de calendário de plantio, o que determina lavouras em variados estádios de desenvolvimento.

Nos municípios de Barreirinhas, Ararí, Vitória do Meirim, Zé Doca, Buriticupu, Santa Inês, Santa Luzia, Bom Jardim, Alto Parnaíba, Balsas, Tasso Fragoso, São Raimundo das Mangabeiras, São João dos Patos, Pastos Bons, Brejo, Anapurus, Mata Roma, Milagres do Maranhão, Santa Quitéria, São Bernardo, Chapadinha, Buriti, Itapecuru Mirim e Vargem Grande a colheita já foi concluída. Nos municípios de Barra do Corda, Grajaú, São Mateus, Presidente Dutra, Caxias, Colinas, Codó, Coroatá, e Mirador, a colheita ainda não finalizou em decorrência do elevado índice de replantio em virtude de perda de área, causada pela falta de chuva no bimestre dezembro/janeiro.

Mais uma vez os técnicos que realizaram o trabalho de campo puderam confirmar junto aos informantes e agricultores a acentuada queda no plantio de arroz no Maranhão e sua substituição por outras culturas. Dentre as causas mais recorrentes temos a baixa rentabilidade econômica causada pelo alto custo de produção em relação a outras culturas, a distribuição atrasada de sementes, por parte do governo e a oferta de arroz no mercado, advindo de outros estados. Na região sul do estado o arroz de sequeiro vem sendo sistematicamente substituída por outras culturas mais rentáveis ou pela pecuária de corte.

Desta forma, a produção total da lavoura de arroz no Maranhão será de 254,5 mil toneladas, 48,7% menor do que a safra passada.

A cultura do arroz semeada em terras altas no Tocantins teve queda na área plantada em relação à safra anterior, compensada pelo arroz irrigado, que teve aumento de 13,6%. Com isso área total será 132,8 mil hectares, 4,2% maior do que a safra 2014/15.

Na medida em que a colheita aproxima-se de sua conclusão, os números da produtividade indicam uma pequena redução de 1,4% menor do que a safra anterior. Porém a produção total será 2,7% maior do que a safra passada.

De acordo com Campos et al. (1994) e Oliveira et al. (1997) a cultura do arroz no Acre é cultivada sob regime de sequeiro, favorecida pelo alto índice pluviométrico e regular distribuição ao longo do ciclo da cultura. No entanto, a produção e o cultivo sempre estiveram abaixo da necessidade estadual.

A cultura do arroz vem decrescendo sua produção e área plantada devido à baixa produtividade e custo

de produção. Os principais fatores da baixa produtividade são: a falta de cultivares adaptadas à região, políticas públicas de incentivo à cultura e custo de produção.

A área plantada de arroz no Acre safra 2015/16 foi de aproximadamente 5,1 mil hectares, produção de 6,9 mil toneladas. Desta forma, a produtividade média será de 1.359 kg/ha.

Os efeitos climáticos, principalmente a escassez de chuvas, prejudicaram o desenvolvimento vegetativo e o enchimento de grãos, afetando a produtividade. As áreas de arroz encontram-se 100% colhidas.

A cultura do arroz de terras altas é afetada por doenças durante todo seu ciclo, que reduzem a produtividade e a qualidade dos grãos. A incidência e a severidade das doenças dependem da ocorrência do patógeno, do ambiente favorável e da suscetibilidade da cultivar. As principais doenças que causam prejuízos significativos na produção de arroz no Acre e a qualidade dos grãos mais importantes são: brusone (*Pyricularia grisea*), mancha de grãos (*Phoma sorghina* e *Bipolaris oryzae*) e escaldadura (*Monographella albescens*). Os prejuízos direto e indiretos ocasionados pela brusone, nas folhas e nas panículas, são maiores em arroz de terras altas. Em plantio direto, a incidência e a severidade da brusone nas folhas e nas panículas foram significativamente menores do que no plantio convencional, contudo, este sistema de plantio apresentou maior produtividade.

O agroecossistema do arroz de terras altas no Brasil, abriga, por períodos variáveis, grande número de pequenos animais, principalmente artrópodes, que comportam-se como fitófagos ou zoófagos. As espécies comumente envolvidas em arroz de terras altas são as seguintes: cupim-rizófagos, *Procornitermes spp*; percevejo-castanho, *Scaptocoris castanea* (Perty, 1830); percevejo-do-colmo, *Tibraca limbativentris* Stal; percevejo-daspanículas, *Oebalus poecilus* (Dallas); cigarrinha-das-pastagens, *Deois flavopicta* Stal; pulgão-da-raiz, *Rhopalosiphum rufiabdominale* Sasaki; lagarta-dos-arrozais, *Spodoptera frugiperda* (J.E. Smith); lagarta-dos-capinzais, *Mocis latipes* (Guenée); lagarta-dos-cereais, *Pseudaletia adultera* (Schaus, 1894) e *P. sequax* Franclemont; 1951 broca-do-colo, *Elasmopalpus lignosellus* (Zeller); broca-do-colmo, *Diatraea saccharalis* (Fabricius); pulga-da-folha, *Chaetocnema* sp.; cascudo-preto (bicho-bolo), *Euethiola humilis*, *Burmeister*; formigas cortadeiras, *Acromyrmex* spp. e *Atta* spp.

Uma parte do arroz produzido em Rondônia é comercializado em mercados fora do estado como Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e parte da Bolívia.



O plantio dessa cultura, fortemente incentivado pela iniciativa privada, aconteceu com atraso em função das chuvas que começaram também mais tarde. Os 39,4 mil hectares plantados encontram-se em fase final de colheita com produtividade média de 2.732 kg/ha, atingindo uma produção total de 107,6 mil toneladas.

No Ceará, em grande parte da área destinada ao plantio de arroz, o preparo do solo é mecanizado, enquanto que o plantio é realizado manualmente e semeado em covas. Em Lavras da Mangabeira, o preparo do solo para a cultura se inicia em novembro e dezembro, onde fazem o manejo para controlar a tiririca, principal erva daninha da cultura na região. Normalmente as lavouras são implantadas em áreas de várzea, de vertissolos e baixos, observados nas cidades de Iguatu, Acopiara, Missão Velha e Lavras da Mangabeira.

A cultura sofre estresse hídrico causado por veranicos em quase toda as regiões do estado, onde a cultura é explorada e alguns produtores realizam irrigações complementares para evitar perdas. Em Juazeiro do Norte, devido às condições climáticas desfavoráveis, (36 dias de veranico de fevereiro a março, seguidos de períodos superiores a 15 dias sem chuvas) as perdas de produção nas lavouras são enormes, pois não foi possível realizar irrigações de salvamento (ou complementares) em decorrência da baixa recarga dos açudes causada pelo escasso regime pluviométrico. Muitas lavouras da região foram perdidas e tiveram como destinação à pastagem ou simplesmente foram abandonadas.

Foi relatado o ataque da lagarta curuquerê (*Mocis Latipes*) no município de Lavras da Mangabeira, Missão Velha e Viçosa do Ceará. A cidade de Viçosa do Ceará, localizada na Serra da Ibiapaba, é a que possui a maior estimativa de área plantada.

No Ceará são estimados o plantio de 10,8 mil hectares de arroz, com produtividade média de 849 kg/ha e produção total de 9,2 mil toneladas. As lavouras se encontram em estágio de frutificação e algumas áreas estão sendo colhidas.

No Piauí há expectativa de redução de 16,8% na área plantada de arroz. Ao contrário do que ocorreu no último levantamento, houve uma inversão na perspectiva da produtividade, pois no atual levantamento há expectativa que a produtividade caia 36,2%, fortemente afetada pela estiagem.

Na Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas devido, principalmente, à sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de

mercado. Estima-se que sejam cultivados 7 mil hectares, com expectativa de produtividade em 814 kg/ha. Comparando-se às estimativas da safra passada, com a expectativa da safra atual há redução de 17,7% na área cultivada. A produção esperada é de 5,7 mil toneladas, redução de 17,4% em relação à safra passada.

Em Pernambuco o cultivo de arroz vem sendo gradativamente substituído por outras culturas mais rentáveis e de maior facilidade de comercialização na região como cebola, banana, maracujá e melancia. Nas áreas remanescentes o arroz é produzido com irrigação. A baixa atratividade econômica nesta atividade desestimula a continuação da rizicultura no baixo São Francisco, onde já teve significativa expressão. Atualmente prevê-se o cultivo de apenas 0,4 hectares, com produtividade média de 4.521 kg/ha.

No atual levantamento de safra confirma o recuo de área plantada de arroz em Mato Grosso. A safra de arroz está praticamente finalizada, com apenas alguns talhões remanescentes em Paranatinga, grande produtor da região sudeste de Mato Grosso. A produtividade da cultura foi afetada pela estiagem, reduzindo o rendimento médio para 2.876 kg/ha, queda de 11,7% em relação à safra passada. O levantamento de safras também apontou redução na área plantada de arroz em Mato Grosso, a qual se estima em 126,6 mil hectares, queda de 32,7% em relação à safra 2014/15. A redução na área, ocorre principalmente em função do avanço da soja e do milho nas áreas destinadas ao cultivo do arroz. Além do rendimento, a qualidade do produto colhido ficou aquém do esperado, com a predominância de grãos quebrados. Com essas reduções de área e produtividade, a produção estadual caiu 40,6% em relação à safra 2014/15, estimando-se 364,1 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do arroz encontra-se em fase final de colheita nos principais municípios produtores e já foi finalizada em quase todos os municípios produtores. Nesta safra foram registrados problemas graves em consequência do excesso de chuvas que atingiram o estado no período de janeiro a março, provocando redução significativa na produtividade, com perdas de algumas áreas por alagamento. Em Douradina não foi possível concluir o plantio devido ao excesso de chuvas ocorridas de dezembro a janeiro e a área cultivada sofreu redução de 25%. No município de Fátima do Sul a perda da área plantada foi de 100% em função do alagamento provocado pelo excesso de chuvas. Em Rio Brilhante e Deodápolis também ocorreram perdas relevantes nas áreas sujeitas a alagamentos. Em consequência do excesso de umidade houve o aparecimento de várias doenças fúngicas, diminuindo as produtividades dos principais municípios produtores do estado. A baixa luminosida-



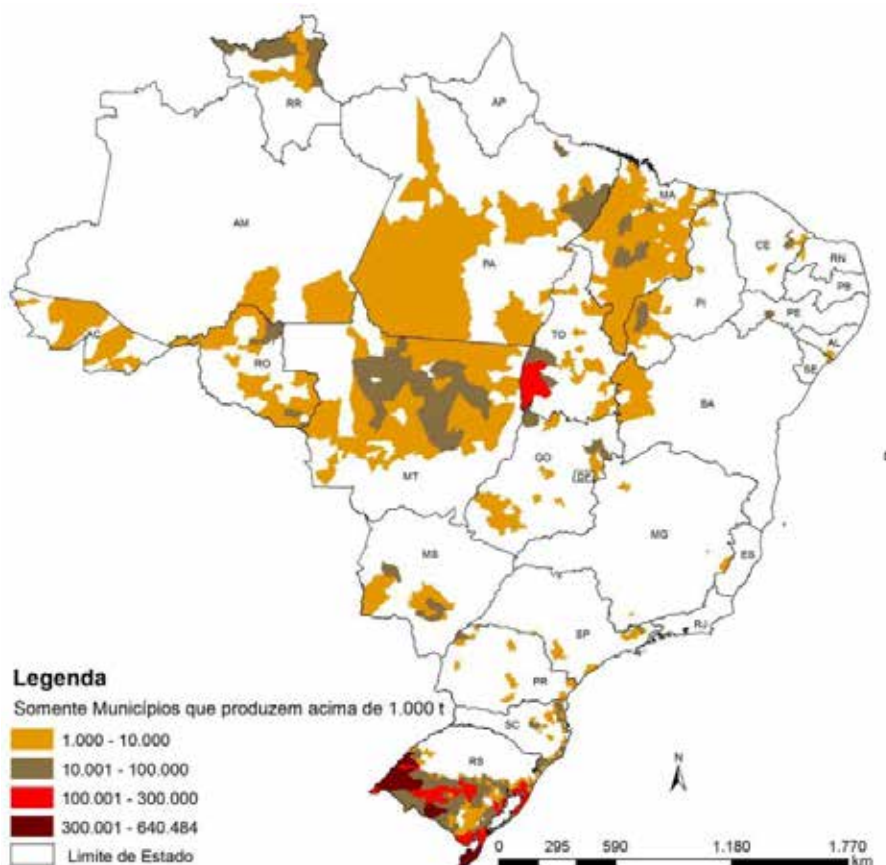
de em vários municípios do sul do estado também colaborou para a queda nas produtividades. A área cultivada, da safra atual, diminuiu 22,7% quando comparada com a safra passada, chegando a 14 mil hectares. Com relação à produtividade as perdas também foram significativas, sendo estimada em 21,1% quando comparada com a safra anterior, chegando a 4.860 kg/ha. A produção do grão no estado será de 68 mil toneladas. É relativamente pequena e é comercializada regionalmente e imediatamente após a colheita.

A área de plantio de arroz em Minas Gerais segue em tendência de queda, apresentando redução de 30,8% quando comparada com a safra anterior, passando de 12 mil hectares para 8,3 mil hectares em face da baixa competitividade em relação a outras culturas, da vulnerabilidade aos riscos climáticos e de restrições ao cultivo em áreas de várzea. O plantio foi realizado em

novembro e dezembro. O clima favoreceu o desenvolvimento das lavouras, ao contrário de anos anteriores. Com isso, a produtividade está estimada em 2.400 kg/ha, 14,3% maior do que a safra 2014/15. A produção deverá ficar em 19,9 mil toneladas, 21% inferior à safra 2014/15. Estima-se que a colheita está finalizada.

Para a cultura de arroz em casca no Rio de Janeiro estima-se um decréscimo de 40% na área plantada em relação à safra passada. Os principais motivos da queda estão relacionados a problemas climáticos, alto custo de produção e falta de engenhos beneficiadores, fazendo com que o plantio de arroz seja praticamente erradicado em algumas regiões. O ponto positivo é o aumento de 52,6% na produtividade média das lavouras, chegando a 3.667 kg/ha e a produção total será 8,3% maior do que a safra passada.

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 28 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz





REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	257,9	(1,5)	3.797	3.774	(0,6)	993,6	973,3	(2,0)
RR	12,0	8,6	(28,3)	6.500	7.000	7,7	78,0	60,2	(22,8)
RO	44,3	39,4	(11,0)	2.859	2.732	(4,4)	126,7	107,6	(15,1)
AC	6,7	5,1	(24,0)	1.143	1.359	18,9	7,7	6,9	(10,4)
AM	3,4	1,9	(44,1)	2.189	2.290	4,6	7,4	4,4	(40,5)
AP	1,9	1,9	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	18,8
PA	65,9	68,2	3,5	2.537	2.505	(1,3)	167,2	170,8	2,2
TO	127,5	132,8	4,2	4.745	4.680	(1,4)	605,0	621,5	2,7
NORDESTE	476,6	286,1	(40,0)	1.440	1.349	(6,3)	686,3	385,8	(43,8)
MA	349,8	178,0	(49,1)	1.418	1.430	0,8	496,0	254,5	(48,7)
PI	95,1	79,1	(16,8)	1.184	755	(36,2)	112,6	59,7	(47,0)
CE	12,5	10,8	(13,9)	1.436	849	(40,9)	18,0	9,2	(48,9)
RN	0,9	1,0	11,1	2.590	2.916	12,6	2,3	2,9	26,1
PB	0,9	0,8	(11,0)	53	262	394,3	-	0,2	-
PE	0,2	0,4	100,0	4.500	4.521	0,5	0,9	1,8	100,0
AL	2,7	3,0	11,0	5.720	5.833	2,0	15,4	17,5	13,6
SE	6,0	6,0	-	5.700	5.720	0,4	34,2	34,3	0,3
BA	8,5	7,0	(17,7)	812	814	0,2	6,9	5,7	(17,4)
CENTRO-OESTE	234,2	165,6	(29,3)	3.582	3.198	(10,7)	838,9	529,6	(36,9)
MT	188,1	126,6	(32,7)	3.257	2.876	(11,7)	612,6	364,1	(40,6)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	4.860	(21,1)	111,5	68,0	(39,0)
GO	28,0	25,0	(10,7)	4.100	3.900	(4,9)	114,8	97,5	(15,1)
SUDESTE	27,4	18,9	(31,0)	2.796	3.173	13,5	76,6	59,9	(21,8)
MG	12,0	8,3	(30,8)	2.100	2.400	14,3	25,2	19,9	(21,0)
ES	0,3	0,3	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	14,3
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.667	52,6	1,2	1,1	(8,3)
SP	14,6	10,0	(31,6)	3.393	3.811	12,3	49,5	38,1	(23,0)
SUL	1.295,2	1.249,6	(3,5)	7.598	6.969	(8,3)	9.840,7	8.708,8	(11,5)
PR	27,2	26,2	(3,7)	5.825	5.379	(7,7)	158,4	140,9	(11,0)
SC	147,9	147,4	(0,3)	7.150	7.108	(0,6)	1.057,5	1.047,7	(0,9)
RS	1.120,1	1.076,0	(3,9)	7.700	6.989	(9,2)	8.624,8	7.520,2	(12,8)
NORTE/NORDESTE	738,3	544,0	(26,3)	2.275	2.499	9,8	1.679,9	1.359,1	(19,1)
CENTRO-SUL	1.556,8	1.434,1	(7,9)	6.909	6.484	(6,2)	10.756,2	9.298,3	(13,6)
BRASIL	2.295,1	1.978,1	(13,8)	5.419	5.388	(0,6)	12.436,1	10.657,4	(14,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em abril de 2016, foram importadas 65,8 mil toneladas de arroz, sendo apenas 0,9 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 3 de junho, não foram disponibilizados os dados referentes a maio e por esse motivo,

abril é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma leve expansão do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em abril de 2015 essas aquisições foram de 47 mil toneladas, sendo 29,8 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul e,



em abril de 2016, as importações contabilizaram 65,8 mil toneladas, sendo 1,5 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul.

Acerca das exportações estas tiveram uma expansão, passando de 49,7 mil toneladas em abril de 2015 para 102,5 mil toneladas em março de 2016. Mais especificamente sobre as compras nacionais de arroz internacional ao longo de abril, o Paraguai, já consolidado como maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 53,2 mil toneladas de arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 318,55 por tonelada, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 467,84 por tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15, obteve-se um superavit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. No período comercial 2015/16, já consolidado, de março de 2015 a fevereiro de 2016, observou-se um superavit acumulado no montante de 858,8 mil toneladas.

Para a safra 2014/15 e 2015/16, o consumo é estimado em 11,5 milhões de toneladas, em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 14,3% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 10.657,4 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva no período atual de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando redução da tecnologia empregada.

Ainda sobre a projeção de mercado para a comercialização da safra 2015/16 esperam-se um aumento no volume importado, principalmente produto proveniente do Paraguai e da Argentina, e uma leve redução no montante exportado em face do provável preço interno atrativo no segundo semestre de 2016. Com isso, projeta-se um deficit de 100 mil toneladas

na balança comercial do arroz.

Hoje, no mercado de arroz ao produtor do Rio Grande do Sul (RS), observa-se uma oferta restrita, apesar da quase finalização do período de colheita. Atualmente, em razão da expectativa de preços elevados na entressafra, identifica-se um mercado com pouca oferta, apesar da cotação atual estar em R\$ 41,76 por saco 50kg de arroz em casca, maior valor histórico da série de preços. Com isso, parte dos produtores disponibilizaram pequenos volumes, diante da necessidade de “fazer caixa”. No Mato Grosso, a menor produção no Mato Grosso e nos estados vizinhos implicou em valorização mensal de 7,88%, encerrando o arroz cotado a um preço médio de R\$ 54,76 por saco de 60kg.

Em relação ao mercado atacado, a alta observada no início de 2016, ocorreu devido às valorizações das cotações ao produtor na Região Sul do país em outubro e novembro de 2015. Hoje, o mercado mantém-se com leve viés de alta em face da escassez de oferta do produtor. Todavia, destaca-se a baixa demanda no varejo, sendo projetado uma retração no PIB brasileiro de 3,81% para atual ao ano atual de acordo com o Boletim Focus do Banco Central.

No mercado de arroz tailandês, em março, o preço do grão apresentou alta de 9,87% em virtude da redução da capacidade hídrica tailandesa, resultado do fenômeno El Niño. No ano, indo de encontro à antiga política intervencionista do governo da Tailândia, a cotação do arroz valorizou em 13,32% e ainda não recuperou o patamar anterior ao estabelecimento de tal política, porém, há tendência de alta no médio e longo prazo em virtude da menor oferta do produto em função da menor produção asiática e da provável diminuição da presença do arroz indiano no mercado internacional.

No Mercosul, mais precisamente na Argentina, na semana e no mês, os preços do produto apresentaram estabilidade. No ano, o arroz perdeu valor em 20,65% e, como fatores determinantes da queda dos preços mercosulinos, destacam-se a desvalorização cambial das moedas locais em relação ao dólar e o volume de estoque de passagem na Argentina e no Paraguai.



8.1.4. FEIJÃO

10.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A neste nono levantamento, área de feijão primeira safra está estimada em 959,9 mil hectares, o que configura decréscimo de 8,9% em relação à safra passada.

No Paraná a colheita já está encerrada, enquanto que a comercialização já está finalizada, com bons preços pagos ao produtor, haja vista que o feijão apresentou redução na área plantada que foi de 180,1 mil hectares, redução de 6,5% em relação à safra anterior, que foi de 192,7 mil hectares, o que ocasionou em menor oferta do produto no mercado. Trata-se de áreas pulverizadas pelas diversas regiões do roteiro ainda dependente da mão de obra. Redução também na produtividade que foi de 1.621 kg/ha, 5% menor que a safra passada que foi de 1.707 kg/ha. Mesmo com alguns apontamentos de perda na qualidade do grão, devido ao excesso de chuva, o produto foi todo comercializado, proporcionado pela grande procura do mercado, estimulado pelo preço elevado deste produto.

A área semeada com feijão primeira safra no Rio Grande do Sul foi de 43,5 mil hectares, o que confirma acréscimo de 22,5% em relação à safra passada, somando o cultivo da agricultura empresarial, agricultura familiar e agricultura de subsistência. A maior parte da área semeada já foi colhida e a produtividade foi estimada em 1.915 kg/ha, configurando uma produção de 83,3 mil toneladas, incremento de 48,5% em relação à safra passada. Os produtores tiveram resultado econômico positivo devido aos bons preços do mercado.

No Distrito Federal manteve-se a mesma área semeada na safra anterior, 12,1 mil hectares. A produtividade média por sua vez foi reduzida para 1.475 kg/ha, ante os 1.949 kg/ha obtidos na safra passada, configurando uma produção de 17,8 mil toneladas, 24,3% inferior à produção da safra passada, que foi de 23,6 mil toneladas. As lavouras foram afetadas negativamente pelo intenso veranico registrado na fase germinativa da planta. A colheita já foi concluída, o que também foi afetada negativamente pelo alto volume de chuvas, que acabou influenciando no calendário agrícola.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra, a área está estimada em 146,6 mil hectares, o que representa redução de 7,9% em comparação com a safra anterior, visto que a maior parte dos produtores tem optado por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja. Predomina na maior parte do estado o plantio de feijão co-

res, notadamente carioquinha. Há nichos de mercado na região da Zona da Mata e plantio também de feijão cores/vermelho e de feijão-preto. Já o plantio do feijão caupi se concentra no norte. O plantio apresentou maior concentração em novembro, mas se estendeu até o início de dezembro. As lavouras já foram colhidas na sua totalidade. Há registros pontuais de perdas decorrentes da ocorrência de chuvas na colheita, mas de modo geral, as lavouras apresentam potencial de bons resultados, estimando-se uma produtividade média de 1.306 kg/ha, bem acima dos resultados da safra anterior, que foi severamente prejudicada pela estiagem. A produção estimada é de 191,5 mil toneladas, 16,5% superior à safra 2014/15.

Em Santa Catarina a colheita está finalizada. A primeira safra de feijão apresentou redução de área de 12,7%, com o cultivo de 46 mil hectares em relação ao observado na safra anterior, resultado, principalmente, da migração destas para o cultivo da soja em função da melhor rentabilidade da oleaginosa. As últimas lavouras apresentaram queda de produtividade, partindo de 1.950 kg/ha na safra 2014/15, para 1.870 kg/ha na safra 2015/16, em face do atraso da sua implantação e instabilidades climáticas. O excesso de chuvas na época do plantio, além de retardar a semeadura das lavouras, principalmente na região de Campos Novos, possibilitou a incidência de doenças que, somando-se à dificuldade de aplicação de defensivos pelo excesso de umidade do solo, a baixa luminosidade e temperatura amenas, causaram perdas na produtividade. Esta alteração na época de plantio teve como consequência o atraso na colheita, que só se encerrou em meados de maio. A comercialização segue em bom ritmo, já que os preços estão em alta.

Em Mato Grosso a área plantada da primeira safra encontra-se totalmente colhida. Esse levantamento apontou para retração de 26,9% na área a ser cultivada na safra 2015/16 para o plantio do feijão da primeira safra, que será de 7,9 mil hectares. Estimando-se uma produtividade média de 1.132 kg/ha, 27,9% superior à safra passada, a produção deve ficar em 8,9 mil toneladas, decréscimo de 47,6% em relação à safra passada, que foi de 17 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul o feijão primeira safra encontra-se encerrada. A área cultivada foi de 0,6 hectares, redução de 14,3% em relação à área da safra anterior e a produtividade deve sofrer redução em comparação à safra passada, devendo atingir em torno de 1.800



kg/ha. Redução também na produção, passando de 1,4 mil toneladas para 1,1 mil toneladas, 21,4% menor em relação à safra 2014/15.

Na Bahia, principal produtor do Nordeste, houve redução de área com o cultivo de 174,3 mil hectares, redução de 25,7% em relação à área da safra anterior, que foi de 234,6 mil hectares. A produtividade teve redução de 39,9% em comparação à safra passada, que ficou em 554 kg/ha, devendo atingir em torno de 333 kg/ha. Redução também na produção, passando de 130 mil toneladas para 58,1 mil toneladas, 55,3% menor em relação à safra 2014/15. A redução em relação à safra anterior é devido às condições adversas climáticas e a demora na distribuição de sementes. Para o feijão macaçar primeira safra a estimativa é que no estado sejam cultivados 128,45 mil hectares e que seja produzido 31,5 mil toneladas. Pode-se atribuir à redução em relação à safra anterior as condições climáticas adversas. Apesar de apresentar maior resistência ao déficit hídrico, quando comparado ao feijão cores, o feijão macaçar também não resistiu à falta de chuvas de fevereiro a abril. As perdas foram estimadas em 80% e o estresse hídrico afetou a cultura nas fases de florescimento e frutificação. Pequenos produtores rurais reclamaram da qualidade da semente do feijão macaçar distribuída no território da Bacia do Paramirim, que apresentaram pequena taxa de germinação, segundo informantes da Secretaria de Agricultura do município de Macaúbas. Em contrapartida foi relatado que a Associação Comunitária de Ponta do Morro realizou experiências no cultivo da semente utilizando agrotóxicos naturais (urina de vaca) e agrotóxicos químicos, em ambos os casos os rendimentos foram satisfatórios. Na microrregião de Irecê a área prevista para o plantio da safra de verão era de 14.180 hectares, e produtividade média de 600 kg/ha. No entanto, a área real cultivada foi de apenas 887 hectares e a produtividade deverá ser menor que a safra anterior com cerca de 140 kg/ha. A falta de chuvas dos últimos três meses levou a perda de cerca de 80% da área plantada. Na microrregião de Jacobina era esperado que os agricultores efetuassem o plantio de 4.890 hectares, com produtividade de 600 kg/ha, no entanto foram plantados cerca de 70% desse total, o equivalente a 3.423 hectares. Está sendo observado em campo uma grande perda de safra devido ao longo período de estiagem, já que só foi constatado chuvas no período de plantio da cultura. À época da floração, considerado o período que a planta mais consome água, não houve ocorrência de chuvas, levando muitos produtores a perderem as suas safras precocemente. Na microrregião de Juazeiro, segundo a Bahiater, foram plantados apenas 3.200 hectares com produtividade de 110 kg/ha devido ao déficit hídrico. A cultura encontra-se no período de colheita. Na Microrregião Piemonte Norte

do Itapicuru, onde fica localizada a cidade de Senhor do Bonfim, era esperada uma área de 14.730 hectares, mas devido à ausência de chuvas em fevereiro e março, foram plantadas 70% da área prevista, num total de 10.210 hectares com produtividade de 140 kg/ha, uma vez que as perdas na cultura já chegam a 70% devido à falta de chuvas. Na microrregião de Itabera a área cultivada é de 466 hectares, com produtividade em torno 120 kg/ha. Já na microrregião de Seabra a área foi de 3.000 hectares, com produtividade média caindo de 600 kg/ha para apenas 120 kg/ha. A queda na produtividade corresponde às condições climáticas adversas que acometeram estas lavouras. Outro fator responsável é o uso de grãos em vez de sementes para o plantio. As plantações da região, ocorridas em janeiro e início de fevereiro, já estão praticamente no fim da colheita. Esse feijão é tradicionalmente cultivado em pequenas áreas da agricultura familiar, para consumo próprio ou comercializadas em mercados locais. A estimativa da área cultivada foi reduzida de 35.000 hectares para 22.000 hectares devido à falta de chuvas após a colheita da soja, pois esta cultura é plantada na mesma área da soja, após a colheita desta. As áreas de sequeiro sofreram muito com a estiagem, tendo áreas que nem mesmo serão colhidas. Para os 22.000 hectares cultivados espera-se a produtividade média de 600 kg/ha. Estima-se que 60% da área cultivada foi colhida até maio. A produção esperada é de 13.200 quilos, redução de 67% em relação à produção da safra passada. Para o feijão cores primeira safra, a produção total do estado, para atual safra, está estimada em 26,61 mil toneladas em uma área de 45,8 mil hectares. Pode-se atribuir que a redução em relação à safra anterior é devido às condições climáticas adversas. As boas expectativas de produtividade foram frustradas com o estresse hídrico em fevereiro, março e abril. Estima-se perdas de cerca de 85-90% no feijoeiro. Percebe-se ainda a necessidade de se repensar as políticas públicas de incentivo ao cultivo do feijão cores nas regiões de forte irregularidade no regime de chuvas. O bom regime chuvoso de janeiro de 2016 estimulou o plantio, no entanto, as culturas foram seriamente prejudicadas nas fases de florescimento e frutificação. Observou-se redução na área plantada do feijão cores em 9%, de 26.046 hectares na safra anterior para 23.713 hectares, fomentada pelas expectativas criadas com as frustrações das últimas safras, bem como pela falta de chuvas em outubro e novembro do ano passado. No entanto, as ações do Garantia-Safra, as expectativas criadas com as chuvas de janeiro e o aspecto cultural do plantio de feijão não permitiram drástica redução da área plantada. Percebe-se ainda que há resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por tratar-se de uma cultura que necessita de período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão. A in-

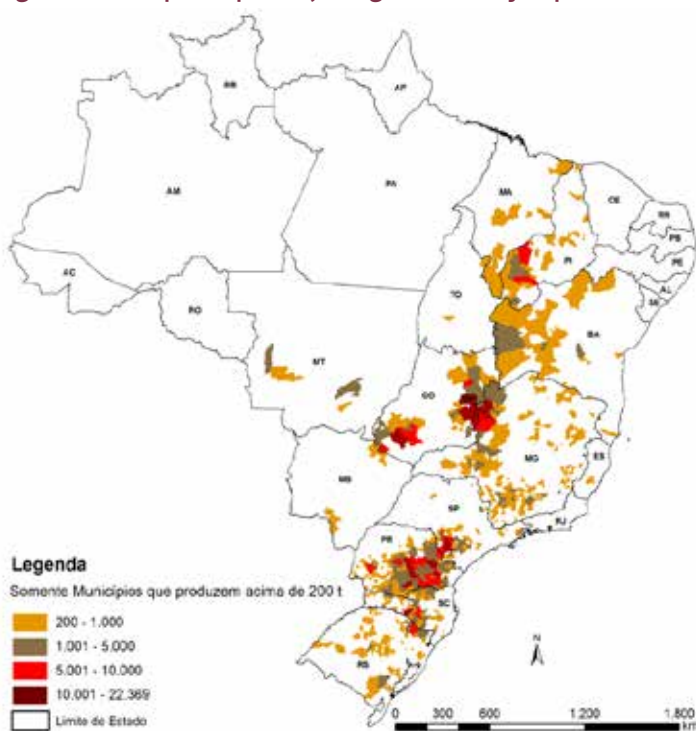


fluência negativa das questões climáticas na região, apesar das chuvas abundantes de janeiro e bom preço do produto no mercado, deverá reduzir a produção, uma vez que a área cultivada ficou abaixo do esperado e a cultura sofreu com a falta de chuvas durante todo o ciclo produtivo. As taxas de produtividade deverão diminuir também esse ano. A produção total da região está estimada em apenas 862 toneladas em uma área de 12.157 hectares. As chuvas nos meses posteriores a janeiro não vieram, o que inviabilizou o plantio da área prevista e diminuiu severamente as expectativas de produtividade. Segundo a Bahiater 95% da cultura na microrregião de Irecê foi perdida por falta de chuvas e que o território deverá produzir cerca de 122 toneladas do produto, apenas. No Território Piemonte da Diamantina, na microrregião de Jacobina, a intenção do plantio da safra verão apontava para 3.760 hectares, com produtividade de 600 kg/ha, mas apenas 70% foram plantados, correspondendo a cerca de 2.632 hectares, com produtividade média de 110 kg/ha. No território da Chapada Diamantina, microrregião de Seabra, o plantio de feijão cores ocupou uma área de 7.495 hectares, com produtividade média nas estimativas de 600 kg/ha, entretanto, por conta da estiagem prolongada registrou-se perdas em torno de 90%, o que levou o rendimento da cultura para apenas 60 kg/ha. A estimativa é que foram cultivados 10.000 ha, com produtividade de 2.025 kg/ha. A redução da expectativa inicial de 16.000 hectares para













































10.000 hectares, o que pode ser justificada pela falta de chuvas após a colheita da soja, uma vez que uma parcela da área cultivada ocorre em sucessão ao cultivo da soja irrigada sob o pivô central. Estima-se que foram colhidos cerca de 20% da área cultivada, outros 30% estão em fase de maturação e 50% em frutificação. A falta das chuvas reduziu a estimativa de plantio em 37,5% em relação à safra passada e a produção em 46%.

Em São Paulo é na região sudoeste do estado que está concentrada praticamente toda a produção de feijão, estando este todo colhido. O plantio é realizado entre julho e agosto e colhe-se entre novembro e dezembro. O produtor apostou nessa cultura devido aos excelentes preços de mercado pago a essa leguminosa. O mercado paulista de feijão ressenete-se da falta desse produto devido aos prejuízos ocorridos durante a colheita e, em razão disso, os preços estão em patamares elevados. Parte do abastecimento está vindo das praças de Mato Grosso e Goiás. O plantio do feijão primeira safra finalizou com o aumento na área plantada, com o cultivo de 50 mil hectares, incremento na produtividade de 0,7% em relação à safra de 2014/15, saindo de 2.331 kg/ha para 2.348 kg/ha. Incremento também de 19,1% na produção em relação à safra passada, saindo de 98,6 mil toneladas para 117,4 mil toneladas.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	4,7	(2,1)	707	727	2,8	3,4	3,4	-
TO	4,8	4,7	(2,0)	707	727	2,8	3,4	3,4	-
NORDESTE	484,5	409,6	(15,5)	460	241	(47,7)	223,1	98,6	(55,8)
MA	38,6	23,8	(38,3)	464	468	0,9	17,9	11,1	(38,0)
PI	211,3	211,5	0,1	356	139	(61,0)	75,2	29,4	(60,9)
BA	234,6	174,3	(25,7)	554	333	(39,9)	130,0	58,1	(55,3)
CENTRO-OESTE	74,9	72,6	(3,1)	1.997	2.103	5,3	149,6	152,6	2,0
MT	10,8	7,9	(26,9)	1.570	1.132	(27,9)	17,0	8,9	(47,6)
MS	0,7	0,6	(14,3)	2.000	1.800	(10,0)	1,4	1,1	(21,4)
GO	51,3	52,0	1,4	2.098	2.400	14,4	107,6	124,8	16,0
DF	12,1	12,1	-	1.949	1.475	(24,3)	23,6	17,8	(24,6)
SUDESTE	208,1	203,4	(2,3)	1.286	1.545	20,1	267,7	314,2	17,4
MG	159,1	146,6	(7,9)	1.033	1.306	26,4	164,4	191,5	16,5
ES	6,0	6,2	3,1	687	764	11,2	4,1	4,7	14,6
RJ	0,7	0,6	(14,3)	917	1.063	15,9	0,6	0,6	-
SP	42,3	50,0	18,2	2.331	2.348	0,7	98,6	117,4	19,1
SUL	280,9	269,6	(4,0)	1.737	1.711	(1,5)	487,8	461,2	(5,5)
PR	192,7	180,1	(6,5)	1.707	1.621	(5,0)	328,9	291,9	(11,2)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	1.870	(4,1)	102,8	86,0	(16,3)
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.915	21,2	56,1	83,3	48,5
NORTE/NORDESTE	489,3	414,3	(15,3)	463	246	(46,8)	226,5	102,0	(55,0)
CENTRO-SUL	563,9	545,6	(3,2)	1.605	1.701	6,0	905,1	928,0	2,5
BRASIL	1.053,2	959,9	(8,9)	1.074	1.073	(0,1)	1.131,6	1.030,0	(9,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão primeira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	1,0	1.200	1,2
TO	1,0	1.200	1,2
NORDESTE	45,9	580	26,6
BA	45,9	580	26,6
CENTRO-OESTE	69,9	2.135	149,2
MT	6,4	1.132	7,2
MS	0,6	1.800	1,1
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,9	1.475	16,1
SUDESTE	199,1	1.563	311,1
MG	144,4	1.316	190,0
ES	4,7	787	3,7
SP	50,0	2.348	117,4
SUL	94,6	1.801	170,4
PR	54,7	1.614	88,3
SC	29,9	1.944	58,1
RS	10,0	2.400	24,0
NORTE/NORDESTE	46,9	593	27,8
CENTRO-SUL	363,6	1.735	630,7
BRASIL	410,5	1.604	658,5

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Tabela 31– Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	1,2	1.450	1,7
DF	1,2	1.450	1,7
SUDESTE	3,7	682	2,5
MG	1,6	570	0,9
ES	1,5	650	1,0
RJ	0,6	1.063	0,6
SUL	174,9	1.661	290,8
PR	125,3	1.624	203,6
SC	16,1	1.731	27,9
RS	33,5	1.770	59,3
CENTRO-SUL	179,8	1.640	295,0
BRASIL	179,8	1.640	295,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	3,7	598	2,2
TO	3,7	598	2,2
NORDESTE	363,7	198	72,0
MA	23,8	468	11,1
PI	211,5	139	29,4
BA	128,4	245	31,5
CENTRO-OESTE	1,5	1.133	1,7
MT	1,5	1.133	1,7
SUDESTE	0,6	900	0,5
MG	0,6	900	0,5
NORTE/NORDESTE	367,4	202	74,2
CENTRO-SUL	2,1	1.066	2,2
BRASIL	369,5	207	76,4

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A área de feijão segunda safra está estimada para este oitavo levantamento em 1.308,3 mil de hectares, o que configura um acréscimo de 0,8% em relação à safra passada.

No Paraná a colheita atinge 79% da área plantada e a produtividade média apresenta-se em 1.543 kg/ha, ou seja, incremento na produtividade de 4,6%, que foi de 1.475 kg/ha obtido na safra anterior. A área plantada para essa segunda safra é de 205,5 mil hectares, redução de 1,3% em relação à safra passada, que foi de 208,1 mil hectares, produção de 317,1 mil toneladas, incremento de 3,3% em relação à safra passada, que foi de 306,9 mil toneladas. A instabilidade climática e a falta do produto fizeram com que os preços atinssem patamares elevadíssimos. O rendimento das lavouras, que estão em plena colheita, reflete a longa estiagem de abril, visto que a produtividade está bem aquém do potencial inicial. A qualidade também foi parcialmente afetada pelo excesso de chuvas na colheita. Houve relatos de que ocorreu “quebra” de safra em outros estados, fato que aumentou a demanda pelo produto paranaense. Este fenômeno refletiu em um aumento dos preços no período de colheita, época em que as cotações costumam baixar. Estimulados, os produtores comercializam o produto rapidamente. O destaque fitossanitário é para a ocorrência da Mosca Branca, que nesta safra teve maior expressão, podendo tornar-se uma praga de maior prejuízo à cultura.

No Rio Grande do Sul a semeadura do feijão segunda safra encontra-se em fase de conclusão. Está previsto o cultivo de 20,1 mil hectares, retração de 1% em relação à safra anterior, que deverão render 1.598 kg/ha,

ou seja, redução de 1,5%, com produção de saindo de 31,9 mil toneladas na safra 2014/15 para 32,1 mil toneladas, ou seja, redução de 2,4%.

No Distrito Federal, neste levantamento, estima-se, até o momento, manutenção de área em 0,9 mil hectares em relação à safra 2014/15. A produtividade média está estimada em 2.055 kg/há, ante os 2.000 kg/ha obtidos na safra passada, incremento de 2,8%, o que poderá resultar em produção de 1.8 toneladas. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10%, respectivamente. Os preços de mercado elevados não estão sendo atrativos suficientes para estimular o crescimento da área de plantio do feijão segunda safra. A incidência de mosca branca praticamente inibe o plantio do feijão da segunda safra em diversas áreas do Distrito Federal.

Em Mato Grosso a área total plantada de feijão segunda safra é de 169,5 mil hectares, os números foram revistos para baixo em 10 mil hectares, por conta da substituição de área pelo milho, registrando assim, 163,5 mil hectares plantados, queda de 28,4% em relação à temporada anterior. Nesse período de plantio há a predominância da variedade caupi, mais resistente ao clima seco, que representa 85% das áreas cultivadas na segunda safra. A lavoura dessa variedade começou a ser colhida em alguns municípios e contabiliza 10% da área colhida. Já para a variedade carioca a colheita está mais adiantada, com cerca de 80% dos trabalhos de campo realizados. A produtividade de ambas variedades da segunda safra foi bastante afetada pela estiagem, quando comparado à safra 2014/15. O feijão caupi registrou perda de rendi-



mento de 18,1%, com média de 995 kg/ha. Já o feijão carioca, mais sensível ao clima seco, perdeu em média 48,3% da sua produtividade, totalizando 893 kg/ha, quando comparado à safra anterior. Com isso, a oferta do estado será afetada. A produção estimada é de 170 mil toneladas, retração de 37,2% previsto na segunda safra do ano passado, queda de 26,1% na produtividade, saindo de 1.358 kg/ha na safra anterior, para 1.003 kg/ha.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do feijão segunda safra é pouco expressiva no estado, com aproximadamente 14 mil hectares de área cultivada para esta safra, com redução na área em torno de 12,5% em relação à safra passada. Esta redução ocorre devido a fatores como falta de crédito de custeio, frustração de safras e instabilidade do mercado, principalmente no período de colheita. A produção encontra-se concentrada principalmente nos municípios de Caarapó, Sidrolândia, Bonito e Maracajú. A produtividade esperada está sendo estimada em torno de 1.440 kg/ha, com retração de aproximadamente 10% em relação à safra anterior. Esta redução ocorre em função da estiagem prolongada durante abril que atingiu as áreas produtoras. Na região de Nova Andradina, Bataiporã e Taquarussu o plantio ocorre antecipado em relação às outras áreas e a estiagem atingiu as lavouras em período reprodutivo, o que acarretou maior perda na produtividade, reduzindo consideravelmente as expectativas para algo em torno de 760 kg/ha. O produto obtido é absorvido pelo mercado regional e os preços praticados encontram-se bastante atrativos para o produto.

Em Goiás ainda há áreas sendo colhidas. O atual levantamento aponta para o crescimento da área de plantio de 97%, passando de 13,2 mil hectares em 2014/15 para 26 mil hectares na presente safra. A falta de chuvas resultou em menores rendimentos da cultura no estado, em algumas áreas ocorreu a perda total da área de feijão. A mosca branca ainda representa aumento nos custos de produção, mesmo com todos esses fatores mencionados a produção deverá ter um incremento de 59,2% em relação à safra passada, que foi de 24,5 mil toneladas e nesta, aponta para 39 mil toneladas. Apesar dos preços atraentes a produtividade ainda não é a esperada, que é de 1.500 kg/ha, decréscimo de 19,2% em relação à safra anterior, que foi de 1.857 kg/ha.

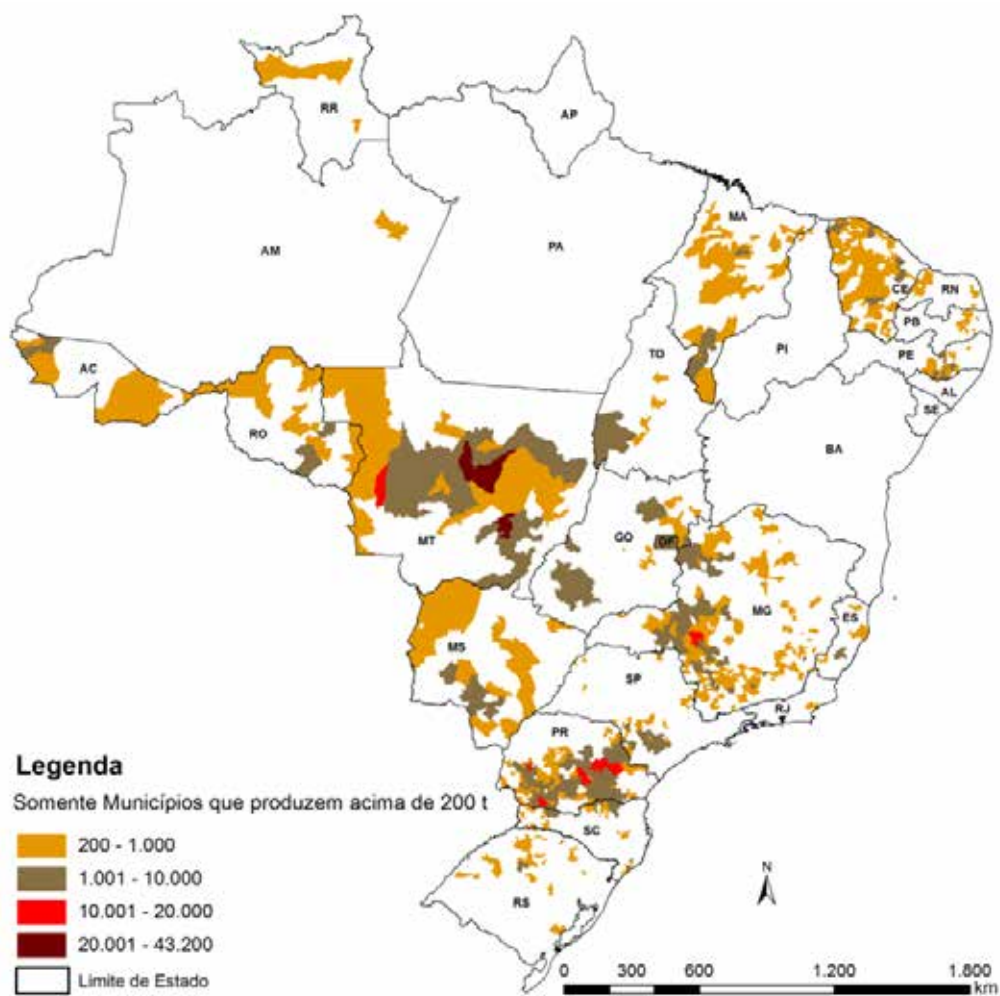
Em Minas Gerais o atual levantamento aponta para o crescimento da área de plantio de feijão segunda sa-

fra na ordem de 8,1%, passando de 105,9 mil hectares em 2014/15 para 114,5 mil hectares na presente safra. Este incremento se deve aos preços de mercado que se encontram bastante atraentes. Nas regiões que vêm enfrentando problemas mais sérios com o controle de pragas e doenças, no entanto, pode ocorrer, inclusive, uma retração, seja pelo receio do risco, seja pela proibição do plantio nesta época, como é o caso de municípios do Noroeste, na área de abrangência da legislação do vazio sanitário. O plantio teve início em fevereiro e se estendeu até o final de abril. As lavouras podem ser encontradas em seus mais diversos estágios, assim distribuídas: germinação, desenvolvimento vegetativo e floração 20%; frutificação 20%; maturação 30% e colhidas 30%. Com a completa ausência de chuvas ao longo de abril e maio, aliado ao tempo seco e quente, já há indícios de quebra de produtividade, no momento, estimada em 1.350 kg/ha, redução de 9,2%, quando comparada com a safra anterior. Dessa forma, a produção poderá alcançar 154,6 mil toneladas, representando redução de 1,8% em relação à safra passada.

Em Santa Catarina a cultura está em estágio final de cultivo, aguardando condições de clima para colheita, haja vista as chuvas no final da terceira semana de maio, as quais interromperam o avanço da colheita. Estima-se que hajam ainda em torno de 20% das lavouras a serem colhidas nos últimos dias de maio. Este ligeiro atraso na colheita deve-se ao excesso de chuvas ocorrido na primeira quinzena de fevereiro, principalmente, o que retardou o plantio. Ainda, o atraso na implantação da primeira safra, causado pelas instabilidades climáticas, influenciou a implantação da segunda. Geadas em abril, principalmente em maio, comprometeram parte das lavouras, com maior ênfase nas que se encontravam em fase final de formação de grãos. Com isso, apesar da baixa ocorrência, a qualidade do produto colhido nestas lavouras tende a baixar na sua comercialização, haja vista a dificuldade no beneficiamento (retirada de grãos descoloridos, mas de mesma forma e tamanho dos grãos normais). Mesmo com as instabilidades climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura, estima-se neste nono levantamento incremento na produtividade de 25,2% em relação à última safra, que foi de 1.450 kg/ha e nesta, está estimado em 1.816 kg/ha. Em geral, os grãos colhidos são de boa qualidade, o que vem possibilitando a comercialização imediata do produto, com bons preços. Apesar da redução da área, apontando para 17,4 mil hectares, 13,9% menor em relação à safra de 2014/15, que foi de 20,2 mil toneladas.



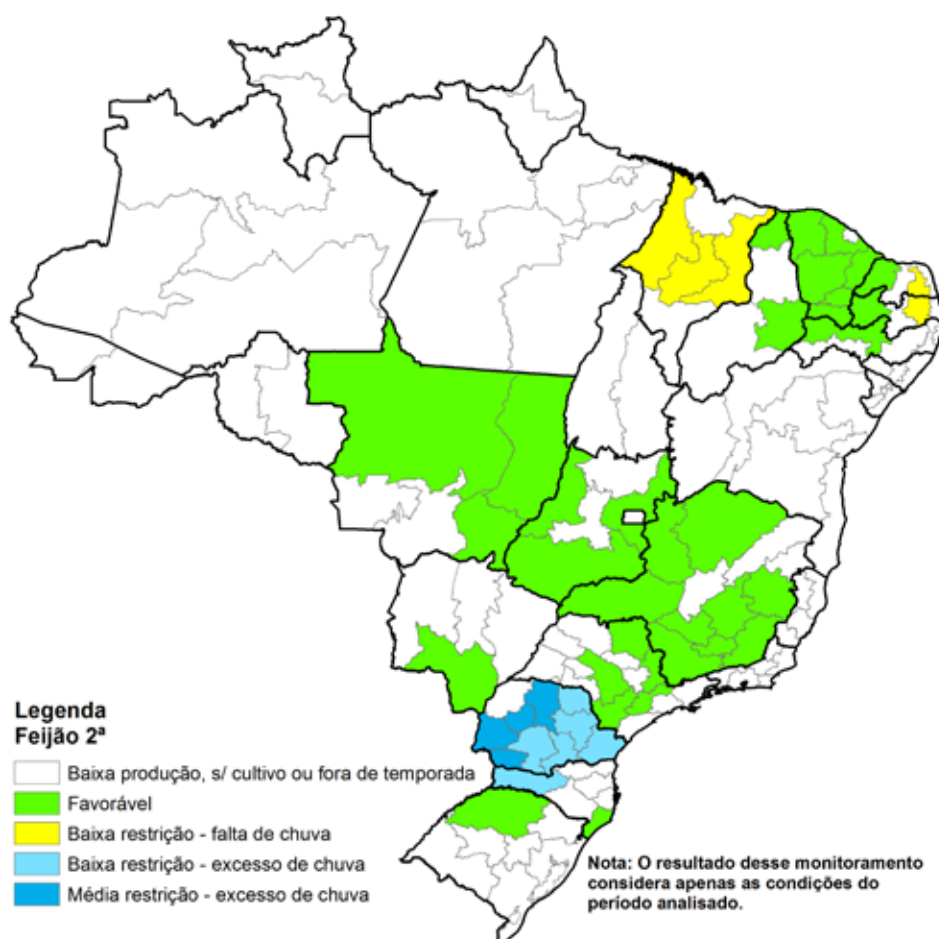
Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE..



Figura 24 – Condição hídrica geral em maio para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



















































































































































Quadro 9 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em maio .

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 2ª safra		<ul style="list-style-type: none"> - todo estado do PR (M/C) - oeste de SC (M/C) 	<ul style="list-style-type: none"> - extremo norte e sudeste do PI (M/C) - todo estado do CE (M/C) - oeste do RN (M/C) - Sertão da PB (M/C) - Sertão de PE (M/C) - todo estado de MG (M/C) - norte e sul de SP (M/C) - oeste, leste e sul de GO (M/C) - norte, nordeste e sudeste do MT (M/C) - sudoeste do MS (M/C) - sul de SC (M/C) - noroeste do RS (M/C) 	<ul style="list-style-type: none"> -- leste, oeste e centro do MA (FR/M) - Agreste do RN (FR/M) - Agreste da PB (FR/M)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,4	44,2	(15,6)	762	858	12,7	40,0	37,9	(5,3)
RR	2,7	2,7	-	667	731	9,6	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	20,2	(8,2)	722	882	22,2	15,9	17,8	11,9
AC	7,5	7,3	(2,7)	582	619	6,4	4,4	4,5	2,3
AM	5,5	4,1	(25,5)	1.027	927	(9,7)	5,6	3,8	(32,1)
AP	1,3	1,3	-	902	915	1,4	1,2	1,2	-
TO	13,4	8,6	(35,5)	825	1.005	21,8	11,1	8,6	(22,5)
NORDESTE	657,3	672,5	2,3	318	267	(16,3)	209,2	179,3	(14,3)
MA	55,0	47,7	(13,2)	549	538	(2,0)	30,2	25,7	(14,9)
PI	3,1	3,0	(3,2)	756	545	(27,9)	2,3	1,6	(30,4)
CE	393,8	372,9	(5,3)	309	245	(20,7)	121,7	91,4	(24,9)
RN	31,6	34,0	7,5	333	263	(21,0)	10,5	8,9	(15,2)
PB	58,6	90,5	54,4	277	363	31,0	16,2	32,9	103,1
PE	115,2	124,4	8,0	246	151	(38,6)	28,3	18,8	(33,6)
CENTRO-OESTE	229,3	210,4	(8,2)	1.406	1.098	(21,9)	322,4	231,0	(28,3)
MT	199,2	169,5	(14,9)	1.358	1.003	(26,1)	270,5	170,0	(37,2)
MS	16,0	14,0	(12,5)	1.600	1.440	(10,0)	25,6	20,2	(21,1)
GO	13,2	26,0	97,0	1.857	1.500	(19,2)	24,5	39,0	59,2
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.055	2,8	1,8	1,8	-
SUDESTE	130,9	138,2	5,6	1.454	1.400	(3,7)	190,4	193,5	1,6
MG	105,9	114,5	8,1	1.487	1.350	(9,2)	157,5	154,6	(1,8)
ES	8,4	8,4	-	813	1.120	37,8	6,8	9,4	38,2
RJ	1,0	1,0	-	951	958	0,7	1,0	1,0	-
SP	15,6	14,3	(8,6)	1.606	1.993	24,1	25,1	28,5	13,5
SUL	248,6	243,0	(2,3)	1.485	1.567	5,5	369,1	380,8	3,2
PR	208,1	205,5	(1,3)	1.475	1.543	4,6	306,9	317,1	3,3
SC	20,2	17,4	(13,9)	1.450	1.816	25,2	29,3	31,6	7,8
RS	20,3	20,1	(1,0)	1.622	1.598	(1,5)	32,9	32,1	(2,4)
NORTE/NORDESTE	709,7	716,7	1,0	351	303	(13,7)	249,2	217,2	(12,8)
CENTRO-SUL	608,8	591,6	(2,8)	1.449	1.361	(6,0)	881,9	805,3	(8,7)
BRASIL	1.318,5	1.308,3	(0,8)	858	782	(8,9)	1.131,1	1.022,5	(9,6)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	1,0	593	0,6
PB	1,0	593	0,6
CENTRO-OESTE	0,1	1.910	0,2
MT	-		-
MS	-		-
GO	-		-
DF	0,1	1.910	0,2
SUDESTE	5,1	939	4,8
MG	2,0	740	1,5
ES	2,1	1.119	2,3
RJ	1,0	958	1,0
SUL	108,6	1.565	170,0
PR	75,0	1.521	114,1
SC	13,5	1.763	23,8
RS	20,1	1.598	32,1
CENTRO-SUL	113,8	1.538	175,0
BRASIL	114,8	1.529	175,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	44,2	858	37,9
RR	2,7	731	2,0
RO	20,2	882	17,8
AC	7,3	619	4,5
AM	4,1	927	3,8
AP	1,3	915	1,2
TO	8,6	1.005	8,6
NORDESTE	39,0	521	20,3
MA	0,5	400	0,2
CE	7,5	437	3,3
PB	26,6	594	15,8
PE	4,4	237	1,0
CENTRO-OESTE	64,9	1.330	86,3
MT	24,9	1.074	26,7
MS	14,0	1.440	20,2
GO	25,2	1.500	37,8
DF	0,8	2.055	1,6
SUDESTE	133,1	1.417	188,7
MG	112,5	1.361	153,1
ES	6,3	1.120	7,1
SP	14,3	1.993	28,5
SUL	134,5	1.568	210,8
PR	130,6	1.555	203,0
SC	3,9	1.993	7,8
NORTE/NORDESTE	83,2	700	58,2
CENTRO-SUL	332,5	1.461	485,8
BRASIL	415,7	1.309	544,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	632,5	250	158,4
MA	47,2	540	25,5
PI	3,0	545	1,6
CE	365,4	241	88,1
RN	34,0	263	8,9
PB	62,9	262	16,5
PE	120,0	148	17,8
CENTRO-OESTE	145,4	994	144,5
MT	144,6	991	143,3
GO	0,8	1.500	1,2
NORTE/NORDESTE	632,5	250	158,4
CENTRO-SUL	145,4	994	144,5
BRASIL	777,9	389	302,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra a área estimada para este nono levantamento é de 665,9 mil de hectares, o que configura um decréscimo de 0,4% em relação à safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar

em 873,3 mil toneladas e 2,4% maior que a última temporada.

A terceira safra de feijão é uma safra pouco expres-



siva no Paraná, haja vista que sua produção é muito pequena, visto que seu plantio já está concluído nas regiões de Londrina, Maringá, Paranavaí e Umuarama. As lavouras estão nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo e em boas condições. A área estimada para plantio é de 5,5 mil hectares, o que configura acréscimo de 12,2% em relação à safra passada. A produção está estimada em 6,5 mil toneladas, 30% maior que a última temporada.

Para a safra 2015/16 no Distrito Federal estima-se incremento de área em 8,5 mil hectares, estimando-se aumento de 166% em comparação a cultivada na safra 2014/15, que foi de 3,2 mil hectares. Caso as condições de temperatura e clima mantenham-se dentro dos padrões de normalidade, a produtividade média poderá ser de 3.300 kg/ha, ante os 3.159 kg/ha obtidos na safra passada, o que resultará em uma oferta próxima a 28,1 mil toneladas, superior em 178,2% à oferta do exercício 2014/15. Apesar do aquecimento dos preços de mercado, grande parte dos produtores ainda não definiu sua intenção de plantio, que se concentra principalmente em maio e junho, com colheita em agosto e setembro. É preocupante o baixo nível dos reservatórios e cursos d'água para alimentação dos pivôs. A nova variável de controle das metas de consumo de energia elétrica poderá limitar operacionalmente os equipamentos e custos adicionais de produção.

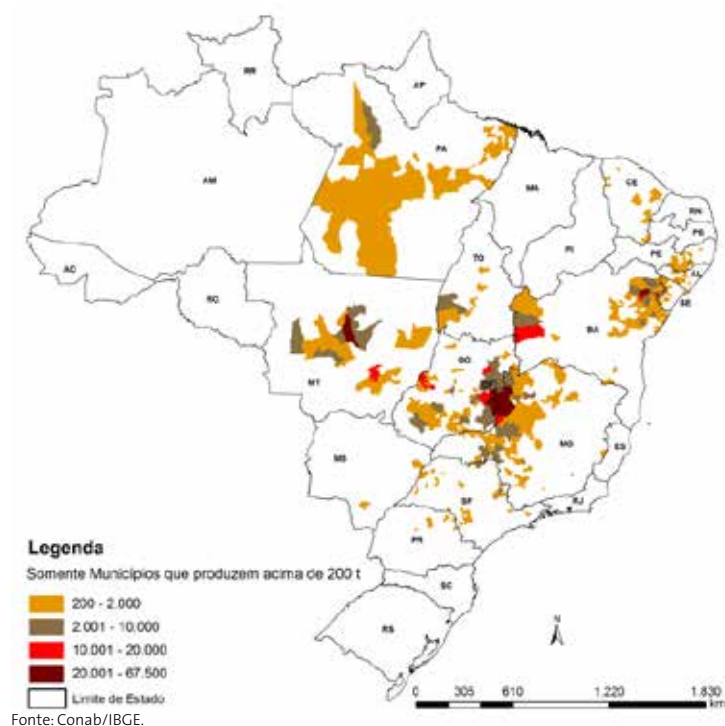
Em Mato Grosso a expectativa para o feijão terceira safra, cujo plantio teve início em maio, é de semeadura de área na ordem de 73 mil hectares, redução de 5% e consequentemente, redução na produção de 3,5% em relação à safra 2014/15, no entanto, estima-se um incremento de 1,6% na produtividade. A redução expressiva da área é explicada pela incidência de doenças de solo, causados por nematoides, principalmente nas áreas de irrigação por pivô.

Na Bahia a estimativa é de manutenção de área em 212,6 mil hectares, com o cultivo em relação à safra anterior. Estima-se redução na produção, passando de

163,9 mil toneladas para 163,7 mil toneladas, 0,1% menor em relação à safra 2014/15. A estimativa de cultivo do feijão macaçar terceira safra no estado é de 17.636 hectares e produção de 10,01 mil toneladas. O plantio do feijão de inverno ou terceira safra nos territórios do Piemonte da Diamantina, Piemonte do Itapicuru e Piemonte do Paraguaçu ainda não se iniciou devido à falta de chuvas, mas está sendo aguardado pelos produtores da região. Na microrregião do Senhor do Bonfim as estimativas apontam para uma área de 7.000 hectares com rendimento médio esperado de 600 kg/ha, o que corresponde a uma produção de cerca de 4.200 toneladas. Na microrregião de Itaberaba ainda não foi possível obter dados confiáveis sobre a intenção de plantio de inverno, estes poderão estar disponíveis no próximo levantamento. A expectativa é que a produção do feijão macaçar seja 14% maior que a safra anterior. A intenção de plantio é 10.636 hectares, correspondendo a um aumento de 24% quando comparada ao ano anterior. A produtividade esperada é de 9 sc/ha, mesmo valor da safra passada. Apesar de ter área pouco representativa, o feijão macaçar apresenta importante fonte alimentar na região nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. O feijão macaçar se destaca pela sua maior resistência ao déficit hídrico quando comparada ao feijão cores. Para o feijão cores terceira safra, na região nordeste do estado, a expectativa é que a produção de feijão cores seja aproximadamente 2% menor em relação à safra anterior. Esta expectativa de menor produção se deve à redução de aproximadamente 4,1% na área de cultivo, que deverá atingir 179.330 hectares. Apesar do elevado preço do produto no mercado atual, o principal fator para esta diminuição da área plantada é o desestímulo dos produtores provocado pelas condições climáticas adversas. O Território com maior destaque é o Semiárido Nordeste II, com 86.900 hectares, o que corresponde a 45% da área de plantio na região nordeste do estado. Os produtores esperam produtividade de aproximadamente 13 sc/ha, mesmo valor obtido na safra anterior.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



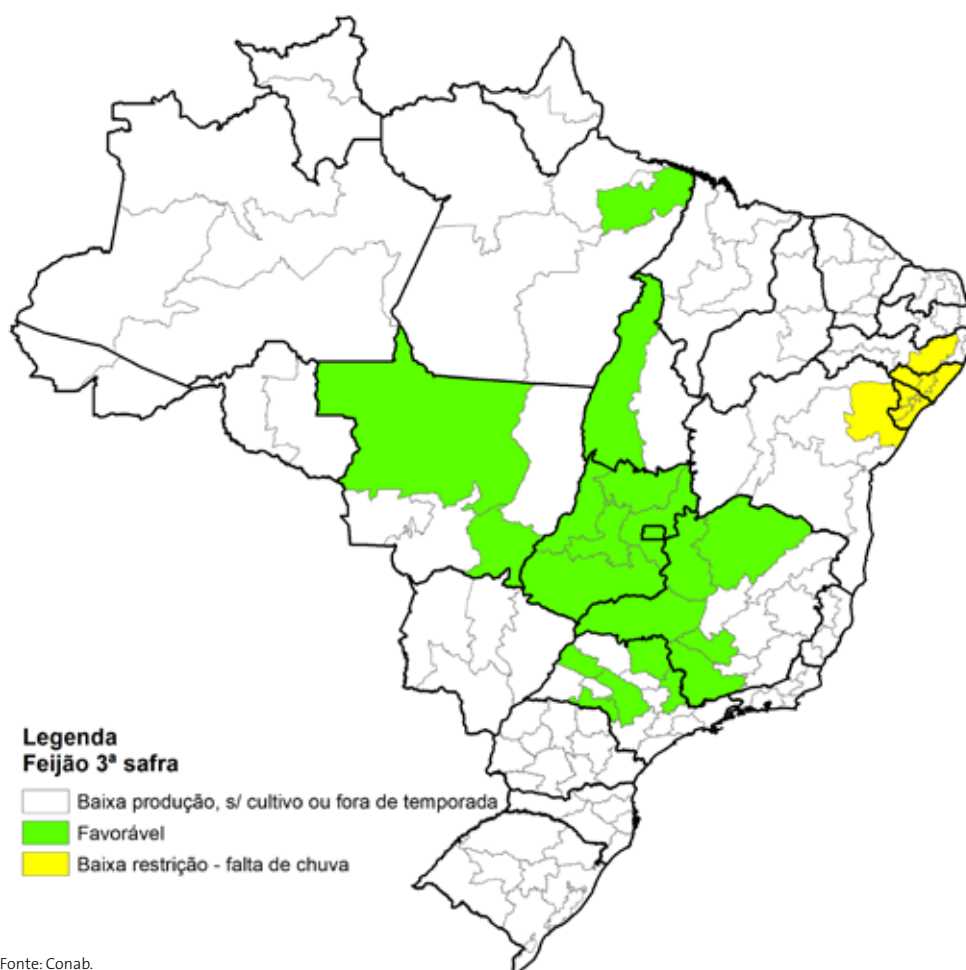
Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA												
TO												
Nordeste												
CE												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Figura 24 – Condição hídrica geral em maio para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Quadro 9 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em maio.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 3ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - nordeste do PA (DV/F) - oeste do TO (G) - irrigado - norte, oeste e sul de MG - irrigado (G/DV) - norte, sul, centro e oeste de SP - irrigado (G/DV) - norte e sudeste do MT - irrigado (G/DV) - todo estado de GO - irrigado (G/DV) - DF - irrigado (G/DV) 			<ul style="list-style-type: none"> - agreste de PE (G) - todo estado de AL (G) - todo estado de SE (G) - nordeste da BA (G)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	31,8	2,9	809	923	14,2	25,0	29,4	17,6
PA	28,0	24,9	(11,0)	760	721	(5,1)	21,3	18,0	(15,5)
TO	2,9	6,9	138,0	1.281	1.654	29,1	3,7	11,4	208,1
NORDESTE	423,5	421,0	(0,6)	654	675	3,2	276,8	284,1	2,6
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.164	10,4	10,9	12,0	10,1
PE	122,1	116,0	(5,0)	467	511	9,4	57,0	59,3	4,0
AL	47,0	53,6	14,0	458	546	19,2	21,5	29,3	36,3
SE	31,5	28,5	(9,6)	746	695	(6,8)	23,5	19,8	(15,7)
BA	212,6	212,6	-	771	770	(0,1)	163,9	163,7	(0,1)
CENTRO-OESTE	116,9	119,1	1,9	2.672	2.739	2,5	312,4	326,3	4,4
MT	76,8	73,0	(5,0)	2.566	2.606	1,6	197,1	190,2	(3,5)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	37,2	1,9	2.868	2.886	0,6	104,7	107,4	2,6
DF	3,2	8,5	166,0	3.159	3.300	4,5	10,1	28,1	178,2
SUDESTE	92,1	88,5	(3,9)	2.533	2.565	1,3	233,3	227,0	(2,7)
MG	74,0	74,0	-	2.576	2.600	0,9	190,6	192,4	0,9
SP	18,1	14,5	(20,0)	2.359	2.389	1,3	42,7	34,6	(19,0)
SUL	4,9	5,5	12,2	1.013	1.177	16,2	5,0	6,5	30,0
PR	4,9	5,5	12,2	1.013	1.177	16,2	5,0	6,5	30,0
NORTE/NORDESTE	454,4	452,8	(0,4)	664	692	4,2	301,8	313,5	3,9
CENTRO-SUL	213,9	213,1	(0,4)	2.574	2.627	2,0	550,7	559,8	1,7
BRASIL	668,3	665,9	(0,4)	1.276	1.311	2,8	852,5	873,3	2,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	-	-	-
PA	-	-	-
TO	-	-	-
NORDESTE	-	-	-
CE	-	-	-
PE	-	-	-
AL	-	-	-
SE	-	-	-
BA	-	-	-
CENTRO-OESTE	0,2	3.300	0,7
MT	-	-	-
MS	-	-	-
GO	-	-	-
DF	0,2	3.300	0,7
SUDESTE	-	-	-
MG	-	-	-
SP	-	-	-
SUL	-	-	-
PR	-	-	-
NORTE/NORDESTE	-	-	-
CENTRO-SUL	0,2	3.300	0,7
BRASIL	0,2	3.300	0,7

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	12,9	1.187	15,3
PA	6,0	651	3,9
TO	6,9	1.654	11,4
NORDESTE	291,3	715	208,2
CE	-	-	-
PE	19,7	513	10,1
AL	40,0	546	21,9
SE	28,5	695	19,8
BA	203,1	770	156,4
CENTRO-OESTE	118,6	2.741	325,1
MT	73,0	2.606	190,2
MS	0,4	1.380	0,6
GO	37,2	2.886	107,4
DF	8,0	3.363	26,9
SUDESTE	73,5	2.558	188,0
MG	59,0	2.600	153,4
SP	14,5	2.389	34,6
SUL	5,5	1.177	6,5
PR	5,5	1.177	6,5
NORTE/NORDESTE	304,2	735	223,5
CENTRO-SUL	197,6	2.629	519,6
BRASIL	501,8	1.481	743,1

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	18,9	746	14,1
PA	18,9	746	14,1
TO	-	-	-
NORDESTE	129,7	585	75,9
CE	10,3	1.164	12,0
PE	96,3	511	49,2
AL	13,6	546	7,4
SE	-	-	-
BA	9,5	770	7,3
CENTRO-OESTE	0,3	1.500	0,5
MT	-	-	-
MS	-	-	-
GO	-	-	-
DF	0,3	1.500	0,5
SUDESTE	-	-	-
MG	-	-	-
SP	-	-	-
SUL	-	-	-
PR	-	-	-
NORTE/NORDESTE	148,6	606	90,0
CENTRO-SUL	0,3	1.500	0,5
BRASIL	148,9	608	90,4

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.

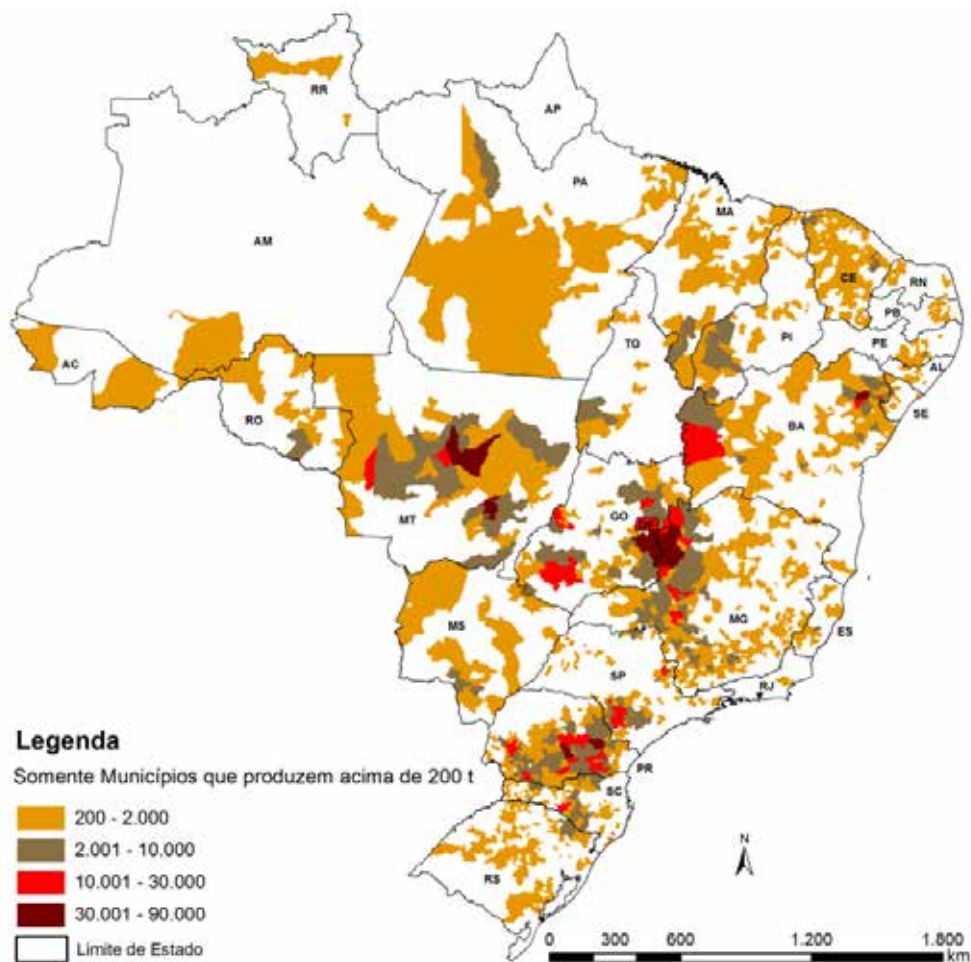


8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras estima-se para esse oitavo acompanhamento que a área total de feijão será de 2.934,1 mil hectares, redução de 3,5% em relação à

safrã passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 2.925,7 mil toneladas e 6,1% menor que a última temporada.

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	31,6	34,0	7,6	332	262	(21,2)	10,5	8,9	(15,2)
RR	58,6	90,5	54,4	276	364	31,5	16,2	32,9	103,1
RO	237,3	240,4	1,3	360	325	(9,7)	85,4	78,1	(8,5)
AC	47,0	53,6	14,0	457	547	19,5	21,5	29,3	36,3
AM	31,5	28,5	(9,5)	746	695	(6,9)	23,5	19,8	(15,7)
AP	447,2	386,9	(13,5)	657	573	(12,8)	293,9	221,8	(24,5)
PA	421,1	402,1	(4,5)	1.863	1.765	(5,2)	784,3	709,9	(9,5)
TO	286,8	250,4	(12,7)	1.689	1.474	(12,7)	484,5	369,2	(23,8)
NORDESTE	17,1	15,0	(12,3)	1.608	1.453	(9,6)	27,5	21,8	(20,7)
MA	101,0	115,2	14,1	2.345	2.354	0,4	236,8	271,2	14,5
PI	16,2	21,5	32,7	2.191	2.219	1,2	35,5	47,7	34,4
CE	431,1	430,1	(0,2)	1.604	1.708	6,5	691,4	734,6	6,2
RN	339,0	335,1	(1,2)	1.512	1.607	6,3	512,4	538,4	5,1
PB	14,4	14,6	1,4	764	966	26,4	11,0	14,1	28,2
PE	1,7	1,6	(5,9)	941	1.000	6,3	1,6	1,6	-
AL	76,0	78,8	3,7	2.189	2.291	4,6	166,4	180,5	8,5
SE	534,4	518,1	(3,1)	1.613	1.638	1,5	862,0	848,5	(1,6)
BA	405,7	391,1	(3,6)	1.580	1.574	(0,4)	640,9	615,5	(4,0)
CENTRO-OESTE	72,9	63,4	(13,0)	1.812	1.855	2,4	132,1	117,6	(11,0)
MT	55,8	63,6	14,0	1.595	1.814	13,8	89,0	115,4	29,7
MS	1.653,4	1.583,8	(4,2)	470	399	(15,1)	777,6	632,7	(18,6)
GO	1.386,6	1.350,3	(2,6)	1.686	1.698	0,7	2.337,7	2.293,0	(1,9)
DF	3.040,0	2.934,1	(3,5)	1.025	997	(2,7)	3.115,3	2.925,7	(6,1)
SUDESTE	431,1	432,1	0,2	1.604	1.728	7,8	691,4	746,8	8,0
MG	339,0	338,1	(0,3)	1.512	1.623	7,4	512,4	548,9	7,1
ES	14,4	14,6	1,4	764	966	26,4	11,0	14,1	28,2
RJ	1,7	1,6	(5,9)	941	1.000	6,3	1,6	1,6	-
SP	76,0	77,8	2,4	2.189	2.342	7,0	166,4	182,2	9,5
SUL	534,4	514,1	(3,8)	1.613	1.742	8,0	862,0	895,4	3,9
PR	405,7	390,8	(3,7)	1.580	1.705	7,9	640,9	666,4	4,0
SC	72,9	63,4	(13,0)	1.812	1.871	3,2	132,1	118,6	(10,2)
RS	55,8	59,9	7,3	1.595	1.843	15,6	89,0	110,4	24,0
NORTE/NORDESTE	1.653,4	1.684,8	1,9	470	472	0,3	777,6	794,4	2,2
CENTRO-SUL	1.386,6	1.345,2	(3,0)	1.686	1.775	5,3	2.337,7	2.388,3	2,2
BRASIL	3.040,0	3.030,0	(0,3)	1.025	1.050	2,5	3.115,3	3.182,7	2,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum carioca

O abastecimento do mercado paulista está sendo processado, em sua maioria, com produtos provenientes do Paraná, Minas Gerais e Santa Catarina. Em função da reduzida oferta ocasionada pelo agravamento do quadro climático no país, verificou-se um elevado aumento dos preços em todo o grupo carioca.

Na Região Centro-Sul do país, em função das adversi-

dades climáticas, verificou-se uma acentuada queda na produtividade das lavouras, com destaque para os Mato Grosso (39,1%), Goiás (23,4%), Paraná (17%) e Minas Gerais (9,2%).

A segunda safra está chegando ao fim. No Paraná cerca de 80% da área plantada foram colhidas e as lavouras atravessam as fases de frutificação (10%) e



maturação (90%). A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade em provocado consecutivas altas nas cotações do produto.

Em função da quebra provocada pelos problemas climáticos acima mencionados, a tendência é de um

Feijão comum preto

Os preços que estavam estáveis desde janeiro deste ano apresentaram expressiva alta, ocasionada pelo clima adverso verificado no Paraná e também pelo forte aumento de preços registrados no grupo carioca.

No Paraná cerca de 90% da área semeada foram colhidas e a partir do próximo mês, o país passará a depender de importações, principalmente da Argentina, maior fornecedor.

Cabe mencionar que a safra Argentina está no início de colheita, e do volume a ser produzido, cerca de 70% da produção de feijão comum preto e entre 10.000 e 15.000 toneladas de feijão comum branco, são desti-

quadro de suprimento bastante apertado. Com isso, os preços devem continuar em patamares elevados, todavia, difícil é estimar até onde estes preços poderão chegar devido às dificuldades que as indústrias vão encontrar para repassar esses valores ao setor varejista e este, aos consumidores..

nados ao Brasil.

Para a temporada 2015/16, computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção de 2.925,7 mil toneladas, o que representa variação negativa de 9,2% em relação à safra anterior. A previsão é de que aproximadamente 300 mil toneladas do grão deixem de ser colhidas neste ano, cerca de um mês de consumo. Tal comportamento deve-se à perda de área no campo para a soja e o milho e, principalmente, das condições climáticas adversas. O consumidor está apreensivo com os atuais preços do grão que estão aparecendo nas gôndolas dos supermercados. Ingrediente preferido dos brasileiros, o produto está muito caro.

8.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, líder na produção nacional de girassol, as lavouras estão se desenvolvendo bem, o tempo firme tem favorecido a cultura, que necessita de maior incidência solar para sua produção plena. Com isso, a produtividade esperada é de 1.507 kg/ha, número 11,8% superior à safra passada, que foi de 1.348 kg/ha. Apesar da boa produtividade haverá redução significativa de área na ordem de 75,1% em relação à temporada 2014/15, fato que reduzirá a produção da oleaginosa para 32,4 mil toneladas, retração de 72,2% em relação à safra anterior. Entre os motivos que levaram o produtor a tomar essa decisão estão os custos elevados com a alta do dólar, retirando a competitividade do produto. Este fato, aliado à manutenção dos preços pelas indústrias em Campo Novo do Parecis, fez que a grande maioria dos agricultores que plantavam girassol migrassem para o milho segunda safra, onde os custos são menores e a lucratividade acaba compensando, visto que são culturas equivalentes, ou seja, o produtor pode optar pelo cultivo de ambas.

A cultura em Goiás está no início da fase reprodutiva, com capítulos menores que o padrão normal, reflexo do déficit hídrico que poderá implicar numa queda de produtividade. A estiagem em abril, ocorrida em Goiás, comprometeu o desenvolvimento dos capítulos da planta, local onde desenvolvem os grãos. Muitos produtores não fecharam contratos com a maior in-

dústria de óleo de girassol em Goiás, outro fator é que, em função das condições climáticas e fitossanitárias, o preço pago pela saca não atraíram os produtores, com isso, apenas áreas como: Ipameri, Piracanjuba, Itumbiara (sul goiano) tiveram áreas definitivamente plantadas. Assim, a área plantada com o girassol ficou em 7 mil hectares, decréscimo de 5,4% em relação à safra anterior, que foi de 7,4 mil hectares, pois a produção ficou em 11,2 mil toneladas, acréscimo de 8,7% em relação à safra 2014/15, que foi de 10,3 mil toneladas, incremento também na produtividade de 15,4%, saindo de 1.386 kg/ha na safra passada, para 1.600 kg/ha na atual safra.

Em Minas Gerais o presente levantamento sinaliza tendência de redução de 36,4% na área de plantio, passando de 14 mil hectares em 2015, para 8,9 mil hectares na safra atual. Assim, a produtividade média esperada é de 1.480 kg/ha, superior em 1% ao obtido na safra anterior, expectativa que pode ser revertida pela ausência de chuva ao longo de abril. Todavia, a produção pode atingir 13,2 mil toneladas, 35,8% abaixo da safra passada, que chegou a 20,5 mil toneladas. O plantio normalmente ocorre em março e abril, com previsão de colheita entre julho e agosto. Lavouras já plantadas encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo.



Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 28 – Condição hídrica geral em maio para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 12 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol				- norte de MT (FR) - sul de GO (FR) - Triângulo e sul de MG (F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.





































Tabela 40– Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	28,9	(69,3)	1.352	1.529	13,2	127,4	44,2	(65,3)
MT	86,4	21,5	(75,1)	1.348	1.507	11,8	116,5	32,4	(72,2)
MS	0,4	0,4	-	1.500	1.500	-	0,6	0,6	-
GO	7,4	7,0	(5,4)	1.386	1.600	15,4	10,3	11,2	8,7
SUDESTE	14,0	8,9	(36,4)	1.465	1.480	1,0	20,5	13,2	(35,6)
MG	14,0	8,9	(36,4)	1.465	1.480	1,0	20,5	13,2	(35,6)
SUL	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
RS	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
CENTRO-SUL	111,5	41,1	(63,1)	1.374	1.503	9,4	153,2	61,8	(59,7)
BRASIL	111,5	41,1	(63,1)	1.374	1.503	9,4	153,2	61,8	(59,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



8.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2015/16 de mamona é de redução de área, alcançando 65,4 mil hectares, que representa decréscimo de 20,3% em relação à safra passada, que foi de 82,1 mil hectares.

Para a Bahia há expectativa de aumento de área em relação à safra anterior, no entanto, não foi confirmado, visto que a estimativa é que sejam cultivados 56,1 mil hectares, redução de 20% em relação à safra anterior, que foi de 70 mil hectares, essa redução pode ser atribuída ao desestímulo para o plantio da cultura, à baixa incidência de chuvas e à falta de sementes. No território de Irecê, com a grande quantidade de chuva em janeiro e a estiagem nos meses seguintes dificultou o plantio da cultura, segundo a Bahiater. Agricultores relatam que a comercialização da mamona vem sendo realizada por atravessadores, o que constitui um desestímulo para o produtor da oleaginosa na região. A cultura está em crescimento vegetativo. Avalia-se que o prolongado período de estiagem, apesar da baixa exigência hídrica da mamona, deverá causar diminuição da produtividade que está sendo estimada em 579 kg/ha, decréscimo de 9,5% em relação à safra 2014/15, que ficou em 640 kg/ha. Outro motivo apontado para a diminuição da produção, de 32,5 mil toneladas de mamona, com redução de 27,6% em relação à safra passada, que foi de 44,9 mil toneladas, é o fato de que as plantas remanescentes da safra 2014/15, que se somariam com os volumes de produção da safra 2015/16, não terem resistido às condições climáticas adversas do ano anterior.

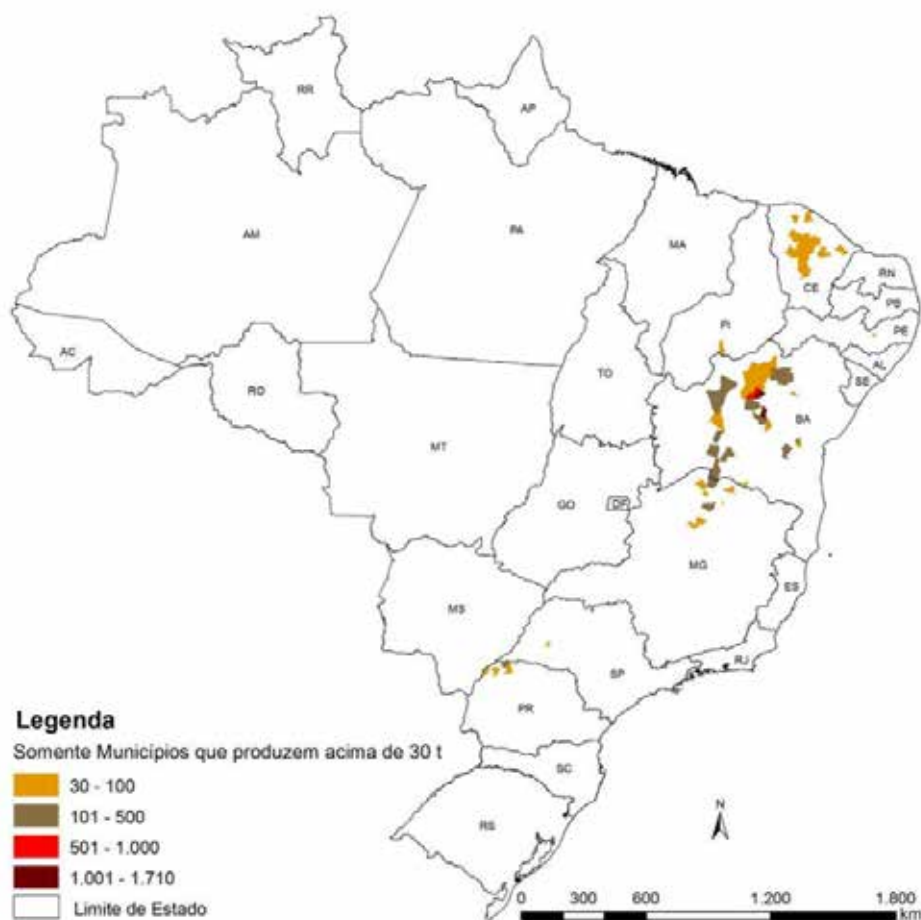
O Ceará apresenta uma área de 8,3 mil hectares, decréscimo de 7,8% na área em relação à safra passada, que foi de 9 mil hectares. Produção de 1,6 mil toneladas, incremento de 14,3% em relação à safra passada, que foi de 1,4 mil toneladas. A produtividade de 198 kg/ha mostra crescimento de 26,9% em relação à sa-

fra 2014/15, que ficou em 156 kg/ha. Foram semeados 3.683,05 hectares nos municípios da pesquisa, dos 6.590 hectares previstos inicialmente, representando um pouco mais do que a metade da área estimada (55,89%). Esta diminuição de área da cultura está relacionada com a exigência de tratamentos culturais, como calagem e adubação, que os produtores da região não possuem domínio da técnica e as condições climáticas desfavoráveis, onde eles preferem se concentrar no plantio de espécies alimentícias. As sementes são geralmente doadas pelo governo estadual e distribuídas pela Ematerce, onde cada agricultor pode receber quantidade suficiente para cultivar até 10 hectares. Quixadá está com dificuldades para distribuir sementes, isso porque os produtores estão deixando de plantar. O principal motivo para essa desistência é que a Petrobras está deixando de ajudar no preparo do terreno, através da cessão de tratores para o preparo do solo. A cidade que possui maior área estimada é Tauá, com 1.436 hectares da cultura. O plantio foi realizado de janeiro a abril (Gráfico 12). A cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo com 2,72%, floração 1,74%, frutificação 64,51 e maturação 31,04%.

Em Minas Gerais o plantio de mamona, restrito basicamente ao Norte de Minas, segue em tendência de retração, em face dos fracos resultados alcançados nas últimas safras, somados às dificuldades e baixos preços de comercialização. A área deve ficar em torno de 0,4 mil hectares, queda de 50% em relação à safra anterior. A produtividade média está estimada em 920 kg/ha, podendo ainda ser reavaliada com a colheita, já que houve período de estiagem entre dezembro e janeiro na região produtora. As lavouras se encontram em fase de frutificação e maturação. Estima-se uma produção de 0,4 mil toneladas, incremento de 100% em relação à safra anterior, que ficou em 0,2 mil toneladas.



Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona















































REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	65,0	(20,0)	576	530	(7,9)	46,8	34,4	(26,5)
PI	0,6	0,6	-	506	575	13,6	0,3	0,3	-
CE	9,0	8,3	(7,8)	156	198	26,9	1,4	1,6	14,3
PE	1,6	-	(100,0)	142	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
BA	70,1	56,1	(20,0)	640	579	(9,5)	44,9	32,5	(27,6)
SUDESTE	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
MG	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
NORTE/NORDESTE	81,3	65,0	(20,0)	576	530	(7,9)	46,8	34,4	(26,5)
CENTRO-SUL	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
BRASIL	82,1	65,4	(20,3)	573	533	(7,0)	47,0	34,8	(26,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

No nono levantamento a área com milho primeira safra apresentou redução de 11%, atingindo 5.467,3 mil hectares quando comparada com a safra passada, 6.142,3 mil hectares. Na Região Centro-Sul ocorreu a maior redução nacional, estimada em 13,5%, quando comparada com o exercício anterior.

No Rio Grande do Sul a lavoura de milho está no período da entressafra, com a colheita do milho ultrapassando 90% da área a ser colhida. Restam ainda pequenas áreas semeadas na segunda safra e outras menores ainda do milho primeira safra devido à pausa para a colheita da soja que é mais perecível. Continua a colheita do milho silagem semeado em segunda safra, com área maior do que a das lavouras destinadas à produção de grãos. O resultado obtido e a projeção para o restante da safra permitem estimar que a produtividade dessa safra é recorde para o Rio Grande do Sul, 7,160 kg/ha. O resultado foi proporcionado pelo desempenho da lavoura de sequeiro, que, favorecida pelo clima, alcançará em algumas regiões, produtividades igual ou superior à lavoura irrigada. O preço do produto continua em alta constante e a tendência é de aumento de área na próxima safra, que começa a ser semeada em julho. O incentivo vem dos bons preços do mercado, alavancados pela continuidade na diminuição da área do cereal de primeira safra.

No Paraná a lavoura encontra-se praticamente colhi-

da. Os preços do cereal continuam firmes e o mercado segue com ofertas reduzidas, enquanto que os consumidores independentes, principalmente suinocultores, estão com dificuldades para adquirir milho para a alimentação animal. Consultores informam que somente com a entrada do milho de segunda safra no mercado poderá melhorar esta situação.

De acordo com os informantes, a dificuldade para originar volumes é enorme, pois o milho segue tendência altista em face das instabilidades climáticas, que trouxeram reflexos na produtividade do milho de segunda safra. Apesar do mercado se apresentar favorável para os produtores, é baixo os níveis de comercialização para o produto. Segundo explicações dos entrevistados, os produtores estão capitalizados e somente vendem o grão quando é necessário o pagamento de certos custos da propriedade.

Em Santa Catarina a cultura do milho encontra-se em fase final de ciclo, restando menos de 5% das lavouras para serem colhidas. As adversidades climáticas, ocorridas durante o ciclo da cultura, comprometeram o desenvolvimento de muitas lavouras em consequência do excesso de chuva, baixa luminosidade e temperaturas amenas, além de dificultar o desenvolvimento do sistema radicular nas fases de desenvolvimento vegetativo e granação. Este fato, somado à estiagem de aproximadamente 20 dias em janeiro, promove-



ram recuo na produtividade em relação à safra passada e ao último levantamento.

Apesar da redução da produtividade, a alta dos preços tem mantido a rentabilidade do produto em níveis positivos, em alguns casos acima da soja, seu principal concorrente. As cotações médias estão acima dos R\$ 45,00/saca, o que tem motivado os produtores a vender o produto logo após a colheita. Do lado dos consumidores a situação tem se mantido preocupante, principalmente para os criadores de suínos e aves, pois a baixa disponibilidade do produto e os altos preços do grão, juntamente com a retração dos preços da carne, principalmente a do suíno, têm causado prejuízos dentro da cadeia produtiva, tornando inviável sua permanência na atividade.

Na Região Sudeste as lavouras apresentaram bom desenvolvimento em termos de produtividade. Em Minas Gerais o plantio de milho primeira safra, apresentou queda de 18,1% em relação à safra anterior, passando de 1.022,4 mil hectares para 837,4 mil hectares. Os custos de produção sofreram aumento substanciais e os produtores enfrentaram dificuldades para obtenção de financiamento. Como as perspectivas eram mais favoráveis para o mercado de soja, os produtores acabaram optando por aumentar o plantio de soja na safra de verão. Com o atraso das chuvas, o plantio foi iniciado mais cedo apenas em áreas de pivô, concentrando-se notadamente em novembro, e finalizado em dezembro. Registros de ataques de lagartas e também de doenças fúngicas. No entanto, a estiagem ocorrida em meados de janeiro viabilizou a aplicação de inseticidas e fungicidas para o controle. O clima quente e úmido favoreceu o ataque de cigarrinhas em lavouras de milho na região noroeste, com impactos sobre as produtividades inicialmente estimadas para a região. O rendimento médio ainda está estimado conservadoramente, em 6.100 kg/ha, 14,2% acima da safra anterior, que foi prejudicada pela estiagem, mas será melhor avaliado após a colheita, prevista para se estender até maio/junho. A colheita está praticamente concluída. Dessa forma, estima-se uma retração de 6,4% na produção, que pode cair de 5.459,6 mil toneladas, para 5.108,1 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste o desempenho das lavouras, apresentou no seu aspecto geral, melhoria com relação aos dados levantados no mês anterior. Em Goiás o milho de primeira safra ainda se encontra na fase de colheita. O clima favoreceu o desenvolvimento da lavoura em praticamente todas as fases da cultura.

Não foram registrados ataques de pragas e doenças com danos significativos. Em Mato Grosso do Sul a área de milho de primeira safra tem apresentado forte redução, com estimativas de 22% de perda em comparação com à safra passada. A semeadura na região centro-sul do estado ocorreu principalmente em outubro e novembro. Já na região norte, maior produtora de milho verão no estado, os plantios terminaram em dezembro, pois só a partir do final de novembro as precipitações se normalizaram. A maioria dos agricultores adotam bom pacote tecnológico e boa gestão, adquirindo os insumos com grande antecedência e fazendo planejamento para alcançar produtividades acima da média nacional. O clima favorável nesta safra, contribuiu para a elevada produtividade alcançada no estado, estimada em 9.000 kg/ha.

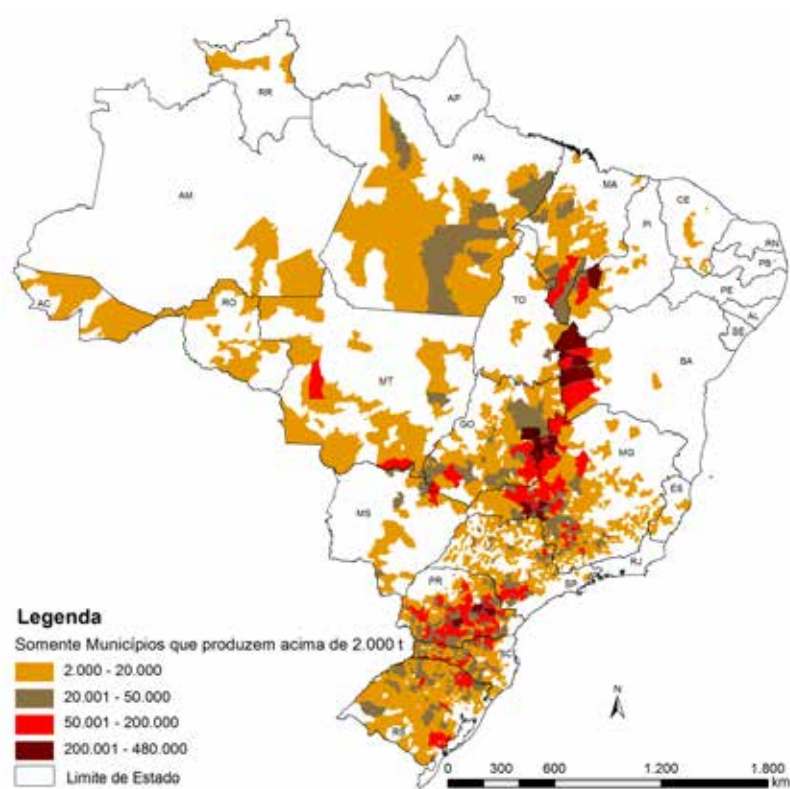
Na Região Norte e Nordeste a área plantada apresentou forte variação negativa de 7,1%, quando comparada com a do exercício anterior. Na região do Matopiba as condições climáticas desfavoráveis ao plantio, observadas em novembro e dezembro, foram os grandes responsáveis por esse desempenho. No Maranhão o plantio atingiu uma área de 271,4 mil hectares, representando redução de 28,6% em relação ao exercício anterior. Apesar do clima não ter trazido maiores implicações a lavoura, é esperada uma forte redução na produção estadual.

No Piauí as intenções de plantio apresentavam tendência de manutenção de área. No entanto, devido à migração de áreas da soja, ocorreu forte reversão com aumento de 23,8% na área em relação à safra anterior. As adversidades climáticas têm comprometido o desenvolvimento das lavouras, cujo rendimento esperado deverá apresentar uma diferença acentuada em relação as possibilidades que o pacote tecnológico (agricultura empresarial) da cultura pode estabelecer. Na Bahia a atual área plantada de milho está estimada atingir 364,4 mil hectares. Apesar das expectativas iniciais positivas, a estiagem observada entre fevereiro e abril prejudicou seriamente as lavouras.

Em Tocantins o cultivo da lavoura, em substituição ao plantio da soja em algumas regiões produtoras, associada ao aumento da cotação do produto no mercado, favoreceu o crescimento da área plantada em relação à safra anterior. No entanto, a baixa produtividade alcançada, provocada pelas intempéries climáticas, contribuiu para a estimativa de queda da produção.

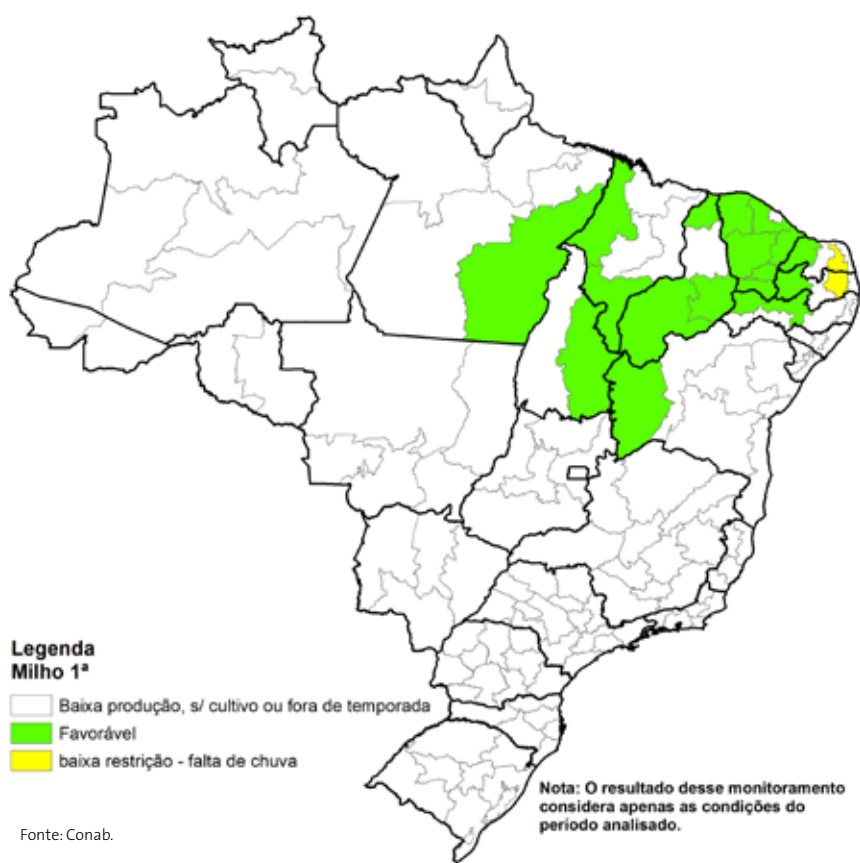


Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 31 – Condição hídrica geral em maio para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



Quadro 15 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra			<ul style="list-style-type: none"> - sudeste do PA (M/C) - leste de TO (M/C) - oeste do MA (M/C) - sul do MA (M/C) - extremo norte e sudeste do PI (M/C) - sudoeste do PI (M/C) - todo estado do CE (M/C) - oeste do RN (M/C) - Sertão de PE (M/C) - Sertão da PB (M/C) - oeste da BA (M/C) 	<ul style="list-style-type: none"> - Agreste do RN (FR) - Agreste da PB (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra























































































































































































































REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	368,6	(6,4)	3.239	3.140	(3,0)	1.275,5	1.157,6	(9,2)
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	37,7	(18,0)	2.174	2.171	(0,1)	100,0	81,8	(18,2)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.481	6,4	96,3	98,2	2,0
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	207,5	(5,1)	3.232	3.252	0,6	706,8	674,8	(4,5)
TO	64,3	72,0	12,0	4.914	3.798	(22,7)	316,0	273,5	(13,4)
NORDESTE	2.056,5	1.906,9	(7,3)	2.165	1.581	(27,0)	4.452,9	3.015,6	(32,3)
MA	380,1	271,4	(28,6)	2.500	2.666	6,6	950,3	723,6	(23,9)
PI	380,5	471,0	23,8	2.495	1.490	(40,3)	949,3	701,8	(26,1)
CE	480,6	462,8	(3,7)	315	613	94,6	151,4	283,7	87,4
RN	25,9	32,5	25,5	288	367	27,4	7,5	11,9	58,7
PB	62,9	88,2	40,2	322	540	67,7	20,3	47,6	134,5
PE	214,7	216,6	0,9	271	306	12,9	58,2	66,3	13,9
BA	511,8	364,4	(28,8)	4.525	3.240	(28,4)	2.315,9	1.180,7	(49,0)
CENTRO-OESTE	361,6	337,0	(6,8)	6.930	7.502	8,2	2.506,0	2.528,0	0,9
MT	63,6	47,8	(24,8)	7.205	6.417	(10,9)	458,2	306,7	(33,1)
MS	20,5	16,0	(22,0)	8.500	9.000	5,9	174,3	144,0	(17,4)
GO	250,7	246,4	(1,7)	6.690	7.800	16,6	1.677,2	1.921,9	14,6
DF	26,8	26,8	-	7.326	5.800	(20,8)	196,3	155,4	(20,8)
SUDESTE	1.435,4	1.237,4	(13,8)	5.436	6.070	11,7	7.802,1	7.511,0	(3,7)
MG	1.022,4	837,4	(18,1)	5.340	6.100	14,2	5.459,6	5.108,1	(6,4)
ES	17,8	14,8	(16,6)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(23,0)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	392,6	383,2	(2,4)	5.889	6.163	4,7	2.312,0	2.361,7	2,1
SUL	1.895,0	1.617,4	(14,6)	7.412	7.429	0,2	14.045,5	12.015,1	(14,5)
PR	542,5	424,4	(21,8)	8.633	8.033	(7,0)	4.683,4	3.409,2	(27,2)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.333	(5,4)	3.189,1	2.713,2	(14,9)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.275,5	(7,1)	2.338	1.834	(21,6)	5.728,4	4.173,2	(27,1)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.191,8	(13,5)	6.596	6.910	4,7	24.353,6	22.054,1	(9,4)
BRASIL	6.142,3	5.467,3	(11,0)	4.898	4.797	(2,0)	30.082,0	26.227,3	(12,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A área plantada prevista para esta temporada deverá apresentar incremento de 7,6% em relação à safra passada. O clima foi o grande responsável pelo baixo desempenho da lavoura em todo o país, causando forte impacto na produção total, especialmente na Região Centro-Oeste, maior produtora. Em Mato Grosso os trabalhos de colheita já começaram em alguns

municípios, devendo ser encerrados em junho e julho. A produtividade média estimada no estado alcançou 5.296 kg/ha, queda de 12,5%, se comparado com o registrado na safra passada. O plantio tardio do milho, cuja demanda hídrica não foi devidamente suprida, por conta da ausência de chuvas no período, gera um cenário pessimista para a maior parte dos produtores



que plantaram tardiamente, pois em alguns casos as lavouras não se desenvolverão por completo, transformando-se em cultivo de cobertura. Contribui também em menor grau, para a baixa produtividade do milho, a ocorrência de pragas, tais como o percevejo e a lagarta, essa última em áreas com menor tecnologia empregada.

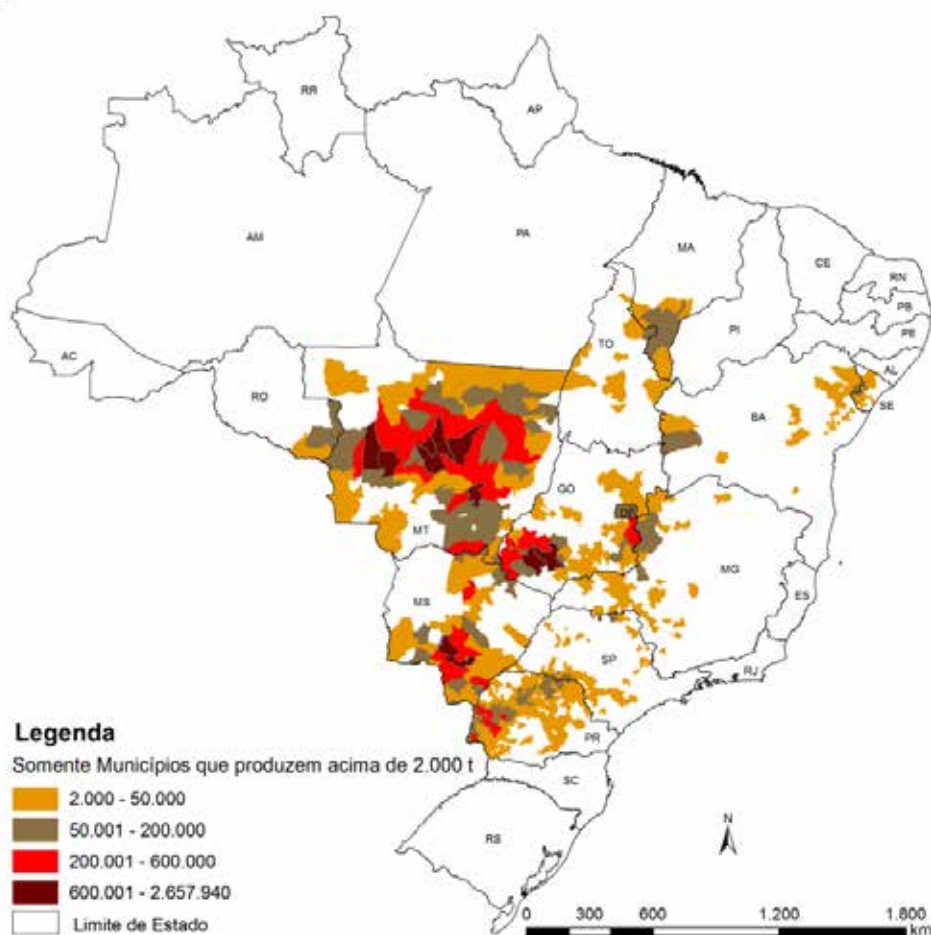
No Paraná as lavouras estão em condições normais de desenvolvimento nas suas variadas fases, sem muitos prejuízos em função das condições climáticas adversas que ocorreram em abril. A ferrugem asiática está controlada até o momento. A colheita foi realizada em aproximadamente 63% da área plantada e a produtividade está estimada em 5.860 kg/ha, podendo ainda sofrer alteração, já que áreas semeadas mais tarde foram afetadas pela seca em abril.

Em Mato Grosso do Sul os estágios da cultura do milho segunda safra neste levantamento, variavam des-

de o final do desenvolvimento vegetativo e floração, até a fase de enchimento de grãos e início de maturação. Neste levantamento os dados obtidos confirmam a tendência de queda na produtividade já constatada no levantamento anterior. Apesar do retorno das precipitações durante maio em todas as regiões produtoras, a falta de umidade nos solos e altas temperaturas que ocorreram em abril atingiram as lavouras em fases críticas de desenvolvimento. Já são observadas em diversas áreas do estado, e de modo frequente, lavouras com plantas mal desenvolvidas e de menor porte, com espigas menores e mal granadas, indicativos reais das quebras de produtividades relatadas em praticamente todos os municípios levantados.

A posição consolidada da área brasileira de milho nesta temporada, reunindo a primeira e segunda safras, deverá atingir na temporada atual 15.746,5 mil hectares, representando incremento de 0,3% em relação ao observado no ano passado.

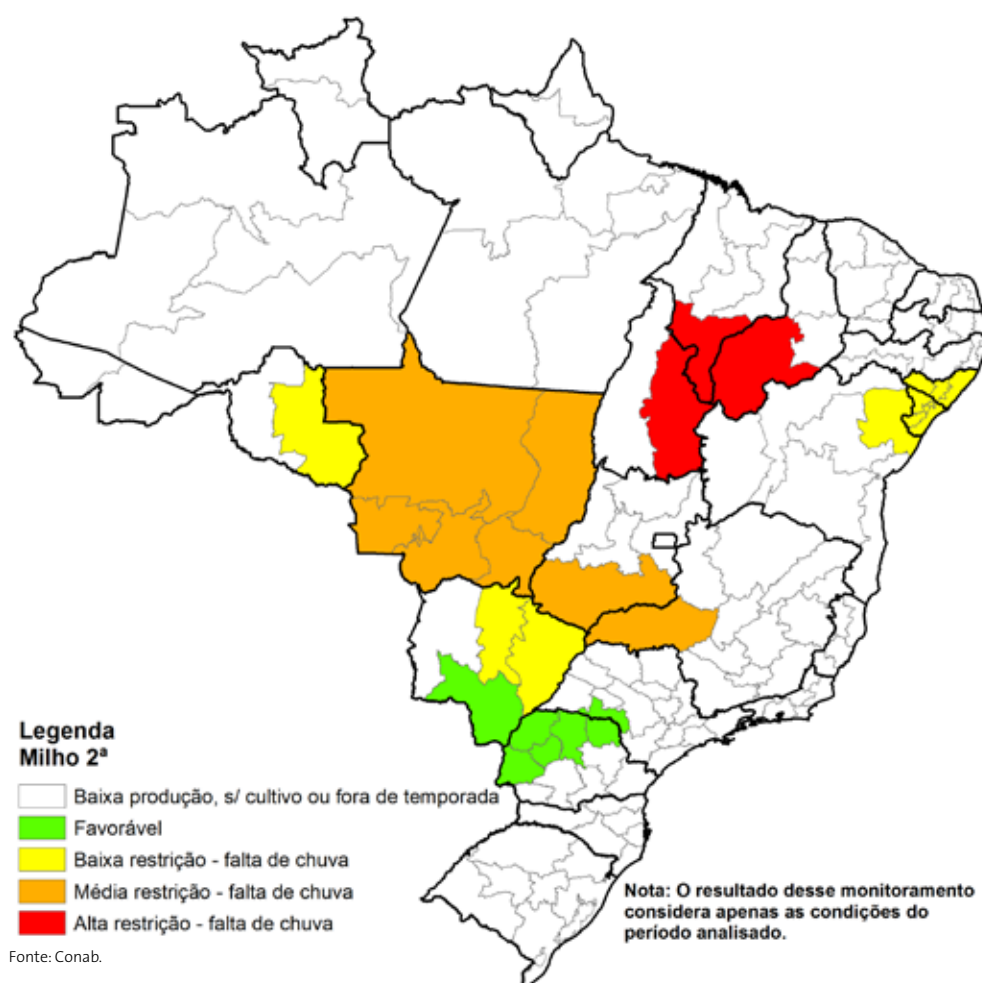
Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 33 – Condição hídrica geral em maio para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 17 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em maio











































































































Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (FR/M) - metade sul do centro-norte e leste do MS (FR/M) - norte e oeste do PR (FR/M) - sul de SP (FR) 			<ul style="list-style-type: none"> - leste de TO (FR) - todo estado de AL (G) - todo estado de SE (G) - nordeste da BA (G) - sul do MA (FR) - sudoeste do PI (FR) - Triângulo de MG (FR) - sul de GO (FR/M) - todo estado do MT (FR/M) - metade norte do centro-norte e leste do MS (FR/M)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

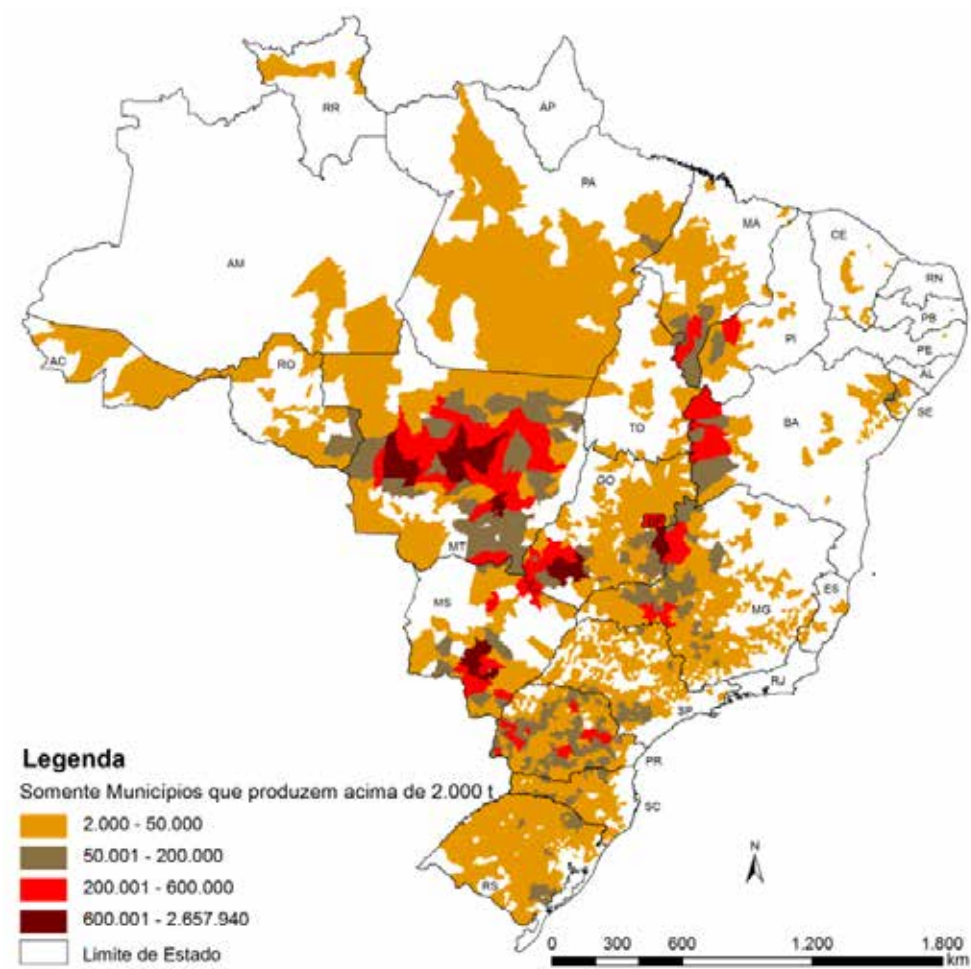
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	203,0	(25,8)	4.700	4.112	(12,5)	1.285,6	834,7	(35,1)
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.613	-	551,3	551,3	-
TO	154,0	83,5	(45,8)	4.768	3.394	(28,8)	734,3	283,4	(61,4)
NORDESTE	618,9	565,9	(8,6)	2.893	2.667	(7,8)	1.790,2	1.509,3	(15,7)
MA	134,2	84,9	(36,7)	3.867	3.492	(9,7)	519,0	296,5	(42,9)
PI	25,9	23,4	(9,8)	4.437	3.665	(17,4)	114,9	85,8	(25,3)
AL	30,1	32,1	6,6	1.007	628	(37,6)	30,3	20,2	(33,3)
SE	176,2	181,3	2,9	3.794	3.432	(9,5)	668,5	622,2	(6,9)
BA	252,5	244,2	(3,3)	1.812	1.985	9,5	457,5	484,7	5,9
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.506,8	6,3	6.060	4.955	(18,2)	37.076,1	32.241,9	(13,0)
MT	3.352,9	3.531,3	5,3	6.056	5.296	(12,5)	20.305,2	18.701,8	(7,9)
MS	1.615,0	1.665,0	3,1	5.640	4.747	(15,8)	9.108,6	7.903,8	(13,2)
GO	1.112,3	1.274,7	14,6	6.578	4.328	(34,2)	7.316,7	5.516,9	(24,6)
DF	38,4	35,8	(6,8)	9.000	3.337	(62,9)	345,6	119,5	(65,4)
SUDESTE	625,3	797,6	27,6	5.212	3.113	(40,3)	3.259,1	2.483,1	(23,8)
MG	255,2	357,5	40,1	5.505	2.605	(52,7)	1.404,9	931,3	(33,7)
SP	370,1	440,1	18,9	5.010	3.526	(29,6)	1.854,2	1.551,8	(16,3)
SUL	1.914,3	2.205,9	15,2	5.840	5.860	0,3	11.179,5	12.926,6	15,6
PR	1.914,3	2.205,9	15,2	5.840	5.860	0,3	11.179,5	12.926,6	15,6
NORTE/NORDESTE	892,4	768,9	(13,8)	3.447	3.049	(11,5)	3.075,8	2.344,0	(23,8)
CENTRO-SUL	8.658,2	9.510,3	9,8	5.950	5.011	(15,8)	51.514,7	47.651,5	(7,5)
BRASIL	9.550,6	10.279,2	7,6	5.716	4.864	(14,9)	54.590,5	49.995,5	(8,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	571,6	(14,3)	3.838	3.485	(9,2)	2.561,0	1.992,3	(22,2)
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	157,2	(5,0)	3.935	4.027	2,3	651,3	633,1	(2,8)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.481	6,4	96,3	98,2	2,0
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	207,5	(5,1)	3.232	3.252	0,6	706,8	674,8	(4,5)
TO	218,3	155,5	(28,8)	4.811	3.581	(25,6)	1.050,2	556,9	(47,0)
NORDESTE	2.675,4	2.472,8	(7,6)	2.333	1.830	(21,6)	6.243,1	4.524,9	(27,5)
MA	514,3	356,3	(30,7)	2.857	2.863	0,2	1.469,2	1.020,0	(30,6)
PI	406,4	494,4	21,7	2.619	1.593	(39,2)	1.064,3	787,6	(26,0)
CE	480,6	462,8	(3,7)	315	613	94,6	151,4	283,7	87,4
RN	25,9	32,5	25,5	288	367	27,4	7,5	11,9	58,7
PB	62,9	88,2	40,2	322	540	67,7	20,3	47,6	134,5
PE	214,7	216,6	0,9	271	306	12,9	58,2	66,3	13,9
AL	30,1	32,1	6,6	1.007	628	(37,6)	30,3	20,2	(33,3)
SE	176,2	181,3	2,9	3.794	3.432	(9,5)	668,5	622,2	(6,9)
BA	764,3	608,6	(20,4)	3.629	2.736	(24,6)	2.773,4	1.665,4	(40,0)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.843,8	5,6	6.108	5.081	(16,8)	39.582,1	34.770,0	(12,2)
MT	3.416,5	3.579,1	4,8	6.077	5.311	(12,6)	20.763,4	19.008,5	(8,5)
MS	1.635,5	1.681,0	2,8	5.676	4.787	(15,7)	9.282,9	8.047,8	(13,3)
GO	1.363,0	1.521,1	11,6	6.599	4.890	(25,9)	8.993,9	7.438,8	(17,3)
DF	65,2	62,6	(4,0)	8.312	4.391	(47,2)	541,9	274,9	(49,3)
SUDESTE	2.060,7	2.035,0	(1,2)	5.368	4.911	(8,5)	11.061,2	9.994,1	(9,6)
MG	1.277,6	1.194,9	(6,5)	5.373	5.054	(5,9)	6.864,5	6.039,4	(12,0)
ES	17,8	14,8	(16,9)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	762,7	823,3	7,9	5.462	4.753	(13,0)	4.166,2	3.913,5	(6,1)
SUL	3.809,3	3.823,3	0,4	6.622	6.524	(1,5)	25.225,0	24.941,7	(1,1)
PR	2.456,8	2.630,3	7,1	6.457	6.211	(3,8)	15.862,9	16.335,8	3,0
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.333	(5,4)	3.189,1	2.713,2	(14,9)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.044,4	(8,9)	2.634	2.141	(18,7)	8.804,1	6.517,2	(26,0)
CENTRO-SUL	12.350,2	12.702,1	2,8	6.143	5.488	(10,7)	75.868,3	69.705,8	(8,1)
BRASIL	15.692,9	15.746,5	0,3	5.396	4.841	(10,3)	84.672,4	76.223,0	(10,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Mercado interno

No atual cenário de queda da produção de milho de 84,7 para 76,2 milhões de toneladas, os demais fatores do balanço de oferta e demanda brasileira do grão também sofrem forte influência, visto que uma menor oferta do cereal está dificultando o pleno atendimento da demanda total (consumo interno + exportação).

Imaginava-se que a entrada de milho oriundo de ou-

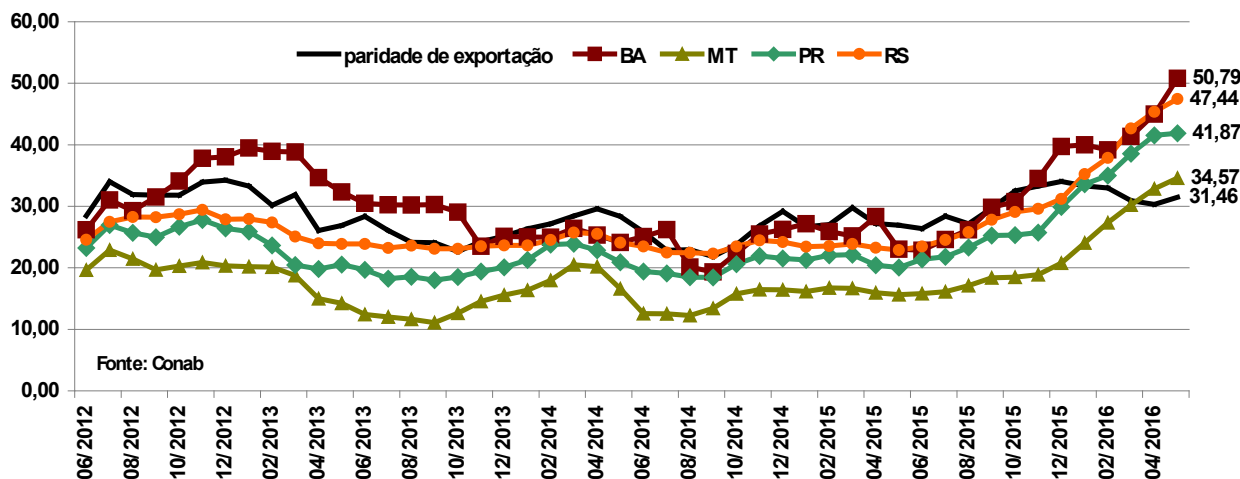
tros países pudesse arrefecer o movimento altista dos preços internos que, hoje, estão completamente descolados da paridade de exportação. No entanto, a Argentina, mercado preferencial do demandante nacional, vem tendo dificuldades de atendimento da demanda brasileira dentro de um prazo razoável, vez que, segundo o Ministério da Agroindústria da Argentina, estimou uma colheita de apenas 32% até o dia



22 de maio, bem atrasada se comparada ao mesmo período do ano anterior. O mercado estima que um contrato de entrega do produto argentino nos portos brasileiros tenha um prazo mínimo de dois meses, o

que não resolve o problema de abastecimento, mesmo que a paridade de importação dê suporte a esta operação. Assim, os números de importação foram revisados, caído de 1,5 milhão para 1 milhão de toneladas.

Gráfico 44 – Comparativo de preços médios pagos ao produtor x paridade de exportação (R\$/60kg)



Fonte: Conab

Esta conjuntura de desabastecimento atrelado a preços que elevam bastante o custo de produção dos principais mercados consumidores de milho no Brasil e tem provocado diminuição de plantel de aves e suínos, fechamento de algumas unidades produtoras de carnes, bem como a inviabilização de esmagamento do milho para produção de etanol. Assim, o consumo também sofre uma redução, inicialmente estimada em 56,5 milhões de toneladas, ou seja, quase 2 milhões a menos que na estimativa anterior.

Dentro de uma expectativa de colheita abaixo do esperado alguns produtores podem não ter o volume disponível para cumprir seus contratos, o que pode refletir diretamente no volume de milho a ser exportado e já contratado pelas tradings.

Além disso, as tradings devem cumprir com a exportação de volumes no qual já possuem todo um com-

promisso logístico contratado, tais como transporte e portos, bem como nos casos onde o demandante externo impõe uma multa elevada se houver uma necessidade de wash out. Onde as tradings puderem retornar o produto adquirido para o mercado interno, a tendência é de este processo acontecerá, vez que os preços internos continuam mais atrativos.

Desta feita, o ritmo da comercialização do grão deve ser analisado com muito cuidado, mas as exportações tendem a ser menores do que as que foram projetadas no início da safra, estimadas em 25,4 milhões de toneladas, de fevereiro de 2016 a janeiro de 2017.

Neste cenário, os estoques finais deverão ficar em 5,8 milhões de toneladas, ou seja, uma situação bastante delicada que pode se perdurar para a próxima safra, sendo necessária a atenção tanto do produtor de milho quanto do consumidor.

Mercado externo

No mercado externo há uma forte demanda externa sobre o milho norte americano em função da situação ruim da safra da América do Sul (sobretudo a segunda safra brasileira) e a expectativa de ocorrência de La Niña (visto que a ocorrência deste fenômeno pode provocar um período seco no Hemisfério Norte, podendo afetar a produção dos Estados Unidos), que provocaram alta nas cotações do milho na Bolsa de Chicago, rompendo os US\$ 4,00/bushel (US\$ 157,47/toneladas).

A ocorrência do fenômeno La Niña, mesmo ainda incerto, mas com boa possibilidade, de acordo com os meteorologistas, de se confirmar, é um fator que influencia os movimentos especulativos na Bolsa de Chicago, vez que o mesmo tende a provocar um forte período seco no Hemisfério Norte, o que afetaria diretamente a safra do Meio Oeste.

Além disso, as cotações em alta da soja também têm ajudado a elevar os preços do milho. Este fato tem



provocado um valor de paridade de exportação para julho, agosto e setembro de 2017, que permitam negociações no Mato Grosso de valores de milho acima de R\$ 21,00/60Kg e de R\$ 30,00/60Kg no Paraná, o que

pode direcionar a produção de milho para a próxima safra para algo semelhante ao que aconteceu nesta safra.

8.1.8. SOJA

O nono levantamento da Conab aponta aumento nacional na área plantada de 3,4% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A safra 2015/16 está praticamente finalizada, apresentando registros de colheitas em algumas áreas isoladas especialmente na Região Centro-Oeste. Os níveis de produtividade alcançado pela safra nacional nesta temporada, ficaram, em função das adversidades climáticas, aquém do esperado, com rendimento médio de 2.882 kg/ha. O Mato Grosso, maior produtor de soja do país, atingiu, neste exercício, a produtividade de 2.851 kg/ha, a menor registrada no estado desde a temporada 2005/06, 2.695 kg/ha.

Em Mato Grosso do Sul a cultura teve o seu ciclo encerrado. A produtividade média alcançada apresentou redução de 4,5% em relação à safra 2014/15, que atingiu 2.980 kg/ha. A região sul e centro-sul do estado foram as mais afetadas pelas instabilidades do clima e excesso de chuvas. A safra colhida foi resultado, em alguns momentos, das dificuldades e até mesmo da inviabilidade de realizar tratamentos culturais, na colheita com forte percentual de grãos avariados e perdas em áreas que não compensavam ser colhidas em alguns municípios.

Os melhores resultados foram alcançados na região centro-norte e devem, basicamente, onde foram registradas às melhores condições climáticas, com precipitações equilibradas que coincidiram com as fases mais críticas de desenvolvimento da cultura, principalmente no período de dezembro a fevereiro.

Em Goiás a fase de colheita já foi encerrada em todos os municípios, com registro de menor incidência de pragas e doenças, nesta safra. Em alguns municípios do sudoeste goiano, onde se esperava médias superiores aos do último levantamento, foram registrados números abaixo do esperado, a exemplo do município de Jataí, onde era aguardada média em torno de 60 sacas/ha e foi obtida 54 sacas. Conforme já registramos anteriormente, a baixa luminosidade durante grande parte do desenvolvimento das lavouras, foi o responsável por este comportamento. Assim, o desempenho da produtividade de soja no estado atingiu, nessa safra, um incremento de 20,3% em relação à temporada anterior, saindo de 2.594 kg/ha para os atuais 3.120 kg/ha.

No Rio Grande do Sul a área cultivada com soja cres-

ceu 3,9% em relação ao exercício anterior. O aumento ocorreu sobre as áreas anteriormente semeadas com milho, de campo nativo e de pastagens, atingindo 5,455 milhões de hectares. O aumento não foi maior por conta da redução da soja cultivada em várzea, que tem alto custo e produtividade menor do que nas terras altas. Está praticamente consolidada a chamada “safrinha” de soja no estado. Pelo segundo ano consecutivo ocorre crescimento desse tipo de safra, devido ao planejamento dos produtores, que usam híbridos de milho precoce semeado cada vez mais cedo (fim de julho e início de agosto) e pela utilização de áreas semeadas com milho silagem, também colhido mais cedo. A colheita está em fase de encerramento. Na zona sul a soja foi extremamente prejudicada pelo excesso de chuvas durante a colheita. Extensas áreas ficaram alagadas por vários dias, causando o apodrecimento dos grãos que estavam prontos para colher. Em determinadas lavouras as perdas superaram 40%. Essas perdas terão influência na média da produtividade da soja no estado, embora a área cultivada na zona sul não seja tão expressiva. É notória também a baixa produtividade da soja semeada nas terras de várzea, que não ultrapassaram os 1.800 kg/ha. Outro fator que afetará a média final é a soja safrinha. Enquanto a soja primeira safra superou 3.000 kg na maior parte das regiões produtoras, a safrinha ficou entre 1.800 e 2.400 kg/ha, o que não deixa de ser um ótimo resultado dentro da conjuntura atual da soja. Após essas análises estima-se que a produtividade da soja no estado deve ficar em 2.970 kg/ha.

Em função das adversidades climáticas, ocorridas ao longo do ciclo da soja em Santa Catarina, houve um acréscimo nos custos de produção em decorrência da maior demanda por aplicações de defensivos, principalmente no controle das doenças como a ferrugem asiática, presente em todos os municípios produtores. Tais adversidades, além do fator sanitário, causaram leve redução da produtividade, quando comparada com os níveis da safra passada. Contribuiu para essa redução, além do clima, o atraso na implantação das lavouras, algumas das quais semeadas no limite final do período recomendado.

No Paraná a colheita da safra 2015/16 já está encerrada e a produtividade alcançada praticamente repete os números da avaliação anterior. Apesar do atual preço vantajoso, os produtores não estão colocando o grão para venda, provavelmente aguardando uma



condição ainda mais favorável. Segundo os produtores a comercialização segue de forma mais lenta que o esperado, tendo como explicação, a situação presente em que a soja apresenta preços em elevação no mercado interno e externo, devido à redução na oferta mundial. Com relação à segunda safra plantada no estado, em função da legislação sanitária estadual, que proíbe o cultivo da cultura a partir de 31 de dezembro, este ano foi o último que a segunda safra de soja foi plantada.

As lavouras estão em condições normais de desenvolvimento nas suas variadas fases, sem maiores prejuízos em função das condições climáticas adversas que ocorreram em abril. A ferrugem asiática está controlada até o momento. A colheita atingiu aproximadamente 63% da área plantada. A produtividade da leguminosa de segunda safra está estimada em 2.014kg/ha, entretanto, tal produtividade poderá cair, já que as áreas semeadas mais tarde foram as mais afetadas pela seca de abril. Na região sudeste do estado, as áreas de segunda safra estão com forte pressão de ferrugem, maiores que na primeira safra, devido à presença de esporos do fungo nas áreas agrícolas. Além disso, o tempo seco e quente de abril trouxe danos à produtividade. Houve também aceleração da maturação e a colheita está mais avançada do que o esperado.

Em Minas Gerais, à semelhança do que ocorreu com o milho, o plantio da soja atrasou, e uma pequena parcela irrigada foi plantada em outubro. A concentração do plantio se deu em novembro e a finalização se deu em dezembro. Estima-se que 90% das lavouras já foram colhidas. Há registro de casos pontuais de perdas por chuva na colheita e pragas, como lagartas e doenças, notadamente de final de ciclo e ferrugem, com necessidade de pronto controle através de pulverizações, ações realizadas no início da segunda quinzena de janeiro, aproveitando a estiagem. Estima-se produtividade de 3.206 kg/ha, 20,6% acima da safra passada, que sofreu perdas com estiagem, notadamente nas áreas de plantio de soja precoce.

Em São Paulo a colheita se encontra na fase final. Nesta temporada a lavoura da oleaginosa experimentou um ganho expressivo de área e também de produtividade devido, principalmente, às excelentes condições climáticas observadas durante todo o seu ciclo de desenvolvimento. Apresentou nesta safra crescimento na área de 7,5% e os níveis de produtividade tiveram evolução de 10,1%, comparativamente ao ano passado.

Na Região Norte e Nordeste a área de plantio da safra 2015/16 manteve-se praticamente inalterada em relação ao exercício anterior. Na Bahia estima-se que já foram colhidas cerca de 80% da lavoura. Estima-se que foram plantados cerca de 1.526,4 mil hectares de soja, com produção de 3.210 mil toneladas. A despeito do acréscimo observado de 7,3% na área plantada, ocorreu redução de 23,2% na produção em relação à safra passada, devido ao veranico prolongado ocorrido em fevereiro. Impactado pelas adversidades climáticas, mais especificamente pela distribuição desuniforme das chuvas, além da queda na produtividade, também foram observados problemas na qualidade dos grãos. O forte estresse hídrico durante a fase de enchimento das vagens produziu grãos leves, ardidados, malformados, danificados por sugadores (percevejos) e vagens que não amadureceram.

Em Tocantins, com a aproximação do final da colheita, a forte queda na produtividade, estimados nos levantamentos anteriores, foram confirmados, tendo como causa principal as condições climáticas adversas ocorridas nesta safra. Há relatos de áreas em que a colheita não compensou em função de sua baixíssima produtividade, além da inferior qualidade do grão.

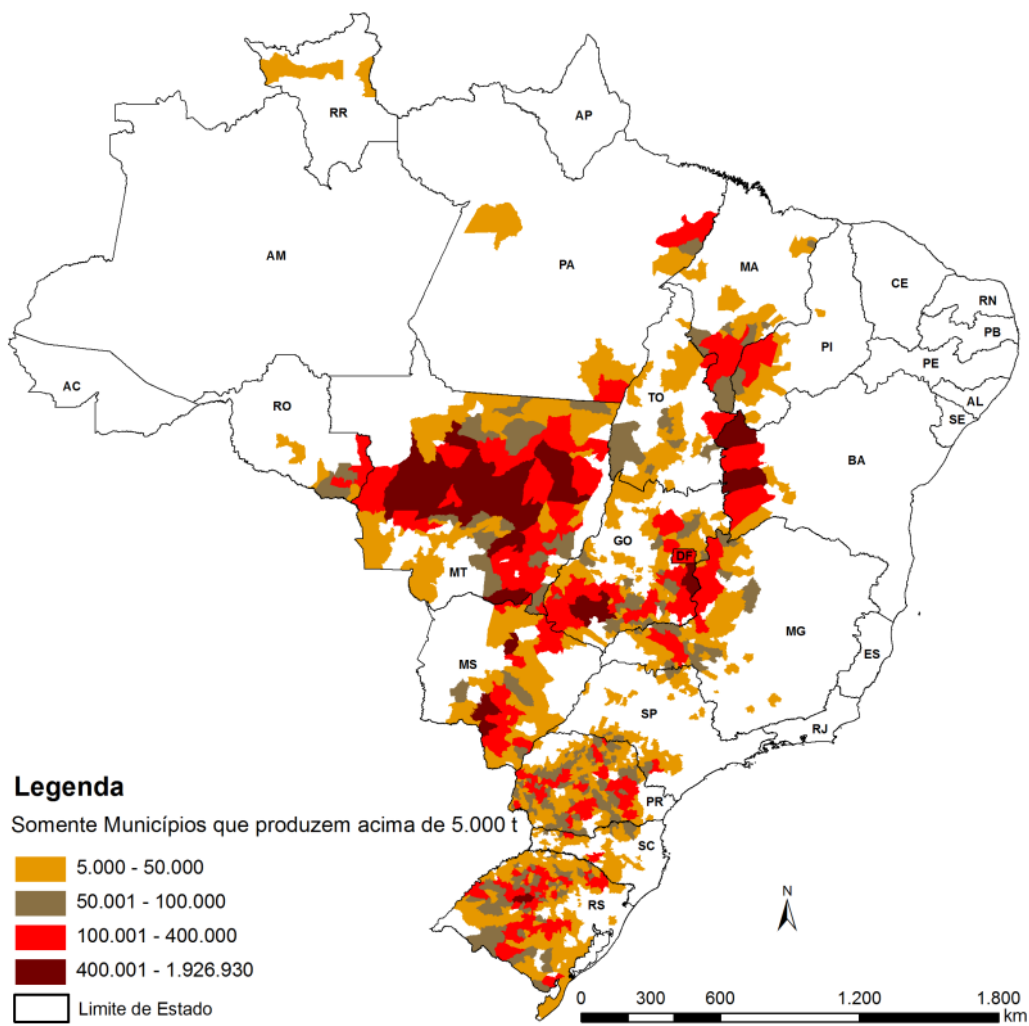
No Piauí a cultura da soja encontra-se em fase final de colheita. O pacote tecnológico utilizado na região para a soja visa produtividade média de 3.000 kg/ha. No entanto, devido as adversidades climáticas ocorridas no estado, a produtividade média esperada pelos produtores para esta safra é de somente 1.143 kg/ha, representando redução de 58% em relação à safra anterior. Com a finalização da colheita, tem se verificado, além da produtividade baixa, grãos com baixo peso e qualidade variando de regular a ruim.

No Maranhão as lavouras foram prejudicadas pelas altas temperaturas, distribuições irregulares de chuvas e baixa pluviosidade, de novembro de 2015 a maio de 2016. Foram relatados ataques severos de mosca branca em muitas lavouras. A área plantada deverá sofrer redução, principalmente na microrregião de Balsas, severamente castigada com a precariedade de chuvas em relação à safra anterior.

A evolução no comportamento das lavouras de soja nesta temporada, onde o clima apresentou destacada influência, indica para a safra 2015/16 redução de 0,6% na produção em relação à safra passada, totalizando 95.630,9 mil toneladas.







Figura 35 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	<div></div>						<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>
RO	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					
PA		<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>			
TO	<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
Nordeste												
MA	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>		
PI		<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>			
BA	<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
Centro-Oeste												
MT	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					<div></div>
MS	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					<div></div>
GO	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					
DF		<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>					
Sudeste												
MG	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
SP	<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				<div></div>
Sul												
PR	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					<div></div>
SC	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
RS	<div></div>	<div></div>	<div></div>			<div></div>	<div></div>	<div></div>				

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab



Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.553,5	7,8	2.976	2.473	(16,9)	4.289,5	3.842,4	(10,4)
RR	23,8	23,0	(3,4)	2.685	3.300	22,9	63,9	75,9	18,8
RO	231,5	251,6	8,7	3.166	3.131	(1,1)	732,9	787,8	7,5
PA	336,3	411,7	22,4	3.024	3.137	3,7	1.017,0	1.291,5	27,0
TO	849,6	867,2	2,1	2.914	1.946	(33,2)	2.475,7	1.687,2	(31,8)
NORDESTE	2.845,3	2.833,5	(0,4)	2.841	1.790	(37,0)	8.084,1	5.072,1	(37,3)
MA	749,6	742,1	(1,0)	2.761	1.639	(40,6)	2.069,6	1.216,3	(41,2)
PI	673,7	565,0	(16,1)	2.722	1.143	(58,0)	1.833,8	645,8	(64,8)
BA	1.422,0	1.526,4	7,3	2.940	2.103	(28,5)	4.180,7	3.210,0	(23,2)
CENTRO-OESTE	14.616,1	14.925,1	2,1	3.008	2.932	(2,5)	43.968,6	43.766,0	(0,5)
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	2.851	(9,1)	28.018,6	26.058,1	(7,0)
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	2.980	(4,5)	7.177,6	7.241,4	0,9
GO	3.325,0	3.285,1	(1,2)	2.594	3.120	20,3	8.625,1	10.249,5	18,8
DF	56,1	70,0	24,8	2.626	3.100	18,1	147,3	217,0	47,3
SUDESTE	2.116,2	2.325,9	9,9	2.775	3.230	16,4	5.873,5	7.511,7	27,9
MG	1.319,4	1.469,3	11,4	2.658	3.206	20,6	3.507,0	4.710,6	34,3
SP	796,8	856,6	7,5	2.970	3.270	10,1	2.366,5	2.801,1	18,4
SUL	11.074,1	11.538,9	4,2	3.071	3.071	-	34.012,3	35.438,7	4,2
PR	5.224,8	5.444,8	4,2	3.294	3.141	(4,6)	17.210,5	17.102,1	(0,6)
SC	600,1	639,1	6,5	3.200	3.341	4,4	1.920,3	2.135,2	11,2
RS	5.249,2	5.455,0	3,9	2.835	2.970	4,8	14.881,5	16.201,4	8,9
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.387,0	2,3	2.887	2.032	(29,6)	12.373,6	8.914,5	(28,0)
CENTRO-SUL	27.806,4	28.789,9	3,5	3.016	3.012	(0,1)	83.854,4	86.716,4	3,4
BRASIL	32.092,9	33.176,9	3,4	2.998	2.882	(3,9)	96.228,0	95.630,9	(0,6)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado Internacional

O Departamento de Agricultura Americano (Usda) divulgou no dia 10 de maio o primeiro quadro de oferta

e demanda mundial, para a safra 2016/17.

Produção mundial.

a) Safra mundial

Aquele Departamento baixou a produção mundial de soja safra 2015/16 para 315,86 milhões de toneladas. Tal valor é 1,34% menor que o estimado no último relatório em abril de 2016. Para a safra 2016/17, ainda estima que a produção mundial poderá ser de 324,20 milhões de toneladas, ou seja, 2,64% maior ao estimado na safra 2015/16, de 315,86 milhões de toneladas.

1.1.2. Safra dos Estados Unidos

Para os Estados Unidos a estimativa é de que a safra 2016/17 gire em torno de 103,42 milhões de toneladas, ou 3,29% menor que a safra 2015/16. Já a estimativa de área americana para a safra de 2016 é de 32,94 milhões de hectares, significando que será 0,5% menor que a área colhida em 2015.

A produtividade estimada para a safra de 2016 também é menor que a de 2015, vez que para 2016 aquele departamento estima uma produtividade de 3.140 kg/ha. Já em 2015 a produtividade foi de 3.230 kg/ha. Todavia, é interessante ressaltar que, ainda é muito cedo para estimar a verdadeira produção de soja dos Estados Unidos, vez que até o dia 29/05 o índice era de apenas 45% de área, com planta em estágio de emergência. Portanto, a produção americana pode ser maior que a estimada inicialmente pelo citado departamento, caso a produtividade e a área sejam maiores que as esperadas, e menores, caso haja algum problema climático nos principais estados produtores.



b) Safra Brasil

A estimativa/Usda é de que o Brasil continue como o segundo maior produtor de soja do mundo, com 103 milhões de toneladas de soja em grãos. Apesar de ser

uma estimativa de colheita que inicia em janeiro de 2017, este valor é muito fiel a uma estimativa de safra futura.

c) Safra da Argentina

Para a Argentina o Usda avalia que a safra 2015/16 tenha uma redução em relação à estimada em abril de 2016, uma vez que avaliou a produção da Argentina em 59 milhões de toneladas. Para abril foi calculada uma produção de 56,50 milhões de toneladas, valor

4,24% menor.

Para a safra 2016/17 a estimativa de produção da Argentina é de 57 milhões de toneladas, valor 0,88% menor que o estimado na safra anterior.

Tabela 56 - Produção mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 abr. (a)	2015/2016 mai. (b)	2016/2017 mai.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,93	106,93	103,42	0,00	0,00	-3,52	-3,29
Brasil	100,00	99,00	103,00	-1,00	-1,00	4,00	4,04
Argentina	59,00	56,50	57,00	-2,50	-4,24	0,50	0,88
China	11,80	11,80	12,20	0,00	0,00	0,40	3,39
Outros	42,42	41,62	48,58	-0,80	-1,88	6,96	16,71
Total	320,15	315,86	324,20	-4,30	-1,34	8,34	2,64

Fonte: USDA, mai/16

Importação mundial

a) Importação - China

A China é o maior importador de soja do mundo. Em 2015 foi responsável por 64% de todas as importações mundiais. Em segundo lugar vem a União Europeia com 11% das importações mundiais.

Para a safra 2016/17 o Usda estima aumento nas importações chinesas de grãos de soja. O valor das importações chinesas, estimado para próxima safra é 4,82%, maior que o da safra anterior, passando de 83 milhões para 87 milhões na safra 2016/17.

Tabela 56 - Importação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 abr. (a)	2015/2016 mai. (b)	2016/2017 mai.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,00	83,00	87,00	0,00	0,00	4,00	4,82
União Europeia	13,20	13,20	12,60	0,00	0,00	-0,60	-4,55
México	3,95	3,95	4,00	0,00	0,00	0,05	1,27
Japão	3,10	3,10	3,10	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	26,60	27,83	29,32	1,23	4,62	1,50	5,38
Total	129,85	131,08	136,02	1,23	0,95	4,95	3,77

Fonte: USDA, mai/16

Exportação mundial

a) Exportação Brasil

Para o Brasil, o dito departamento estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de aproximadamente 60,20 milhões de toneladas; valor 1,18% maior que o estimado na safra 2015/16, que foi de 59,20 milhões de toneladas.

Cabe salientar que a estimativa/Usda, para a safra brasileira de soja, ainda não teve computadas as perdas de produtividade do chamado Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí, Bahia) e Mato Grosso. Assim, as exportações estimadas para a safra 2015/16 deverão



também baixar, apesar das grandiosas exportações

que ocorreram até o momento.

b) Exportações - Estados Unidos

Na safra 2015/16 os Estados Unidos deverão exportar, aproximadamente, 47,36 milhões de toneladas. Em seu relatório de maio o Usda detectou um pequeno aumento de 2%, se comparado ao estimado em abril. As exportações americanas vinham em baixa nos últimos meses, todavia, com o aumento dos preços inter-

nacionais, retomaram suas exportações.

Para a safra 2016/17 a estimativa é que exportem, aproximadamente, 51,30 milhões de toneladas de soja, ou seja, aumento de 8,33% em relação à safra anterior.

c) Exportações - Argentina

Não obstante ser a Argentina o terceiro maior produtor de soja, a maior parte desta safra é esmagada internamente, por este motivo é que o Usda estima

para a safra 2016/17 uma exportação de apenas 10,65 milhões de toneladas, ou seja, 18,68% da safra.

Tabela 56 - Exportação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 abr. (a)	2015/2016 mai. (b)	2016/2017 mai.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	59,50	59,50	60,20	0,00	0,00	0,70	1,18
Estados Unidos	46,40	47,36	51,30	0,95	2,05	3,95	8,33
Argentina	11,40	11,40	10,65	0,00	0,00	-0,75	-6,58
Paraguai	4,60	4,60	4,75	0,00	0,00	0,15	3,26
outros	10,46	9,73	11,40	-0,73	-6,98	1,68	17,24
Total	132,36	132,58	138,31	0,22	0,17	5,72	4,32

Fonte: USDA, mai/16

Esmagamento mundial

a) Esmagamento - China

Mesmo com pouco aquecimento o crescimento industrial chinês frente os esmagamentos de soja esti-

mados pelo Usda um pequeno crescimento de 6,36%, ficando em 87 milhões de toneladas.

b) Esmagamento - Estados Unidos

Assim, como as exportações, os esmagamentos da safra 2015/16 vinham em baixa no início do ano, devido o aumento dos preços internacionais de óleo e, principalmente, do farelo.

incremento de 0,53%, entre o relatório de maio e de abril de 2016.

Para a safra 2016/17 os esmagamentos são estimados em 52,12 milhões de toneladas.

Os esmagamentos americanos tiveram um pequeno

c) Esmagamento - Argentina

Para a safra 2016/17 os esmagamentos da Argentina foram estimados em 44,30 milhões de toneladas,

uma redução de 3,06% em relação à safra 2015/16, estimada em 45,70 milhões de toneladas.

d) Esmagamento - Brasil

O Brasil é o quarto maior exportador de soja do mundo e, segundo o Usda, os esmagamentos brasileiros,

para a safra 2016/17, deverão ser de 40 milhões de toneladas.



Tabela 56 - Esmagamento mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 abr. (a)	2015/2016 mai. (b)	2016/2017 mai.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,80	81,80	87,00	0,00	0,00	5,20	6,36
Estados Unidos	50,89	51,17	52,12	0,27	0,53	0,95	1,86
Argentina	45,70	45,70	44,30	0,00	0,00	-1,40	-3,06
Brasil	40,00	40,00	40,00	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	59,27	60,74	64,97	1,47	2,49	4,23	6,97
Total	277,66	279,41	288,39	1,75	0,63	8,99	3,22

Fonte: USDA, abr/16

Estoques Mundiais

a) Estoques Estados Unidos

O fato mais importante deste relatório vem dos estoques de passagem americano. Para a safra 2015/16 o Usda estima uma redução desses estoques, passando de 12,11 milhões de toneladas para 10,89 milhões

de toneladas. Para a safra 2016/17 são estimadas 8,29 milhões de toneladas. Apesar da redução, os estoques estimados para a safra 2016/17 estão acima da média dos últimos anos (com exceção da safra 2015/16).

Tabela 56 - Estoque final mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 abr. (a)	2015/2016 mai. (b)	2016/2017 mai.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	29,30	26,80	24,45	-2,50	-8,53	-2,35	-8,77
Brasil	17,30	16,30	16,30	-1,00	-5,78	0,00	0,00
China	16,43	16,43	14,68	0,00	0,00	-1,75	-10,65
Estados Unidos	12,11	10,89	8,29	-1,22	-10,11	-2,60	-23,87
outros	3,87	3,83	4,48	-0,04	-1,08	0,65	17,05
Total	79,02	74,25	68,21	-4,77	-6,03	-6,05	-8,14

Fonte: USDA, abr/16

Preços internacionais

Após a divulgação do quadro de oferta e demanda mundial os preços internacionais começaram a disparar, devido, essencialmente, aos seguintes fatores:

- 1- Queda na produção norte-americana da safra 2015/16, estimada em 103,42 milhões de toneladas, em comparação ao ciclo 2016/17.
- 2- Queda dos estoques de passagem americanos (-10,11%) e mundiais (-6,05%) para a safra 2015/16.
- 3- Aumento das estimativas dos esmagamentos (0,53%) e exportações (2,05%) dos Estados Unidos.
- 4- Aumento dos esmagamentos (6,36%) e importações (4,82%) chinesas.

4- Quebra da safra 2015/16 no Brasil.

5- Problemas climáticos na Argentina, com chuvas em excesso, prejudicaram a colheita, fazendo com que o mercado argentino vislumbasse problemas de produtividade no país, principal fator de alta de preços no mercado internacional de farelo de soja. Segundo o Ministério da Agricultura da Argentina (SIIA), a produção portenha deverá chegar a 57,6 milhões de toneladas.

Com isso, no último dia de maio, os preços internacionais estavam cotados em US\$Cents 1.078,00/Bu - maior valor cotado desde setembro de 2014.



Tabela 44 – Preços médios internacionais da soja

meses	2015	2016	%
JAN	1000,55	879,13	-12,14
FEV	993,38	871,24	-12,30
MAR	978,58	889,7	-9,08
ABR	972,01	962,79	-0,95
MAI	956,21	1063,87	11,26
JUN	965,78		
JUL	1014,67		
AGO	945,12		
SET	880,33		
OUT	891		
NOV	868,65		
DEZ	879,63		

Fonte: CBOT

Gráfico 98 – Preços internacionais 2015/16 (FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)

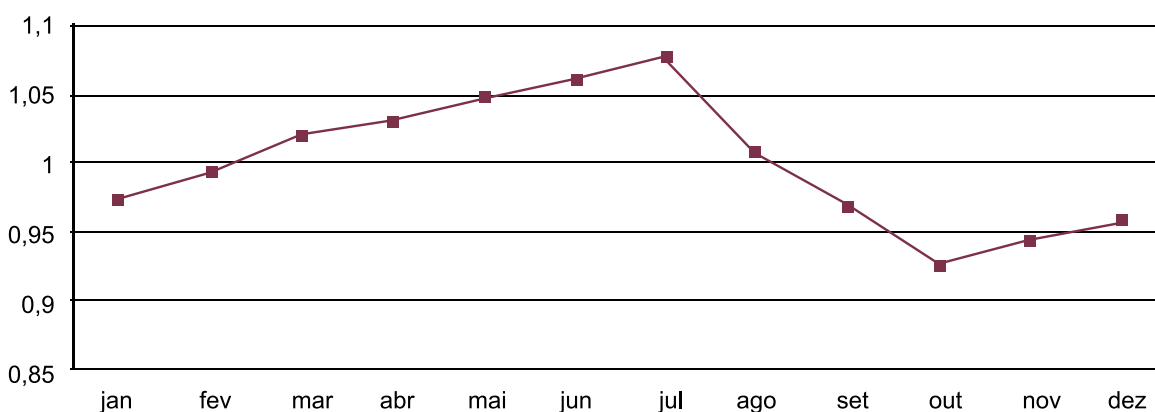


Fonte: CME Group

Baseando-se no comportamento de preços entre 2004 e 2015 pode-se conjecturar que o aumento desses preços no mercado internacional, em maio de 2016, é de comportamento normal para o período,

devendo, inclusive, continuar até julho, mês que a depender do que ocorrerá nas áreas de soja americana, deverá voltar a baixar, principalmente em setembro, quando a colheita terá início.

Gráfico 97 – Comportamento dos preços (CBOT) 2004 a 2015



Fonte: CBOT



Plantio de soja Norte-Americano

Segundo o Usda até o dia 29 de maio 2016, aproximadamente 73% da área estimada para a safra 2016/17 nos Estados Unidos já haviam sido plantadas. No

mesmo dia do exercício anterior, o valor estimado da área plantada para a safra 2015/16 foi de 68%. Já a média dos últimos cinco anos foi estimada em 66%.

Tabela 56 -Progresso das áreas de soja americana - safra 2015/16

Porcentagem de plantas (em 18 Estados Americano*)			
29/mai/15	22/mai/16	29/mai/16	Média dos últimos 5 anos
68%	56%	73%	66%
Porcentagem de plantas em emergência- VE (em 18 Estados Americano*)			
29/mai/15	22/mai/16	29/mai/16	Média dos últimos 5 anos
44%	22%	45%	40%

Fonte: USDA

Nota: * Estes 18 estados equivalem a 95% da área de 2015

As chuvas mensuradas entre os dias 21 a 31 de maio de 2016 estão acima da média normal, com o plantio bastante avançado, todavia, as plantas estão com 45% em estado de emergência. Tal “excesso” de chuva pode ser benéfico, caso haja possibilidade de um La Niña, pois,

este fator agrometeorológico poderá trazer tempos secos e quentes no futuro. Porém, ainda é muito cedo para especulações sobre qualquer problema climático para a safra 2016/17 nos Estados Unidos.

Mercado Nacional

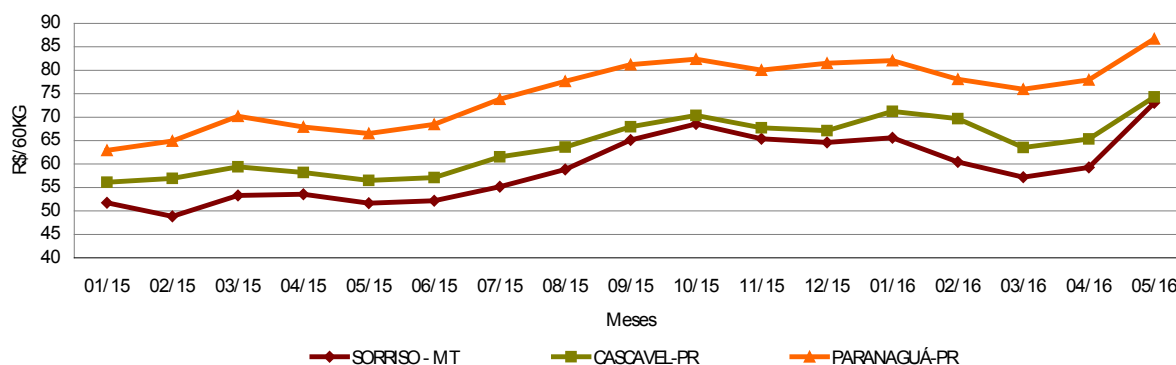
Com a quebra da safra nacional estimada em apenas 95,63 milhões de toneladas, e com as exportações estimadas em mais de 54,10 milhões de toneladas e o consumo interno em 42,50 milhões de toneladas, os estoques finais brasileiros devem ficar muito baixos, estimados em um pouco mais de 455 mil toneladas de soja.

Como os preços internacionais estão em alta e o dólar cotado próximo de R\$ 3,60 reais, as exportações nacionais foram estimadas pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), para maio, em 9,91 milhões de toneladas. Assim, as exportações de soja somadas do ano de 2016, estão estimadas em 30,50 milhões de tonela-

das. No mesmo período de 2014 as exportações eram cotadas em 22,43 milhões de toneladas. Até a terceira semana de maio as exportações diárias estavam cotadas em mais de 500 mil toneladas. Na última semana passaram para 472 mil toneladas dia, configurando uma redução das exportações para as próximas semanas.

Há pouco produto disponível no mercado interno e com os preços de paridade de exportações em alta, os preços nacionais alcançaram o maior patamar, historicamente. Estes valores devem continuar em alta, pois os preços internacionais devem continuar a impulsionar os altos preços internos.

Gráfico 100 - Soja - Preços médios mensais pagos ao produtor- R\$/60kg



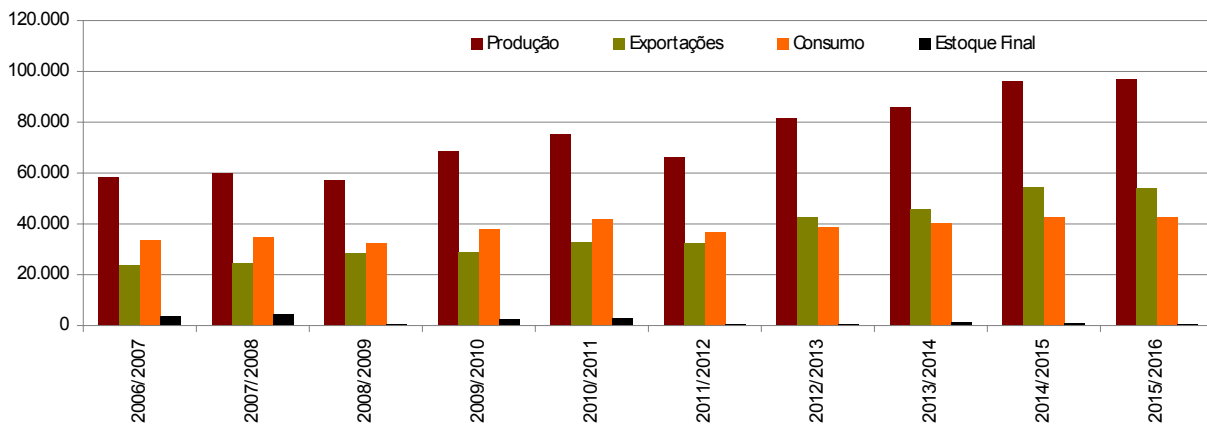
Fonte: Conab



O consumo interno deverá dar uma pequena redução em relação ao estimado no ano de 2015, todavia, mesmo assim, ainda deverá ser maior

que 42,5 milhões de toneladas; ainda dentro de uma estimativa de esmagamento satisfatório para a produção de óleo e farelo.

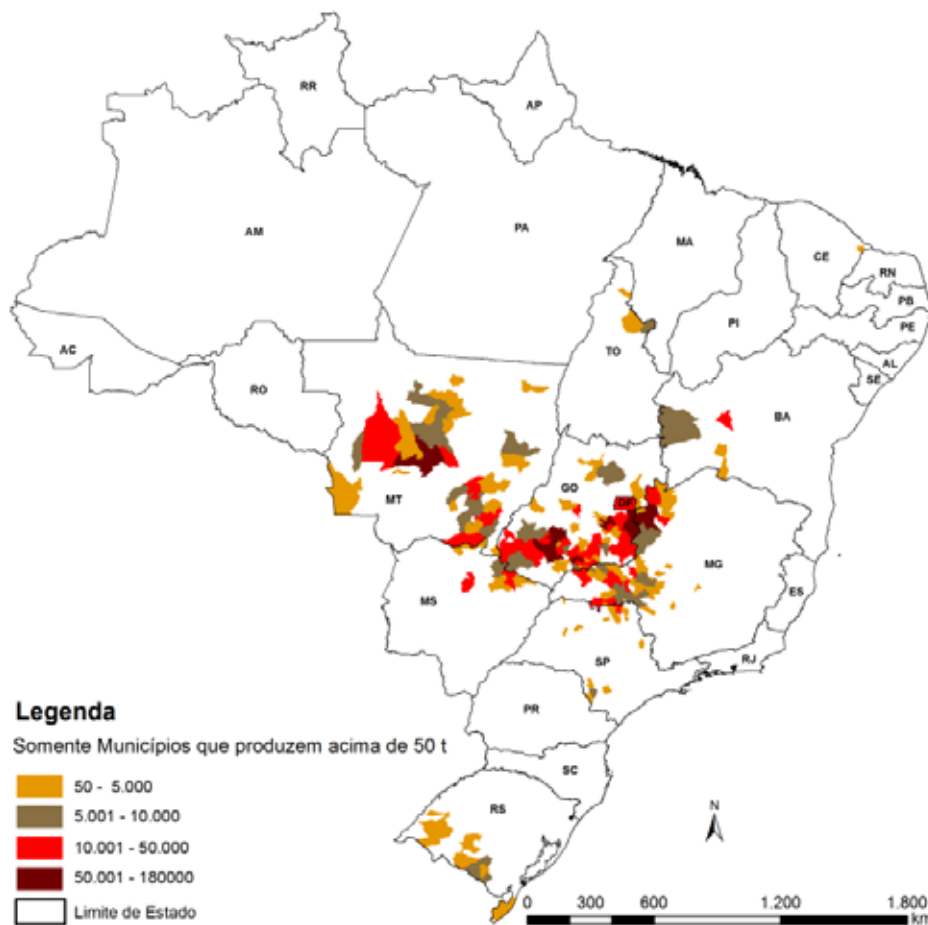
Gráfico 100 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de Soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)



Fonte: Conab

8.1.9.SORGO

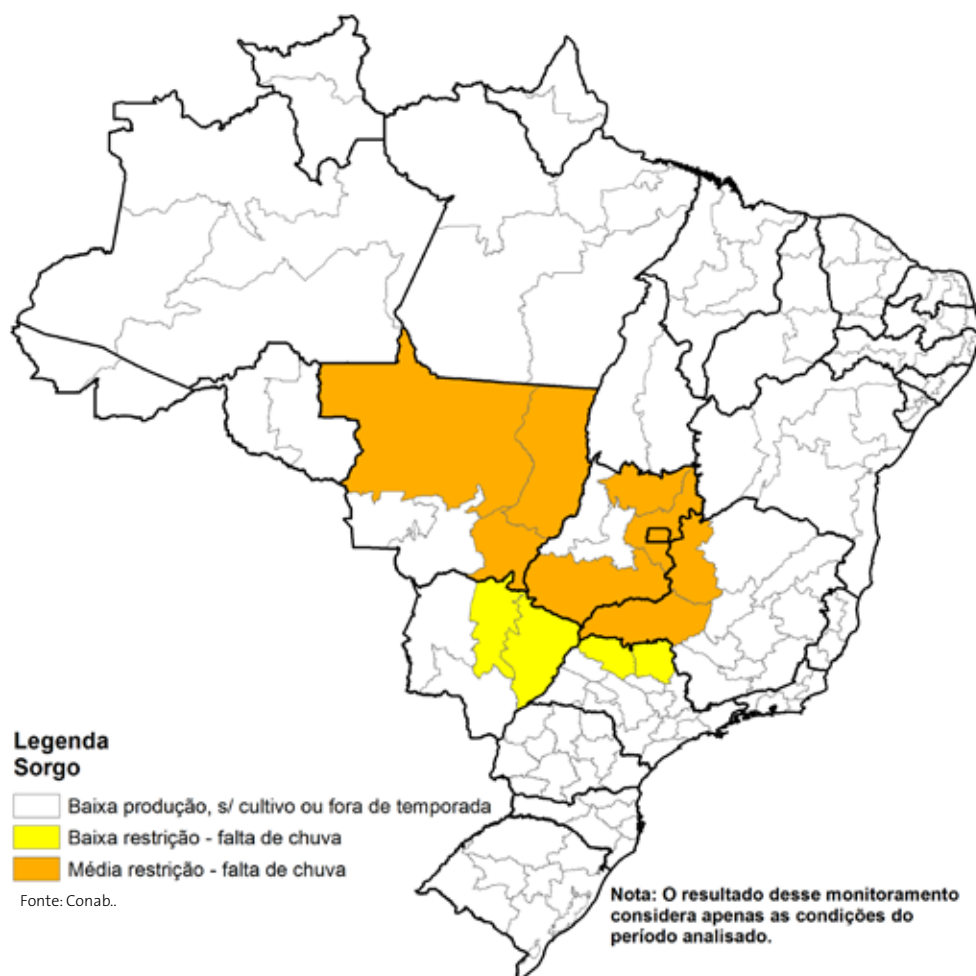
Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 39 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 21 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*























































































Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo	- metade sul do centro-norte e leste do MS (FR/M)			<ul style="list-style-type: none"> - Triângulo e noroeste de MG (FR/M) - norte de SP (FR/M) - metade norte do centro-norte e leste do MS (FR/M) - norte e sudeste de MT (FR/M) - norte, leste e sul de GO (FR/M) - DF (FR/M)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/032			0/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	NovD	ez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	JulA	go	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	25,9	21,0	1.849	1.526	(17,5)	39,6	39,5	(0,3)
TO	21,4	25,9	20,9	1.849	1.526	(17,5)	39,6	39,5	(0,3)
NORDESTE	155,7	101,6	(34,7)	871	1.095	25,8	135,6	111,3	(17,9)
PI	6,2	12,3	98,1	2.548	2.000	(21,5)	15,8	24,6	55,7
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,4	(33,0)	1.522	1.224	(19,6)	0,9	0,5	(44,4)
PB	-	0,3	-	-	2.000	-	-	0,6	-
PE	6,2	4,5	(27,5)	430	167	(61,2)	2,7	0,8	(70,4)
BA	142,0	83,4	(41,3)	811	1.006	24,0	115,2	83,9	(27,2)
CENTRO-OESTE	360,6	310,8	(13,8)	3.356	2.682	(20,1)	1.210,1	833,5	(31,1)
MT	111,7	95,5	(14,5)	2.610	2.472	(5,3)	291,5	236,1	(19,0)
MS	13,0	10,6	(18,5)	3.700	2.880	(22,2)	48,1	30,5	(36,6)
GO	232,6	201,4	(13,4)	3.661	2.741	(25,1)	851,5	552,0	(35,2)
DF	3,3	3,3	-	5.763	4.500	(21,9)	19,0	14,9	(21,6)
SUDESTE	174,4	162,8	(6,7)	3.696	2.682	(27,4)	644,5	436,7	(32,2)
MG	160,6	149,6	(6,8)	3.700	2.649	(28,4)	594,2	396,3	(33,3)
SP	13,8	13,2	(4,3)	3.645	3.057	(16,1)	50,3	40,4	(19,7)
SUL	10,5	9,0	(14,3)	2.426	2.929	20,7	25,5	26,4	3,5
RS	10,5	9,0	(14,7)	2.426	2.929	20,7	25,5	26,4	3,5
NORTE/NORDESTE	177,1	127,5	(28,0)	989	1.183	19,6	175,2	150,8	(13,9)
CENTRO-SUL	545,5	482,6	(11,5)	3.447	2.686	(22,1)	1.880,1	1.296,6	(31,0)
BRASIL	722,6	610,1	(15,6)	2.844	2.372	(16,6)	2.055,3	1.447,4	(29,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

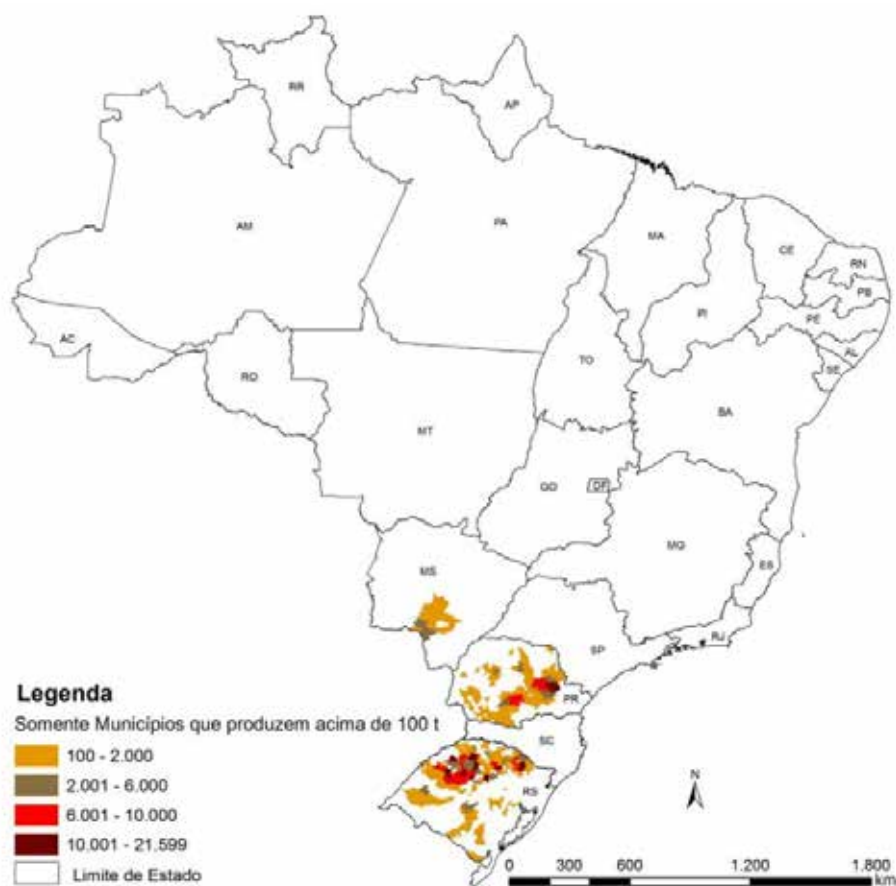
O cultivo da aveia vem expandindo ano após ano. Na safra que se inicia, a expectativa é de que haja um incremento de 38,2% na área plantada, atingindo 261,8 mil hectares. Se houver a recuperação da produtividade, que foi fortemente afetada no ciclo anterior, a produção será de 656,2 mil toneladas.

O plantio da aveia no Paraná atinge 55% da área estimada que será de 52 mil hectares, o que representa 10,5% inferior à safra passada. Os números poderão sofrer ajustes até o final do plantio, porém a redução está prevista devido aos bons preços do milho que incentivou o plantio da segunda safra. As lavouras estão em boas condições na fase de desenvolvimento vegetativo e espera-se uma produtividade 21,7% maior do

que na safra anterior, alcançando-se uma produção 9% superior à safra 2015.

A aposta dos agricultores gaúchos nos cultivos de inverno deverá ser na aveia branca devido ao custo de produção menor do que o trigo e ao preço de mercado que está atrativo. Ainda, há um outro atrativo que é a instalação de indústrias de processamento que estão incentivando o cultivo. Com isso estima-se aumento de 66,2% na área plantada. Levando-se em consideração que na safra anterior houveram inúmeros problemas nas culturas de inverno, inclusive na aveia, espera-se que ocorra uma recuperação na produtividade que está estimada em 2.605 kg/ha, 41,6% maior do que a safra anterior.


























Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
Sul												
PR												
RS												



Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Figura 41 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 21 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo	- norte e oeste do PR (DV) - sudoeste do PR (G)			- noroeste, centro-oeste e sudoeste do RS (P)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
MS	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
SUL	176,5	248,8	41,0	1.879	2.559	36,2	331,7	636,7	92,0
PR	58,1	52,0	(10,5)	1.959	2.384	21,7	113,8	124,0	9,0
RS	118,4	196,8	66,2	1.840	2.605	41,6	217,9	512,7	135,3
CENTRO-SUL	189,5	261,8	38,2	1.853	2.506	35,2	351,2	656,2	86,8
BRASIL	189,5	261,8	38,2	1.853	2.506	35,2	351,2	656,2	86,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

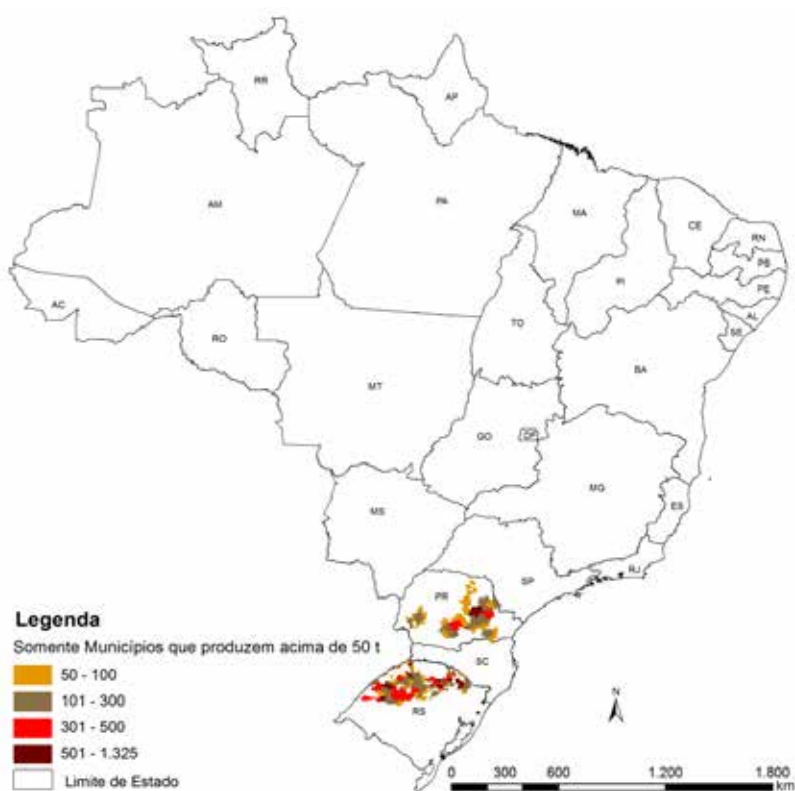
8.2.2. CANOLA

Estima-se uma área total a ser plantada no Paraná de 5,9 mil hectares, mas esta área pode sofrer alteração. Na região de Jacarezinho, com a semeadura mais tardia, a estimativa de área é de 300 hectares, com início de plantio em junho. As condições climáticas com chuvas acima da média e temperaturas amenas, tem contribuído para o bom desenvolvimento das lavouras já implantadas. Por isso a produtividade esperada é 21,7% superior à safra anterior, que ameniza parcialmente a perda de área.

A área cultivada com canola deverá crescer 6,8% em relação à safra anterior devido aos bons resultados obtidos e preços remuneradores. O fator limitante continua sendo a disponibilidade de sementes. Espera-se uma produção total no Rio Grande do Sul de 58,5 mil toneladas de canola.

Portanto, no Brasil, a área de canola deverá ter um incremento de 2% na área plantada e 23,8% na produtividade, proporcionando uma produção total de 69,3 mil toneladas.

















Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	45,3	2,0	1.236	1.530	23,8	54,9	69,3	26,2
PR	7,9	6,3	(20,3)	1.403	1.708	21,7	11,1	10,8	(2,7)
RS	36,5	39,0	6,8	1.200	1.500	25,0	43,8	58,5	33,6
CENTRO-SUL	44,4	45,3	2,0	1.236	1.530	23,8	54,9	69,3	26,2
BRASIL	44,4	45,3	2,0	1.236	1.530	23,8	54,9	69,3	26,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.2.3. CENTEIO

A cada ano os relatos indicam uma maior dificuldade de se encontrar informações sobre as lavouras de centeio.

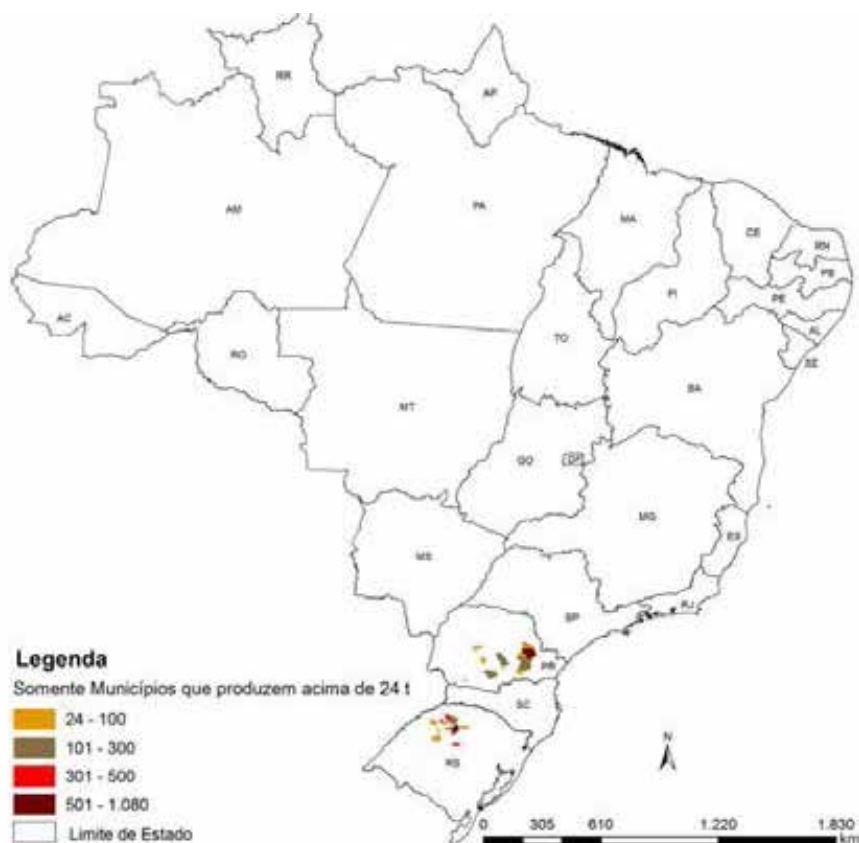
No Paraná as informações são que 33% dos 1,1 mil hectares estão plantados. Isso representa 8,3% menos do que a safra anterior. Espera-se, no entanto, um incremento de 26% na produtividade, chegando a 2.381 kg/ha, com isso uma produção total de 2,6 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul não há informações conclusivas sobre área, produtividade e produção. Nos próximos levantamentos acredita-se que se tenha mais informações sobre a cultura.

No geral, a produção total do centeio no Brasil deverá ser de 3,3 mil toneladas, com produtividade média de 2.063 kg/ha.



Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	1,6	(5,9)	1.706	2.063	20,9	2,9	3,3	13,8
PR	1,2	1,1	(8,3)	1.890	2.381	26,0	2,3	2,6	13,0
RS	0,5	0,5	-	1.200	1.367	13,9	0,6	0,7	16,7
CENTRO-SUL	1,7	1,6	(5,9)	1.706	2.063	20,9	2,9	3,3	13,8
BRASIL	1,7	1,6	(5,9)	1.706	2.063	20,9	2,9	3,3	13,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



8.2.4. CEVADA

A cevada terá nova investida da indústria cervejeira que pretende fomentar a produção e plantar no Rio Grande do Sul área de 51,8 mil hectares. Há aceitação dos produtores pelo fato de que o produto que não serve para produção de malte pode ser usado para fabricação de ração por apresentar alto teor de proteína. A produtividade esperada é de 2.864 kg/ha, bem superior à safra anterior, que foi fortemente afetada pelos fatores climáticos. Com isso a expectativa que a produção total seja de 148,4 mil toneladas.

No Paraná apenas 3% da área estimada de cevada está plantada e a previsão é que sejam plantados 41,9 mil hectares. Comparativamente, as lavouras do Paraná sofreram menos com o clima do que as lavouras do Rio Grande do Sul, na safra passada. Por isso o incremento de produtividade será menor, crescerá 3,8% em relação à safra passada.

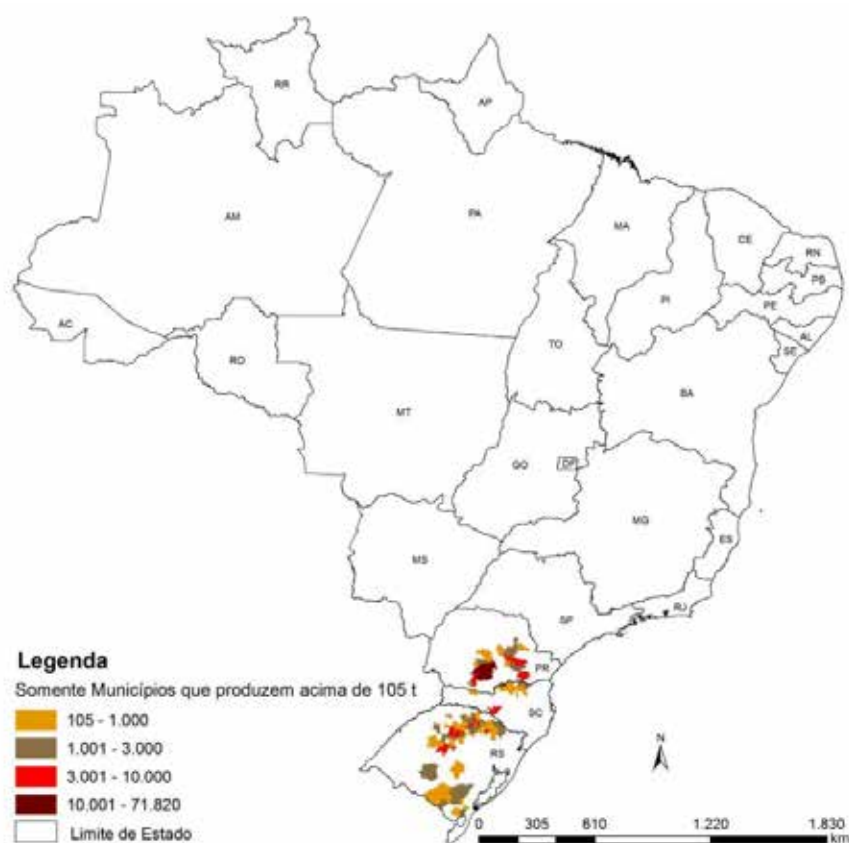
Devido, entre outros, o péssimo resultado da safra 2015 em Santa Catarina, em que a produção foi afe-

tada pelas más condições climáticas, as quais influenciaram negativamente a qualidade e rendimento, há uma expectativa de redução na intenção de plantio para a atual safra de cevada.

A falta de interesse por parte das empresas que fomentam o cultivo para produção de malte indicam redução de 60,7% na área plantada, ficando em 1,1 mil hectares. No decorrer das próximas semanas, quando se aproximar o início do período de plantio, podem haver mudanças na intenção de investimento na cultura, caso haja disponibilidade de sementes e interesse por parte do produtor. Espera-se que haja recuperação da produtividade e que a produção total em Santa Catarina seja de 3,2 mil toneladas.

A produção brasileira, portanto, deverá ser de 312 mil toneladas, 18,6% maior do que a safra anterior, impulsionada, principalmente, pelo incremento de 28,2% na produtividade média.















Figura 44 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab

Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	94,8	(7,4)	2.568	3.291	28,2	263,0	312,0	18,6
PR	50,1	41,9	(16,4)	3.689	3.828	3,8	184,8	160,4	(13,2)
SC	2,8	1,1	(60,7)	1.380	2.932	112,5	3,9	3,2	(17,9)
RS	49,5	51,8	4,6	1.500	2.864	90,9	74,3	148,4	99,7
CENTRO-SUL	102,4	94,8	(7,4)	2.568	3.291	28,2	263,0	312,0	18,6
BRASIL	102,4	94,8	(7,4)	2.568	3.291	28,2	263,0	312,0	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.2.5. TRIGO

Segundo dados do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (USDA)¹, o trigo (*Triticum aestivum* L.) é a cultura mais plantada no mundo. Em termos de produção, estima-se que a produção mundial seja de 2,7 bilhões de toneladas.

A cultura do trigo era caracterizada historicamente como cultura de inverno e era produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa para melhoramento genético, as plantações de trigo espalharam-se por outras regiões do Brasil, como o Centro-Oeste e Sudeste.

O comportamento climático irregular no decorrer dos últimos anos vem sendo fundamental na tomada de decisão do agricultor em investir nas lavouras de trigo. Na busca constante da melhoria e qualificação das informações da safra agrícola, a Conab utiliza-se de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de inverno. Esse procedimento será adotado até o momento em que as informações de produtividade forem apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agro-meteorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas. Portanto, as informações são preliminares e sujeitas à reavaliação nos próximos levantamentos, onde os produtores de trigo tomarão a decisão final acerca do cultivo do trigo ou

substituição por outras culturas de acordo com diversos parâmetros de mercado.

As condições das lavouras de trigo no Paraná são favoráveis para o desenvolvimento (temperaturas baixas e amenas e umidade do solo) que contribuem para a continuidade da semeadura. Se as previsões de temperaturas amenas se confirmarem, o clima favorecerá ainda o desenvolvimento das lavouras.

A cultura encontra-se com cerca de 59% da área plantada, com lavouras em desenvolvimento vegetativo e em boas condições, embora o clima esteja bastante chuvoso para maio. Destaca-se que este clima chuvoso está atrasando os plantios em algumas regiões, que deverão retornar com força a partir de junho.

Há previsão de redução de 14,4% na área plantada com trigo no Paraná. O estado não apresentou perdas significativas na produtividade na safra anterior e para a atual safra se prevê aumento de 8,7% nesse item. Mesmo assim, a produção total será 7% inferior.

No Rio Grande do Sul não se pode definir a área que será semeada com 100% de segurança, pois o plantio se estende até julho. A implantação da lavoura dessa safra teve início em maio de forma um tanto tímida. Há pendências da safra passada que impedem o



avanço do plantio, principalmente entraves burocráticos dos produtores que sofreram com perdas e tiveram que acionar o seguro agrícola.

As estimativas iniciais de área cultivada com trigo nessa safra indicam redução de 11,2% e ficará em 765 mil hectares. Considerando as enormes perdas na safra anterior, onde as produtividades ficaram muito baixas, espera-se a recuperação desse índice, chegando a 2.725 kg/ha. Com isso espera-se que a produção total seja 42,4% maior do que a safra anterior, estimada em 2,1 milhões de toneladas.

Devido ao resultado negativo da safra passada em Santa Catarina, causado pelas más condições climáticas, há tendência de redução do plantio na safra atual, o qual deve ser feito por produtores tradicionais. Não há, ainda, uma informação precisa sobre a área efetiva a ser semeada, haja vista que em muitas regiões os produtores estão ainda finalizando a colheita da safra de verão. Outro fator que pode pesar na decisão do produtor é a incerteza em relação ao clima dos próximos meses, principal fator responsável pelo resultado da safra, como ocorrido na do ano passado.

As informações iniciais mostram uma redução de 20% da área em relação ao total semeado na safra passada, podendo variar para mais ou para menos no decorrer dos próximos meses. A quebra na produção de sementes locais, resultado do clima adverso do ano passado, forçou muitas empresas a buscar o insumo em outros estados, como Paraná e Rio Grande do Sul. Espera-se a recuperação na produtividade média, que deve ficar em 3.178 kg/ha e que, com isso, recupere a produção total no estado, que deve ficar em 165,3 mil toneladas.

A intenção de plantio de trigo no Mato Grosso do Sul tende a um aumento da área cultivada em relação à safra passada, 6,7%, podendo atingir em torno de 16 mil hectares. Estes números poderão sofrer algumas alterações, pois a cultura encontra-se em fase final de implantação, que deve ser concluída no decorrer

de junho. Para esta safra espera-se que sejam colhidos 2.054 kg/ha, mantendo o índice próximo da safra passada. Com isso a produção total será de 32,9 mil toneladas, 9,7% superior à safra 2015.

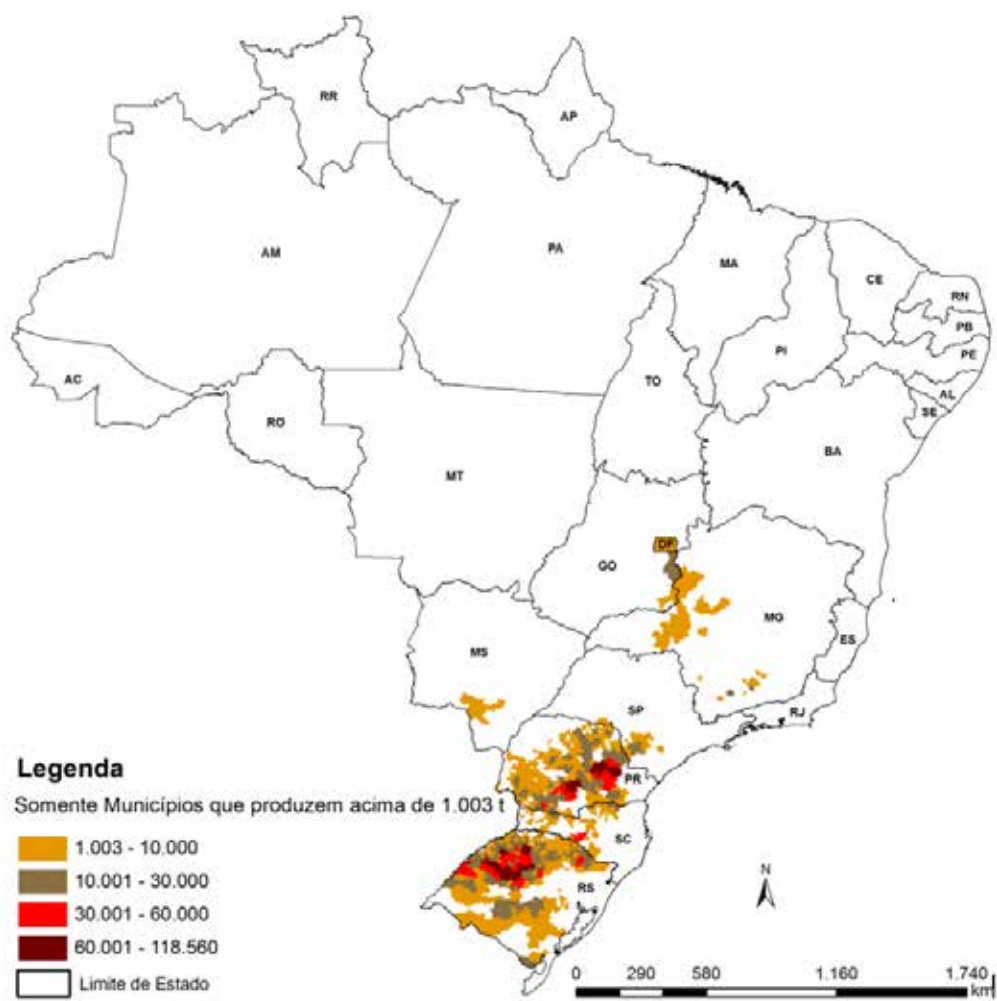
A produção de trigo no Brasil central, Goiás e Distrito Federal, não está implantada e por isso os dados ainda são da safra anterior. A competitividade de outras culturas como o feijão e o milho farão com que os produtores optem pela a mais lucrativa. No próximo levantamento as informações desses dois estados serão mais concretas.

O plantio do trigo em Minas Gerais está mais atrasado este ano, em razão da falta de chuvas e das altas temperaturas registradas em de abril. Dessa forma, as lavouras foram implantadas em sua maior parte a partir de maio e se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo. As informações a respeito do plantio de trigo irrigado nas regiões do Noroeste de Minas e Alto Paranaíba ainda carecem de consistência, uma vez que os produtores reclamaram muito de problemas de comercialização e também devido à indisponibilidade de água para suprir a necessidade da planta. Espera-se a consolidação da área plantada no próximo levantamento, porém a expectativa é que haja redução de 10,7% na área plantada. A redução é atribuída às condições climáticas desfavoráveis e ao crescimento significativo da área plantada com milho segunda safra na região, tendo em vista a sua melhor cotação. A produtividade esperada é de 3.070 kg/ha, 3% superior à safra 2015.

Conforme informações do estado de São Paulo pode-se verificar a intenção de redução de área plantada. Entre os motivos alegados está a competitividade do milho que segue em alta, por exemplo. Com isso haverá redução de 22% na área plantada, aumento de 0,2% na produtividade média e, por consequência, redução de 21,8% na produção total no trigo paulista. Em resumo, a produção do trigo no Brasil deverá ter acréscimo de 6,3% em relação à safra passada, atingindo 5,9 milhões de toneladas.















Figura 45 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

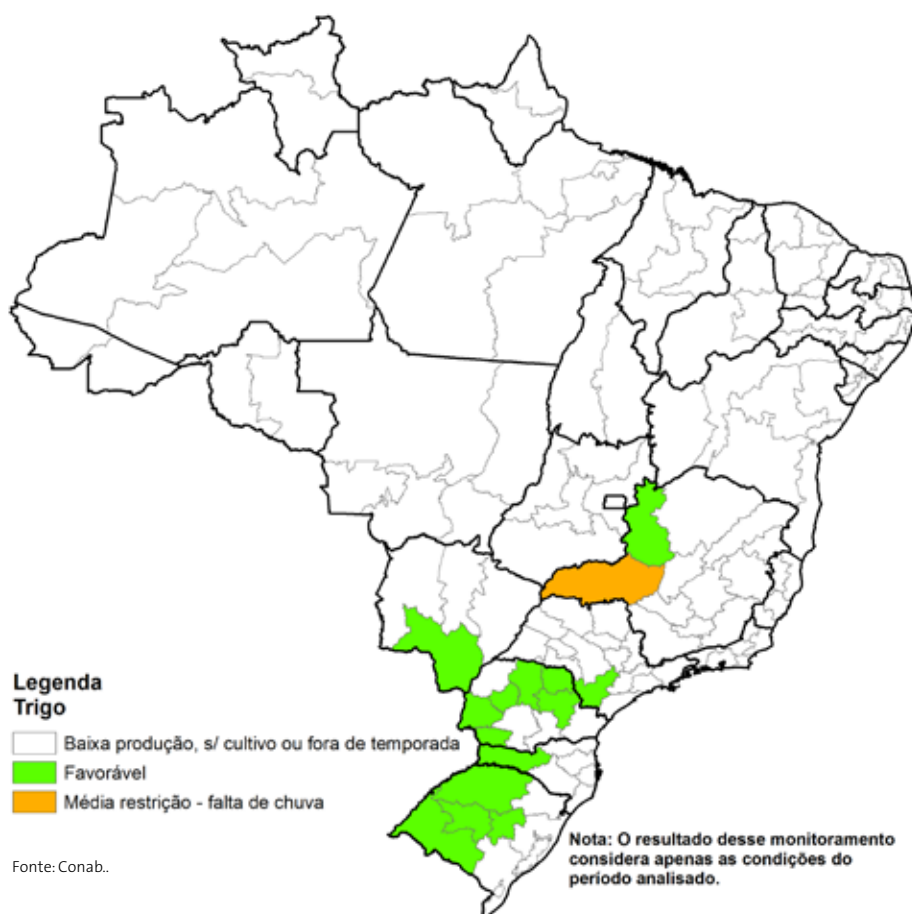
Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Figura 41 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 21 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo	<ul style="list-style-type: none"> - noroeste de MG (DV/F) (irrigado) - sudoeste do MS (DV/F) - sul de SP (DV) - norte e oeste do PR (DV) - leste e sudoeste do PR (G) 		<ul style="list-style-type: none"> - noroeste, centro e sudoeste do RS (P) 	<ul style="list-style-type: none"> - Triângulo de MG (DV/F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	26,2	24,4	(6,9)	3.363	3.164	(5,9)	88,1	77,2	(12,4)
MS	15,0	16,0	6,7	2.000	2.054	2,7	30,0	32,9	9,7
GO	9,6	7,3	(24,0)	5.054	5.182	2,5	48,5	37,8	(22,1)
DF	1,6	1,1	(31,3)	6.000	5.939	(1,0)	9,6	6,5	(32,3)
SUDESTE	156,4	131,3	(16,0)	3.247	3.280	1,0	507,8	430,7	(15,2)
MG	82,2	73,4	(10,7)	2.982	3.070	3,0	245,1	225,3	(8,1)
SP	74,2	57,9	(22,0)	3.541	3.547	0,2	262,7	205,4	(21,8)
SUL	2.266,2	1.964,0	(13,3)	2.179	2.736	25,6	4.939,0	5.374,3	8,8
PR	1.339,9	1.147,0	(14,4)	2.506	2.724	8,7	3.357,8	3.124,4	(7,0)
SC	65,0	52,0	(20,0)	1.800	3.178	76,6	117,0	165,3	41,3
RS	861,3	765,0	(11,2)	1.700	2.725	60,3	1.464,2	2.084,6	42,4
CENTRO-SUL	2.448,8	2.119,7	(13,4)	2.260	2.775	22,8	5.534,9	5.882,2	6,3
BRASIL	2.448,8	2.119,7	(13,4)	2.260	2.775	22,8	5.534,9	5.882,2	6,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.

8.2.5. OFERTA E DEMANDA

A produção de trigo no Brasil, estimada pela Conab em 5,88 milhões de toneladas, deverá ser 6,3% maior que o volume produzido em 2015/16. Além de maior, espera-se uma safra com qualidade superior à obtida no ano anterior, muito prejudicada pela ocorrência do fenômeno El Niño, excessivamente chuvoso, principalmente no do Rio Grande do Sul, que afetou também o Uruguai e Argentina.

A safra 2016/17 deverá equivaler a 56% da demanda brasileira de trigo em grão, favorecendo, dessa forma, o desempenho da indústria moageira nacional com matéria-prima de qualidade superior e, espera-se, isenta de micotoxinas devido ao clima favorável para esse cereal, dessa vez, com a ocorrência do fenômeno La Niña, com clima comprovadamente favorável à produção de trigo no Brasil e Argentina.

A oferta de trigo no Mercosul será ampla, estimando-se que a produção na Argentina evolua de 11,3 para 14,5 milhões de toneladas, suprimindo o mercado com trigo de boa qualidade. Com isso, aquele país será superavitário em 8 milhões de toneladas, exigindo, assim, a continuidade de seu bom desempenho exportador, como já se observa recentemente.

Maior oferta de trigo no Mercosul, podendo elevar-se a 22,5 milhões de toneladas frente a um consumo de 18 milhões de toneladas, sinaliza a possibilidade de menores preços da matéria-prima, reduzindo os elevados custos da indústria de moagem e favorecendo o consumidor final.

O ano safra 2015/16, que se finda em julho, poderá ter importação de 5,25 milhões de toneladas, inferior em 1,5% a do período 2014/15 e 25% menor que a do período 2012/13, com 7 milhões de toneladas importadas. Entre agosto de 15 e maio de 16 a importação brasileira, de acordo com a Secex, foi de 4,37 milhões de toneladas, ao custo total de US\$ 900,6 milhões. O trigo de origem argentino até o mês de maio participou com 62,5% do total; o paraguaio, com 18,7%; o uruguaio, com 9,5%; o estadunidense, com 8,6% e o canadense, com 0,6%.

Quanto às exportações, nesse período negociou-se com o exterior 1,05 milhão de toneladas. O Vietnã adquiriu 32% do total; Filipinas 28,3%; Colômbia 12,4%; Tailândia 10,4%; Equador 5,9%; e Indonésia e Israel 5%, por país.

Essas operações foram favorecidas pelos baixos preços do petróleo, que reduziu os valores dos fretes internacionais, assim, como pelos menores preços do trigo de uma safra com menor qualidade.

Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo para consumo industrial, a previsão da moagem em 2015/16 foi reduzida para 9,9 milhões de toneladas, ante 10,2 milhões no período anterior. Prevê-se, para 2016/17, o início do período de recuperação da moagem de trigo, impulsionado inicialmente por maior disponibilidade de matéria-prima a menores preços internos.



Constata-se que o estoque final da safra 2015/16 será menor que o volume exigido para um mês de consumo devido à reduzida produção física, além da qualidade comprometida pelo excesso de chuva.

Em 2016/17 estima-se menor volume de exportação devido à melhor qualidade que se espera da produção, tornando a matéria-prima mais cara e, dessa for-

ma, menos competitiva para os padrões dos importadores asiáticos.

De maneira similar ao ano anterior, o estoque final em 2016/17 também será pequeno e estará vinculado ao volume que se espera de exportações que poderão ser menores que o estimado.

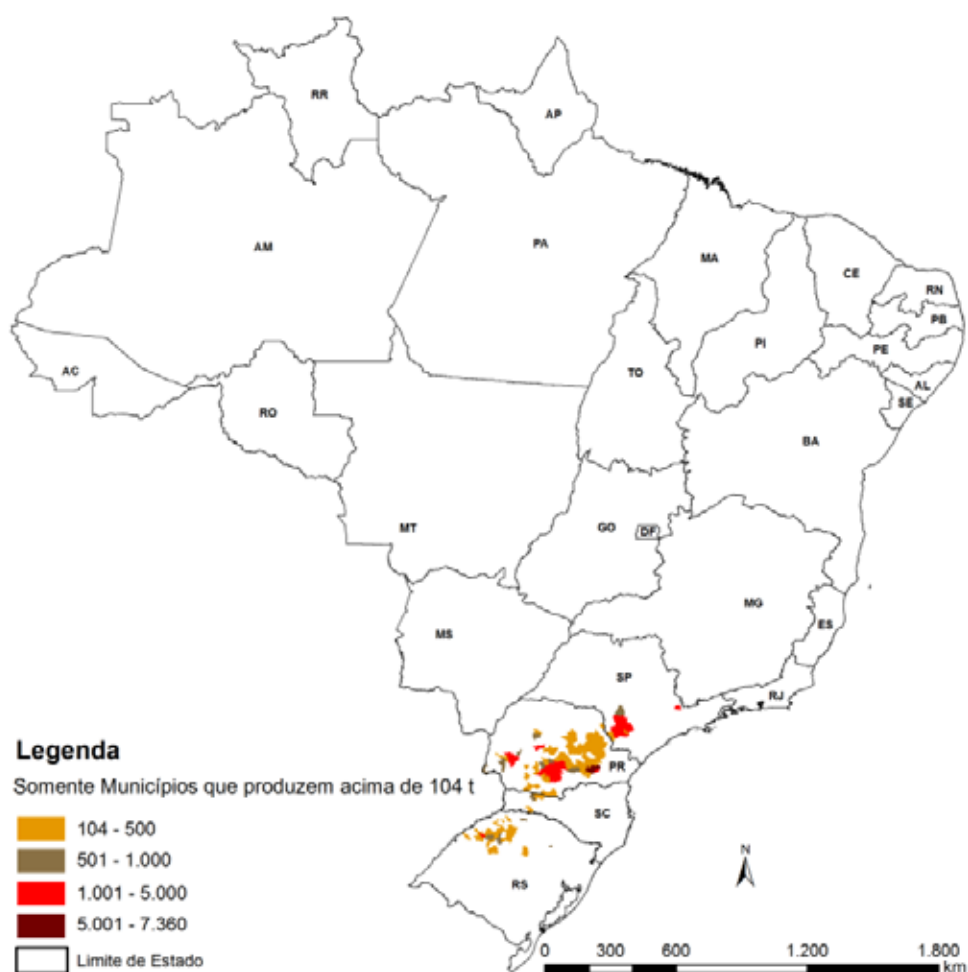
8.2.6. TRITICALE

A dificuldade de informações relatadas na cultura do centeio serve para o triticale. Segundo o levantamento realizado esta cultura terá área reduzida em todos os estados produtores, reduzindo em 10,7% a área plantada. Mesmo com leve recuperação nos índices de produtividade a produção total deve recuar em 8,3%, ficando em 52,2 mil toneladas.

No Paraná a redução da área plantada será de 19,3%,

sendo plantados 8,8 mil hectares. O plantio é mais tardio do que o trigo e deve ser intensificado em julho. Algumas áreas são fomentadas para garantir o fornecimento do grão para a indústria de panificação, para produção de algumas massas especiais. A maior parte dos grãos colhidos é destinado à ração. O triticale paranaense é aproximadamente 50% do produzido no Brasil, ou seja, espera-se uma produção de 25,3 mil toneladas de triticale no Paraná.






























Figura 46 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 28 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Tabela 52 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	4,1	(4,7)	3.140	3.122	(0,6)	13,5	12,8	(5,2)
SP	4,3	4,1	(4,7)	3.133	3.110	(0,7)	13,5	12,8	(5,2)
SUL	17,2	15,1	(12,2)	2.523	2.609	3,4	43,4	39,4	(9,2)
PR	10,9	8,8	(19,3)	2.829	2.875	1,6	30,8	25,3	(17,9)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.146	14,8	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.243	11,3	11,5	12,8	11,3
CENTRO-SUL	21,5	19,2	(10,7)	2.647	2.719	2,7	56,9	52,2	(8,3)
BRASIL	21,5	19,2	(10,7)	2.647	2.719	2,7	56,9	52,2	(8,3)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Junho/2016.





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 53 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.411,1	20,0	1.780,2	750,0	740,0	290,2
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.500,0	1.362,1	958,0
	2015/16	958,0	10.657,4	1.200,0	12.815,4	11.500,0	1.100,0	215,4
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.115,3	156,7	3.575,8	3.350,0	122,6	103,2
	2015/16	103,2	2.925,7	150,0	3.178,9	2.950,0	120,0	108,9
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	316,1	96.824,0	56.145,0	30.172,3	10.506,7
	2015/16	10.506,7	76.223,0	1.000,0	87.729,7	56.524,2	25.400,0	5.805,5
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,0	925,7
	2015/16	925,7	95.630,9	500,0	97.056,6	42.500,0	54.100,0	456,6
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.415,0	1,0	31.251,3	15.500,0	15.200,0	551,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,2	8.327,7	6.359,2	1.669,9	298,6
	2015/16	298,6	7.702,5	40,0	8.041,1	6.380,0	1.400,0	261,1
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.613,7	1.680,5	1.274,6
	2015	1.274,6	5.534,9	5.250,0	12.059,5	10.267,3	1.050,0	742,2
	2015	742,2	5.882,2	5.400,0	12.024,4	10.418,0	800,0	806,4

Nota: Estimativa em junho de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

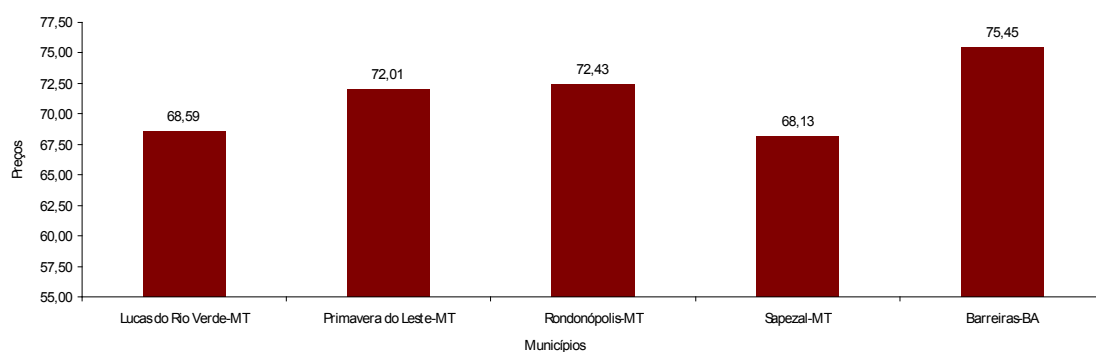
Fonte: Conab.





10. PREÇOS

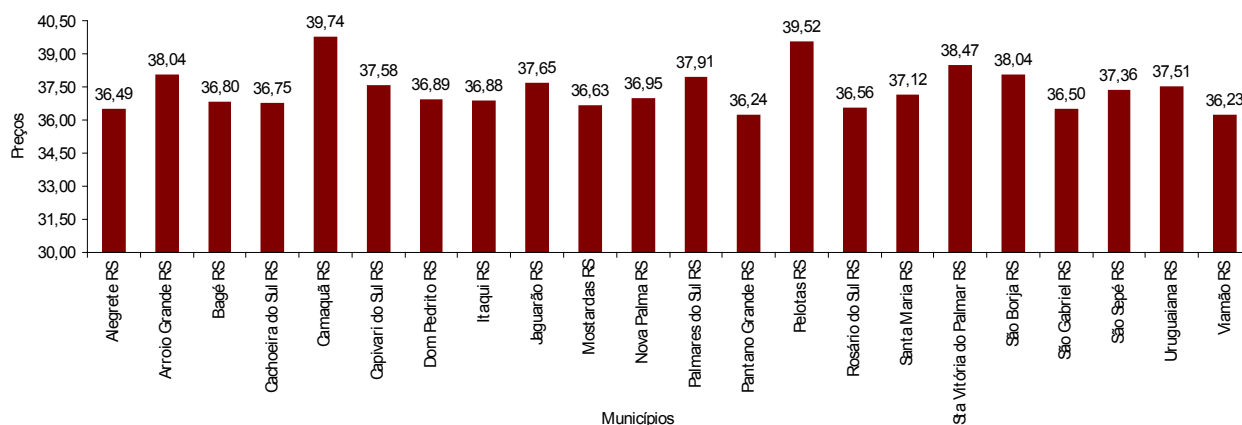
Gráfico 101 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

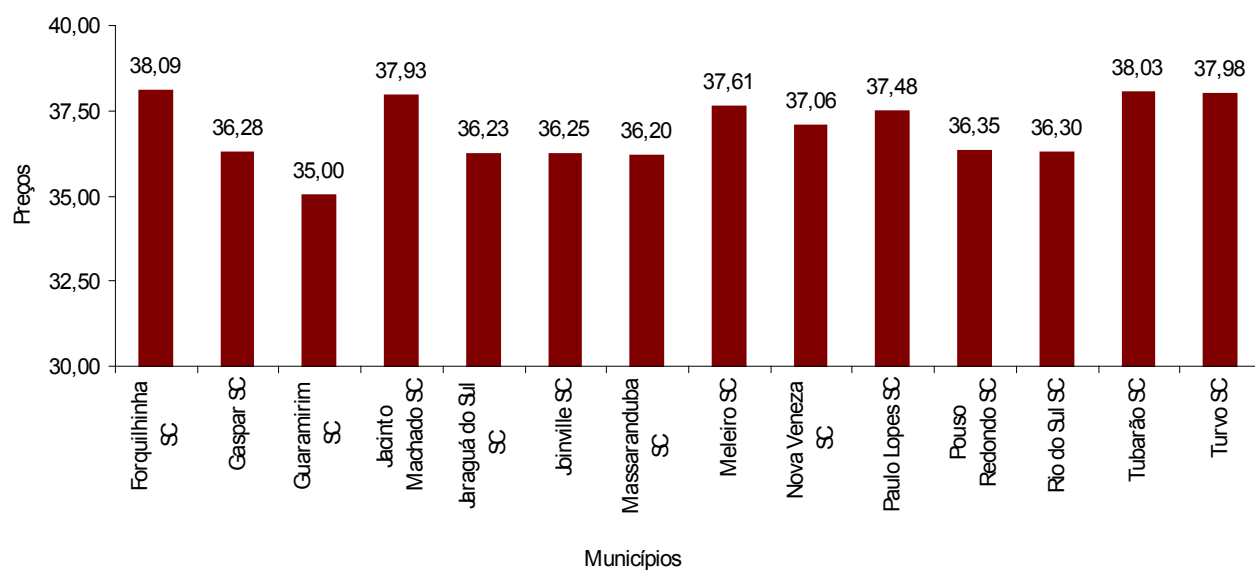
Gráfico 102 - Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 103 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

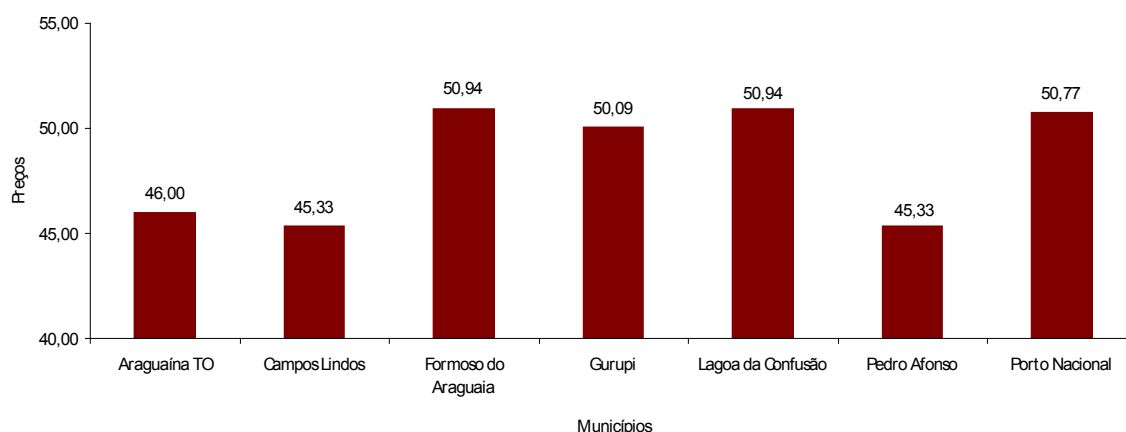


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



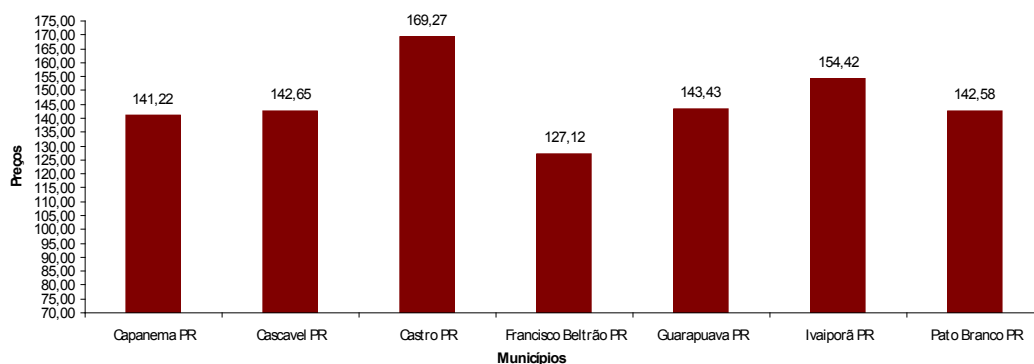
Gráfico 104 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

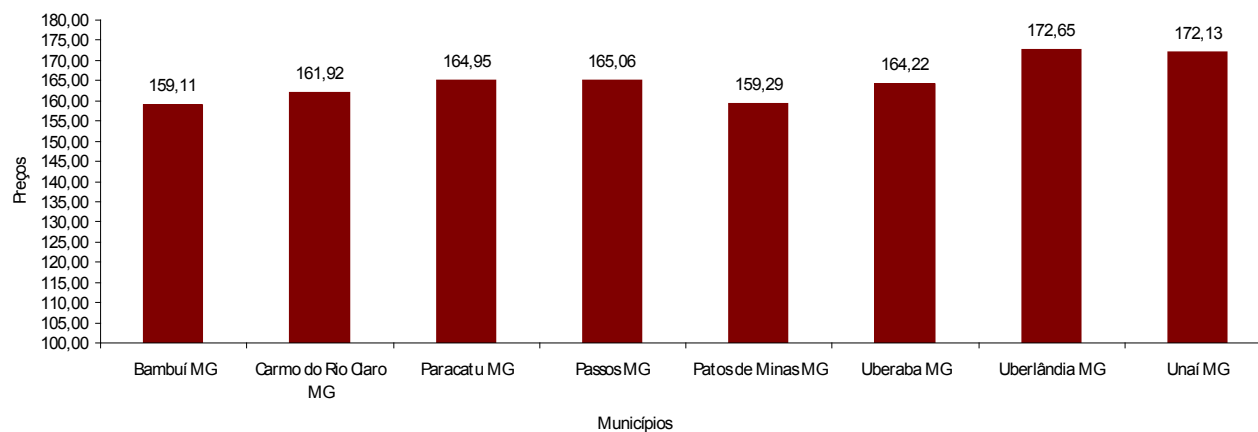
Gráfico 105 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 106 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

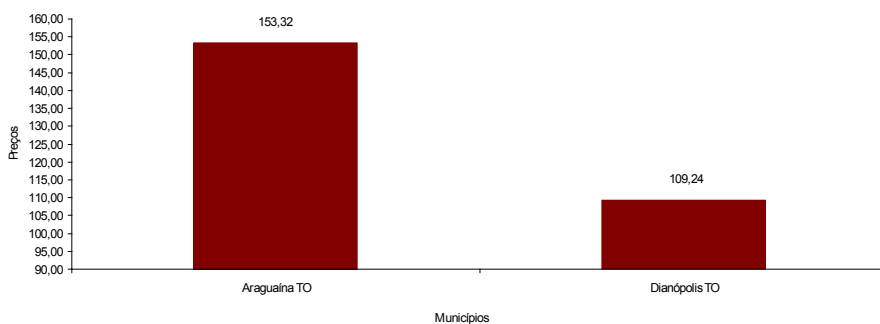


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



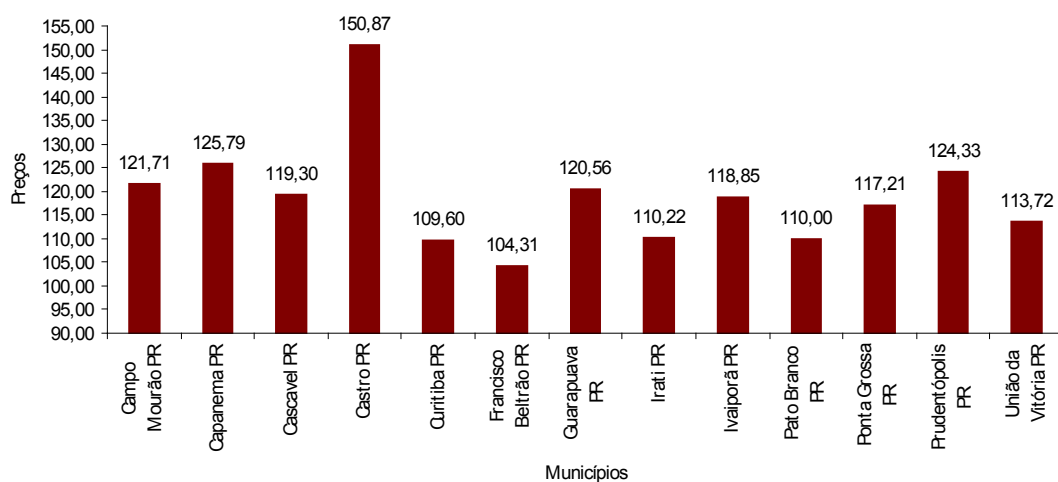
Gráfico 107 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

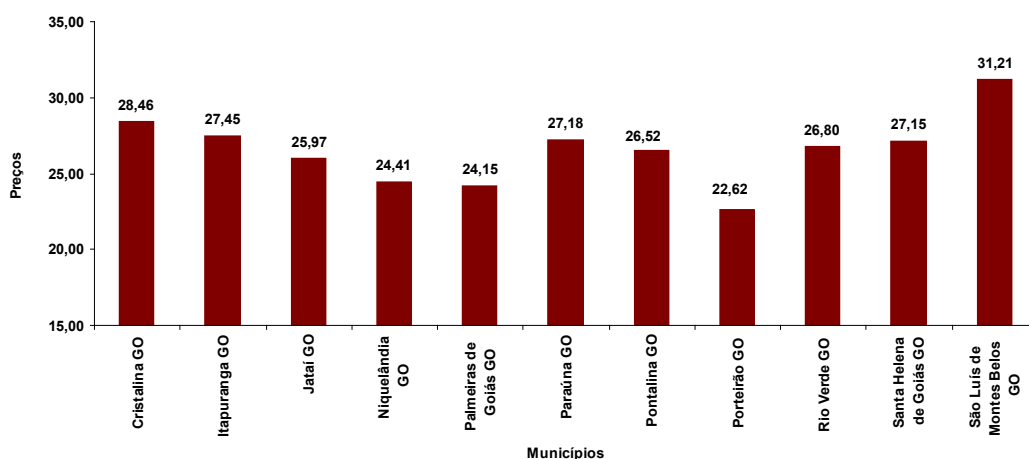
Gráfico 108 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 109 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

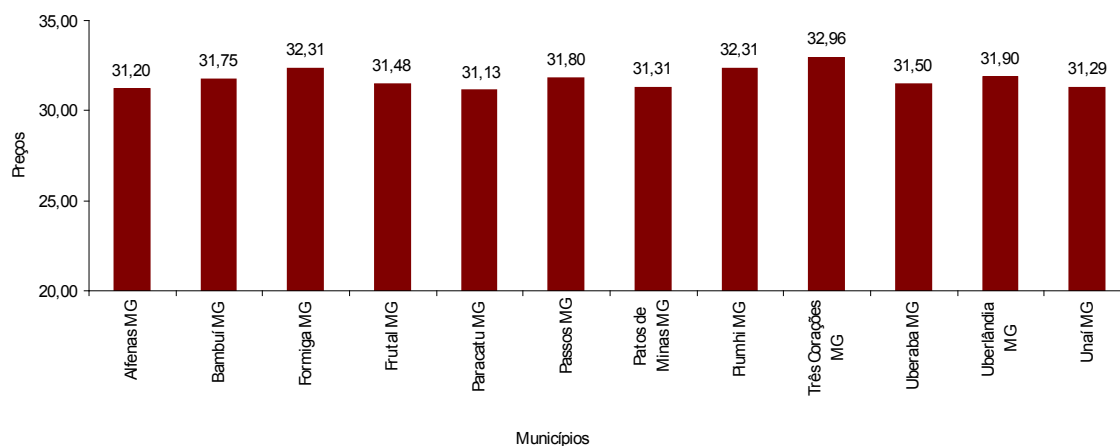


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



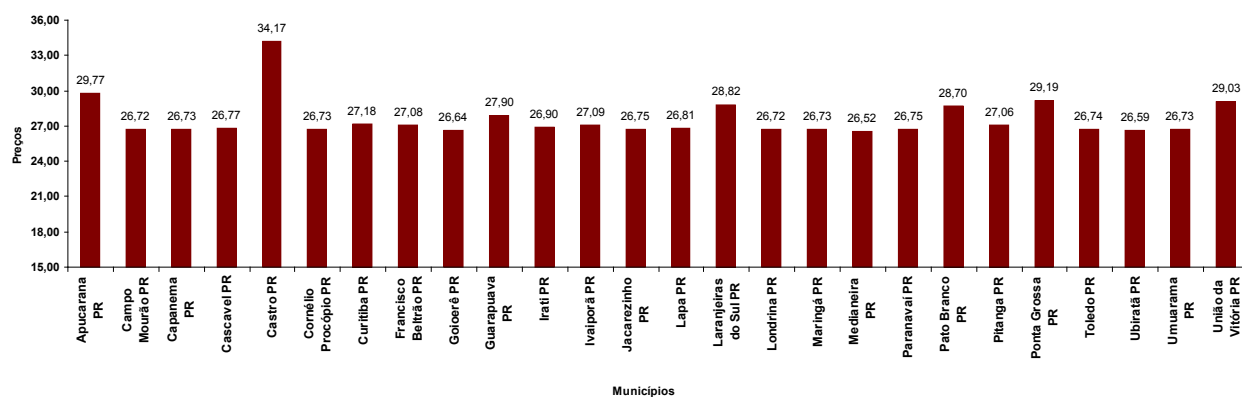
Gráfico 110 - Preço médio por município - MG (milho 6o kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

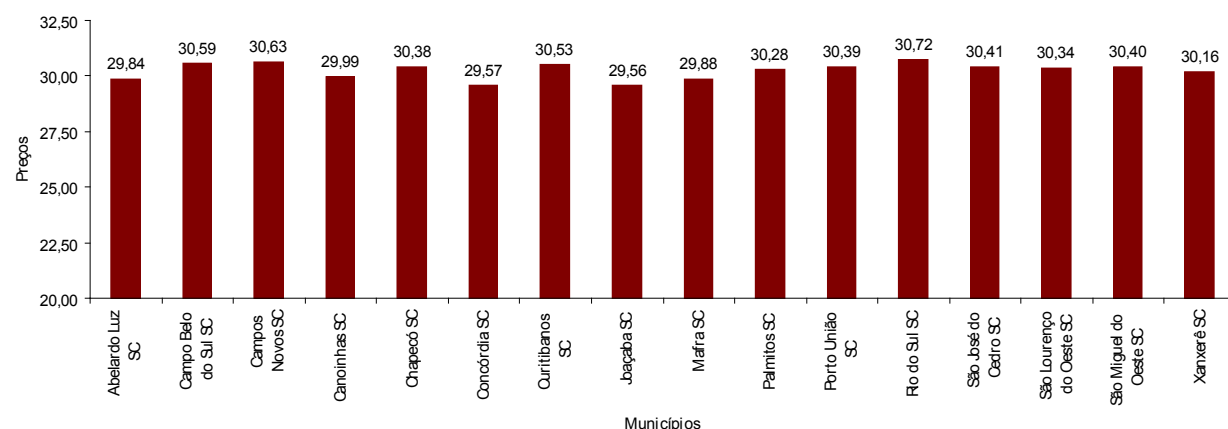
Gráfico 111 - Preço médio por município - PR (milho 6o kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 112 - Preço médio por município - SC (milho 6o kg)

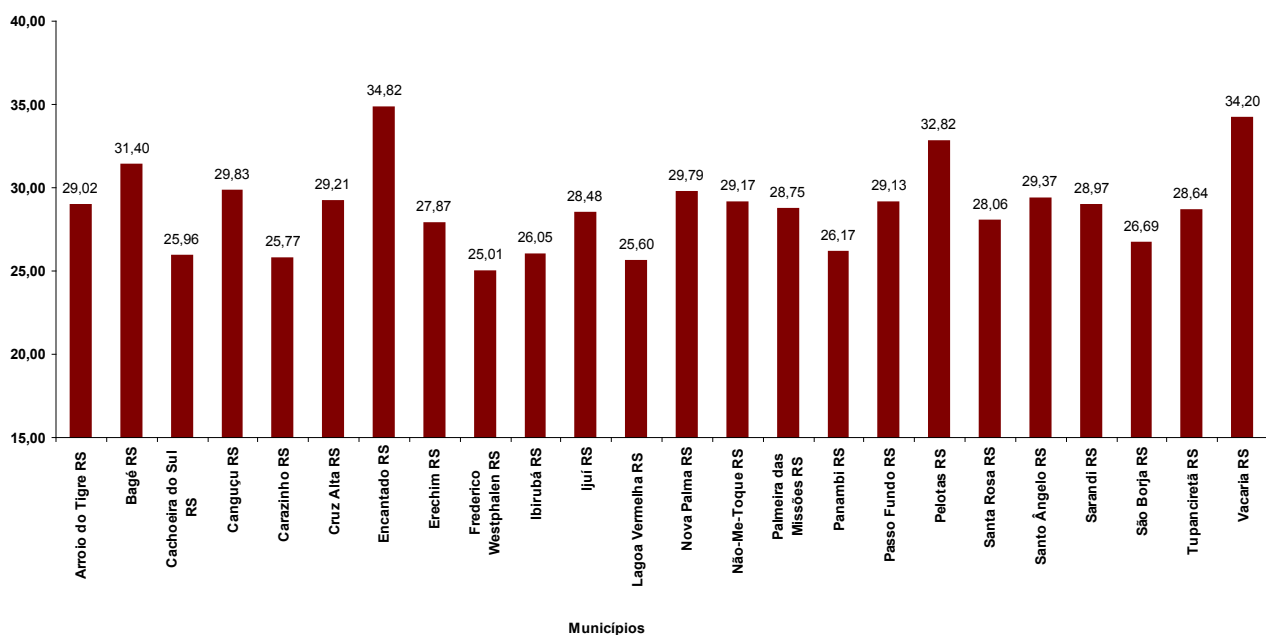


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



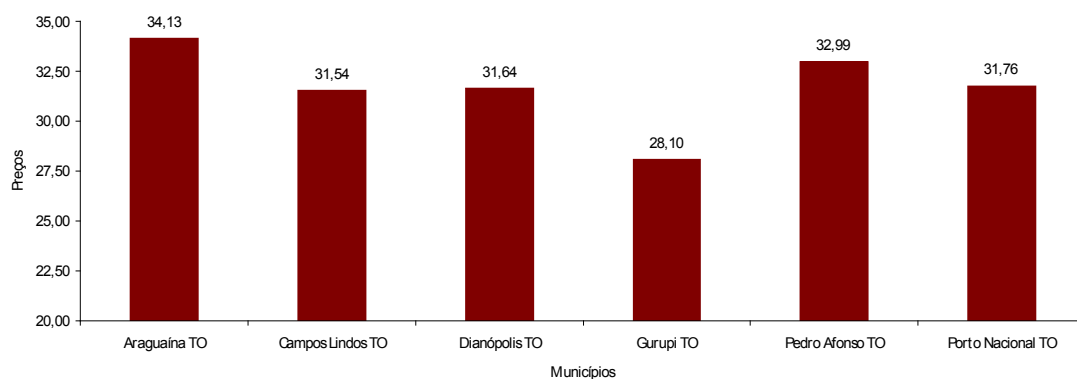
Gráfico 113 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: Maio 2015 a maio 2016

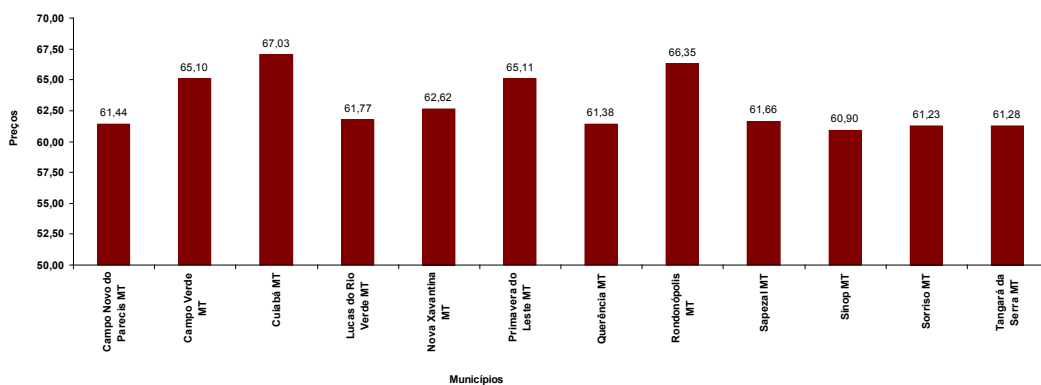
Gráfico 114 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 115 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)

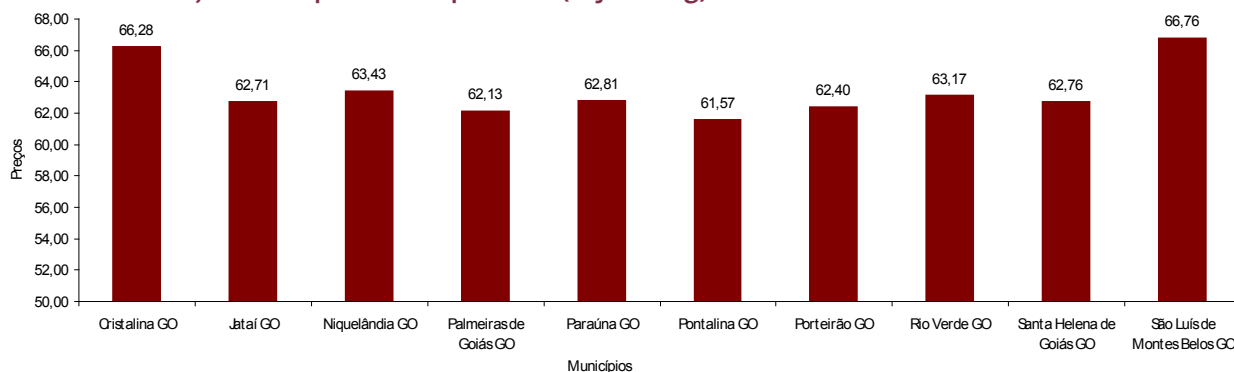


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



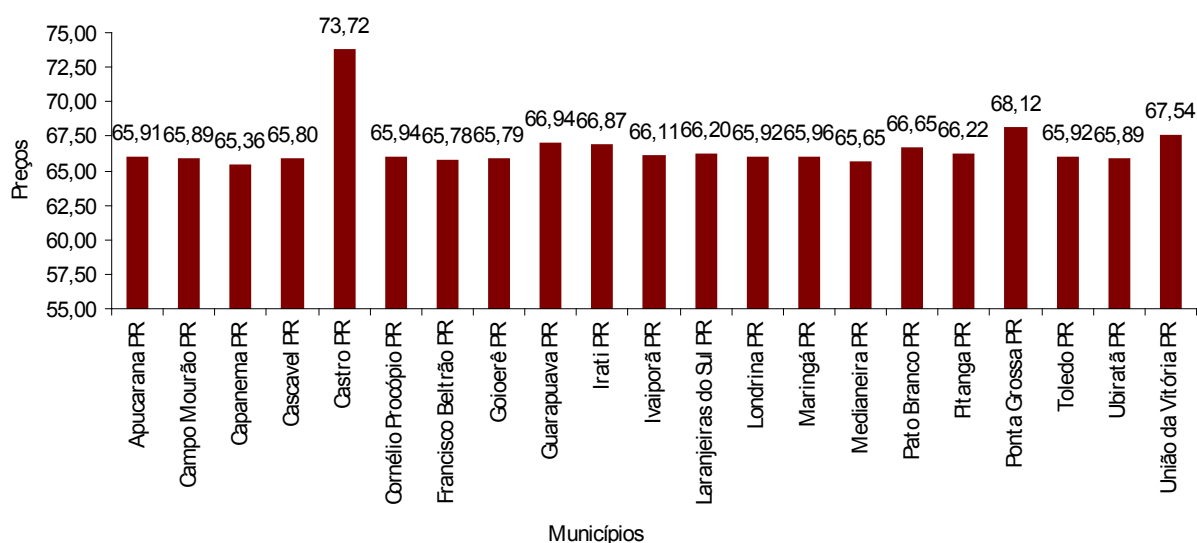
Gráfico 116 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

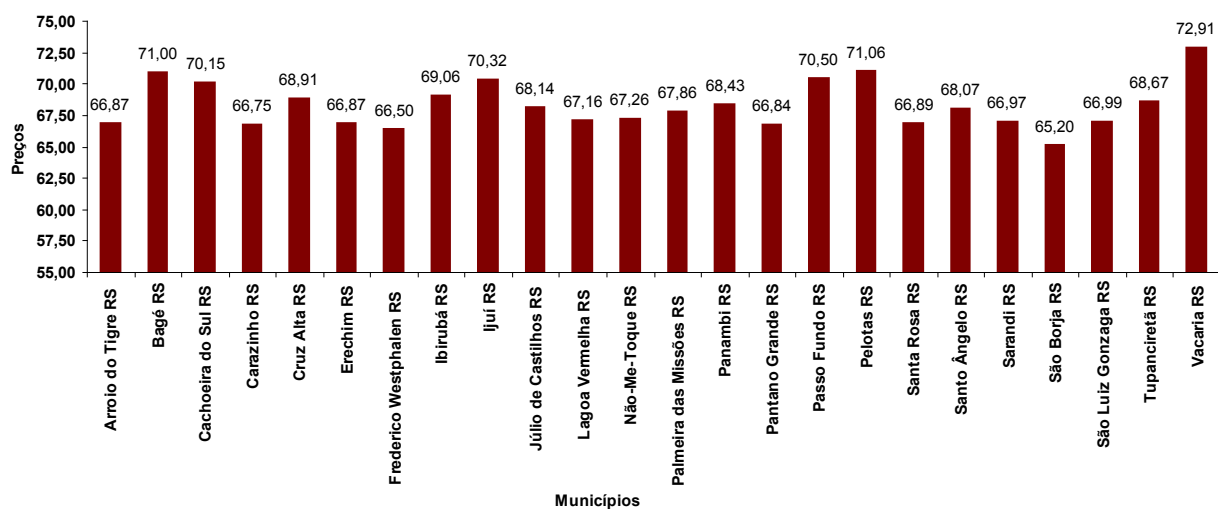
Gráfico 117 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 118 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

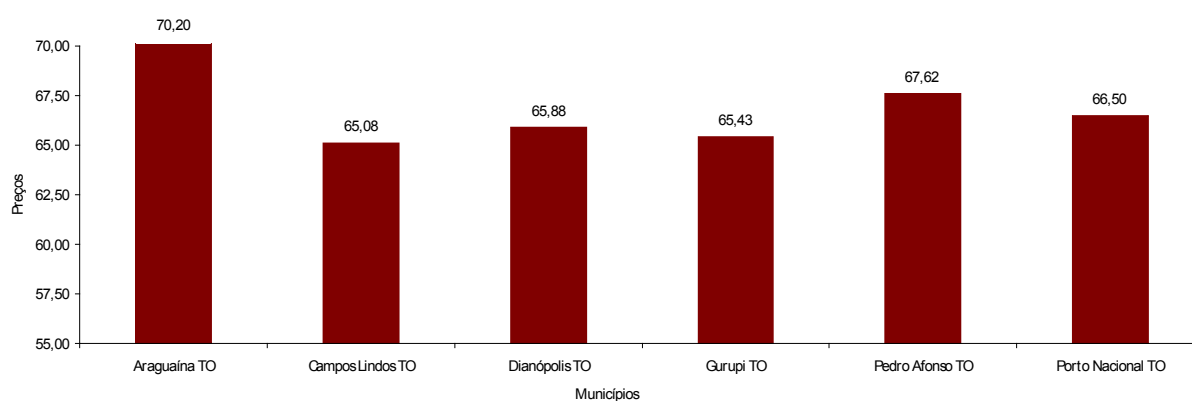


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



Gráfico 119 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

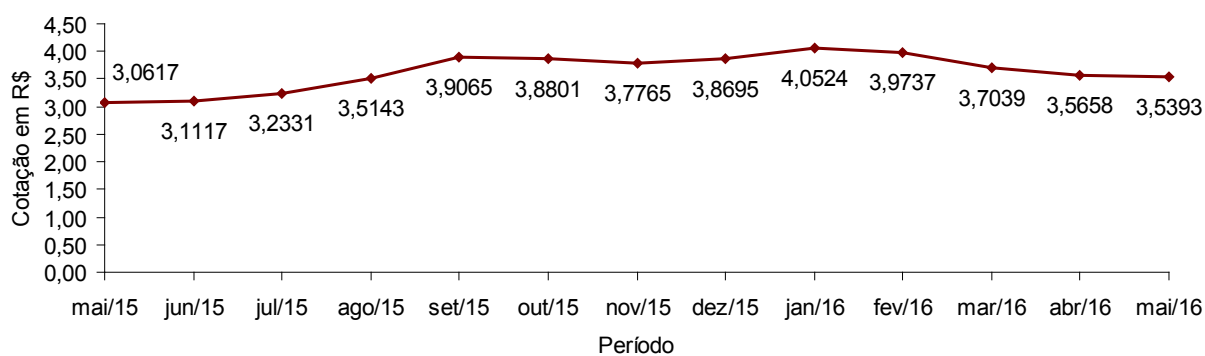




11. CÂMBIO

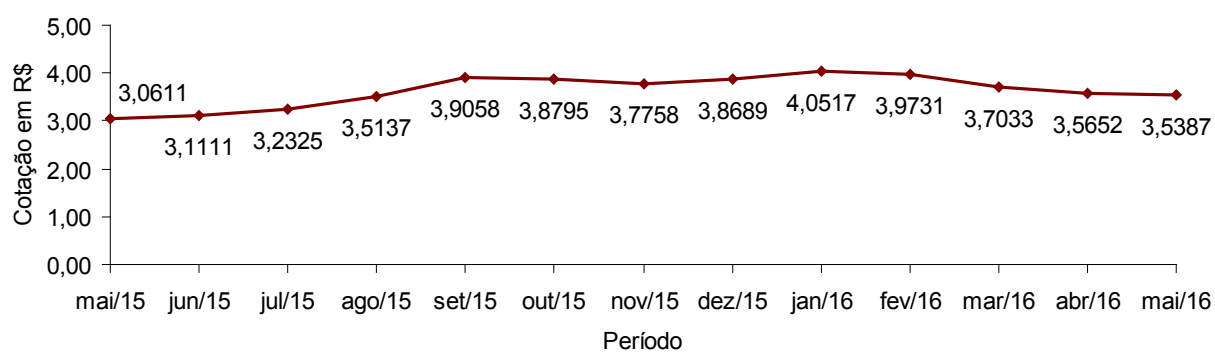
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de abril de 2015 a abril de 2016.

Gráfico 120 - Câmbio venda - maio de 2015 a maio de 2016



Fonte: Bacen.

Gráfico 121 - Câmbio compra - maio de 2015 a maio de 2016



Fonte: Bacen.





12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Em termos quantitativos, no ano de 2016 (janeiro a abril), destaca-se o incremento das exportações de algodão, arroz, milho, soja e do complexo soja, comparando com o mesmo período de 2014 e 2015.

No segmento da importação observa-se o aumento do quantitativo de feijão e milho em relação a 2014 e 2015 e de trigo comparando com 2015.

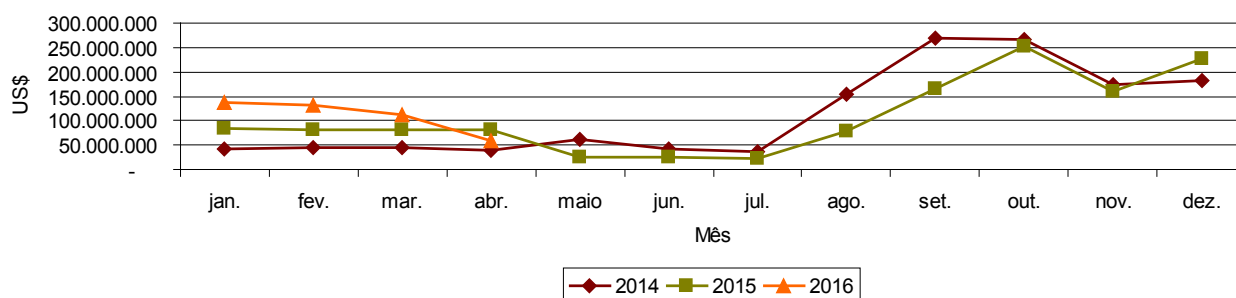
Houve redução dos preços médios de exportação em todos os produtos comentados.

O texto abaixo comenta a respeito dessas culturas.

12.1. ALGODÃO

A quantidade exportada de algodão bruto até abril de 2016 (299 mil toneladas) é superior ao mesmo período de 2014 (88,8 mil toneladas) e 2015 (210,8 mil toneladas). Cabe registrar que o preço médio de exportação para 2016 (até abril) é de U\$ 1.470,93 por tonelada, enquanto que a média de preços em 2015 e 2014 foi U\$ 1.546,76 e U\$ 1.811,99 por tonelada respectivamente.

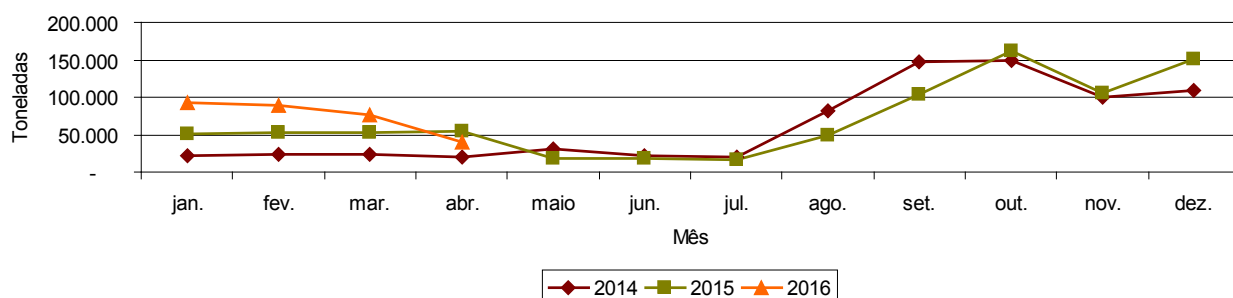
Gráfico 122 - Exportações - US\$ - Algodão, em bruto



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

Gráfico 123 - Exportações - Toneladas - Algodão, em bruto

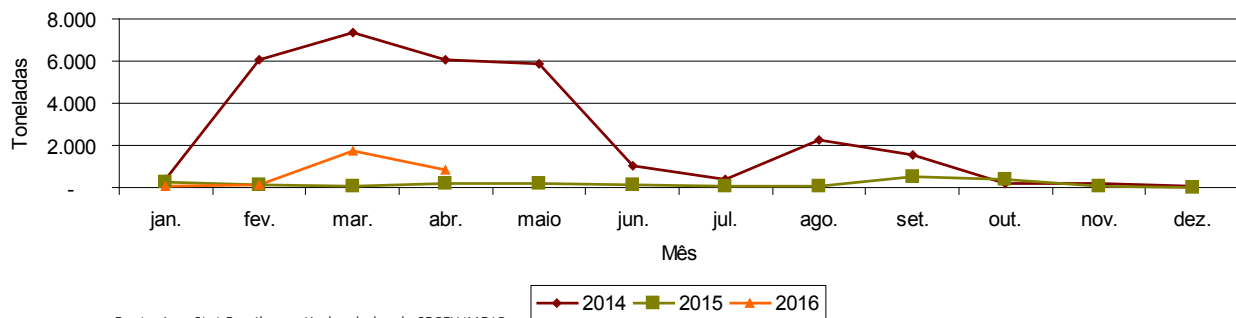


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

A importação de algodão bruto nos anos de 2014, 2015 e 2016 atingem o montante de 36 mil toneladas, com destaque para o ano de 2014.

Gráfico 125 - Importações - Toneladas - Algodão, em bruto - janeiro 2014 a março de 2016



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

12.2. ARROZ

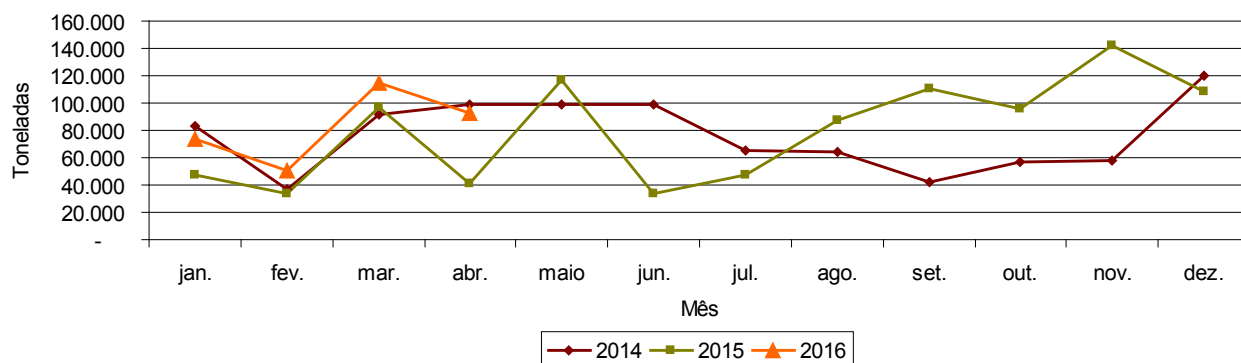
A exportação de arroz em janeiro a abril de 2016 (331,8 mil toneladas) é superior ao mesmo período de 2014 (309,8 mil toneladas) e 2015 (219,5 mil toneladas).

Os preços médios de 2014, 2015 e 2016 (até abril) foram, respectivamente, de US\$ 434,25, US\$ 444,52 e US\$ 326,25 por tonelada, respectivamente.

O montante de recursos obtidos com a exportação em 2016 é de US\$ 108,2 milhões de dólares americanos. No mesmo período (janeiro a abril) de 2014 e 2015 as receitas auferidas com a exportação foram de US\$ 134,5 e US\$ 97,5 milhões de dólares americanos, respectivamente.



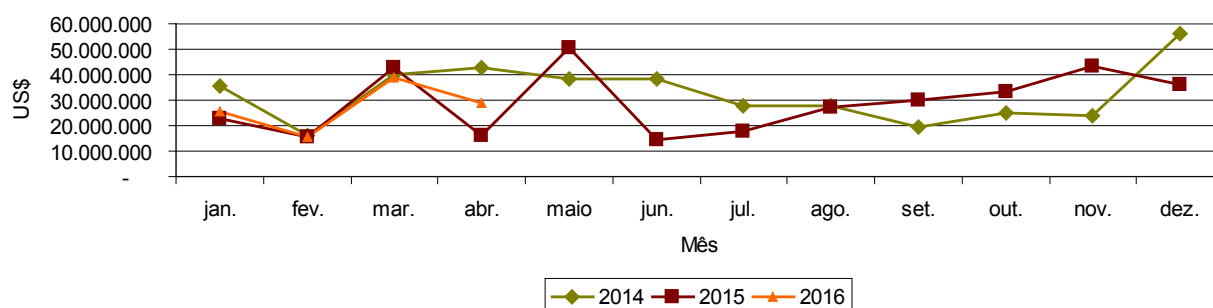
Gráfico 126 - Exportações - Toneladas - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

Gráfico 127 - Exportações - US\$ - Arroz - Toneladas



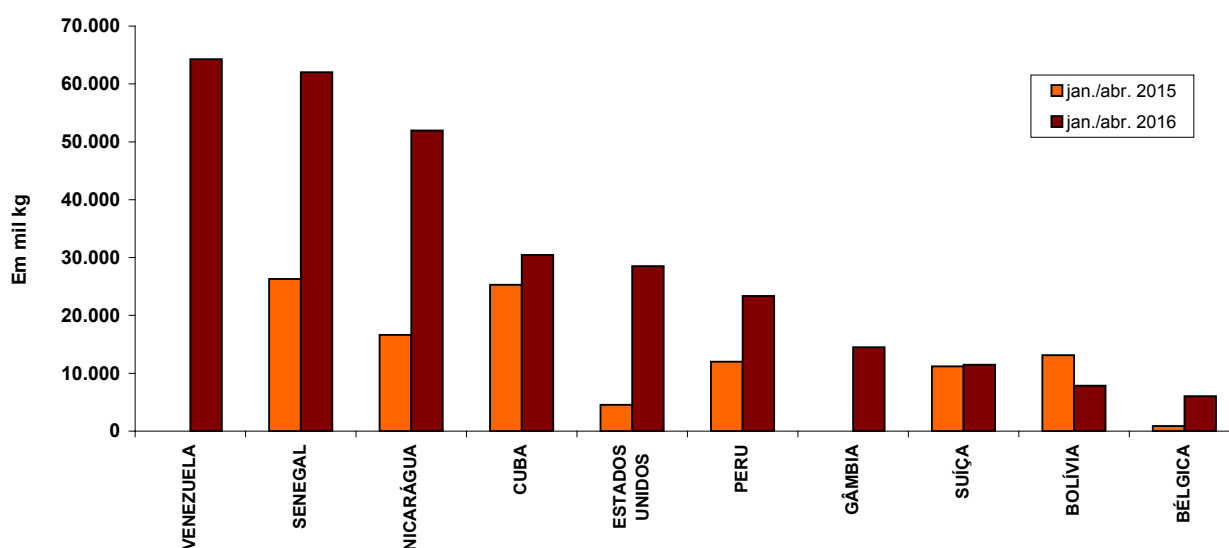
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

A exportação de arroz em janeiro e abril de 2016, comparada com o mesmo período em 2015, teve incremento de 51%, com destaque para a inclusão de novos mercados como é o caso da Venezuela e Gâmbia.

É importante realçar o aumento de exportação para os Estados Unidos da América (525%) e a Bélgica (572%), além da Nicarágua (213%) e Senegal (136%).

Gráfico 128 - Exportações brasileiras de arroz - Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

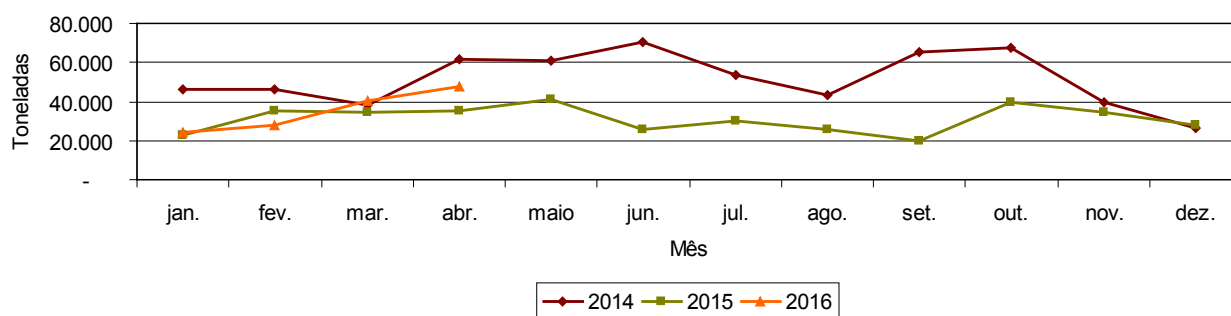
Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016



A quantidade de arroz importado em 2016 (janeiro a abril) perfaz 141 mil toneladas, superior a 2015 (127,8

mil toneladas) e inferior a 2014 (192,8 mil toneladas), observando o mesmo período em análise.

Gráfico 129 – Importações - Toneladas - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

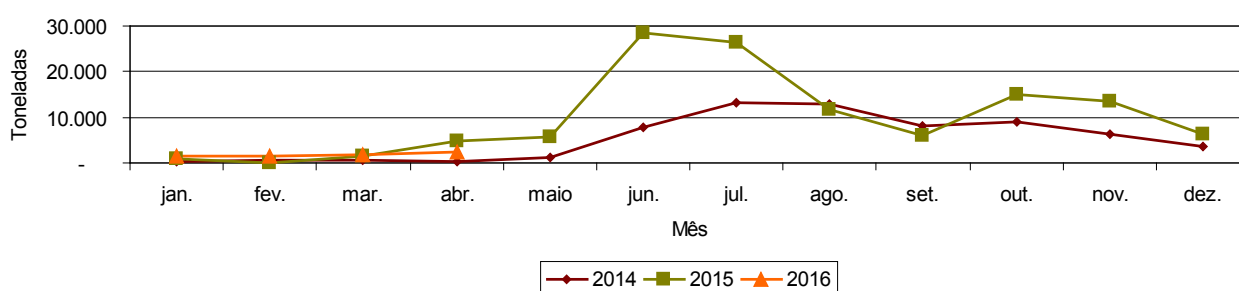
Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

12.3. FEIJÃO

A exportação de feijão neste ano atingiu aproximadamente 7 mil toneladas, com receita de 3,9 milhões de dólares americanos. A média de preços nos anos

de 2014, 2015 e 2016, para o período de janeiro a abril foram de US\$ 930,46, US\$ 642,12 e US\$ 562,33 por tonelada, respectivamente.

Gráfico 130 – Exportações - Toneladas - Feijão



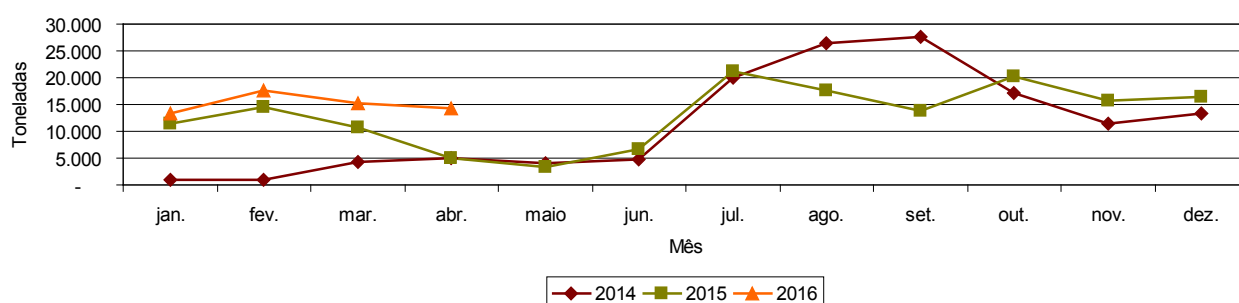
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

No período de janeiro a abril de 2016 houve a importação de 60,1 mil toneladas de feijão, quantidade superior a 2014 (11,2 mil toneladas) e 2015 (41,4 mil to-

neladas), com envolvimento de US\$ 32,5 milhões de dólares americanos.

Gráfico 132 – Importações - Toneladas - Feijão

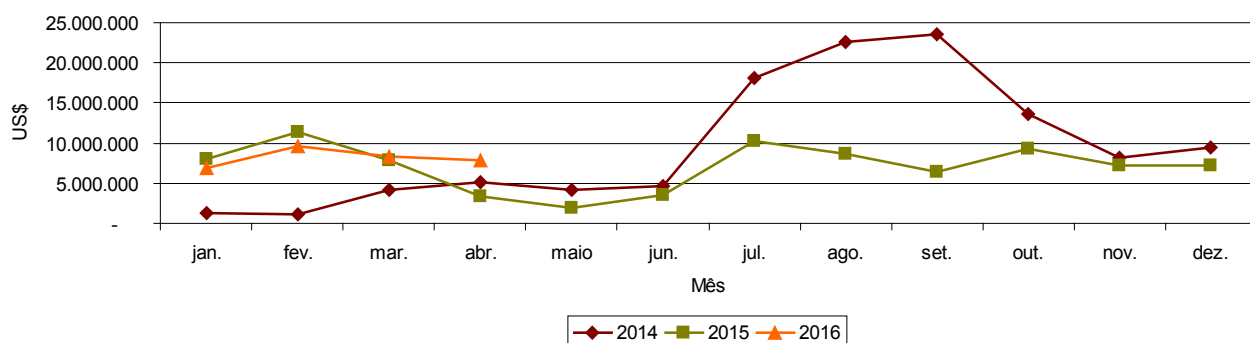


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016



Gráfico 133 – Importações - US\$ - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

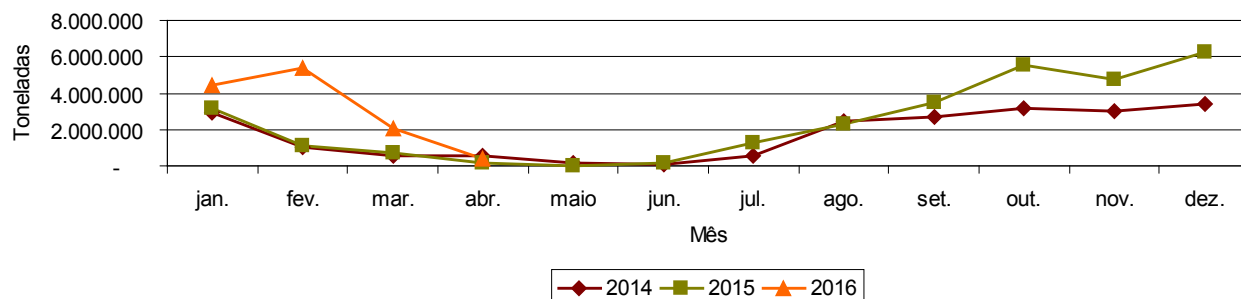
12.4. MILHO

Nos últimos três anos o Brasil exportou 61,7 milhões de toneladas, com envolvimento de 10,8 bilhões de dólares americanos. No período compreendido entre janeiro a abril, no ano de 2016, a exportação de milho atingiu 12,2 milhões de toneladas, superior a 2015 (5,1 milhões de toneladas) e de 2014 (5,1 milhões de toneladas). O montante envolvido neste ano é de US\$ 2 bilhões de dólares americanos. Deve-se registrar que

em abril de 2016 houve forte retração na exportação de milho.

Outro aspecto importante a destacar é a queda dos preços médios de exportação, se observado o período de janeiro a abril nos anos de 2014, 2015 e 2016 que foram de US\$ 201,30, US\$ 187,90 e US\$ 165,48 dólares americanos por tonelada, respectivamente.

Gráfico 134 - Exportações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

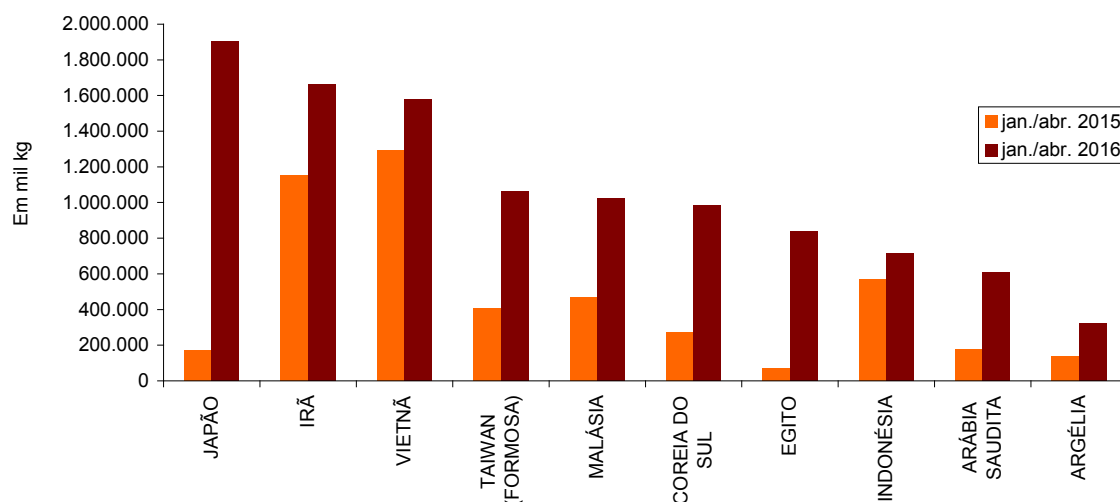
Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

Comparando os anos de 2015 e 2016, no período de janeiro a abril, observa-se aumento de 138% na quantidade exportada. Destaca-se o crescimento do quantitativo exportado para o Egito (1.064%) e Japão

(1.003%). As exportações de milho também aumentaram para a Coreia do Sul (259%), Arábia Saudita (240%) e Taiwan – Formosa (161%). Os principais países de destino estão destacados no gráfico abaixo.



Gráfico 136 – Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores



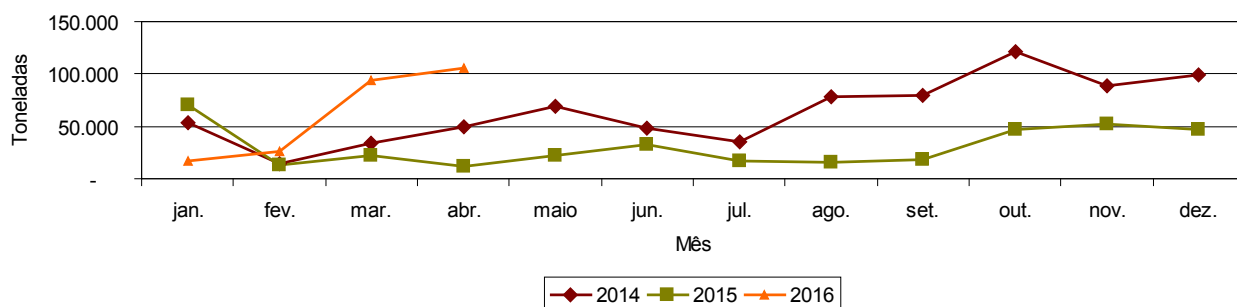
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

No que se refere à importação de milho observa-se que houve aumento no período de janeiro a abril de 2016 (244 mil toneladas), comparado com o mesmo

período de 2014 (151 mil toneladas) e 2015 (117 mil toneladas).

Gráfico 137 - Importações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

12.5. SOJA EM GRÃOS

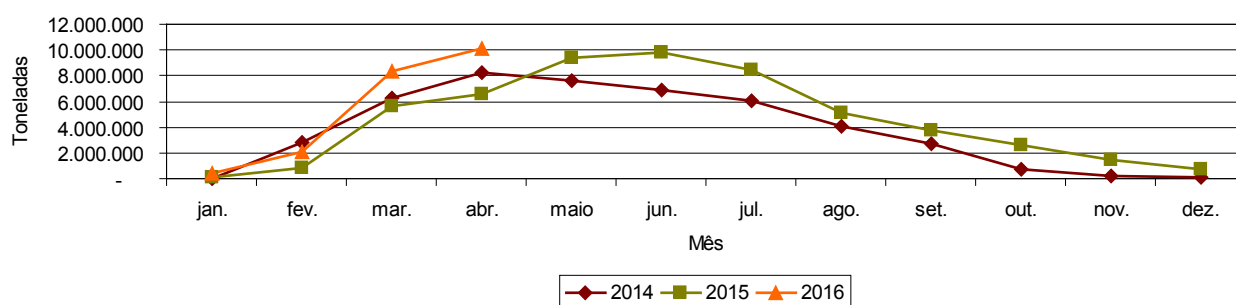
A quantidade exportada de soja em 2014, 2015 e até abril de 2016 atinge 120,9 milhões de toneladas, com envolvimento de 51,6 bilhões de dólares americanos. No período de janeiro a abril de 2016 o quantitativo exportado foi de 20,9 milhões de toneladas de soja, enquanto que no mesmo período de 2014 e 2015 o quantitativo foi de 17,3 e 13 milhões de toneladas, respectivamente.

Deve-se registrar que os preços médios da soja exportada no período de janeiro a abril de 2014, 2015 e 2016, foram de US\$ 502,06, US\$ 391,47 e US\$ 350,37 por tonelada, respectivamente.

O montante envolvido na exportação de soja em 2016 é de US\$ 7,3 bilhões de dólares americanos, superior ao mesmo período de 2015 (US\$ 5,1 bilhões) e inferior a 2014 (US\$ 8,7 bilhões).



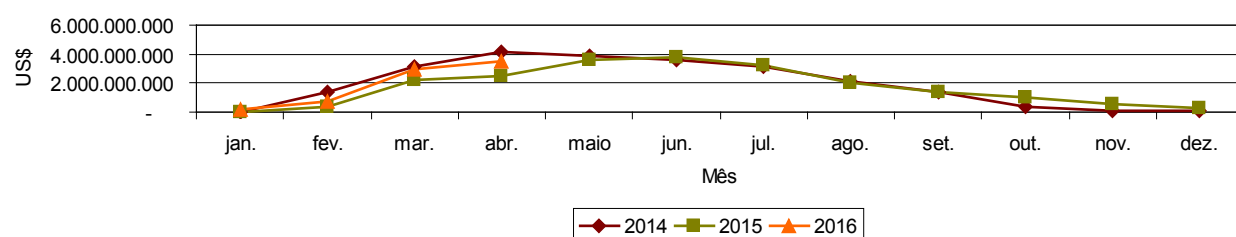
Gráfico 139 - Exportações - Toneladas - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

Gráfico 140 - Exportações - US\$ - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

12.6. COMPLEXO SOJA

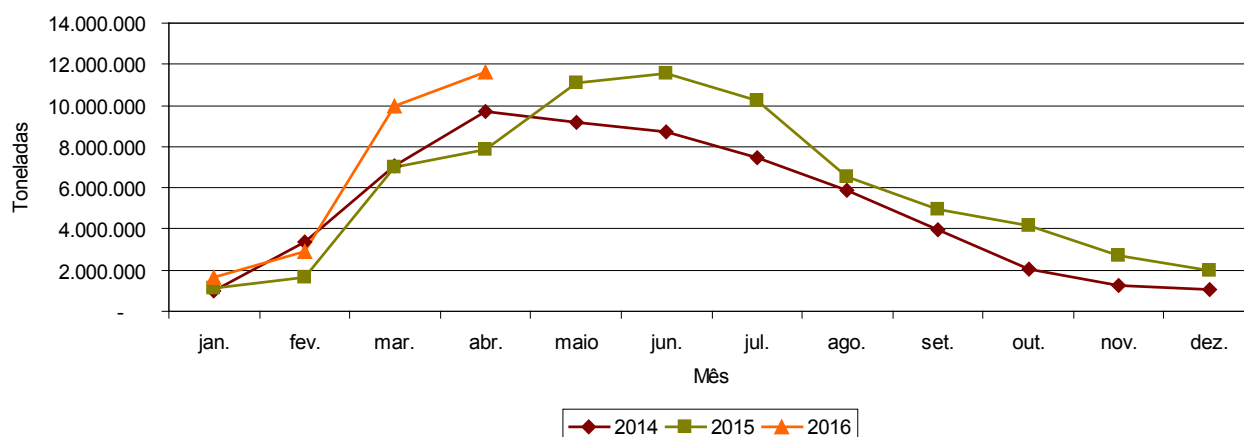
Observando os anos de 2014, 2015 e até abril de 2016, o Brasil exportou 157,7 milhões de toneladas do complexo soja, perfazendo 68,5 bilhões de dólares americanos.

preços médios observados nos anos de 2014 a 2016 foram de US\$ 513,53, US\$ 405,69 e US\$ 350,45, respectivamente.

Observando apenas o período de janeiro a abril, os

O montante envolvido com a exportação em 2016 atinge 9,1 bilhões de dólares americanos.

Gráfico 141 – Exportações- Toneladas - Complexo soja

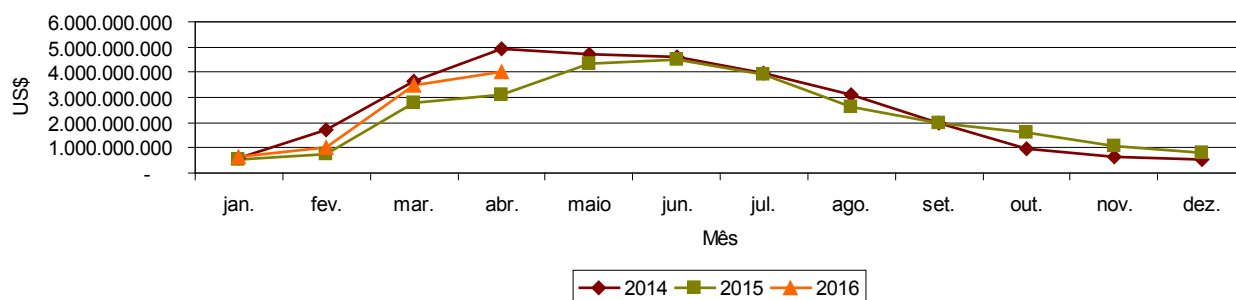


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016



Gráfico 142 – Exportações - US\$ - Complexo soja



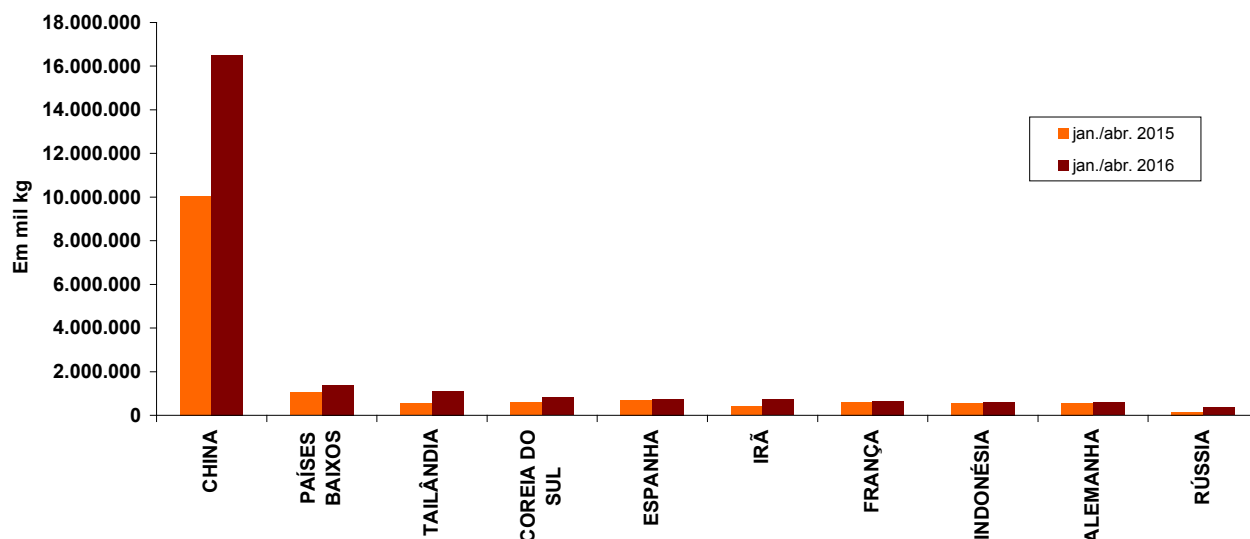
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

As exportações do complexo soja cresceram 48,54%, observando de janeiro a abril de 2015 em relação ao mesmo período de 2016. O principal destino é a China, com crescimento de 64,21% em relação ao

ano anterior. Destaca-se o aumento da exportação do complexo soja para a Rússia (136,50%), Tailândia (99,81%) e o Irã (80,56%)..

Gráfico 143 – Exportações brasileiras complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

12.7. TRIGO

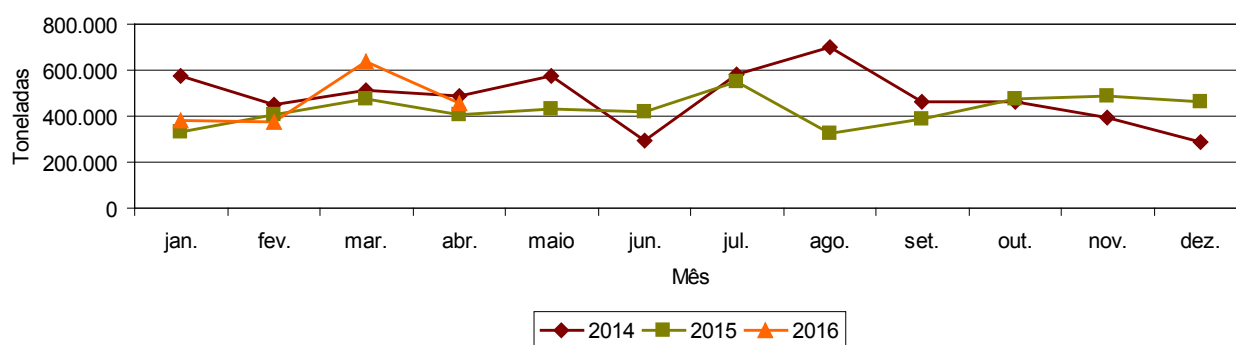
O Brasil nos anos de 2014 até abril de 2016 importou 12,8 milhões de toneladas de trigo, com desembolso de 3,4 bilhões de dólares americanos.

Nos anos de 2014 a 2016, nos meses de janeiro a abril,

a importação de trigo foi de 2, 1,6 e 1,8 milhões de toneladas, respectivamente. Os preços do trigo importado na mesma temporalidade foram decrescentes, ou seja: US\$ 317,52 (2014), US\$ 255,97 (2015) e de US\$ 195,09 (2016).



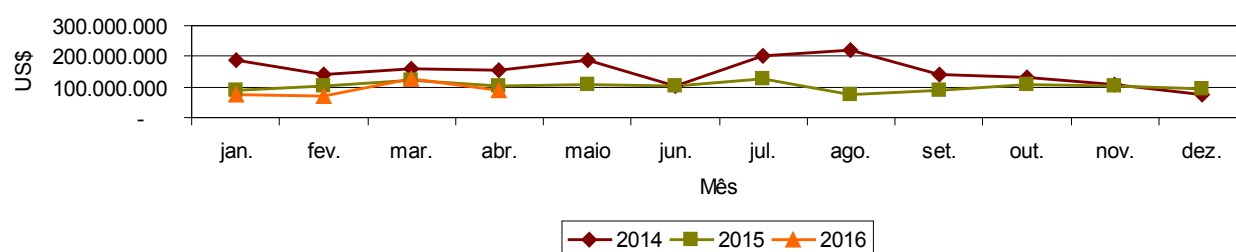
Gráfico 144 – Importações - toneladas - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

Gráfico 145 – Importações - US\$ - Trigo



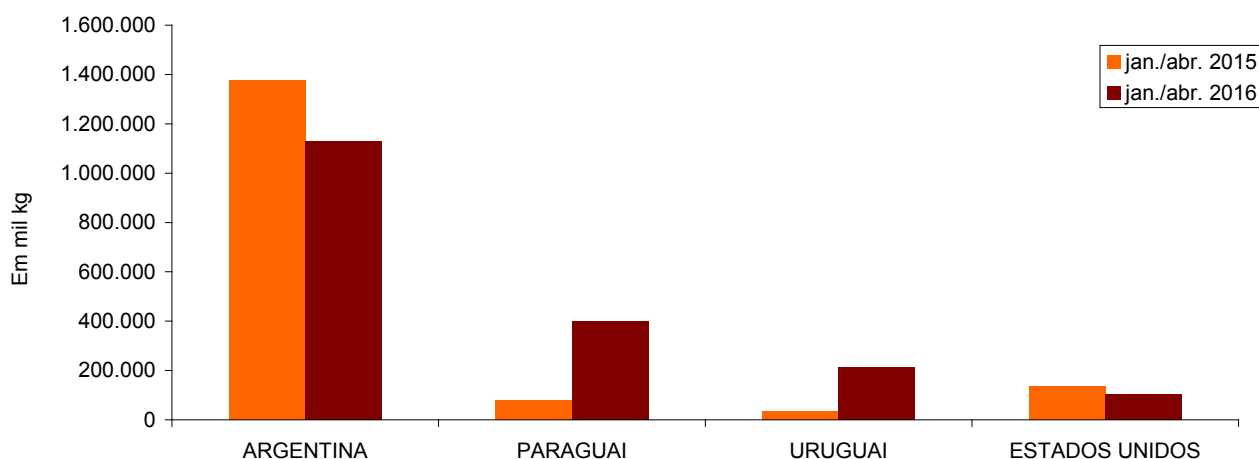
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016

A Argentina, mesmo reduzindo sua participação em 17,93% em relação ao ano de 2015, continua sendo a principal fornecedora de trigo para o Brasil (1,1 milhão de toneladas). Pode-se destacar que no período de

janeiro a abril de 2015 e 2016 houve incremento de 540% e 396% na quantidade importada do Uruguai e Paraguai, respectivamente.

Gráfico 146 – Importações brasileiras trigo – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a abril de 2016



Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

